



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO  
DOUTORADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

ANGELA ALBUQUERQUE DE OLIVEIRA

**PENTECOSTALISMO E ESCATOLOGIA: UM ESTUDO  
DA CULTURA VISUAL NA ASSEMBLEIA DE DEUS EM JOÃO PESSOA**

RECIFE

2024

**ANGELA ALBUQUERQUE DE OLIVEIRA**

**PENTECOSTALISMO E ESCATOLOGIA: UM ESTUDO  
DA CULTURA VISUAL NA ASSEMBLEIA DE DEUS EM JOÃO PESSOA**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Ciências da Religião.

**Linha de pesquisa:** Tradições e Experiências Religiosas: Cultura e Sociedade.

**Orientador:** Prof. Dr. José Afonso Chaves.

RECIFE

2024

O48p

Oliveira, Angela Albuquerque de.

Pentecostalismo e escatologia : um estudo da cultura visual na Assembleia de Deus em João Pessoa / Angela Albuquerque de Oliveira, 2024.

273 f. : il.

Orientador: José Afonso Chaves.

Tese (Doutorado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião. Doutorado em Ciências da Religião, 2024.

1. Pentecostalismo. 2. Escatologia. 3. Evangelismo.  
4. Assembleia de Deus. I. Título.

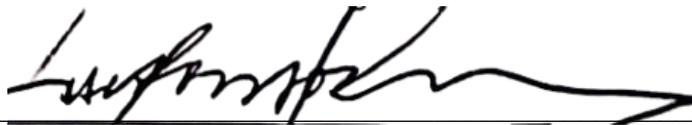
CDU 284.57

Pollyanna Alves - CRB-4/1002

**ANGELA ALBUQUERQUE DE OLIVEIRA**

**PENTECOSTALISMO E ESCATOLOGIA: UM ESTUDO  
DA CULTURA VISUAL NA ASSEMBLEIA DE DEUS EM JOÃO PESSOA**

**BANCA EXAMINADORA:**



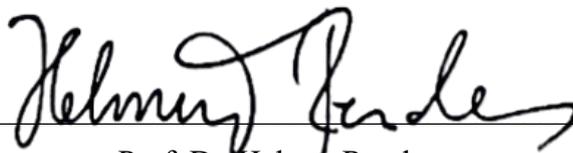
Prof. Dr. José Afonso Chaves  
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP – PE)  
**(Orientador)**



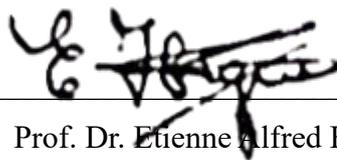
Prof. Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral  
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP – PE)  
(Examinador Interno)



Prof. Dr. Gilbraz de Souza Aragão  
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP – PE)  
(Examinador Interno)



Prof. Dr. Helmut Renders  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC – SP)  
(Examinador Externo)



Prof. Dr. Etienne Alfred Higuete  
Universidade Metodista de São Paulo (UMESP)  
(Examinador Externo)

Aos meus pais Maria Vitória Albuquerque de  
Oliveira e Armando Falcone de Oliveira (*in  
memoriam*).

## AGRADECIMENTOS

Meus sinceros e cordiais agradecimentos ao coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões (PPGCR – UNICAP) e docentes, pela habilidade e presteza quanto à orientação na condução da minha vida acadêmica no PPGCR. Ao meu orientador Prof. Dr. José Afonso Chaves, pelo incentivo durante todo o processo do curso, conduzindo-me pelos caminhos do conhecimento. Durante essa trajetória acadêmica desafiadora, quero expressar minha profunda gratidão pela orientação dedicada e pronto apoio do meu orientador para enfrentar as questões práticas e teóricas que surgiram durante a condução desta pesquisa.

Aos membros da banca examinadora: Prof. Dr. Etienne Alfred Higuët, Prof. Dr. Gilbraz de Souza Aragão, Prof. Dr. Helmut Renders e Prof. Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral, expresso minha profunda gratidão pela leitura atenta e pela avaliação criteriosa deste trabalho, bem como pelas valiosas contribuições durante o processo de avaliação, que foram fundamentais para o aprimoramento deste estudo. Assim como a sugestão de “O Coração do Homem” e o envio deste material, pelo Prof. Dr. Helmut Renders, gostaria de expressar meus agradecimentos.

Aos servidores do programa pela disposição e solicitude nos atendimentos da secretaria do PPGCR. Aos colegas de curso que, de um modo geral, compartilharam conhecimentos e indicaram caminhos. Minha gratidão a todos vocês.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES –, através da concessão da bolsa de doutorado, por intermédio do Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Particulares (PROSUP), concedida ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião (PPGCR) da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), pelo incentivo financeiro concedido na forma de mensalidade.

À Profa. Dra. Valdenice José Raimundo, Pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação.

À Universidade Católica de Pernambuco.

Ao esposo Ubiraci de Souza e Silva e à filha Eglantina Albuquerque de Oliveira Souza e Silva expresso meu profundo agradecimento pelo apoio que me proporcionaram nesta fase tão importante de minha vida acadêmica. Estendo meus agradecimentos a todos aqueles que, embora não mencionados explicitamente, neste contexto, contribuíram direta ou indiretamente para o desenvolvimento desta pesquisa.

“A tarefa é não tanto para ver o que ninguém viu ainda, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre o que todo mundo vê”. (Arthur Schopenhauer)

## RESUMO

Esta tese propôs investigar e discutir como a imagem — percepção e dispositivos visuais — é utilizada na elaboração e disseminação da Escatologia Pentecostal como possibilidade de afirmação da identidade religiosa entre os membros da Assembleia de Deus da Paraíba (ADPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil. Partindo dessa proposta, o presente trabalho objetivou demonstrar que o uso dos dispositivos visuais na ADPB assume papel relevante para a consolidação da escatologia entre os assembleianos. Como os suportes imagéticos constituem, ao longo do tempo, importante mediação no trabalho de consolidação do imaginário religioso, esta tese apresentou como problemática central de investigação o papel da cultura visual no Evangelicalismo Pentecostal das ADs, usando, especificamente, o material imagético encontrado acerca da escatologia. Dessa forma, examinou-se a utilização de símbolos, metáforas e narrativas visuais na comunicação desse evento, e como os dispositivos visuais influenciam na construção desse imaginário pelos assembleianos. O objeto da pesquisa constituiu-se do uso dos dispositivos visuais pela ADPB, configurando um imaginário escatológico entre os membros dessa denominação religiosa. Em uma perspectiva histórico-cultural, este trabalho utilizou o modelo analítico proposto pelo historiador Erwin Panofsky como suporte teórico para a análise iconológica da cultura visual pentecostal, considerando-se tanto os elementos visuais como os aspectos culturais e históricos das imagens. Nesse sentido, o trabalho demonstra que os dispositivos imagéticos constituem importante peça na estratégia evangelizadora dos pentecostais, particularmente nas ADs, configurando uma cultura visual específica; o corpus imagético utilizado, em geral, não é produzido nacionalmente, mas importado, sofrendo, portanto, um processo de recepção conforme os interesses do projeto evangelizador pentecostal; o imaginário escatológico é preponderante nesses dispositivos visuais e, lidos iconologicamente, acentuam a relação entre as prioridades das lideranças pentecostais e os contextos sócio-históricos da formação social brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultural visual; Iconologia; Pentecostalismo; Escatologia; Assembleia de Deus.

## ABSTRACT

This thesis set out to investigate and discuss how images - perception and visual devices - are used in the development and dissemination of Pentecostal eschatology as a way of affirming religious identity among members of the Assembly of God of Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brazil. Based on this proposal, this study aimed to demonstrate that the use of visual devices in the Assembly of God of Paraíba plays an important role in the consolidation of eschatology among Assembly members. Since image supports have been an important means of consolidating religious imagery over time, this thesis presented the role of visual culture in the Pentecostal Evangelicalism of the Assemblies of God as its central research problem, specifically using the image material found on eschatology. In this way, it examined the use of symbols, metaphors and visual narratives in the communication of this event, and how visual devices influence the construction of this imaginary by the Assemblies. The object of the research was the use of visual devices by the Assembly of God of Paraíba, shaping an eschatological imaginary among the members of this religious denomination. From a cultural-historical perspective, this work used the analytical model proposed by historian Erwin Panofsky as a theoretical support for the iconological analysis of Pentecostal visual culture, considering both the visual elements and the cultural and historical aspects of the images. In this sense, the work shows that imagery is an important part of the evangelizing strategy of Pentecostals, particularly in the Assemblies of God, configuring a specific visual culture; the imagery used is generally not produced nationally, but imported, and therefore undergoes a process of reception according to the interests of the Pentecostal evangelizing project; the eschatological imagery is preponderant in these visual devices and, read iconologically, they emphasize the relationship between the priorities of Pentecostal leaders and the socio-historical contexts of Brazilian social formation.

**KEYWORDS:** Visual culture; Iconology; Pentecostalism; Eschatology; Assembly of God.

## RESUMEN

Esta tesis se propuso investigar y discutir cómo las imágenes - percepción y dispositivos visuales - son utilizadas en el desarrollo y difusión de la escatología pentecostal como forma de afirmación de la identidad religiosa entre los miembros de la Asamblea de Dios de Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil. A partir de esta propuesta, el objetivo de este estudio fue demostrar que el uso de dispositivos visuales en la Asamblea de Dios de Paraíba desempeña un papel importante en la consolidación de la escatología entre los miembros de la Asamblea. Dado que los soportes de imagen han sido un importante medio de consolidación del imaginario religioso a lo largo del tiempo, esta tesis presentó como problema central de investigación el papel de la cultura visual en el evangelicalismo pentecostal de las Asambleas de Dios, utilizando específicamente el material de imagen encontrado sobre la escatología. De esta forma, examinamos el uso de símbolos, metáforas y narrativas visuales en la comunicación de este evento, y cómo los dispositivos visuales influyen en la construcción de este imaginario por parte de las Asambleas. El objeto de la investigación fue el uso de dispositivos visuales por parte de la Asamblea de Dios de Paraíba, configurando un imaginario escatológico entre los miembros de esta confesión religiosa. Desde una perspectiva histórico-cultural, este estudio utilizó el modelo analítico propuesto por el historiador Erwin Panofsky, como apoyo teórico para el análisis iconológico de la Asamblea de Dios de Paraíba, considerando tanto los elementos visuales como los aspectos culturales e históricos de las imágenes. En este sentido, el trabajo muestra que la imagería es parte importante de la estrategia evangelizadora de los pentecostales, particularmente en las Asambleas de Dios, configurando una cultura visual específica; la imagería utilizada generalmente no es producida nacionalmente, sino importada, y por lo tanto pasa por un proceso de recepción de acuerdo con los intereses del proyecto evangelizador pentecostal; la imagería escatológica es preponderante en esos dispositivos visuales y, leídos iconológicamente, enfatizan la relación entre las prioridades de los líderes pentecostales y los contextos socio-históricos de la formación social brasileña.

**PALABRAS CLAVE:** Cultura Visual; Iconología; Pentecostalismo; Escatología; Asamblea de Dios.

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1:</b> Porcentagem da população da América Latina referente as denominações Católica, Evangélica e Sem Religião. ....	46
<b>Gráfico 2:</b> Distribuição da população pertencente a religião Católica, Evangélica e dos Sem Religião da sociedade brasileira de 1910-2010 em %. ....	52
<b>Gráfico 3:</b> Religiões no Censo Demográfico Brasileiro - 1991 .....	54
<b>Gráfico 4:</b> Religiões no Censo Demográfico Brasileiro – 2000.....	55
<b>Gráfico 5:</b> Religiões no Censo Demográfico Brasileiro – 2010.....	57
<b>Gráfico 6:</b> Católica Apostólica Romana e Evangélica. Censos 1991, 2000 e 2010.....	58
<b>Gráfico 7:</b> Comparativo IBGE 2010 e Pew Research Center 2014.....	60
<b>Gráfico 8:</b> Religião no Estado da Paraíba.....	64
<b>Gráfico 9:</b> Religião na cidade de João Pessoa .....	66
<b>Gráfico 10:</b> Expansão da Assembleia de Deus no Brasil – 1943/2010. ....	195

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> A primeira casa do Sítio Vertente, Alagoa Grande (PB).....	70
<b>Figura 2:</b> Capa da ADPB em Revista (maio de 2013) .....	71
<b>Figura 3:</b> Capa da ADPB em Revista (maio de 2013) .....	72
<b>Figura 4:</b> Linha do tempo – A Igreja Evangélica Assembleia de Deus da Fundação do Sítio Vertente .....	74
<b>Figura 5:</b> Templo da Assembleia de Deus em Jaguaribe .....	76
<b>Figura 6:</b> Templo Central ADPB em Jaguaribe .....	77
<b>Figura 7:</b> Templo da Assembleia de Deus.....	77
<b>Figura 8:</b> Fachada do Templo Central da ADPB em Jaguaribe .....	78
<b>Figura 9:</b> Centenário da Assembleia de Deus na Paraíba (1918-2018).....	79
<b>Figura 10:</b> Centenário da Assembleia de Deus na Paraíba (1918-2018).....	80
<b>Figura 11:</b> Construção da casa do Sítio Vertente de Alagoa Grande (30/11/2018) .....	81
<b>Figura 12:</b> Ampliação do açude no Sítio Vertente de Alagoa Grande (28/06/2018). .....	81
<b>Figura 13:</b> A Última Ceia (1495–1498), Leonardo da Vinci. Renascimento.....	97
<b>Figura 14:</b> A descrição gestual na obra “A Última Ceia” (1495–1498), Leonardo da Vinci	101
<b>Figura 15:</b> A descrição gestual na obra “A Última Ceia” (1495–1498), Leonardo da Vinci	101
<b>Figura 16:</b> Cópia de “A Última Ceia” de Leonardo da Vinci, c.1515-20 .....	105
<b>Figura 17:</b> Cópia de “A Última Ceia” de Leonardo da Vinci, c.1515-20 .....	105
<b>Figura 18:</b> A Última Ceia (1445–1450) .....	106
<b>Figura 19:</b> A Última Ceia (1445–1450) .....	106
<b>Figura 20:</b> A Última Ceia (1445–1450) .....	107
<b>Figura 21:</b> Estatueta de Hermes carregando um carneiro sobre os ombros .....	115
<b>Figura 22:</b> Afresco “O Bom Pastor”.....	117
<b>Figura 23:</b> Cópia em mármore do busto de Platão feito por Silanião, a.C. 370.....	118
<b>Figura 24:</b> Cristo Orfeu e os animais, Catacumba de Domitilla.....	119
<b>Figura 25:</b> Cristo Bom Pastor, Catacumba Domitilia.....	120

<b>Figura 26:</b> Jesus, o Bom Pastor – Roma, Catacumba de Priscilla .....	122
<b>Figura 27:</b> Afresco “O Bom Pastor” – Roma, Catacumba de .....	123
Priscilla (segunda metade do Século III d. C.). .....	123
<b>Figura 28:</b> Afresco de um pavão com plumagens (séc. III). .....	123
Catacumba de Santa Priscila, Roma. ....	123
<b>Figura 29:</b> O Bom Pastor, Jonas e orantes.....	124
<b>Figura 30:</b> O Bom Pastor, Jonas e orantes .....	125
<b>Figura 31:</b> A Cultura Visual Evangélica brasileira em quatro fases .....	129
<b>Figura 32:</b> Pictorial Family Bible, 1890. ....	131
<b>Figura 33:</b> Estampa Nº 1 – Das Bild des Inneren eines Menschen, der der Sünde dienet, und den Teufel in Sich herrschen läßt .....	134
<b>Figura 34:</b> Estampa Nº 2 – Das Bild des Inneren eines Sünd ers der Buße thut, und die Sünde Zu fliehen anfängt.....	135
<b>Figura 35:</b> Estampa Nº 3 – Der innere Zustand eines Sünders der na Chriftum, und das Evangelium glau big, und mit dem heil geift erfóullt wird .....	136
<b>Figura 36:</b> O Livrinho do Coração (Capa da edição de 1914). ....	138
<b>Figura 37:</b> O Livrinho do Coração. Folha de rosto edição de 1914. ....	139
<b>Figura 38:</b> O Coração do Homem. ....	140
<b>Figura 39:</b> O Coração do Homem. Folha de rosto[ s.d.]. ....	141
<b>Figura 40:</b> O Livrinho do Coração (Estampa Nº 1).....	143
<b>Figura 41:</b> O Coração Pecador (Imagem nº 1). ....	146
<b>Figura 42:</b> O Coração Convicto do Pecado (Imagem nº 2). ....	148
<b>Figura 43:</b> O Coração Arrependido (Imagem nº 3). ....	149
<b>Figura 44:</b> Morrendo com Cristo (Imagem nº 4).....	150
<b>Figura 45:</b> O Templo de Deus (Imagem nº 5 .....	152
<b>Figura 46:</b> O Coração Tentado e Dividido (Estampa Nº 6) .....	153
<b>Figura 47:</b> O Coração Desviado e Endurecido (Imagem nº 7).....	154
<b>Figura 48:</b> O Julgamento do pecador (Imagem nº 8) .....	155

<b>Figura 49:</b> O Coração Vitorioso (Imagem nº 9). .....	156
<b>Figura 50:</b> Subindo para a morada Celeste (Imagem nº 10 .....	157
<b>Figura 51:</b> Der Breite Und Der Schmale Weg (1862) – Matthäus 7,13-14.....	159
<b>Figura 52:</b> De Broad And Narrow Way “O Caminho Largo e o Estreito”. .....	160
Charles Montague Litógrafo (1883). Edição em Inglês, Morgan e Scott.....	160
<b>Figura 53:</b> Os Dois Caminhos. ....	161
<b>Figura 54:</b> O Arcanjo Miguel pesador de almas.....	165
<b>Figura 55:</b> Quem é o Espírito Santo. ....	167
<b>Figura 56:</b> Mapa “O Plano Divino através dos Séculos” CPAD – 1943.....	169
<b>Figura 58a:</b> O Plano Divino através dos Séculos (1974) – Alfa ( $\alpha$ ) e Ômega ( $\omega$ .....	174
<b>Figura 58b:</b> Mapa “O Plano Divino através dos Séculos” CPAD (1943) - Alfa ( $\alpha$ ) e Ômega ( $\omega$ ).....	174
<b>Figura 59a:</b> O Plano Divino através dos Séculos (1974) – Inocência.....	176
<b>Figura 59b:</b> O Plano Divino Através dos Séculos (1943) – Inocência.....	176
<b>Figura 60a:</b> O Plano Divino através dos Séculos (1974) – Consciência.....	177
<b>Figura 60b:</b> O Plano Divino através dos Séculos (1943) – Consciência.....	177
<b>Figura 61a:</b> O Plano Divino através dos Séculos (1974) – Governo Humano.....	178
<b>Figura 61b:</b> O Plano Divino através dos Séculos (1943) – Governo Humano. ....	178
<b>Figura 62a:</b> O Plano Divino através dos Séculos (1974) – Patriarcal. ....	179
<b>Figura 62b:</b> O Plano Divino através dos Séculos (1943) – Patriarcal.....	179
<b>Figura 63a</b> O Plano Divino através dos Séculos (1974) - Da Lei .....	180
<b>Figura 63b:</b> O Plano Divino através dos Séculos (1943) – Da Lei. ....	180
<b>Figura 64a:</b> O Plano Divino através dos Séculos Séculos (1974) – Da Graça.....	181
<b>Figura 64b:</b> O Plano Divino através dos Séculos (1943) – Da Graça. ....	181
<b>Figura 65a:</b> O Plano Divino através dos Séculos (1974) – A Grande Tribulação .....	182
<b>Figura 65b:</b> O Plano Divino através dos Séculos (1943) – A Grande Tribulação. ....	182
<b>Figura 66b:</b> O Plano Divino através dos Séculos (1943) – O Milênio. ....	183

<b>Figura 67a:</b> O Plano Divino através dos Séculos (1974) – Livro de Apocalipse.....	184
<b>Figura 67b:</b> O Plano Divino através dos Séculos (1943) – Livro de Apocalipse .....	184
<b>Figura 68a:</b> O Plano Divino através dos Séculos (1974) - As Coisas que hão de suceder ...	185
<b>Figura 68b:</b> O Plano Divino através dos Séculos (1943) - As Coisas que hão de suceder ...	185
<b>Figura 69a:</b> Mapa O Plano Divino através dos Séculos (1974) – A Grande Estátua Dn 2...	186
<b>Figura 69b:</b> O Plano Divino através dos Séculos (1943) – A Grande Estátua Dn 2.....	186
<b>Figura 70a:</b> O Plano Divino através dos Séculos (1974) – Satanás Deposto.....	188
<b>Figura 70b:</b> O Plano Divino através dos Séculos (1943) – Satanás deposto.....	188
<b>Figura 71a:</b> O Plano Divino através dos Séculos (1974) – Enoque trasladado.....	190
<b>Figura 71b:</b> O Plano Divino através dos Séculos (1943) – Enoque trasladado. ....	190
<b>Figura 72b:</b> O Plano Divino através dos Séculos (1943) – Jesus e o Livrinho.....	192
<b>Figura 73:</b> Mapa Escatológico.....	194
<b>Figura 74:</b> Logotipo da IURD .....	197
<b>Figura 75:</b> Divino Espírito.....	197
<b>Figura 76:</b> O escudo Apostolado da Oração, 1859.....	197
<b>Figura 77:</b> Igreja Universal - TEMPLO DE SALOMÃO. Sede Nacional, São Paulo (SP).	198
<b>Figura 78:</b> O arrebatamento da Igreja: Linha do Tempo ou da História.....	204
<b>Figura 79:</b> O Final de Todas as Coisas: Esperança e Glória para os Salvos.....	207
<b>Figura 80:</b> Escatologia, o estudo das Últimas Coisas. ....	208
<b>Figura 81:</b> O arrebatamento da Igreja (Lição 5).....	209
<b>Figura 82:</b> A Igreja do Arrebatamento: o padrão dos Tessalonicenses para estes últimos dias .....	210
<b>Figura 83:</b> A Segunda Vinda do Senhor Jesus Cristo. ....	211
<b>Figura 84:</b> Sinais da segunda vinda de Jesus Cristo.....	212
<b>Figura 85:</b> O Arrebatamento da Igreja.....	213
<b>Figura 86:</b> A escolha entre a porta estreita e a porta larga .....	214
<b>Figura 87:</b> A Cidade Celestial. ....	215

<b>Figura 88:</b> Templo Central ADPB.....	217
<b>Figura 89:</b> Batismo em Águas. Templo Central ADPB .....	217
<b>Figura 90:</b> Antiga logo da Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Estado da Paraíba ....	220
<b>Figura 91:</b> Logo utilizado na Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Estado da Paraíba	221
<b>Figura 92:</b> Logo utilizado na Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Estado da Paraíba	221
<b>Figura 93:</b> Púlpito do Templo Central ADPB. ....	223
<b>Figura 94:</b> 23ª Conferência Missionária no Templo Central da Assembleia de Deus. ....	224
<b>Figura 95:</b> O jogo de associação imagem-palavra.....	225
<b>Figura 96:</b> Cantinho da Transformação .....	226
<b>Figura 97:</b> Cartão de Evangelismo .....	228
<b>Figura 98:</b> IEADPB 1º de Maio – Igreja Evangélica Assembleia de Deus Paraíba.....	229
<b>Figura 99:</b> IEADPB 1º de Maio – Igreja Evangélica ADPB.....	230
<b>Figura 100:</b> Capa do Manual de estudo autodidático “Os Livros Escatológicos” .....	232
<b>Figura 101:</b> Linha do tempo dos principais eventos Escatológicos Bíblicos – 2018. ....	233
<b>Figura 102:</b> A Jerusalém Celeste. Der Breite Und Der Schmale Weg (1862). ....	240
<b>Figura 103:</b> A Jerusalém Celeste. Os Dois Caminhos (1932).....	240

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> População e distribuição percentual segundo as religiões Católica Apostólica Romana e Evangélica e Taxa de Analfabetismo de pessoas de 10 anos ou mais de idade – Brasil – 1940/2000. ....	196
---	-----

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Sinóptico do Método Iconográfico de Panofsky: os três níveis de significados e procedimentos de leitura de uma obra de Arte .....	93
<b>Quadro 2:</b> Os emblemas da estampa nº 1 de “O Livrinho do Coração”. .....	144
<b>Quadro 3:</b> As 10 imagens de “O Coração do Homem”. .....	145
<b>Quadro 4:</b> Os emblemas da imagem nº 1 de “O Coração do Homem” .....	147
<b>Quadro 5:</b> Símbolos – O arrebatamento da Igreja: Linha do Tempo ou da História .....	205
<b>Quadro 6:</b> Simbolismo de cores em Apocalipse. ....	237
<b>Quadro 7:</b> Escatologia: cores e significados. ....	238

## LISTA DE SIGLAS

<b>AD</b>	Assembleia de Deus
<b>ADPB</b>	Assembleia de Deus da Paraíba
<b>ADs</b>	Assembleias de Deus
<b>CCB</b>	Congregação Cristã do Brasil
<b>CEB</b>	Comunidade Eclesial de Base
<b>CELAM</b>	Conselho Episcopal Latino-Americano
<b>CETADPB</b>	Centro de Estudos Teológicos da Assembleia de Deus da Paraíba
<b>CGADB</b>	Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil
<b>CIADSETA</b>	Convenção Interestadual das Assembleias de Deus Serviço e Evangelização do Tocantins e Araguaia CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
<b>COMADEP</b>	Convenção de Ministros da Assembleia de Deus na Paraíba
<b>CPAD</b>	Casa Publicadora das Assembleias de Deus
<b>CPT</b>	Comissão Pastoral da Terra
<b>EBD</b>	Escola Bíblica Dominical
<b>FPE</b>	Frente Parlamentar Evangélica
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>IC</b>	Igreja Católica
<b>IEQ</b>	Igreja Evangelho Quadrangular
<b>IPDA</b>	Igreja Pentecostal Deus é Amor
<b>IURD</b>	Igreja Universal do Reino de Deus
<b>NHC</b>	Nova História Cultural
<b>Pr</b>	Pastor
<b>TL</b>	Teologia da Libertação
<b>TP</b>	Teologia da Prosperidade
<b>UMAD-PB</b>	União de Mocidade da Assembleia de Deus na Paraíba

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	20
1. CULTURA PENTECOSTAL: RAÍZES E CRENÇAS .....	33
1.1 Origens, endereços e perspectivas de investigação .....	33
1.1.1 Breve relato histórico da Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Sítio Vertente – Alagoa Grande e Paraíba do Norte (Paraíba).....	68
2. O MODELO DE ANÁLISE ICONOLÓGICA DE ERWIN PANOFSKY COMO PROCEDIMENTO DE LEITURA VISUAL.....	84
2.1 A metodologia de análise de obras de arte de Erwin Panofsky.....	88
3. A CULTURA VISUAL EVANGÉLICA BRASILEIRA .....	109
3.1 Religião e imagem.....	109
3.2 Cristianismo e imagem .....	110
3.3 Protestantismo e imagem.....	127
4. A ESCATOLOGIA PENTECOSTAL NA CULTURA VISUAL DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS.....	200
4.1 O imaginário escatológico .....	201
4.2 Visão e difusão do discurso imagético escatológico .....	203
4.3 Elementos iconológicos da produção imagética e visual da escatologia na ADPB .....	204
4.4 As representações escatológicas nas Assembleias de Deus .....	234
4.4.1. Análise discursivo-imagética da cultura visual-material da ADPB .....	235
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	242
ANEXOS.....	260
Anexo I.....	260
Anexo II.....	267

## INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade das dinâmicas religiosas, faz-se importante examinar a utilização da imagem como uma modalidade de expressão e um componente essencial na propagação do imaginário escatológico dentro das denominações do Evangelicalismo Pentecostal. Esta tese propôs investigar e discutir como a imagem — percepção e dispositivos visuais — é utilizada na elaboração e disseminação da Escatologia Pentecostal como possibilidade de afirmação da identidade religiosa entre os membros da Assembleia de Deus da Paraíba (ADPB), João Pessoa, Paraíba. Diante disso, o presente trabalho objetivou demonstrar que o uso dos dispositivos visuais na ADPB assume papel relevante para a consolidação da escatologia entre os assembleianos.

Como os suportes imagéticos constituem, ao longo do tempo, importante mediação no trabalho de consolidação do imaginário religioso, este trabalho apresentou como problemática central de investigação o papel da cultura visual no Evangelicalismo Pentecostal das ADs, usando, especificamente, o material imagético encontrado acerca da escatologia. Desse modo, examinou-se a utilização de símbolos, metáforas e narrativas visuais na comunicação desse evento, e como os dispositivos visuais influenciam na construção desse imaginário pelos assembleianos. O objeto da pesquisa constituiu-se do uso dos dispositivos visuais pela ADPB, configurando um imaginário escatológico entre os membros dessa denominação religiosa.

Mostrou-se fundamental ressaltar que a abordagem adotada neste estudo esteve firmemente ancorada no contexto histórico-cultural. Nesse sentido, optei por assumir a proposta iconológica de Erwin Panofsky (1960), uma vez que esta perspectiva opera em chave analítica histórica. O modelo analítico proposto pelo autor proporcionou um sólido arcabouço teórico para a análise iconológica da cultura visual pentecostal, considerando-se tanto os elementos visuais como os aspectos culturais e históricos das imagens.

Por isso, a pesquisa examinou o uso dos conteúdos discursivos presentes nas imagens nos templos das ADPB e no seu entorno à sedimentação das possíveis expectativas apocalípticas de seus membros de um futuro escatológico e esperança de um mundo ideal.

A força de impulsão desse trabalho se deu através da minha vinculação como aluna especial do doutorado, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião (PPGCR) da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), no componente curricular “Religião e Sociedade a partir do Cristianismo Primitivo” (2018.2), oportunizando o desafio de elaborar

uma discussão sobre a temática que resultou no projeto de pesquisa “Pentecostalismo e Escatologia: Um estudo da cultura visual na Assembleia de Deus em João Pessoa”.

Oriunda do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões (PPGCR) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em nível de Mestrado, ao ingressar no PPGCR-UNICAP (2019.1), surgiu, efetivamente, a possibilidade de desenvolver esse estudo. O interesse em realizar essa investigação decorreu das leituras sobre o papel preponderante que exerce a Escatologia no universo simbólico Pentecostal e para a identidade religiosa das ADs, partindo da Cultura Visual Pentecostal brasileira.

No tocante a minha formação em Ciências Econômicas, as experiências profissionais vivenciadas nessa área do conhecimento aliada às acadêmicas, instigaram a escolha desse tema, incluindo à possibilidade de consultar às comunidades de interesses, nas redes sociais, assim como o compartilhamento de informações sobre pesquisas, autores e dados de base digitais a esse respeito, proporcionando interconexões que foram além das locais.

Diante do contexto visual contemporâneo e do capitalismo cultural tecnológico, tomei como desafio para esta pesquisa estabelecer os principais pressupostos e conceitos acerca do campo inter ou transdisciplinar das Ciências da Religião que tanto colabora quanto se beneficia da cultura visual. A esse respeito, considera Renders (2019) que

Primeiro, de fato, a cultura material e visual é muitas vezes o único artefato humano que nós temos que evidenciam práticas religiosas. Tudo isso começa com objetos supostamente usados para ritos em preparação da caça ou do plantio pinturas, sinais e objetos encontrados juntos a pessoas enterradas. A cultura visual e a cultura visual religiosa parecem andar juntas desde uma fase muito cedo da humanidade, mesmo que nós muitas vezes não soubéssemos nada ou muito pouco sobre as práticas religiosas e seus subjacentes imaginários, cosmologias e crenças que envolveram esses objetos pequenos como figuras de animais ou enormes como as composições arquitetônicas de pedras erguidas de forma circular no Amapá (Renders, 2019, p. 706).

A tese proposta está contemplada na Linha de Pesquisa *Tradições e Experiências Religiosas: Cultura e Sociedade*, identificando-se que os aspectos associados a esse fenômeno religioso — a escatologia — encontram-se alinhados às dinâmicas religiosas, transformações sociais no mundo contemporâneo e conteúdos simbólicos das religiões.

Mediante as configurações que a religião vem assumindo na hodiernidade e as mudanças no cenário religioso brasileiro, um dos aspectos a ser considerado nessa pesquisa é que religião<sup>1</sup> não possui um conceito absoluto, perpassando por um processo de construção,

---

<sup>1</sup>Religião – A questão relativa o que é religião e como ela difere da “não religião” representa um problema contínuo cuja relevância não se limita ao mundo científico. Ela atinge instâncias extraacadêmicas, a exemplo das instituições encarregadas de decidir que organizações da sociedade contemporânea devem ser rotuladas “religiosas” – o que pode impactar, por exemplo, a cobrança ou a isenção de tributos como o imposto de renda.

com diferentes empregos e sentidos. Frente a tais questões, o antropólogo Clifford Geertz (1989) postula a definição de religião a partir de cinco aspectos como

(1)um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de facticidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas (Geertz, 1989, p. 67).

Em vista disso, Marcello Massenzio (2005) sustenta que o termo “religião”, percorrendo gradativas transformações, vai mais além do que lhe é proposto, contemplando as formações religiosas das mais diversas civilizações.

No presente, o estudo da escatologia<sup>2</sup> requer novos questionamentos e debates, com respostas que se adéquem às discussões mais recentes. O historiador francês Jacques Le Goff (1990) lançou uma nova perspectiva sobre o estudo da escatologia, inferindo que esse termo “designa a doutrina dos fins últimos, isto é, o corpo de crenças relativas ao destino final do homem e do universo”. A escatologia refere-se, por um lado, “ao destino último do indivíduo e, por outro, ao da coletividade — humanidade, universal” (Le Goff, 1990, p. 325-326).

Buscando compreender o fenômeno Pentecostal e sua cultura religiosa, utilizou-se a seguinte definição sobre Pentecostalismo:

Constitui o florescimento espiritual e eclesial mais recente e significativo no tronco do cristianismo histórico. É o maior movimento de reavivamento cristão do século XX. Ainda não há uma visão única de suas origens que remontam ao fim do século passado e ao início desse século (Ricca, 2001, p. 562-563).

Por isso, levando em conta que os suportes imagéticos constituem, ao longo do tempo, importante mediação no trabalho de sedimentação do imaginário religioso, essa pesquisa apresentou como inquietação de investigação o papel da cultura visual no Pentecostalismo Evangélico das ADs, tomando, especificamente, o uso de material imagético encontrado na elaboração e disseminação da escatologia.

---

Do ponto de vista acadêmico, a necessidade de operacionalizar o termo já se dá pelo fato de que um cientista da religião tem de ter clareza sobre o objeto indicado pela nomenclatura da sua disciplina. Além disso, uma noção “positiva” daquilo que se pode chamar religião e um pré-requisito para discriminar “religião” e “espiritualidade” como dois fenômenos que se sobrepõem, mas que não são idênticos. Algo semelhante vale para a discussão sobre a chamada “secularização”, entendida como declínio da religião. “Seria impossível afirmar algo sobre esse declínio sem ter, pelo menos uma ideia daquilo que perderia força” (Usarski; Teixeira; Passos, 2022, p. 781).

<sup>2</sup>Escatologia – A palavra escatologia tem origem em dois termos gregos: *escathos*, “último”, e *logos*, “estudo”, “mensagem”, “palavra”. O termo grego cognato é, que significa “últimas coisas”. Daí vem à expressão “estudo”, ou “doutrina” das “últimas coisas”. Portanto, escatologia é o estudo sistemático das coisas que acontecerão nos últimos dias ou a “doutrina das últimas coisas”. A escatologia estuda os seguintes temas: Estado Intermediário, Arrebatamento da Igreja, Grande Tribulação, Milênio, Julgamento Final e o Estado Perfeito Eterno (Lições Bíblicas CPAD, 2016, n/p).

A cultura visual desempenhou um papel fundamental na forma como essas crenças foram transmitidas e internalizadas pelos membros dessa denominação. Essa problemática pode ajudar a entender como essas crenças são comunicadas e vivenciadas na prática religiosa cotidiana das igrejas ADs, em João Pessoa, na Paraíba. A respeito das crenças escatológicas das Assembleias de Deus, essa investigação se voltou para as convicções e doutrinas relacionadas às últimas coisas, eventos futuros e finais, arrebatamento<sup>3</sup> e milênio.

Nessa pesquisa, a investigação sobre as temáticas referenciadas possibilitou uma explicação sobre essa realidade, assim como os pressupostos metodológicos visitados. Conforme mencionado, na abordagem do estudo em questão, utilizou-se a análise iconológica, com base no procedimento técnico, realizada através da exploração qualitativa de mensagens e informações, das imagens coletadas, para a construção de um modelo com base no método iconológico de Panofsky.

Mediante a crença religiosa em destaque, mantida e proclamada por esses crentes, bem como do papel da religião na sociedade, com a realização desse trabalho tencionou-se trazer à discussão as possíveis formas de expressão da experiência humana identificada na vivência e repercussão da escatologia entre os membros da ADPB, em João Pessoa.

A pesquisa ancorou-se nas perspectivas das Ciências da Religião e da História Cultural como fontes de subsídios teóricos, fazendo um recorte a partir de uma produção historiográfica interdisciplinar e diversificada que se desenvolveu ao longo dos séculos XX e XXI, posto que os enfoques abordados por ambas justifiquem a intencionalidade de utilizá-las nesse trabalho. Compreendeu-se que a interpretação de uma realidade só pode ser adequadamente realizada mediante a análise do contexto e da História Cultural que envolve o objeto a ser examinado.

Em relação aos pressupostos metodológicos da História Cultural, Burke (2001) destacou a importância de examinar tanto as práticas sociais quanto as suas representações, considerando, além das ações e comportamentos das pessoas, como essas práticas foram concebidas, interpretadas, simbolizadas e representadas nas diversas formas culturais. Na perspectiva de Warburg, “os estudos visuais” (*Bildwissenschaft*) são vistos como parte dos “estudos culturais” (*Kulturwissenschaft*) (Weber, 2004). Nesse sentido, as imagens desempenharam um papel fundamental como documentos para a produção histórica de um determinado período.

---

<sup>3</sup>Arrebatamento – Os pré-tribulacionistas defendem uma interpretação literal quanto ao arrebatamento da Igreja, baseados nos seguintes textos bíblicos: João 14.2,3; 1 ts 4,13-18; 1Co 15.51,52”. Com o maior número de autodeclarados, a Assembleia de Deus torna-se a principal igreja Pentecostal a propagar essa doutrina (Alves, 2018).

Na abordagem interna da disciplina, Burke (2001) se propôs a examinar o passado através das artes, ampliando o conhecimento sobre determinada cultura. Quanto à abordagem externa ou voltada para “o que os historiadores fazem ao tempo em que vive”, esse autor (2005) referiu-se à análise da História Cultural como uma disciplina acadêmica, reportando-se aos debates teóricos e redefinições que ocorreram durante esse período. Nessa perspectiva, o autor analisou como os estudos históricos se aproximaram de termos e diagnósticos culturais, integrando análises sociais, políticas e econômicas com as abordagens culturais para uma compreensão mais abrangente da história (Burke, 2005).

Após o período em que a História Cultural permaneceu esquecida, sucedeu um movimento dos “historiadores visuais” alemães, antigos historiadores da arte, a exemplo de Hans Belting (1935-2023) e Horst Bredekamp (1947), impulsionando, novamente, a discussão dessa área do conhecimento. Seguindo esse fio construtor, as contribuições desses pensadores e historiadores, em diferentes períodos e evolução da História Cultural, influenciaram significante o campo da cultura visual como Panofsky (1892-1968) que postulou sobre a interpretação de imagens (uma hermenêutica visual); Frances Yates (1930) expôs os aspectos visuais como evidências históricas; Perry Miller (1939) com a história das ideias; Arnold Hauber (1951) a respeito da ciência da cultura; e Ernst Gombrich (1960) sobre a relação entre verdade e estereótipo. Assim como, defenderam que as imagens e as representações visuais são fontes para a compreensão da cultura e da história (Burke, 2001).

Cabe lembrar que, assim como a História Política e a História das Ideias passaram por transformações, a História Econômica também foi revisitada. Sobre isso, assevera Burke (2001) que existe a possibilidade de um entendimento entre essas subáreas do conhecimento, ainda que contemporizado as suas divergências. No estudo sobre “A Ética e o Espírito do Capitalismo” (1904), o sociológico Max Weber (1864-1920) fundamentou a mudança econômica através da cultura capitalista moderna, partindo do papel do *ethos* ou sistema de valor protestante. Desse modo, Weber (2004) investigou sobre a inter-relação de todos os motivos que influíram para a construção de uma estrutura social e, especialmente, propôs sobre a importância dos elementos culturais e a mentalidade coletiva na evolução histórica.

Cardoso (1997) relacionou intrinsecamente a ascensão da História Cultural a uma “virada cultural”<sup>4</sup> mais abrangente no âmbito da ciência política, geografia, economia,

---

<sup>4</sup>Essa virada cultural é, ela mesma, parte da História Cultural da última geração. Fora do domínio acadêmico, está ligada a uma mudança na percepção manifestada em expressões cada vez mais comuns, como ‘cultura da pobreza’, ‘cultura do medo’, ‘cultura das armas’, ‘cultura dos adolescentes’ ou ‘cultura corporativa’ e nas chamadas ‘guerras de culturas’ nos Estados Unidos e no debate sobre o ‘multiculturalismo’ em muitos países. Diversas pessoas atualmente falam de ‘cultura’ a respeito de situações cotidianas que há 20 ou 30 anos teriam

psicologia, antropologia, arqueologia e dos estudos culturais. Embora a pergunta sobre o que é a História Cultural tenha sido feita por Karl Lamprecht, em 1897, depreende Burke (2001) que, até aquele momento, ainda não se havia obtido uma resposta satisfatória.

Verificou-se que a solução dada ao problema foi o deslocamento da atenção dos objetos para os métodos de estudo, a partir de um terreno comum: a preocupação com o simbólico e suas interpretações. Essa situação tornou a História Cultural confusa, e uma alternativa seria averiguar a “história da História Cultural”, que se originou na Alemanha em 1780. Antes disso, haveria mais histórias dispersas da Filosofia, da Literatura ou mesmo da pintura do que uma História Cultural da humanidade propriamente dita.

Burke (2001) analisou a divisão da História Cultural em quatro fases: a “clássica”; a “história social da arte” iniciada nos anos 1930; o momento da descoberta da “história da cultura popular” na década de 1960; e o da Nova História Cultural (NHC). Além do mais, se, aparentemente, a NHC ocupa parte ponderável dos estudos e pesquisas hoje desenvolvidos nas universidades no campo da História, os novos influxos da produção historiográfica não se limitaram a ela (Burke, 2001).

Em sua fase inicial, a História Cultural encontra-se com a Antropologia, a História Literária e a História da Arte. Ao evidenciar os principais questionamentos enfrentados por aqueles que trabalharam com a História Cultural, Burke (2001) recomendou que se deva compreender a história por meio dos seus aspectos culturais do desenvolvimento humano como cerne do conhecimento histórico, denominando de “virada cultural”.

Os conceitos literários (gênero), antropológicos (*habitus*) e da História da Arte (esquema) são fundamentais para a condução do trabalho do historiador cultural. A partir desses conceitos, poder-se-á obter uma leitura precisa de textos, se assim for realizada com base nos críticos literários, nas imagens com os historiadores da arte e nas culturas de um modo geral com os antropólogos. Para que se possa produzir um quadro de época diferente, faz-se necessário que as fontes literárias não sejam repetidas várias vezes (Burke, 2001).

Utilizou-se de subsídios dos estudos da Cultura Visual a partir do modelo analítico proposto pelo historiador Panofsky (2007), apresentando-se os três procedimentos pré-*iconográfico*, *iconográfico* e *iconológico*. Assim, ao fundamentar o seu método o autor infere que

Descrição pré-*iconográfica*. Uma enumeração do mundo dos motivos artísticos. Descrever o conteúdo temático primário como ele se evidencia para um observador comum. Análise *iconográfica*. *Iconografia* é o ramo da história da arte que trata do

tema ou mensagem das obras de arte em contraposição à sua forma. É, portanto, a descrição e classificação das imagens. Interpretação iconológica. Iconologia, portanto, é um método de interpretação que advém da síntese mais que da análise (Panofsky, 2007, p. 50-54).

Respaldo-se nas definições de Panofsky, Boris Kossoy (2007) adaptou os termos para a análise de fotografias, trazendo elementos específicos desse campo. Com relação aos níveis de interpretação entre a análise iconográfica e iconológica, o historiador e fotógrafo Boris Kossoy (2007) depreendeu as seguintes distinções:

A análise iconográfica situa-se no nível da imagem, a interpretação iconológica tem aí seu ponto de partida e estende-se além do documento visível, além da chamada evidência documental. Trata-se da recuperação de diferentes camadas de significação. A interpretação iconológica se desenvolve na esfera das ideias, das mentalidades (Kossoy, 2007, p. 55).

Compreendeu-se que, através da linguagem simbólica, os fenômenos religiosos encerram projeções de experiências sociorreligiosas de determinados grupos culturais. Com base no pensamento de Menezes (2003, p. 17) a imagem visual “é o lugar da construção e figuração da diferença social”. Em relação à Cultura Visual, infere o historiador William John Thomas Mitchell (2009, p. 339) que se trata do “estudo da percepção e da representação visual, em particular a construção social do visível e — igualmente importante — a construção visual que deriva do social”. Diante da complexidade para definir mais concretamente o campo do significado de visão e visualidade assevera-se que

Embora o termo visão sugira a ideia de ver como uma operação física e o termo visualidade o ato de estar visível ou à vista como um fato social, os dois não se contrapõem como o termo natureza se opõe ao de cultura: a visão é também social e histórica, e a visualidade envolve ao corpo e a psique (Foster, 1988, p. XI).

A partir da concepção de significado e relacionalidade pode-se obter uma leitura precisa das imagens que compôs o modelo para a análise iconológica dessa pesquisa. O sociólogo Willian E. Paden (2001) compreendeu que

O significado não é “só” autoconstruído, ele é a conexão que os humanos fazem com os objetos, em que parte do objeto se reflete a nós em termos significativos. O conceito de Relacionalidade. Ele se liga justamente àqueles pontos em que os significados e imagens do mundo são gerados, e observa que temos um papel na formação daqueles significados (Paden, 2001, p. 228-229).

Mediante as crenças escatológicas que se mantém e é proclamada por esses crentes na AD e o papel da religião na sociedade, tencionou-se inquirir as possíveis formas de expressão da experiência humana identificada não somente no entrecruzamento dos atos

religiosos, políticos, sociais e econômicos, mas nas diversas camadas em que a mesma se apresenta, resgatando-se a imagem, possibilitando assim o estudo desse fenômeno no campo transdisciplinar das Ciências da Religião e da Cultura Visual.

O teólogo Carlos Susin (2018) postula que nas artes plásticas a glória de Jesus é representada por um dia repleto de luz. Ressalta o autor que na Modernidade ocorreu uma reconfiguração da escatologia “A terra sem o céu? O tempo sem a eternidade”? Ao se livrar do medo, conseqüentemente, se estaria libertando da escatologia, extinguindo-se todo o sofrimento (Susin, 2018).

No tocante aos gêneros narrativos do Cristianismo primitivo e estruturas imagéticas dos textos apocalípticos na antiguidade, o teólogo Paulo Augusto de Souza Nogueira (2016) perscrutou a respeito das implicações da literatura bíblica na antiguidade tardia e no mundo medieval (lendária, hagiografia, relatos visionários e iconografia). Como fonte primária, utilizou-se nessa pesquisa a Bíblia de Jerusalém: Antigo e Novo Testamento, Editora Paulus, 2015.

Assim como, a respeito do tema ‘Religião e linguagem: abordagens teóricas interdisciplinares’ e da perspectiva dos estudos de Cultura Visual e Semiótica da Imagem como Linguagens da Religião, frisa o autor (2015, p. 249) que “uma das conquistas recentes das Ciências da Religião no Brasil foi à descoberta dos estudos de cultura visual e da sua efetiva incorporação na área. A cultura visual e a semiótica da imagem devem ocupar cada vez mais um lugar central numa área Linguagens da Religião”.

Estudos na área das Ciências da Religião concebem que cada religião é decorrente de encontros históricos específicos e que, na atualidade, possa contemplar em si o que é religião, não somente para a identidade cristã, mas também para outras denominações e tradições religiosas. Sendo assim, parte-se do pressuposto que a religião faz parte da cultura da sociedade na qual floresce, da mesma maneira que a influência, considerando-se os aspectos culturais, políticos, sociais e econômicos.

No que se refere à perspectiva histórico-cultural, essa proposição encontrou subsídios nos estudos da Cultura Visual, tendo como suporte teórico o modelo analítico — a interpretação iconológica — proposto pelo historiador da arte Erwin Panofsky (Hannover, 1892 – Princeton, 1968). Para o autor, a Iconologia trata-se de um método de interpretação que advém da síntese mais que da análise, tecendo as seguintes considerações:

E assim como a exata identificação dos motivos é o requisito básico de uma correta análise iconográfica, também a exata análise das imagens, estórias e alegorias é o requisito essencial para uma correta interpretação iconológica – a não ser que

lidemos com obras de arte nas quais todo o campo do tema secundário ou convencional tenha sido eliminado e haja uma transição direta dos motivos para o conteúdo, como é o caso da pintura paisagística europeia, da natureza morta e da pintura de gênero, sem falarmos da arte “não objetiva” (Panofsky, 2007, p. 54).

Com o propósito de melhor entender as diferentes perspectivas de uma mesma definição sobre representação considerou-se que

Por um lado, a “representação” faz às vezes da realidade representada e, portanto, evoca a ausência; por outro, torna visível a realidade representada e, portanto, sugere a presença. Mas a contraposição poderia ser facilmente invertida: no primeiro caso, a representação é presente, ainda que como sucedâneo; no segundo ela acaba remetendo, por contraste, à realidade ausente que pretende representar (Ginzburg, 1990, p. 85).

O destino da humanidade mediante a iminente ameaça da finitude da existência terrena desafia o pensamento humano. O éschaton — a realidade última — não se refere tão somente aos registros que ficaram em um passado distante, pelo contrário, está presente no imaginário social, admitindo copiosas formas de representações coletivas nas sociedades. Ao prover ao mundo um lugar ideal, a escatologia foi utilizada como poder simbólico de discurso e esperança no futuro. Jacques Le Goff (1990, p. 453) lançou uma nova perspectiva sobre o estudo da escatologia, inferindo que ela “pode tornar-se um dos temas mais interessantes de história geral, para os historiadores contemporâneos e futuros, graças a um novo olhar sobre a escatologia na história, ‘a espera’ e, sua variante religiosa, ‘a esperança’”.

As bases teórico-conceituais desta pesquisa encontraram subsídios nos estudos de Paden (2001, p. 11-12) ao depreender que “a religião, da mesma forma, é vista através de óculos diferentes, de acordo com propósitos variáveis, e pode-se demonstrar que é um objeto composto de muitas partes, texturas e funções”. É importante constar, ainda, que: o sociólogo Paul Charles Freston (1994) discorreu sobre a “Breve história do pentecostalismo no Brasil”; o teólogo Leonildo Silveira Campos (1999) versou a respeito do “Teatro templo e mercado”; o sociólogo Ricardo Mariano (1999) dissertou sobre os “Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil”; e o teólogo e cientista social João Décio Passos (2001) contribuiu com “O pentecostalismo como uma reconfiguração urbana de práticas e representações religiosas já presentes na tradição popular”. Dessa maneira, as pesquisas acima ainda não se reportavam à escatologia na centralidade desse movimento.

Mediante o recorte proposto a respeito da escatologia Pentecostal, esta pesquisa se respaldou nos estudos do teólogo Ismael de Vasconcelos Ferreira (2016). O autor se refere à escatologia Pentecostal como

Uma das doutrinas mais relevantes da religião pentecostal é a crença mítica da volta de Jesus Cristo ao mundo a fim de arrebatá-la sua igreja (seu povo) para um lugar preparado por ele nos céus. Esta seria a “viva esperança” dos fiéis que professam a referida religião. Trata-se de uma complexa doutrina que é descrita por um ramo da teologia denominado “escatologia”. Dentro deste ramo teológico, este acontecimento extraordinário foi denominado de “parusia” e mantém-se entre os assuntos mais falados nos redutos pentecostais, por ocasião das prédicas que são proferidas em seus cultos (Ferreira, 2016, p. 324).

Diante de novas perspectivas que o tema requereu, na contemporaneidade, foram levadas em conta as novas pesquisas que se encontravam disponibilizadas *on-line*, para o levantamento de pressupostos teóricos que fundamentaram este trabalho. Estudos recentes do teólogo Etienne Alfred Higué (2018) avançaram em investigação de temas que aludem sobre a cultura visual a exemplo de “Contribuição dos estudos de cultura visual para as ciências da religião”, defendendo que os objetos visuais desempenham um papel essencial na transmissão de mensagens e na interação com o mundo ao nosso redor. Desse modo, já se está em contato com a imagem antes mesmo de se colocar em palavras o que se percebe. A esse respeito, teceu a seguinte consideração:

Nasce a convicção de que a experiência, antes de ser filtrada pelo médium da linguagem, nos faz aceder de modo imediato ao mundo em nossa volta. Trata-se de encontrar os objetos visuais de todo o tipo – não apenas estéticos ou artísticos – em vez de interpretá-los, pois eles possuem propriedades ontológicas (Higué, 2018, p. 128).

Anterior à década de 1980, a produção acadêmica brasileira abordou sobre temas iniciantes, buscando compreender o fenômeno Pentecostal e quem seriam os seus membros, assim como, sobre a sua chegada ao território brasileiro e de que maneira essa cultura religiosa aconteceu, uma vez considerada “estranha” à época. O filósofo Antônio Gouvêa de Mendonça (1922-2007) versou sobre o protestantismo histórico e de missão no Brasil – “O Celeste Porvir: a inserção do Protestantismo no Brasil” (1984); dedicando-se também às classificações (1992), do subcampo pentecostal (Mendonça, 2006).

Com destaque no campo da Cultura Visual, as investigações do cientista da religião Renders (2019) se reportaram às Igrejas protestantes históricas no pentecostalismo e neopentecostalismo, concentrando-se nas teorias e abordagens a respeito da Cultura visual evangélica. As suas produções científicas aprofundaram-se nos mais diversos ângulos desse campo do saber, inferindo, na temática mais recente, que

A cultura visual e a cultura visual religiosa parecem andar juntas desde uma fase muito cedo da humanidade, mesmo que nós muitas vezes não soubéssemos nada ou muito pouco sobre as práticas religiosas e seus subjacentes imaginários, cosmologias e crenças que envolveram esses objetos pequenos como figuram de animais ou

enormes como as composições arquitetônicas de pedras erguidas de forma circular no Amapá (Renders, 2019, p. 706).

Por tudo isso, em ênfase, a presente pesquisa teve como foco a investigação sobre o papel da Cultura Visual na Assembleia de Deus no que se referiu à escatologia. Esse trabalho esteve inserido na abordagem metodológica de pesquisa qualitativa, utilizando-se, para a obtenção dos dados referentes ao universo examinado, um levantamento através de instrumento do tipo Iconológico, na perspectiva do historiador Erwin Panofsky (2007), fazendo interlocuções documentais e bibliográficas, com delineamento exploratório e explicativo. Com vistas ao fortalecimento dessa discussão, o referencial teórico não apenas integrou os subsídios necessários à investigação proposta, como também contribuiu para a estruturação sistêmica deste trabalho.

O trabalho requereu um recorte espaço-temporal no Estado da Paraíba, na capital da pesquisadora, recorrendo-se a duas de suas igrejas, quais sejam: Igreja Evangélica Assembleia de Deus Templo Central e Igreja Evangélica Assembléia de Deus 1º de Maio<sup>5</sup>. Este enfoque abrange não apenas os espaços físicos dentro da Igreja, mas também se estende ao ambiente circundante, capturando as manifestações visuais que moldam a experiência cultural e religiosa dos membros da ADPB, visando proporcionar uma compreensão mais abrangente desse fenômeno.

Para a elaboração de um novo conhecimento, na perspectiva metodológica aplicada, partiu-se da ideia de que a representação imagética investigada, nesse trabalho, será utilizada como fonte histórica. Nesse sentido, Durkheim (2003, p. 15) diz que “toda religião, com efeito, tem um lado pelo qual vai além do círculo das ideias propriamente religiosas e, sendo assim, o estudo dos fenômenos religiosos fornece um meio de renovar problemas que até agora só foram debatidos entre filósofos”. Inferiu o autor que o fenômeno religioso também compreende as dinâmicas culturais e sociais de uma sociedade (Durkheim, 2003).

Essa pesquisa demandou a formulação dos seguintes objetivos específicos: 1) examinar as características do Pentecostalismo: raízes e crenças; 2) discutir o modelo de análise iconológica de Erwin Panofsky como procedimento de leitura visual; 3) explorar a cultura visual evangélica no campo religioso brasileiro; e 4) verificar as representações no imaginário escatológico, enquanto objeto da experiência religiosa de duas ADs aqui mencionadas, a saber, IEADPB 1º de Maio (Igreja Evangélica Assembleia de Deus da Paraíba

---

<sup>5</sup>Igreja Evangélica Assembleia de Deus Templo Central, Av. Coelho Lisboa 553, bairro de Jaguaribe, CEP: 58015-430; Igreja Evangélica Assembléia de Deus 1º de Maio. Av. 1º de Maio 239, Jaguaribe, CEP: 58.015-430.

1º de Maio) e Templo Central da ADPB (Igreja Evangélica Assembleia de Deus Templo Central).

O trabalho encontra-se estruturado em introdução e quatro capítulos. Inicialmente, apresentou-se a interpretação sobre o tema e sua relevância para o contexto atual. Em sequência, o primeiro capítulo versou sobre a “Cultura Pentecostal: raízes e crenças”, evidenciando a sua perspectiva escatológica. Nesse contexto, convinha enfatizar certas problemáticas relacionadas aos aspectos mais significativos da investigação histórico-religiosa desse movimento religioso. Na seção “Origens, endereço e perspectivas de investigação” perscrutou-se sua visibilidade e expansão nos últimos anos, evidenciando um expressivo crescimento no número de autodeclarados. Em uma subseção, foi apresentado um “Breve relato histórico da Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Sítio Vertente – Alagoa Grande e Paraíba do Norte (Paraíba)”.

Como referencial teórico-metodológico utilizou-se as contribuições dos autores como Burke (1989; 2001); Campos (1999, 2005, 2014, 2016 e 2020); Freston (1994); Le Goff (1984); Mariano (2013); Mendonça (2006; 2008); Menezes (2006) e Passos (2001; 2005). A temática abordada justificou a intencionalidade de se recorrer aos referidos subsídios teóricos, fazendo diálogos com Higuier (2013; 2015; 2018); Renders (2015; 2016; 2019).

No segundo capítulo, discutiu-se “O modelo de análise iconológica de Erwin Panofsky como procedimento de leitura visual”, sistematizando os principais fundamentos que moldaram a perspectiva desse autor e ilustrando, com exemplos específicos das ADs. Preliminarmente, apresentou-se o caminho teórico-metodológico desse estudo e suas fases, sublinhando que sua aplicação abrange as imagens das diferentes áreas do conhecimento. Igualmente, no decorrer da análise Iconológica, distintos autores dessa perspectiva foram visitados como Kossoy (2001; 2007); Ginzburg (1990); Panofsky (1986; 2001; 2007); Cintra (2011); Unfried (2014), constituindo um arcabouço teórico relevante para a condução dessa fase.

A seguir, no terceiro capítulo, examinou-se “A cultura visual Evangélica brasileira”, composto por três seções: “Religião e imagem”, “Cristianismo e imagem” e “Protestantismo e imagem”. Para embasar essa análise foram utilizados os estudos de Gosner (1813), Jensen (1914), Lassus (1974), Nicolai (2000), Eusébio (2005), Knauss (2006), Cedilho; Kury (2008), Renders (2012, 2015, 2018, 2019), Wulf (2013), Sousa (2013), Contrera (2015), Gregori (2014), Martins (2015), Rodrigues; Nunes (2019), Martins; Renders (2019), Cardoso (2021) e Freedberg, (2021).

No quarto capítulo, a atenção esteve voltada para “A escatologia pentecostal na cultura visual das Assembleias de Deus”. Realizou-se uma análise da produção imagética e visual da escatologia pentecostal nas ADs, em Joao Pessoa (PB), tomando-se como ponto de partida a leitura dos elementos iconológicos: o imaginário da escatologia.

O conjunto de imagens selecionadas forneceu uma visão (conteúdo) e difusão do discurso imagético escatológico Cristão dessa denominação religiosa, adicionando-se àquelas concernentes ao entorno de duas Igrejas, em João Pessoa, Paraíba. Em seções, “O Imaginário Escatológico”; “Visão e Difusão do Discurso Imagético Escatológico”; “Elementos Iconológicos da Produção Imagética e Visual da escatologia na ADPB” e “As representações escatológicas nas Assembleias de Deus”, procedeu-se a investigação acerca dos elementos iconológicos referentes à produção imagética (quadros, imagens, gravuras, folhetos, jornais, templos, bíblias ilustradas, livros de evangelização etc.), pertinentes à análise iconológica.

A partir do conjunto do material imagético examinado durante a trajetória metodológica (Panofsky, 2007; 2009), juntamente aos autores referenciados no segundo capítulo desta pesquisa, no quarto capítulo, a seção “As representações escatológicas nas Assembleias de Deus” se volta à elaboração e disseminação desse fenômeno, verificando se o reconhecimento da escatologia, enquanto objeto da experiência religiosa de duas ADs, é fundante e identitária.

Nessa etapa do estudo, apresentou-se a subseção “Análise Discursivo-Imagética da Cultura Visual-Material da ADPB”. Considerando a imagem como possibilidade de expressão identitária das ADs, utilizou-se o referencial teórico do modelo de interpretação iconológica de Erwin Panofsky (2007). Nesse sentido, o resultado da análise interpretativa do conjunto da produção imagética relacionada aos fenômenos escatológicos aqui apresentados esteve ancorado na suposição de tese na qual a escatologia é fundante e identitário para as ADs. Nas considerações finais, apresentou-se, a partir do estudo da produção imagética e visual no que diz respeito a esse fenômeno religioso — o arrebatamento —, reconhecendo-o como meio de intervenção político-cultural, além de como é anunciado pela ADs, firmando-se no pensamento Cristão Pentecostal.

O trabalho em questão configurou-se como uma contribuição ao campo de investigação do PPGCR da UNICAP, na Linha de pesquisa *Tradições e Experiências Religiosas: Cultura e Sociedade*, e à área das Ciências da Religião e Teologia, abrindo novas perspectivas ao estudo da Cultura Visual e a interpretação de imagens.

## 1. CULTURA PENTECOSTAL: RAÍZES E CRENÇAS

Mesmo diante das transformações ocasionadas pelo processo de modernização do Estado e suas consequências, a ciência como força secularizante, a racionalização política e as mudanças sociais, divergindo do declínio das expressões e práticas religiosas desde a década de 80, vem ocorrendo no campo religioso do país uma grande expansão das denominações evangélicas, alinhando-se as novas formas de pertencimento religioso dos brasileiros com duplas, múltiplas ou sem definição por um pertencimento institucional. Nas religiões tradicionais, ocorreram mudanças para adequar-se às novas demandas religiosas, enfrentando o desafio de um mundo plural, onde a maioria dessas tradições, ao aderir aos movimentos de renovação, como o Pentecostalismo, coexiste transformada.

Observa-se, conforme Peter Berger (2017, p.11), que “com algumas exceções particularmente, a Europa e uma determinada intelectualidade internacional, o nosso mundo não é nada secular; ele é tão religioso como outrora, e em alguns lugares mais ainda”. Diante dessa ampliação da religião, no campo religioso brasileiro, compreende-se que a modernidade não resultou na secularização<sup>6</sup> e sim na fragmentação e multiplicação do Cristianismo Evangélico, possibilitando o diálogo interreligioso e o pluralismo cultural e religioso. Conforme o entendimento de Campos (1999) parece acertado que

Entretanto, o crescimento do movimento pentecostal, das seitas fundamentalistas e dos cultos animistas no continente mostrou a fragilidade do paradigma da secularização, fruto da modernidade. Hoje, segundo Berger, vivemos em uma era de muita credulidade, em que houve um aumento da oferta de produtos religiosos e uma espécie de revanche do sagrado no interior de uma cultura que já se julgava definitivamente profana (Campos, 1999, p. 359).

### 1.1 Origens, endereços e perspectivas de investigação

No decurso da história do cristianismo no Ocidente, o Pentecostalismo<sup>7</sup> tendo sua

---

<sup>6</sup>Charles Taylor elabora o conceito de secularização em três perspectivas. A primeira em que a secularização é compreendida como separação entre Estado e Religião: “as Igrejas encontram-se separadas das estruturas políticas”. Consistindo a segunda do processo de ateização, sendo a religião desocupada do espaço privado: “a secularidade consiste no abandono de convicções e práticas religiosas, em pessoas se afastando de Deus e não mais frequentando a igreja”. Assim, o autor esclarece à respeito da terceira perspectiva: “acredito, contudo, que um exame desta era como secular seja pertinente em um terceiro sentido, intimamente relacionado ao segundo e não desvinculado do primeiro. Este enfocaria as condições de fé. A mudança para a secularidade nesse sentido consiste, entre outras coisas, na passagem de uma sociedade em que a fé em Deus é inquestionável e, de fato, não problemática, para uma na qual a fé é entendida como uma opção entre outras” (Taylor, 2010, p. 10-15).

<sup>7</sup>Pentecostalismo — “a palavra pentecostalismo é tomada de Pentecostes, fato fundante do cristianismo descrito no capítulo 2 do Livro dos Apóstolos, quando o Espírito Santo desce sobre o grupo de apóstolos de Jesus, dando início à Igreja propriamente dita”. Movimento Pentecostal – Iniciou-se em Los Angeles (Estados Unidos, 1906),

origem nas denominações do protestantismo histórico (séculos XVII-XVIII) na Europa, advindos da Reforma Protestante<sup>8</sup> (século XVI), utilizando-se de sua dinâmica de renovação, seguiu adequando-se aos diversos contextos histórico-culturais, da Reforma Metodista (século XVIII) por John Wesley (protestantismo inglês – anglicanismo) com a teologia da salvação/santificação, migrando da Europa (1903) para os Estados Unidos da América (EUA).

Ao examinar o Evangelismo Pentecostal depreende Berger (2017, p. 18) que “Há muito tempo eu argumento (e ainda não mudei de ideia) que o Protestantismo Evangélico, especialmente em sua versão pentecostal, é o mais importante movimento popular para servir de veículo para a globalização cultural”. Compreende-se que assim como no Cristianismo, não existe o Pentecostalismo e sim os Pentecostalismos. Nessa orientação, Passos (2005) clarifica que

A história mostra um processo de adaptação deste paradigma – pentecostalismo entendido no singular –, formando grupos e subgrupos variadíssimos – pentecostalismos no plural – e, nas últimas décadas, os neopentecostais que agregam ao paradigma original posturas e estratégias modernas, tanto na teologia que oferece prosperidade – toda ordem de bem-estar pessoal e social – quanto nas estratégias de comunicação utilizadas nos cultos e, de modo particular, na televisão (Passos, 2005, p. 15-16).

---

na Rua Azuza, liderados pelo Pastor William Seymour (1870-1922), ocorrendo o grande avivamento caracterizado pelo “batismo com o Espírito Santo” e os dons do Espírito – glossolalia, curas milagrosas, profecias, interpretação de línguas e discernimento de espíritos (Passos, 2005). Constitui o florescimento espiritual e eclesial mais recente e significativo no tronco do cristianismo histórico. É o maior movimento de reavivamento cristão do século XX. Ainda não há uma visão única de suas origens que remontam ao fim do século passado e ao início desse século. Características das denominações pentecostais — a crença em dons espirituais, batismo no Espírito Santo e no movimento de reavivamento. Enquanto a teologia da prosperidade é específica das igrejas neopentecostais (Ricca, Paolo. Pentecostalismo. In: Filoramo, Giovanni (Org.). Dizionario Delle Religioni. Editora: Giulio Einaudi, Torino, 1993, p. 562-563). Cotrim, Gilberto. História Global. São Paulo: Ed. Saraiva, 2001.

<sup>8</sup>Com a Reforma Protestante idealizada por Martinho Lutero surge na Europa (século XVI) o movimento religioso cristão — o Protestantismo. Perpassa pela Reforma Metodista, promovida por John Wesley, na Inglaterra (século XVIII), com base no protestantismo inglês — anglicanismo (Passos, 2005, p. 15-16). As três correntes evangélicas: 1º grupo de evangélicos do **protestantismo histórico**: luteranos (século XVI), prebiterianos (século XVI), metodistas (século XVIII), batistas (século XVII), anglicanos (século XVI) e calvinistas (século XVI) que chegaram à região no século XIX; 2º grupo de evangélicos incluem principalmente tendências evangélicas originadas nos Estados Unidos, que chegaram à América Latina a partir do início do século XX, uma parte das **Igrejas Batista, Adventista, Presbiteriana e Irmãos Livres** (ou *Irmãos de Plymouth*) fazem parte deste segundo grupo de evangélicos com a chegada, crescimento e adaptação cultural dos diferentes **pentecostalismos latino-americanos**; e o 3º grupo de evangélicos — **os pentecostais** — **Igrejas Pentecostais tradicionais: Congregação Cristã do Brasil, Assembleia de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja O Brasil para Cristo e Igreja pentecostal Internacional de Santidade, Igreja Pentecostal Deus é Amor. E os neopentecostais** — **Igrejas Pentecostais tradicionais: Igrejas Neopentecostais no Brasil (1970): Igreja Universal do Reino de Deus, Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, Igreja Mundial do Poder de Deus, Igreja Batista Nova Jerusalém, Igreja Renascer em Cristo, Igreja Cristo Vivo, Igreja Internacional da Graça de Deus, Igreja Apostólica Fonte da Vida e Igreja Renascer em Cristo** (Ricca, Paolo. Pentecostalismo. In: Filoramo, Giovanni (Org.). Dizionario Delle Religioni. Editora: Giulio Einaudi, Torino, 1993, p. 562-563).

O fenômeno religioso pode ser investigado nas mais diversas perspectivas como no âmbito do espaço territorial — municipal, estadual, nacional, mundial — que diz respeito aos lugares sagrados a exemplo dos locais de cultos, assim, como as igrejas das religiões católica e evangélica; a sinagoga judaica; a mesquita islâmica; os templos budista e hindu; o centro Espírita kardecista; o Salão do Reino da testemunha de Jeová; e o terreiro do Kandomblé e Umbanda. Em relação à perspectiva imagética — espaço imagético —, relacionado aos símbolos, as imagens, os livros sagrados e aos meios de comunicação como a televisão, o rádio e a internet através da disseminação da mensagem ou significado religioso. No que se refere ao espaço mental — ao imaginário, à subjetividade, à transcendência, às filosofias ou doutrinas — que se refere à consciência e a inconsciência da população crente (Santos, 2017).

Possuindo um conjunto de elementos concernente as Igrejas Evangélicas históricas, a cultura evangélica pentecostal advém de distintas origens missionárias. No contexto de diversificação do cristianismo mundial e brasileiro, por cristãos pentecostais compreende-se aqueles que seguem a doutrina do reavivamento espiritual, a interpretação e a prática na experiência do Espírito Santo com o batismo no Espírito, dons das línguas (glossolalia)<sup>9</sup> e curas, a conversão individual e a dimensão escatológica, evidenciando dissimilaridades dos protestantes históricos e neopentecostais.

Verifica-se que outra perspectiva a ser considerada dessa vertente religiosa é o entendimento dos seus membros que se intitulam como “os eleitos de Deus”, em que a salvação é prometida e experienciada nos rituais (Passos, 2005). A esse respeito, Cláudia Neves Silva (2009, p. 59) enfatiza que o “batismo do Espírito Santo se dá após uma preparação e forte expectativa, que faz com que o novo crente cultive o sentimento de ter sido eleito por Deus”.

João Décio Passos (2005, p. 14) evidencia que, na atualidade, os mesmos possuem como caracterizantes “a centralidade na experiência emocional, o culto de louvor efervescente, a tendência à leitura literal dos textos bíblicos e a prática do exorcismo”. No que se referem aos textos bíblicos, esses são vistos como narrativas imitadas no presente e não como referências escritas do passado. Os fiéis são compelidos a considerar as demais

---

<sup>9</sup>Glossolalia – “A tradição da glossolalia cristã, embora apresente alguns elementos helenísticos, é substancialmente diferente. Ela é vista como revelação e oração, não como invocação. É um ritual comunicativo, espontâneo, articulado e pode ser interpretada. Hoje, falar em línguas funciona como uma forma doxológica, cristocêntrica, às vezes de minimização da ansiedade, outras vezes de edificação da congregação, porém sempre um dom espiritual. A questão é se podemos traçar um paralelo com o falar em línguas da comunidade paulina de Corinto. Se há diferentes tipos de línguas, não poderíamos incluir nesse quadro a xenolalia, a língua dos anjos e as línguas faladas reveladas pela pesquisa moderna? Ainda que Paulo estivesse falando sobre uma manifestação diferente, não parece haver espaço para um dogmatismo que descarte qualquer possibilidade de uma glossolalia de hoje ser o mesmo fenômeno que Paulo conhecia” (Nogueira, 2008, p. 113-114).

crenças como falsas e, dessa maneira, passam a viver sob uma disciplina austera que os caracterizam socialmente, tendo em vista à maneira de consumir, vestir, lazer e fazer política, distanciando-os do mundo profano. Assim como, associa o Além ao futuro, mediante a esperança na promessa de um novo mundo (Passos, 2005).

A referida denominação religiosa crê que na segunda vinda de Cristo ocorrerá, em algum momento futuro de nossa Era, o “arrebato”<sup>10</sup> pré-tribulacional — transferência da igreja (membros do corpo de Cristo, vivos e mortos) para o céu, ocorrendo sem nenhum sinal específico e antes da Grande Tribulação (a visão doutrinária Pré-tribulacionista). Assim, diz a Primeira Epístola aos tessalonicenses:

**Os mortos e os vivos na Vinda do Senhor.** Irmãos, não queremos que ignoreis o que se refere aos mortos, para não ficardes tristes como os outros que não têm esperança. Se crermos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também os que morreram em Jesus, Deus há de levá-los em sua companhia. Pois isto vos declarou, segundo a palavra do Senhor: que os vivos, os que ainda estivermos aqui para a Vinda do senhor, não passaremos à frente dos que morreram. Quando o Senhor, ao sinal dado, à voz do arcanjo e ao som da trombeta divina, descer docéu, então os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; em seguida nós, os vivos que estivermos lá, seremos arrebatados com eles nas nuvens, para o encontro com o Senhor, nos ares. E assim, estaremos para sempre com o Senhor. Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras (1Ts 4,13-18) [Bíblia, 2016].

Nessa abordagem, conforme ressalta Melo (2021), aqueles que são adeptos da confissão de fé Pentecostal rejeitam a explicação histórica, preterista e simbolista. Em vez disso, adotam a perspectiva futurista pré-milenista ou pré-tribulacionista como base para as suas convicções escatológicas, acrescentando que “através de relatos cronológicos extraídos da análise interpretativa da teologia Pentecostal, com base na revelação gradual das escrituras proféticas da Bíblia Sagrada, compreendemos que o desencadeamento escatológico acontecerá a partir do arrebatamento da igreja e culminará com o novo céu e a nova terra” (Melo, 2021, p. 22).

---

<sup>10</sup>Na escatologia cristã, “a palavra arrebatamento deriva de *rapere*, a tradução latina para “arrebatar” em 1tessalonicenses 4,13-18. Do verbo grego *harpazō* é traduzido por “dominar por meio da força” ou “capturar” (1 Tessalonicenses 4, 17). Para Renovato (2016, n/p) “o termo se origina da palavra grega *harpagêsometha* que significa ‘àquilo que é frequentemente chamado’”. Geralmente, a palavra grega que se encontra relacionada com o arrebatamento é *parousia* (que é transliterada por ‘parusia’) com os significados: “presença” e “vinda do senhor” (Alves *et al.*, 2018, p. 149). De acordo com Brazil (2020, s/d), “a palavra *parusia* era um termo técnico do mundo político utilizado para definir as medidas cerimoniais adotadas quando uma cidade romana recebia o imperador ou um senador. Arrebatamento do grego *harpazō* (rpto, remoção repentina, de modo súbito). Esse evento será o início fundamental para desencadear de uma série de acontecimentos futuros no campo da escatologia bíblica (Ap 1,1-3) (Melo, 2021). Quando o Novo Testamento foi traduzido para o latim, optou-se pelo vocábulo *raptus* que, originando-se do verbo *raptare*, comporta os seguintes significados: tirar, arrancar, tomar das mãos alguma coisa de forma violenta (Andrade, 2004).

Cumpra destacar que o marco inicial do Pentecostalismo se fundamentou em uma obra do Cristianismo, escrita por volta do Século II, do livro dos Atos dos Apóstolos, atualizando o Dia de Pentecostes — o princípio da contemporaneidade com o tempo das origens. Em relação à atualização da experiência de Pentecostes, pode-se inferir que

“O princípio da contemporaneidade com o tempo das origens é levado às últimas consequências pela Teologia do Espírito Santo. A experiência de salvação original pode ser vivenciada hoje e, ao mesmo tempo, demonstrada pelos cristãos que recebem a santidade por meio do Espírito Santo”. A atualização da experiência de Pentecostes, tal qual nos tempos primordiais, funda, permanentemente, as comunidades pentecostais em sua autocompreensão, acontece nos seus rituais e determina sua organização. Não há limites para essa atualização, portanto, de cada experiência do tempo das origens pode-se edificar uma nova comunidade, na verdade não nova, por tratar-se de uma atualização daquela experiência original. Opera-se uma ligação direta com o tempo das origens, com o vento de Pentecostes, com os milagres de Jesus, com os dons do Espírito Santo. Os fatos do passado, narrados nos textos bíblicos, tornam-se, imediatamente, realidade vivenciada pelo fiel: experimentada e verificada por sua experiência pessoal e mesmo grupal. O fiel sente a experiência do Espírito e o grupo pode verificar e confirmar a veracidade de sua experiência mediante o dom das línguas por exemplo. O tempo das origens torna-se hoje. Dessa forma, o texto bíblico é, antes de tudo, um elo que liga as origens da fé cristã, o tempo da salvação ao hoje do fiel. Os textos bíblicos contêm, para o pentecostal, todas as explicações para todos os fatos e todas as soluções para todos os problemas (Passos, 2005, p. 32-34).

Assim sendo, o evento de Pentecostes (At 8,17-18) [Bíblia, 2016] versa sobre o Espírito Santo e os dons espirituais, como falar em línguas, central nas ADs e associado à sua escatologia. Em relação à descrição desses dons, pode-se averiguar na narrativa que

Tendo-se completado o dia de Pentecoste, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um ruído como o agitar-se de um vendaval impetuoso, que encheu toda a casa onde se encontravam. Apareceram-lhes, então, línguas como de fogo, que se repartiam e que pousaram sobre cada um deles. E todos ficaram repletos do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia se exprimirem (At 2, 1- 4). [...] Então começaram a impor-lhes as mãos, e eles recebiam o Espírito Santo. Quando Simão viu que o Espírito era dado pela imposição das mãos dos apóstolos, ofereceu-lhes dinheiro, dizendo: “Dai também a mim este poder, para que receba o Espírito Santo todo aquele a quem eu impuser as mãos”. Pedro, porém, replicou: ‘Pereça teu dinheiro, e tu com ele, porque julgaste poder comprar com o dinheiro o dom de Deus! Não terás parte nem herança neste ministério, porque o teu coração não é reto diante de Deus. Arrepende-te, pois, dessa tua maldade e ora ao Senhor, para que te possa ser perdoado este pensamento do teu coração; pois eu te vejo na amargura do fel e nos laços da iniquidade’ (At 8,17-23) [Bíblia, 2016].

O enredo de Pentecostes é sempre hodierno, reiniciando-se na ocasião da realização da oração pela manifestação do Espírito Santo e de seus dons. Reitera Passos (2005, p. 24) que “a nosso ver o Pentecostalismo constrói um paradigma cristão que recupera essa postura, instaurando essa experiência atemporal da salvação pelo evento de Pentecostes, narrado no

Livro dos Atos dos Apóstolos”. O autor (2005) faz menção à recriação das origens cristãs na prática pentecostal:

As ofertas religiosas pentecostais, desde as suas origens, têm esse lugar vital de germinação e expansão. A retomada das origens cristãs tem possibilitado conservar o carisma original cristão numa dinâmica popular, que, ao mesmo tempo, reproduz uma visão e práticas religiosas anteriores à racionalização moderna e responde às contradições sociais construindo comunidades de sujeitos religiosos e sociais, o que possibilita estratégias de intervenção simbólica na realidade adversa. O mundo cáotico é “recriado”, a partir do retorno às origens salvíficas cristãs, como dom possível àquele que aceita Jesus, mesmo que não entenda o mundo moderno e não tenha nele um lugar como sujeito de pleno direito. Recriar as origens cristãs na prática pentecostal é recriar uma interpretação segura da realidade e retomar uma fonte de sentido e de graça restauradora da vida ameaçada de múltiplas formas na Modernidade tardia (Passos, 2005, p. 116).

Examina-se que o crescimento do Pentecostalismo ocorre, frequentemente, em denominações criadas sem vínculos com as igrejas históricas e, para difundir a mensagem pentecostal, se organizam fundamentadas no carisma — a experiência dos adeptos com o Espírito Santo. Assim sendo, compreende-se o Pentecostalismo como uma espiritualidade nova que, para além dos problemas espirituais da vida, se volta para os problemas humanos através da fé em Deus.

Com o seu estudo sobre o Pentecostalismo, Anderson (2019) esclarece que, na maior parte das religiões, no sentido religioso não há uma separação entre “espiritual” e “secular”, sustentando que

Essa espiritualidade é com frequência pragmática, prática e mudana, e não esotérica e reflexiva, como se encontra em algumas formas ocidentais e transcendentais da espiritualidade cristã. Vamos definir “espiritualidade” aqui como aquilo que se refere a vida espiritual ou religiosa das pessoas e a descreve e tudo que é afetado por ela ou tudo em que ela influi. A palavra operativa nessa definição é experiência. A espiritualidade pode ser descrita como a consciência e experiência vivida de Deus. Exemplos desse entendimento são encontrados nas chamadas tradições religiosas “místicas” — e isso inclui o Pentecostalismo, em particular com os fenômenos de “êxtase” no Espírito que o acompanham. Em anos recentes, em parte pela influência do pensamento pós-moderno, houve um maior reconhecimento da importância do papel da experiência para definir realidade, e a teologia hoje reconhece que “a experiência é uma fonte autêntica de revelação divina” (Anderson, 2019, p. 213).

Na perspectiva de Anderson (2019) o Pentecostalismo ressignificou as crenças e as práticas pré-cristãs a fim de tornar o Cristianismo uma opção interessante e espiritual. O autor (2019) infere que

O papel importante dado à cura e ao exorcismo divino, a ênfase particular no poder do Espírito, mas também os projetos comunitários amplos e o envolvimento significativo em organizações políticas e cívicas e em sindicatos representam uma espiritualidade nova e vigorosa que oferece ajuda para os problemas humanos. Essa

espiritualidade é uma abordagem holística do cristianismo que se volta de maneira mais adequada para as visões de mundo populares do que as antigas tradições cristãs e, em alguns aspectos, foi também mais satisfatória do que as chamadas religiões “tradicionalistas”. Além disso, em todo o Mundo Majoritário o pentecostalismo tem sido mais significativo precisamente porque deu continuidade a algumas expressões religiosas e símbolos rituais pré-cristãos e os investiu de novos significados (Anderson, 2019, p. 215).

Ao perscrutar as raízes do Pentecostalismo brasileiro — sua implantação, transformação e caracterização — a partir das três ondas, esteando-se nos estudos de Paul Freston (1994) e Ricardo Mariano (1999), cabendo ressaltar que a primeira onda ficou conhecida como o Pentecostalismo Clássico (1910–1950), marcado pela fundação da Congregação Cristã no Brasil – CCB (nas cidades de São Paulo e Santo Antônio da Platina, 1910), com ênfase no Batismo do Espírito Santo.

O Pentecostalismo Clássico foi introduzido no país (século XX) através dos missionários europeus, convertidos nos Estados Unidos. Os missionários pioneiros italianos, de confissão valdense<sup>11</sup>, migrando para os Estados Unidos, tornaram-se integrantes do presbiterianismo avivalista norte-americano, passando para o Holiness Movement<sup>12</sup> - Movimento de santidade da renovação religiosa metodista, em Chicago.

Destes, Luigi Francescon (1866-1964) auxiliou na fundação da primeira Igreja Presbiteriana Italiana de Chicago (1892). Mais tarde, o ex-presbiteriano inicializou, junto a outros pioneiros, a Congregação Cristã de Chicago (1907), em seguida, recebendo o nome de Assembleia Cristã. Participou de missões no Brasil, no período de 1909-1948, fundando a Congregação Cristã no Brasil, na cidade de São Paulo (SP) e em Santo Antônio da Platina (PR), ambas em 1910 (Mariano, 2013).

Durante o ciclo da borracha, por uma década e meia, o percurso de apropriação do espaço geográfico e de expansão da AD, no país, se deu no decurso das migrações entre as regiões Norte e Nordeste. Com o término deste ciclo, a AD voltou sua atenção da região Norte para a região Sudeste do país. Vindos dos EUA, o operário de fundição Gustaf Daniel

<sup>11</sup> Confissão valdense – denominação cristã que teve sua origem com Pedro Valdo e seus seguidores (século XII).

<sup>12</sup> Movimento de reavivamento e Santidade ou *Holiness Movement* – Movimento de Santidade, ou Igrejas de Santidade, ou ainda, Holiness Movement são igrejas e movimentos que surgiram enfatizando a “impecável perfeição”, ou seja, o crente pode ter uma “poderosa experiência dada pelo Espírito Santo”, com isso, ficando totalmente livre do “princípio do pecado dominante”, em outras palavras, a “segunda bênção”. Igrejas como Igreja de Deus, Igreja do Nazareno, Metodista Wesleyana e Igreja Evangélica Assembléia de Deus são diretamente influenciadas pelos Movimentos de Santidade (CHAMPLIN, 2006). Os antecedentes mais imediatos do pentecostalismo moderno se encontram no movimento de Santidade do século XIX, que se baseava ele próprio numa interpretação particular da doutrina do fundador do metodismo, John Wesley (1729-1785), e especialmente na do teólogo de Wesley, John Fletcher (1729-1785) [...] O movimento de santidade foi uma reação ao liberalismo e ao formalismo nas igrejas protestantes estabelecidas e defendeu o literalismo bíblico, a necessidade de uma experiência pessoal e individual de conversão e a perfeição moral (santidade) do indivíduo cristão (Anderson, 2019).

Högberg (Vargön, Suécia, 1884 – Estocolmo, 1963), conhecido por Daniel Berg, e o ex-pastor Adolph Gunnar Vingren (Östra Husby, Östergötland, 1879 – Suécia, 1933), da Primeira Igreja Batista de Chicago, Menominee, Michigan – EUA, chegando à cidade de Belém do Pará em 19 de novembro de 1910 (Mariano, 2013).

Membros do Holiness Movement receberam como missão a evangelização no Brasil, após o membro da igreja Olof Adolf Ulldin ter recebido uma revelação divina de que deveriam vir para o Pará. Ambos, os missionários, professaram na Primeira Igreja Batista de Belém (PA). Ao contrário da doutrina dessa igreja, os missionários defendiam o batismo no Espírito Santo, resultando na saída desses da referida denominação (Mariano, 2013).

A correspondência encaminhada pelo líder irmão Raymundo P. Nobre aos membros da Igreja Batista de Belém (PA), publicada em “O Jornal Baptista” (19/06/1911), descreve sobre a vinda dos missionários suecos a esse templo, elucidando o motivo pelo qual expressa que nem sempre a presença e a pregação desses missionários foram bem aceitas por toda a comunidade religiosa Batista, resultando na expulsão desses. E, assim, prossegue detalhando no folheto de 27 páginas:

Prezado irmão e relator. Como sabeis pela correspondência do irmão João Jorge de Oliveira, inserida no número de 20 de abril do corrente, na ausência de nosso mui estimado irmão missionário Eurico A. Nelson, ficou o abaixo assinado como encarregado do trabalho de evangelização desta igreja e da do Castanhal. Devo dizer-vos que os cultos internos e externos desta igreja iam sempre a progresso, pois eram bem frequentados e com bastante atenção; e sem que houvesse oposição de pessoa alguma, a igreja trabalhava em perfeita paz com Deus. Porém, pela experiência de dezoito séculos pela qual tem passado a igreja do Senhor, sabemos que exatamente quando elas vão mais prósperas é que Satanás se introduz manhosa e sorratamente dentro delas procurando aniquilá-las. Deveras o último assalto que Satanás fez à igreja do Senhor aqui foi o mais astuto e perigoso de todos. O caso é que há uns cinco meses, chegaram aqui, da América do Norte, dois homens suecos que se diziam mensageiros do evangelho; e antes de bem conhecermos tais pessoas conseguiram elas captar a simpatia dos irmãos J. J. de Oliveira e Eurico A. Nelson, apresentando-se-lhes muito desejosos de trabalharem para o progresso da causa do Senhor neste lugar. Na sua boa fé, os ditos irmãos Oliveira e Nelson apresentaram os tais indivíduos à igreja que, naturalmente, com tão boa apresentação, logo os recebeu sob a condição de eles trazerem as cartas demissórias das igrejas a que pertenciam cartas que, afinal, nunca chegaram. Logo que estes homens começaram a falar o nosso idioma, começaram a vender *Bíblías* e, de casa em casa dos crentes, iam fazendo orações, lendo alguns trechos da *Bíblia* concernentes ao dia de Pentecostes, a Cornélio, etc. Pediam também que os crentes se unissem em oração com eles assim que acabava o culto público, etc. Com estas e outras artimanhas foram ganhando os corações de muitos crentes, como fizera o príncipe Absalão (*2Sm 15*). Começaram também a reunir-se em casa de uma irmã cujo marido é marítimo, não se achando em casa. Depois de cinco dias de orações e jejuns correu rapidamente a notícia de que aquela irmã havia sido batizada com o Espírito Santo e com fogo do céu e que, como prova lhe tinha sido concedido o dom de falar diversas línguas. Sendo isto para nós muito estranho, logo depois do nosso culto de quinta-feira, 8 do corrente, dirigimo-nos, eu e diversos irmãos, para o bairro da cidade velha onde mora a referida irmã e, ao entrarmos em sua casa, fiquei deveras surpreendido como em tempo nenhum! Vi aquela irmã, que é brasileira, tendo os

joelhos no soalho, as mãos postas na frente bem erguida e olhos fechados, articulando com rapidez sons que ninguém podia harmonizar e entender, nem sabemos se aquilo era qualquer linguagem. Na mesma ocasião, muitos outros de joelhos, choravam uns, outros oravam, outros cantavam e outros liam. De repente uma irmã começou a tremer, como se sofresse de maleitas, a gemer até que ficou sem sentidos; seguindo-se a esta crise outra, na qual ora cantava hinos, ora modinhas, inclusive o tango. A este momento diziam, suscitara-se um debate entre os dois espíritos que tomavam conta das pessoas; a primeira pessoa que tinha o espírito dizia que tinha o dom de discernir espíritos e por isso conhecia que o outro espírito era o de Belzebu; enquanto a outra respondia, ora dizendo que era mesmo o espírito de Lúcifer, ora que era de Cristo. Esta cena revoltante durou três horas; depois do que cada um foi para sua casa. Creio que, como eu, muitos do que comigo a presenciaram não dormiram naquela noite. No dia seguinte houve um culto externo, onde por mandado de um dos tais doutrinadores, um espírito se manifestou numa das duas pessoas mencionadas. Fiquei deveras envergonhado de semelhante escândalo público; mas não me achei com coragem de me opor para não fazer ainda maior confusão aos incrédulos. Logo que o culto findou eles convidaram uns crentes para o templo de nossa igreja. O que então se deu é indescritível. As quatro pessoas actuadas cantavam, riam, choravam. Todos os outros irmãos que se achavam presentes sofriam uma agonia terrível. Até que não pude suportar mais; levantei-me e fiz sinal de silêncio e comecei a falar aos crentes sobre os falsos sinais que haveria nos últimos tempos; porém as pessoas actuadas fizeram uma balbúrdia tamanha em cima de mim que por mais que eu gritasse, elas mais gritavam; e como não me fosse possível fazer sobressair a minha voz, fui forçado a calar-me e aconselhar aos crentes a se retirarem, no que alguns me atenderam. No dia seguinte, eu e outro irmão, como não sabíamos notícias do irmão Nelson, passaram telegrama para o irmão J. J. de Oliveira e para o irmão pastor do Maranhão, pedindo providências urgentes. Fui nesse mesmo dia à tarde fazer a pregação na igreja do Castanhal; e voltei no domingo de manhã para pregar aqui na igreja; e tanto na pregação da manhã como na da noite fui rebatido por um adepto da tal heresia. Esta doutrina diabólica ia se alastrando rapidamente e vi que em poucos dias, se não tomássemos posição de verdadeiros crentes batistas, ficaríamos sem igreja batista na capital. Terça-feira 13 do corrente, depois do culto de oração, convocou a igreja em sessão extraordinária, na qual foram cortados todos quantos se manifestaram adeptos da heresia, sendo o número total dos eliminados 17. Como estamos em tempos trabalhosos, combinei com a igreja termos uma série de conferências e orações que terminaram ontem, as quais, embora pouco concorridas, deram bons resultados. Os crentes se acham novamente prontos para o trabalho. Sem outro assunto peço a todos os amados do Senhor as suas orações por nós aqui. Vosso irmão na fé, Raymundo P. Nobre. Belém, 19-6-1911. Caixa 361 (Revista Meditação, 2017, n/p).

Em seguida, os missionários Daniel Berg e Gunnar Vingren fundaram uma nova igreja que recebeu o nome de Missão da Fé Apostólica (Pará, em 18 de junho de 1911) e a Assembleia de Deus (Pará, 1911). Posteriormente, com o “Estatuto da Sociedade Evangélica Assembléa de Deus”, é registrada a Assembleia de Deus<sup>13</sup> (11 de janeiro de 1918), no Cartório de Registro de Títulos e Documentos do 1º ofício, situado em Belém, em 1918, fundamentada na doutrina do batismo no Espírito Santo e os dons espirituais como o falar em línguas e a cura. A inauguração do primeiro templo da AD se deu em 1914, passando por uma reforma em 1926 (Mariano, 2013).

<sup>13</sup>Na atualidade, a Assembleia de Deus é uma das denominações cristãs evangélicas, vinculada ao movimento Pentecostal, considerada mais importante e influente no Brasil. Nesse trabalho, todas as referências às “ADs” relacionam-se ao coletivo de ministérios unidos à volta da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB).

O missionário Gunnar Vingren se casou com a missionária Frida Vigren (1891) que teve uma importância no fortalecimento da Assembleia de Deus no Brasil, marcando a sua atuação nas diversas atividades evangelísticas como pregadora, tradutora, escritora e compositora de hinos, entre outras. O missionário Daniel Berg e a missionária Sara Sofia Lovisa Berg (1902-1981) casaram-se em 1920, na Suécia (Mariano, 2013). Da experiência vivida com o Pentecostalismo, dos Estados Unidos, os missionários trouxeram para Belém do Pará o avivamento espiritual, proporcionando uma conexão com o divino. Nascimento (2021, p. 41) frisa que o “avivamento significa período de intenso fervor espiritual, marcado por grande número de conversões, cura e batismo no Espírito Santo”.

Logo depois, chegaram ao Brasil (1914) os suecos Otto Nelson (1891-1982) e Adina Nelson, vindos dos Estados Unidos, aportaram em Belém do Pará, em 25 de outubro de 1914, reunindo-se a Berg e Gunnar. Vindos de Belém do Pará (1916) e estabelecendo-se em Manaus (1917), os missionários suecos Lars-Erik Samuel Nyström (1891-1960) e Karolina Josefina Nyström (1887-1984) foram enviados pelo pastor Lewi Pethrus, da Missão Sueca Livre, criada pela Igreja Filadélfia de Estocolmo, Suécia.

A primeira onda Pentecostal (1910-1950) traz como características próprias o reavivamento espiritual, a conversão individual, o batismo no Espírito Santo e o dom de línguas — a glossolalia — no decorrer do culto, curas, profecias, exorcismos, evangelização, a vida santa, os costumes rígidos e a rejeição ao mundo secular, a repulsão a teologia e a volta próxima de Cristo, com recompensa no mundo escatológico (Mariano, 2013).

Cabe lembrar que como consequência das mudanças econômicas, políticas, sociais e culturais do país, o movimento Pentecostal (séculos XX-XXI) perpassou por intensas transições (Souza; Magalhães, 2002). Dentre as denominações Pentecostais, atualmente, as ADs registram intensa expansão pelo país e o maior número de autodeclarados (Mariano, 2013).

Essas manifestações que aconteceram durante os encontros, nos EUA, concorreram para o surgimento e expansão de uma comunidade autônoma — o Pentecostalismo Moderno, iniciado em 1901, em diversas localidades, a exemplo da primeira reunião que ocorreu na cidade de Topeka, no estado do Kansas. O pregador Charles Fox Parham e o pastor afro-americano William Joseph Seymour realizavam o culto conhecido como o reavivamento da Rua Azusa<sup>14</sup>, em Los Angeles, reconhecido como movimento Pentecostal, chegando ao seu

---

<sup>14</sup>Nos três anos seguintes, o avivamento da Rua Azusa foi o centro mais proeminente do pentecostalismo, ainda mais promovido pela publicação de Seymour, *The Apostolic Faith*, que alcançou uma circulação internacional de 50 mil exemplares em seu auge em 1908. As pessoas influenciadas pelo avivamento inauguraram vários novos

ápice em 1906 (Souza; Magalhães, 2002). Seymour difundiu três bênçãos a conversão, a santidade e o batismo no Espírito Santo (Passos, 2005).

Apesar da congregação Pentecostal afro-americana ter apoiado à comunidade negra nos Estados Unidos, no decurso da discriminação racial e segregação, isso não significa dizer que a sua origem foi, especificamente, como uma forma de resistência do povo negro nos Estados Unidos. No cômputo geral, o Pentecostalismo é um movimento religioso que não pode ser reduzido apenas a uma perspectiva de resistência racial, mas se fez presente em diversos contextos sociais. Em resumo

O pentecostalismo nasce, portanto, como forma de resistência do povo negro nos Estados Unidos, desejante de viver sua espiritualidade em diálogo com sua ancestralidade e que não se enquadravam nos discursos e liturgia proposta pelo cristianismo protestante branco. Embora os protestantes pentecostais encontrassem dificuldades de praticar sua fé na forma institucional e convencional da religião frente à resistência do protestantismo tradicional e fundamentalista estadunidense, foi a partir da década de 1960 que estes iniciam uma aproximação com os pentecostais, com o intuito de retomar os espaços perdidos na religiosidade da classe trabalhadora (Costa; Corazza; Tostes, 2022, p. 12).

A segunda onda Pentecostalismo de transição, na fase moderna, refere-se ao Pentecostalismo Neoclássico ou Deuteropentecostalismo (1950–1980) — a Igreja do Evangelho Quadrangular – IEQ, em São João da Boa Vista (São Paulo, 1951) em que a maior parte de sua liderança é composta por mulheres; a Igreja Brasil para Cristo – IBPC (São Paulo, 1955); a Igreja Pentecostal Deus é amor – IPDA (São Paulo, 1962) e a Casa da Bênção (Minas Gerais, 1964).

O Pentecostalismo Neoclássico correlaciona os dons de falar em línguas e com ênfase na cura divina, como sinal do batismo do Espírito Santo. Essa denominação se inicia com a vinda de dois missionários norte-americanos Harold Edwin Williams e Raymond Boatright, membros da Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular (IEQ), que instituíram a Cruzada Nacional de Evangelização assentada na cura divina. Posteriormente, essa organização emancipa-se da organização estrangeira (Souza; Magalhães, 2002).

A IEQ é fundamentada em quatro pilares: Jesus salva, Jesus batiza, Jesus cura e Jesus voltará. Para a difusão do evangelho, os pregadores utilizavam, além da rádio, como meio de comunicação em massa, às tendas de lonas para interagir com o público. Com o intuito de atrair novos adeptos, os missionários traçavam uma rota pelo interior do estado de São Paulo (Souza; Magalhães, 2002).

---

centros pentecostais an área de Los Angeles, de modo que, em 1912, havia pelo menos doze anos na cidade (Anderson, 2019).

Esse movimento religioso atraiu para si pastores provenientes de outras Igrejas Evangélicas e fiéis das camadas mais pobres da sociedade. A expansão das indústrias nas grandes metrópoles proporcionou a chegada dos migrantes como mão-de-obra. As acusações de que os seus religiosos praticavam charlatanismos e curandeirismos repercutiram de tal maneira, vindo a público, através da imprensa, que esta confissão se tornou conhecida. Em seguida, ocorreu uma fragmentação do Pentecostalismo em outras igrejas no país (Mariano, 2013).

A terceira onda, na fase pós-moderna (1980 em diante), concerne ao Neopentecostalismo brasileiro — a Igreja Nova Vida – INV (1960) a Igreja Universal do Reino de Deus – IURD (1977), pelo bispo Edir Macêdo, no Rio de Janeiro; a Igreja Internacional da Graça de Deus – IIGD (1980), no Rio de Janeiro; a Igreja Apostólica Renascer em Cristo (1986), em São Paulo; Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1992), em Goiás; Igreja Mundial do Poder de Deus – IMPD (1998), no Rio de Janeiro, dentre as demais. Cabe lembrar que essa denominação religiosa adveio de diversas origens missionárias. No entanto, a maior parte de sua liderança é formada por pregadores nacionais (Mariano, 1999).

O Neopentecostalismo atravessou um período de consolidação como força social e política. Nesse contexto, encontrava-se voltado para o exercício da fé, com a Teologia da Prosperidade (originada na América do Norte), anunciando a palavra através da mídia eletrônica, denominada de tele-evangelismo (rádio, televisão etc.), e, na atualidade, utilizando-se das mídias sociais (Souza; Magalhães, 2002). O Neopentecostalismo, explorando a sua dimensão espacial, saiu dos templos para ocupar os espaços sociais como os ginásios e estádios de futebol (Souza; Magalhães, 2002).

Enfatiza-se que na América Latina, território em que a cultura religiosa exerce expressiva influência, a cristianização se deu, até o século XIX, sobretudo, através do Catolicismo Romano, e só mais tarde passou a receber as comunidades protestantes. A sociedade Latino-americana passou por um processo de pluralização social e de diversidade religiosa que se deu, particularmente, com o aumento exponencial de sociabilidades confessionais Evangélicas, Pentecostal e Neopentecostal (Passos, 2005).

Nessa investigação, partiu-se da compreensão de que o Pentecostalismo é um movimento cristão que se expandiu com o seu campo religioso segmentado, através de igrejas independentes, durante o Século XX e início do Século XXI, pela Europa, Ásia, África, América do Norte, América Latina, Caribe e Pacífico. Cabe lembrar que a própria organização dos Ministérios da Assembleia de Deus (os diversos ramos), compostos por uma

Igreja sede e suas filiadas, contribuiu para essa diversidade religiosa (Passos, 2005).

Movimento popular de massa, o Pentecostalismo é visto como um fenômeno latino-americano, considerando-se que muitas de suas denominações surgiram, anteriormente, àqueles referentes ao Pentecostalismo Norte-americano que à época vinha despontando. O movimento Pentecostal da América Latina é díspar do Norte-americano no que diz respeito ao Brasil, Argentina e Chile em que se concentram dois terços dos Pentecostais, dessa região, possuindo as maiores Igrejas Pentecostais.

Os demais países da América Latina receberam apoio das missões ocidentais vindas da Suécia e da América do Norte. Considerando-se toda a sua complexidade, referente a sua origem e características distintivas, além da fragmentação que intercorreu nessa denominação, o Pentecostalismo da América Latina é de difícil classificação (Anderson, 2019).

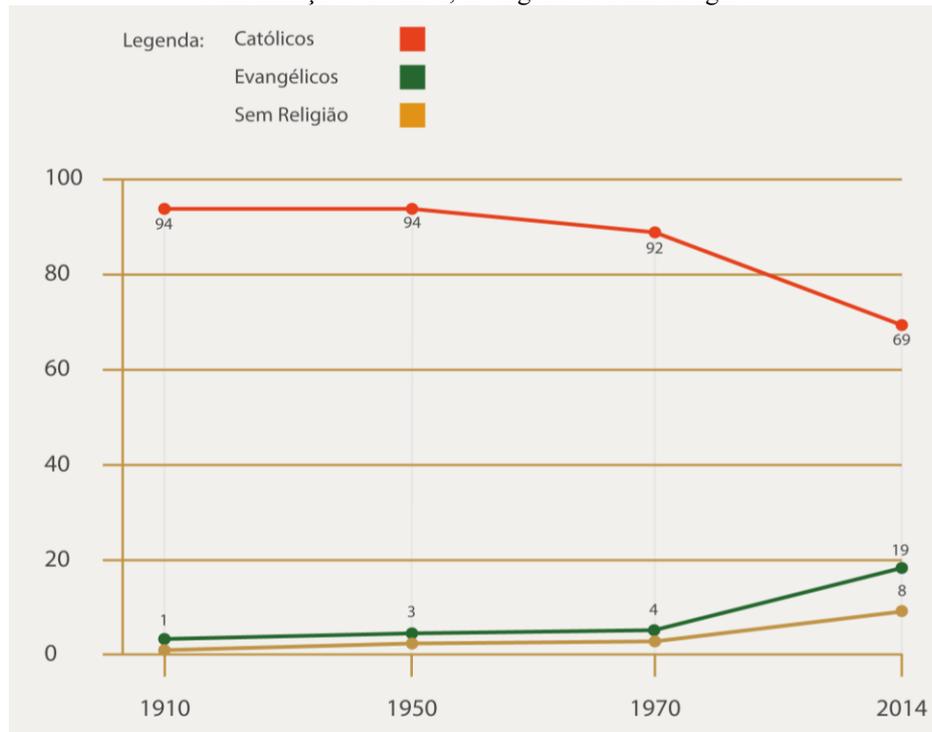
O Relatório do Pew Research Center (2014) certificou a época que a América Latina concentrava mais de 425.000.000 milhões de Católicos (69%), correspondendo a 40% da população do mundo. No período de 1900 a 1960, a religião Católica Apostólica Romana predominou nessa região, estimada em 90% de sua população. Ainda que essa denominação permaneça majoritária, nos dezoito países<sup>15</sup> examinados, na pesquisa do Relatório Pew Research Center (2014), apresentou um decréscimo numérico e, diversamente, se deu um crescimento expressivo da religião Evangélica.

Os vínculos identitários Católicos da população latino-americana passaram por uma retração de 1950 a 1970, respectivamente, de 94% para 92% de autodeclarantes. É pertinente dizer que, embora o catolicismo estivesse consolidado na América Latina, intercorreu, nos anos de 1970 a 2014, um decréscimo de 23 pontos percentuais em que 69% dos adultos se autodeclararam Católicos (Gráfico 1).

---

<sup>15</sup>A pesquisa realizada pelo Pew Research Center (2014) contou com um levantamento em 18 países e em um território dos Estados Unidos (Porto Rico) na América Latina e Caribe, de outubro de 2013 a fevereiro de 2014 (Pew Research Center, 2014).

**Gráfico 1:** Porcentagem da população da América Latina referente as denominações Católica, Evangélica e Sem Religião.



**Fonte:** adaptada de Pew Research Center (2014).

Levando em conta que ocorreu, nas décadas posteriores, uma mudança na identificação com o Catolicismo, resultando em perdas líquidas seja, em decorrência da mudança de religião, ou seja, por desaprovação da religião organizada, entre outras questões associadas (Pew Research Center, 2014). Ao serem questionados a respeito das razões da conversão ao Evangelicalismo 81% dos ex-católicos latino-americanos entrevistados no levantamento do Pew Research Center (2014, p. 2) responderam que “estavam buscando uma conexão mais pessoal com Deus”.

O Cristianismo Evangélico atingiu, no período de 1970 a 2014, um crescimento de 15 pontos percentuais. Pode-se inferir que o crescimento de 19% dos evangélicos se dá também em consequência de que parte dos latino-americanos, 65% deste total, passou a seguir às denominações evangélicas Pentecostais e Neopentecostal. Enquanto apenas 4% incluem-se nas denominações religiosas das Testemunhas de Jeová, Mórmons, Muçulmanos, Hindus, Judeus, Espíritas e adeptos de Religiões Afro-Caribenhas, Afrobrasileiras ou Indígenas, cresce em 8% os sem filiação religiosa.

Os Sem Religião (ateu, agnóstico e sem religião específica) obtiveram um crescimento de 4 pontos percentuais, de 1970 a 2014, em que 8% se autodeclararam sem afiliação específica (Pew Research Center, 2014). A respeito do campo religioso latino-

americano, depreende Silva (2018, p. 262) que “assim, na América Latina a laicidade não significa necessariamente secularização, mas identifica-se com a pluralidade religiosa no espaço público, um espaço multiconfessional”.

A pesquisa recente da Corporación Latinobarómetro 2020 (sede da ONG – Santiago do Chile) apresentou as mudanças no perfil dos seguimentos religiosos na América Latina, no período de 1995 a 2020. Na comparação realizada com os quatro perfis de autodeclarações Católica, Evangélico, Nenhuma e Outras, identificou-se um movimento de pluralização do campo religioso que se deu nessa região nos últimos vinte e cinco anos (1995, 2000, 2005, 2010, 2015, 2020) Examinou-se que, com apenas 56% de autodeclarados, a denominação Católica Apostólica Romana apresentou um decréscimo constante. No tocante aos Evangélicos, esses permaneceram em crescimento com um percentual de 18,7%, assim como, os Sem religião (15,9%). Por sua vez, outras denominações atingiram um crescimento de 9,4% de autodeclarados, no decorrer de 2020 (Folha de São Paulo, 2020).

Diante dessas mudanças na religiosidade latino-americana e a diversidade de novas crenças, sinalizando uma fragmentação desse campo religioso, parece acertado que essa pesquisa sobre o fenômeno religioso brasileiro, no campo da cultura visual, prescindirá de uma leitura desse ator religioso contemporâneo, assim como do novo perfil socioeconômico e em números, e mais, especificamente, dos cristãos Evangélicos Pentecostais da Assembleia de Deus. Cabe lembrar que, na implantação do Pentecostalismo no país, as referências encontradas a respeito do perfil socioeconômico dos seus membros, em geral, é que pertenciam as classes mais desfavorecidas economicamente e formadas por negros, pardos e ameríndios (Anderson, 2019).

A primeira realização de um culto evangélico no Brasil (1557) se deu na Escola Naval, localizada na Ilha de Villegagnon, no Rio de Janeiro (Conde, 1960). A cultura evangélica historicamente no país foi concebida em torno da Proclamação da República brasileira (1889) em que o Estado brasileiro se tornou laico, em 7 de janeiro de 1890 (até então com religião oficial<sup>16</sup> no Império), realizando a separação institucional entre Estado e Igreja no Brasil, pelo Decreto nº 119-A<sup>17</sup> e pela Constituição da República dos Estados

---

<sup>16</sup>Constituição Política do Império do Brazil de 25 de março de 1824. Art. 5. A Religião Catholica Apostolica Romana continuará a ser a Religião do Imperio. Todas as outras Religiões serão permittidas com seu culto doméstico, ou particular em casas para isso destinadas, sem fórma alguma exterior de Templo. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/137569/Constituicoes\\_Brasileiras\\_v1\\_1824.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/137569/Constituicoes_Brasileiras_v1_1824.pdf). Acesso em: 07/08/2021.

<sup>17</sup>Decreto nº 119-A. Art. 1º É prohibido á autoridade federal, assim como á dos Estados federados, expedir leis, regulamentos, ou actos administrativos, estabelecendo alguma religião, ou vedando-a, e crear differenças entre os habitantes do paiz, ou nos serviços sustentados á custa do orçamento, por motivo de crenças, ou opiniões

Unidos do Brasil de 1891, em que se deu a secularização jurídica do Estado brasileiro. De modo consequente, a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, no seu Art. 5º, § 3º declara a liberdade religiosa de todos os credos<sup>18</sup>, promovendo o mercado religioso pluralista.

Essas denominações evangélicas já possuíam as prerrogativas constitucionais prevista na segunda Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil (1891), primeira no sistema republicano, e na Emenda Constitucional, de 3 de setembro de 1926, que em seu artigo Art. 72, § 3º, declara preservado o direito de todo o cidadão brasileiro exercer<sup>19</sup> o seu culto, independente da confissão religiosa (Brasil, 1891). É importante salientar que a diversidade religiosa brasileira se origina a partir das matrizes religiosas indígena, africana, ocidental e oriental presentes no país.

O Pentecostalismo (1910) no território brasileiro se traduz em um fenômeno centenário que, com o passar das décadas, obteve uma expansão e expressivo crescimento no número de autodeclarados, conforme constatado nos últimos Censos Demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 1991; 2000; 2010). Diferentemente das práticas religiosas e culturais norte-americanas, o Pentecostalismo que chegou aqui adaptou-se à realidade brasileira, aos diversos contextos sociais e as plurais culturas, ressignificando as práticas pentecostais e resultando em um significativo crescimento desse movimento, averiguando-se que

Poucos movimentos religiosos alcançaram tão elevada expressão, em tão curto espaço de tempo, como o Movimento Pentecostal, isto é, como o crescimento das Assembleias de Deus em nosso país. Nenhuma organização religiosa foi tão combatida, tão mal compreendida e recebida com tantas reservas, suspeitas e malquerenças, quanto foi o Movimento Pentecostal. Porém também é certo que nenhum outro movimento cresceu tanto em igual período, nem se projetou com tanta rapidez, como as Assembleias de Deus, apesar de as mesmas não contarem com recursos financeiros, nem possuírem destacados valores intelectuais (Conde, 1960, p. 8).

---

philosophicas ou religiosas. Art. 2º a todas as confissões religiosas pertence por igual a faculdade de exercerem o seu culto, regerem-se segundo a sua fé e não serem contrariadas nos actos particulares ou publicos, que interessem o exercicio deste decreto.

<sup>18</sup>Constituição Federal 1988, Inciso VI do artigo 5º. Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 07/08/2021.

<sup>19</sup>Constituição Federal de 1891, Art. 72, § 3º. Todos os individuos e confissões religiosas podem exercer publica e livremente o seu culto, associando-se para esse fim e adquirindo bens, observadas as disposições do direito commum. Disponível em: (Redação dada pela Emenda Constitucional de 3 de setembro de 1926). Acesso em: 07/08/2021.

Infere-se que a secularização, a partir do Estado moderno, juntamente com o exercício da liberdade religiosa e o pluralismo religioso ocasionaram uma mudança no universo religioso brasileiro que concorreu para que outras crenças e práticas religiosas fossem introduzidas no país, observando-se a expansão que obtiveram as denominações religiosas, sobretudo, as Pentecostais através dos dados sociodemográficos examinados nessa pesquisa. Em Mariano (2003) encontra-se o seguinte esclarecimento:

No caso brasileiro, a ampla liberdade religiosa resultante da secularização do Estado está na raiz da desmonopolização religiosa, da formação e expansão do pluralismo religioso e, por consequência, do acirramento da concorrência religiosa. Isto é, a concessão de liberdade religiosa e a separação Igreja–Estado romperam definitivamente o monopólio católico, abrindo caminho para que outros grupos religiosos pudessem ingressar e se formar no país, disputar e conquistar novos espaços na sociedade, adquirir legitimidade social e consolidar sua presença institucional. Fenômeno que não ocorreu do dia para a noite, mas paulatinamente e aos tropeços. A perseguição policial aos cultos afro-brasileiros efetuados até os anos 50 atesta a longa via-crúcis percorrida pela liberdade religiosa no país. De todo modo, atualmente o Estado brasileiro trata de modo isonômico, pelo menos no Plano Jurídico, os diferentes grupos religiosos (Mariano, 2003, p. 112-113).

A respeito dessas transformações no campo religioso brasileiro, para dialogar com Mariano (2003), recorreu-se às considerações de Soares (2019) que, entre outros questionamentos, discorreu sobre um aspecto significativo do Pentecostalismo contemporâneo: a individualidade e a religiosidade intramundana. Soares (2019) argumentou que

É curioso observar que a individualidade não se afirma apenas entre os andarilhos da “nova era” ou das religiosidades alternativas, nem apenas entre os errantes que experimentam diferentes religiões institucionalizadas, optando provisoriamente por alguma ou combinando algumas, como um sujeito sincrético, em lugar do antigo fiel cuja crença era sincrética. A individualidade também se constitui no âmbito evangélico pentecostal na medida em que se abraça a religiosidade intramundana. Afinal, o mundo de que se trata é regido pelo individualismo igualitário de raiz liberal, ao menos formalmente, normativamente e cada vez mais na vida real, graças à democratização participativa cidadã, recentemente bloqueada. Quanto mais o evangélico investe com realismo pragmático no mundo, mais contagiante torna-se o individualismo, o qual como sabemos, se bifurca em egoísmo utilitário e experiência de autonomia, sintonizada com os princípios que constituem o eixo dos direitos humanos (Soares, 2019, p. 105-106).

Mediante esse cenário de mudanças no campo religioso brasileiro que se associam às transformações no campo sociocultural e político, este trabalho detém-se a investigar a segunda maior denominação religiosa brasileira — a Igreja Evangélica Assembleia de Deus — no que concerne aos dados sociodemográficos que refletem sua expansão e, assim, buscar traçar o perfil dos assembleianos na contemporaneidade. Essa denominação é considerada a

maior representação do Pentecostalismo não apenas no Brasil, mas em todo o mundo, em termos de autodeclarados membros e números de templos.

Cabe justificar que, na ausência das informações censitárias referentes ao Censo demográfico de 2020 (IBGE, 2020) que possibilitaria uma discussão sobre a realidade e a composição social que leva às novas tendências no campo religioso brasileiro, essa pesquisa se limitará a exploração dos dados divulgados pelos Censos Demográficos das décadas de 1991, 2000 e 2010 (IBGE, 1991; 2000; 2010).

O Censo de 2020, com realização prevista para o mesmo ano, atendendo às orientações do Ministério da Saúde, devido ao quadro de emergência de saúde pública ocasionado pela pandemia da Covid-19, sofreu alteração no seu calendário de execução para o ano de 2021. Logo em seguida, o Conselho Diretor do IBGE comunicou a tomada de decisão de adiar o Censo 2021 para 1º de agosto de 2022, ocasionado pela demora da aprovação do orçamento previsto pelo Projeto de Lei Orçamentária, pelo Governo Federal, com previsão de R\$ 2.292.957.087,00 bilhões de reais.

Para o Censo 2022, o IBGE publicou dados referentes ao total da população residente no país de 203 milhões (203.062.512) de habitantes, registrando um acréscimo de 12,3 milhões (2010-2022). Esse resultado aponta para um processo de desaceleração da população brasileira (2010-2022), sendo essa a menor taxa de crescimento (0,52%) registrada no país, do período de 1872 a 2010. Até a presente data (28/09/2023), nenhum resultado referente a dados sobre denominação e filiação religiosa foi divulgado pelo IBGE.

Por conseguinte, para a obtenção dos dados indispensáveis a essa investigação, será utilizado o Relatório do Pew Research Center “Religião na América Latina: Mudança Generalizada em uma Região Historicamente Católica” (2014) que analisa as afiliações, crenças e práticas religiosas em 18 países, além de um território dos Estados Unidos (Porto Rico), no espaço geográfico da América Latina e Caribe (Pew Research Center, 2014). Assim como, o “Perfil e opinião dos evangélicos no Brasil – total da amostra PO813906” (2016) do Instituto de Pesquisa Datafolha e, da publicação eletrônica na Folha de São Paulo, da pesquisa desse mesmo Instituto (13/12/2020) e do Corporación LatinoBarómetro 2020.

Além disso, a fim de contextualizar o fenômeno religioso, no âmbito socioespacial, no Estado da Paraíba e no Município de João Pessoa, será analisado como acontece à fragmentação do campo religioso e, como consequência disso, sua pluralização, Examinar-se-á o crescimento e a retração das filiações, considerando a matriz religiosa ocidental, nas denominações religiosas de interesse dessa pesquisa, especialmente, do Cristianismo

Evangélico Pentecostal da Assembleia de Deus. De acordo com Campos (2005) o movimento Pentecostal passou por uma subdivisão, destacando que

Porém, durante o seu processo de expansão e de institucionalização, esse movimento religioso se fragmentou em inúmeras seitas, denominações e igrejas em todo o mundo, assumindo características e fisionomias locais, que hoje dão a ele a complexidade que chega às vezes a confundir analistas menos cuidadosos desse fenômeno (Campos, 2005, p. 113).

A tradição religiosa católica esteve presente na cultura e nas inter-relações sociais do país, em que a maioria da população brasileira (99,7% de 9,9 milhões de habitantes), em 1872, se declarava católica. Com o crescimento dos índices percentuais de outras matrizes religiosas a partir da segunda metade do século XX, as afiliações às crenças e às práticas religiosas já não se dão mais por pressão social exercida de alguma maneira por essa denominação religiosa, o que implicaria na opção dos declarantes. Mas, diante da autonomia e da liberdade religiosa assegurada pela laicidade do Estado (1890) e pela desmonopolização religiosa, por uma escolha pessoal (Alves, 2022).

Convém destacar que em consequência do florescimento de outros grupos religiosos, dentro das quatro matrizes religiosas (Católica, Evangélica, nenhuma e Outras) ocorreu uma variedade de ofertas de produtos e serviços religiosos, como os bens de salvação, ressaltando-se a visibilidade pública, o impacto na religião causado pelo uso das mídias sociais e pelas redes sociais, principalmente, pelo movimento evangélico, disponibilizando e divulgando informação sobre as mensagens religiosas e poder político partidário (Mariano, 2003). Como prováveis fatores de expansão do pentecostalismo, o relatório Pew Research Center (2014) sublinha que

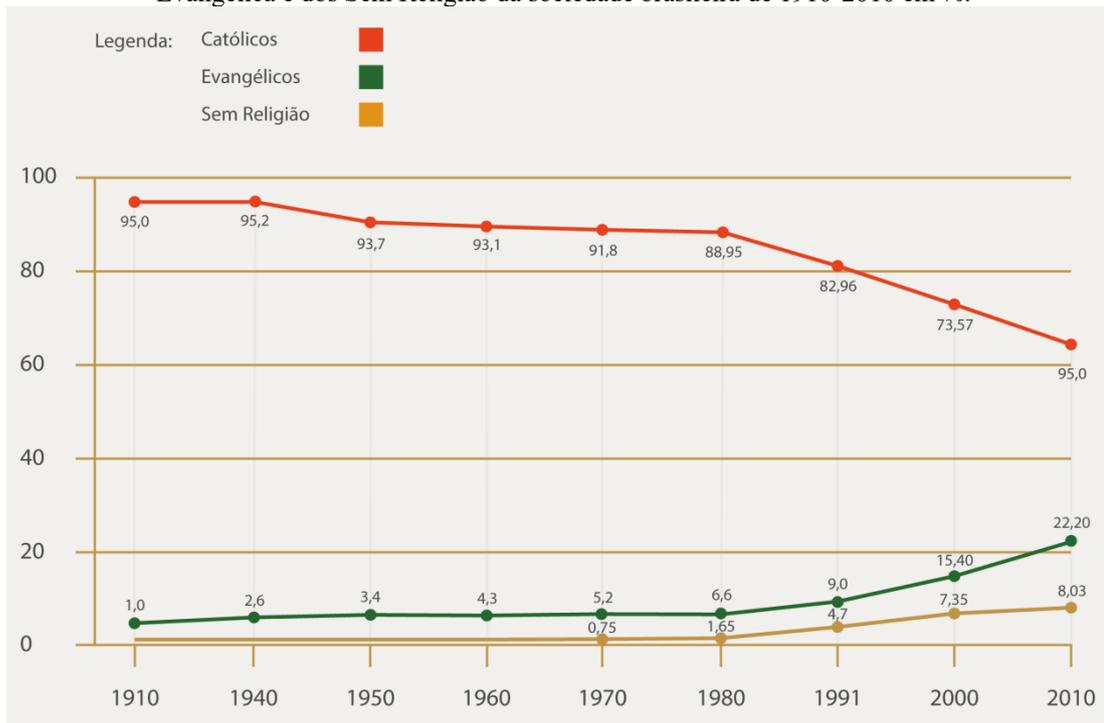
Os estudiosos em religião na América Latina oferecem diversas explicações sociológicas possíveis para o crescimento do protestantismo e, principalmente, de sua variante pentecostal. Uma teoria defende que a compatibilidade do pentecostalismo com as religiões indígenas aumentou seu apelo entre os latino-americanos. Ao enfatizar o contato pessoal com o divino por meio da cura pela fê, fala em línguas e profecias, o pentecostalismo atrai as pessoas que compartilham uma afinidade com as religiões indígenas que tradicionalmente incorporam crenças e práticas associadas à comunicação direta com o “mundo espiritual”. Outra possível explicação destaca os motivos práticos pelos quais o pentecostalismo pode ter ganhado a adesão de seguidores na região. Os pentecostais geralmente enfatizam a mobilidade social e econômica ascendente e a parcimônia. Consequentemente, os seguidores do pentecostalismo podem considerar a religião uma forma mais propícia para a prosperidade econômica (Pew Research Center, 2014, p. 24-25).

Desse modo, para examinar o campo religioso brasileiro nesse processo de transição, iniciado na década de 80, que se deu através de uma intensa movimentação na filiação

religiosa em consequência do trânsito religioso<sup>20</sup>, estimulado pelo diálogo inter-religioso e pelo crescimento acelerado do pluralismo religioso, com a perda do poder hegemônico da Igreja Católica Apostólica Romana, a globalização, múltiplas pertenças e a periferização da religião, utilizar-se-á os dados fornecidos pelo IBGE, Pew Research Center, Instituto de Pesquisa Datafolha e do Corporación LatinoBarómetro.

Pode-se detectar que, em um período de 70 anos (1940-2010), a religião Católica Apostólica Romana, de longa tradição histórica no país, apresenta a partir da década de 70 (93.139.037 milhões de habitantes) uma diminuição no percentual de autodeclarados, com uma redução em torno de 27%, tomando-se como referência o índice do Censo de 2010. Apesar de o catolicismo representar, na década de 80, a maioria da população brasileira (119.011.052 milhões), o percentual de 88,95% (105.861.113 milhões) de autodeclarações já evidenciava as transformações do fenômeno religioso no país (Gráfico 2).

**Gráfico 2:** Distribuição da população pertencente a religião Católica, Evangélica e dos Sem Religião da sociedade brasileira de 1910-2010 em %.



Fonte: adaptada de IBGE (2010)

<sup>20</sup>Trânsito religioso. “Esta noção aponta, pelo menos, para um duplo movimento: em primeiro lugar, para a circulação de pessoas pelas diversas instituições religiosas, descrita pelas análises sociológicas e demográficas; e, em segundo, para a metamorfose das práticas e crenças reelaboradas nesse processo de justaposições, no tempo e no espaço, de diversas pertenças religiosas, objeto preferencial dos estudos antropológicos” (Almeida, 2001, p. 93).

Em relação à questão de mudanças no pertencimento religioso dos brasileiros, outra análise propicia a essa pesquisa, no que se refere à denominação Evangélica, é que nesse mesmo período, nos Censos 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010, respectivamente, 5,2%, 6,6%, 8,98%, 15,4% e 22,2%, registrou-se que, na década de 70, apenas 5,2% se autodeclararam pertencentes a essa denominação. Posteriormente, ocorreu da década de 70 para 80, um aumento de, respectivamente, 5,2% (4.833.106 milhões) para 6,6% (7.885.650 milhões) de autodeclarados, apresentando um acréscimo de 1,4%.

Enquanto se observou uma expansão de 6,8 pontos percentuais de autodeclarados Evangélicos, do ano de 2000 para 2010. Cabe ressaltar que, no Censo de 2010, os evangélicos apresentaram um crescimento de proporção acelerada, com 22,2% (42.275.440 milhões) de autodeclarados. Assim sendo, tomando-se como referência os Censos Demográficos de 1970-2010, os Evangélicos atingiram um aumento de 17 pontos-percentuais.

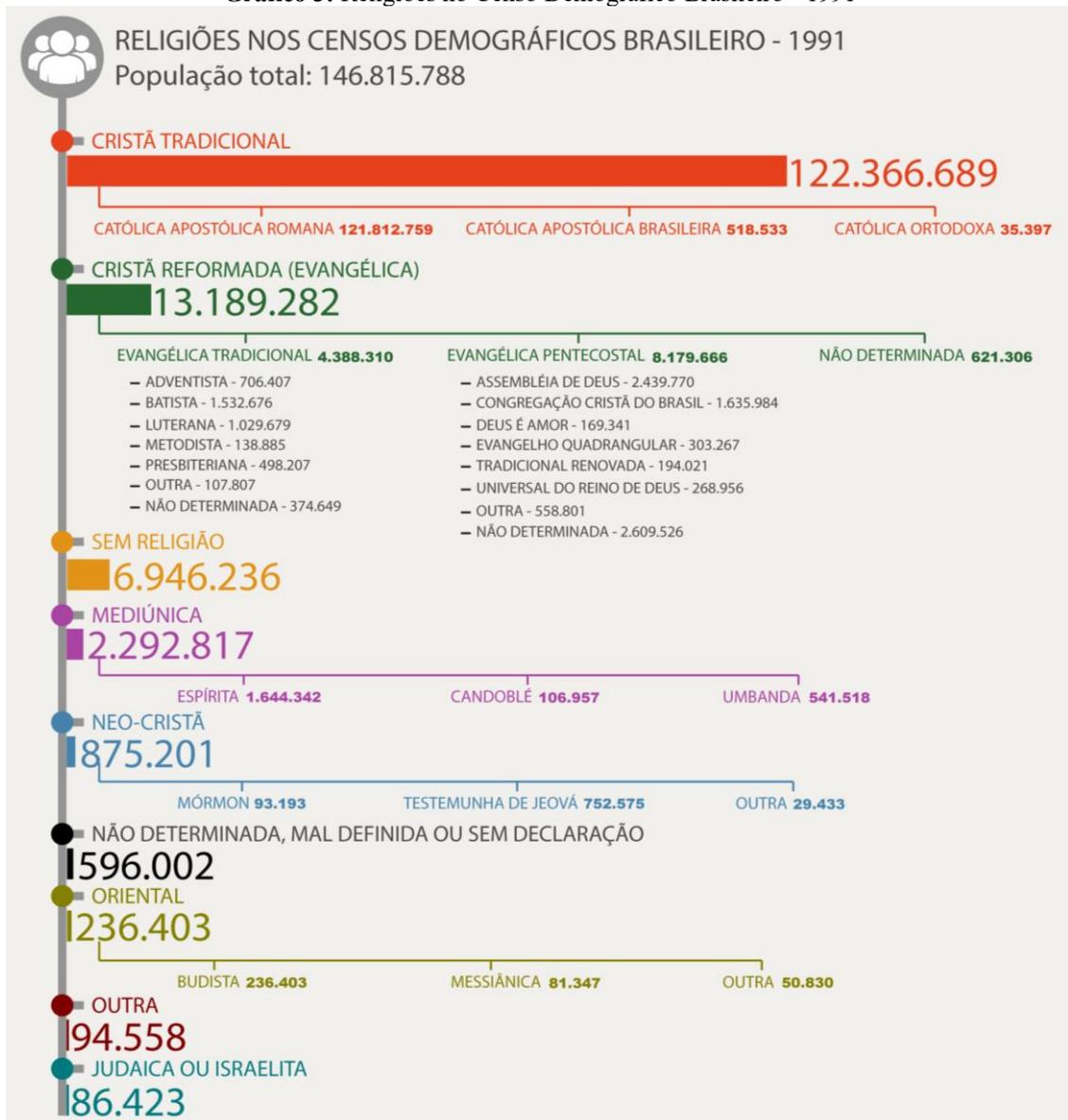
A denominação Sem Religião apresenta um crescimento, principalmente, quando se examina as três últimas décadas, perfazendo 3,33 pontos-percentuais de 1991 a 2010 (IBGE – Censo Demográfico). Desse modo, afere Soares (2019) sobre os autodeclarados Sem Religião a quem denominou de errantes e nômades, sublinhando que

Ampliou-se o contingente que denominei, em 1994, errante, nômade. Esse contingente frequentemente se diz “sem religião”, apesar de prezar a religiosidade. Referia-me ao personagem típico dessa tribo como “um peregrino muito especial”. Escrevi o seguinte: O religioso alternativo brasileiro é também um andarilho. Faz parte de sua agenda um deslocamento permanente entre formas de trabalhar a espiritualidade, em nome de uma busca sempre renovada de experiências místicas. Nada mais coerente, portanto, que a inconstância e a volubilidade. A devoção a crenças e rituais se dá, geralmente, sob o signo da experimentação. Itinerário indefinido, montado na travessia, o errante da nova era caminha solitário, raramente se une a procissões e, mais raramente ainda, identifica sua viagem a uma cruzada. Em certo sentido, deseja o repouso de uma adesão definitiva, de vínculos estáveis. Mas tende a reconhecer, na própria busca, a essência de sua utopia e a natureza de sua devoção (Soares, 2019, p. 92).

Em continuidade, com uma população de 146.815.788 milhões de habitantes, sublinha-se que a denominação cristã tradicional perfazia um total de 83,34% (122.366.689 milhões) autodeclarados. Verifica-se que apesar da religião Católica Apostólica Romana representar, em 1991<sup>21</sup>, a expressão religiosa com o maior número de declarantes, perfazendo um total de 121.812.759 milhões, já demonstrava uma queda no percentual de autodeclarados (82,96%) de 4,44 pontos percentuais se comparada ao percentual da década de 80 com 87,40% (105.860.063) autodeclarados (Gráfico 3).

<sup>21</sup>A realização do Censo da década de 90 somente ocorreu no ano de 1991 (IBGE 2010).

Gráfico 3: Religiões no Censo Demográfico Brasileiro - 1991



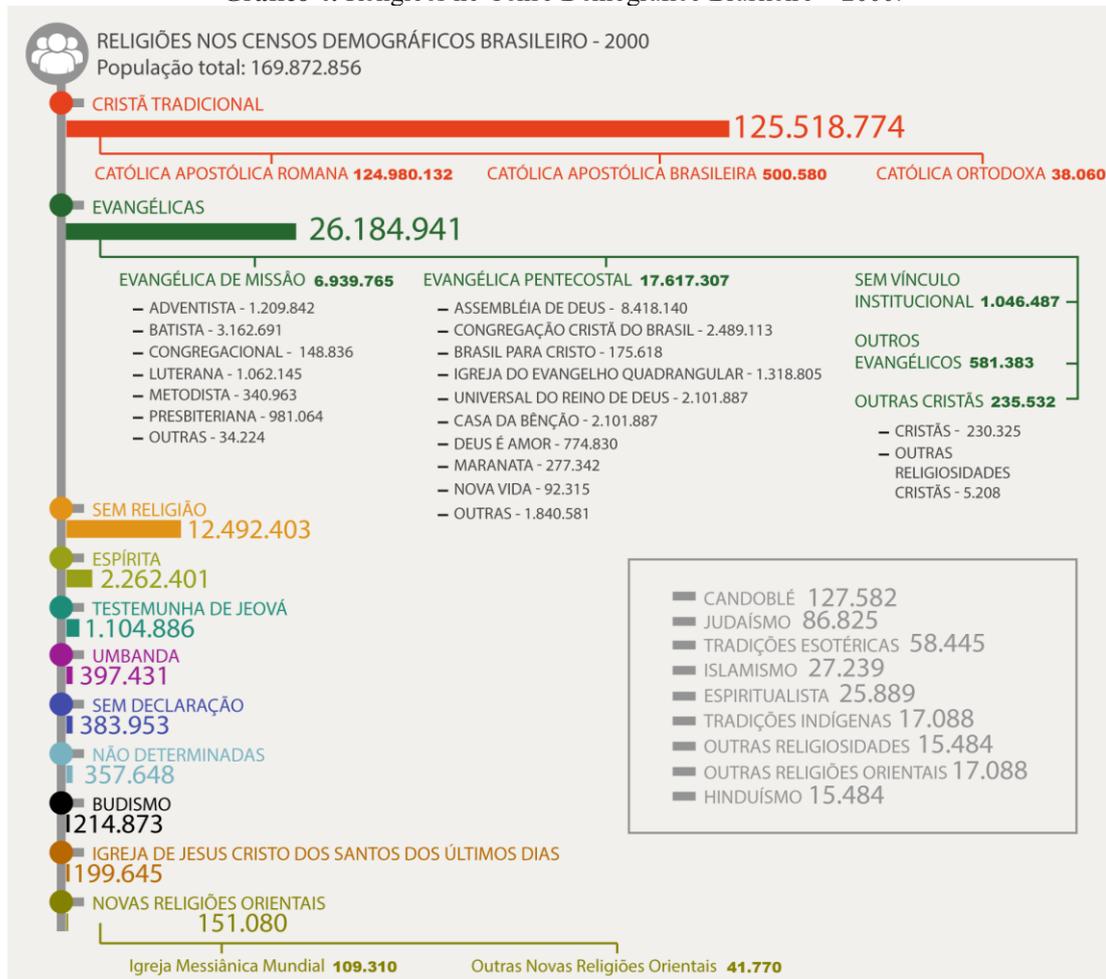
Fonte: adaptado de IBGE (2010).

Conquanto a religião evangélica (cristã reformada) tenha registrado um crescimento total de 9% (13.189.282 milhões) de autodeclarados, destaca-se que a denominação pentecostal continua em expansão, com 62,01% (8.179.666 milhões) de autodeclarados. Cabe frisar que a religião evangélica demonstrou um crescimento de 59,78% no número de declarantes ao longo de uma década, passando de 7.885.846 milhões (em 1980) para 13.189.282 milhões de declarantes em 1991. Dentre as demais denominações pentecostais, a Assembleia de Deus já apresentava uma trajetória de crescimento, com 2.439.770 milhões (29,82%) de declarantes. Por outro lado, os sem religião atingiram o número de 6.946.236 milhões (4,08%) de declarantes.

Mediante a crescente diversidade religiosa brasileira averigua-se que a religião

Católica Apostólica Romana, mesmo que apresentando uma queda expressiva em número de autodeclarados, registrada no Censo de 2000 (IBGE, 2000), assim como nas duas décadas anteriores, continua a representar à maioria da população brasileira (169.872.856 milhões de habitantes), com 124.980.132 milhões (73, 57%) de autodeclarados (Gráfico 4).

**Gráfico 4: Religiões no Censo Demográfico Brasileiro – 2000.**



Fonte: adaptado de IBGE (2010).

Por sua vez, a religião Evangélica com 26.184.941 milhões (15,41%) demonstra, nas informações censitárias desta década, um maior crescimento e, deste total, a Pentecostal perfaz um total de 17.617.307 milhões (67,28%) de autodeclarados. Assim sendo, deste seguimento religioso, a Igreja Assembleia de Deus é a que apresenta um maior crescimento de filiações, com 8.418.140 milhões (47,78%) de autodeclarados. O Relatório do Pew Research (2006) aponta que um dos motivos do crescimento da taxa dos Pentecostais ocorreu em decorrência da migração de um número de Católicos para essa denominação.

Entre 1970 e 2000, de acordo com os Censos Demográficos (IBGE, 2022), o percentual da população católica do país caiu de 91,8% para 73,9%. No mesmo período, os

evangélicos (de missão e pentecostais) passaram de 5,2% para 15,6%. Outras religiões passaram de 2,5% para 3,2% e os sem religião subiram de 0,8% para 7,4%. Desse modo, as variações em percentuais que indicam a expansão do Pentecostalismo; o crescimento dos que se autodeclararam Sem Religião mais que buscam pela espiritualidade; e no que diz respeito a valorização da individualidade e do nomadismo religioso, leva a compreender a migração de pessoas e crenças entre as religiões — o fenômeno do trânsito religioso, no país (Soares, 2019, p. 85).

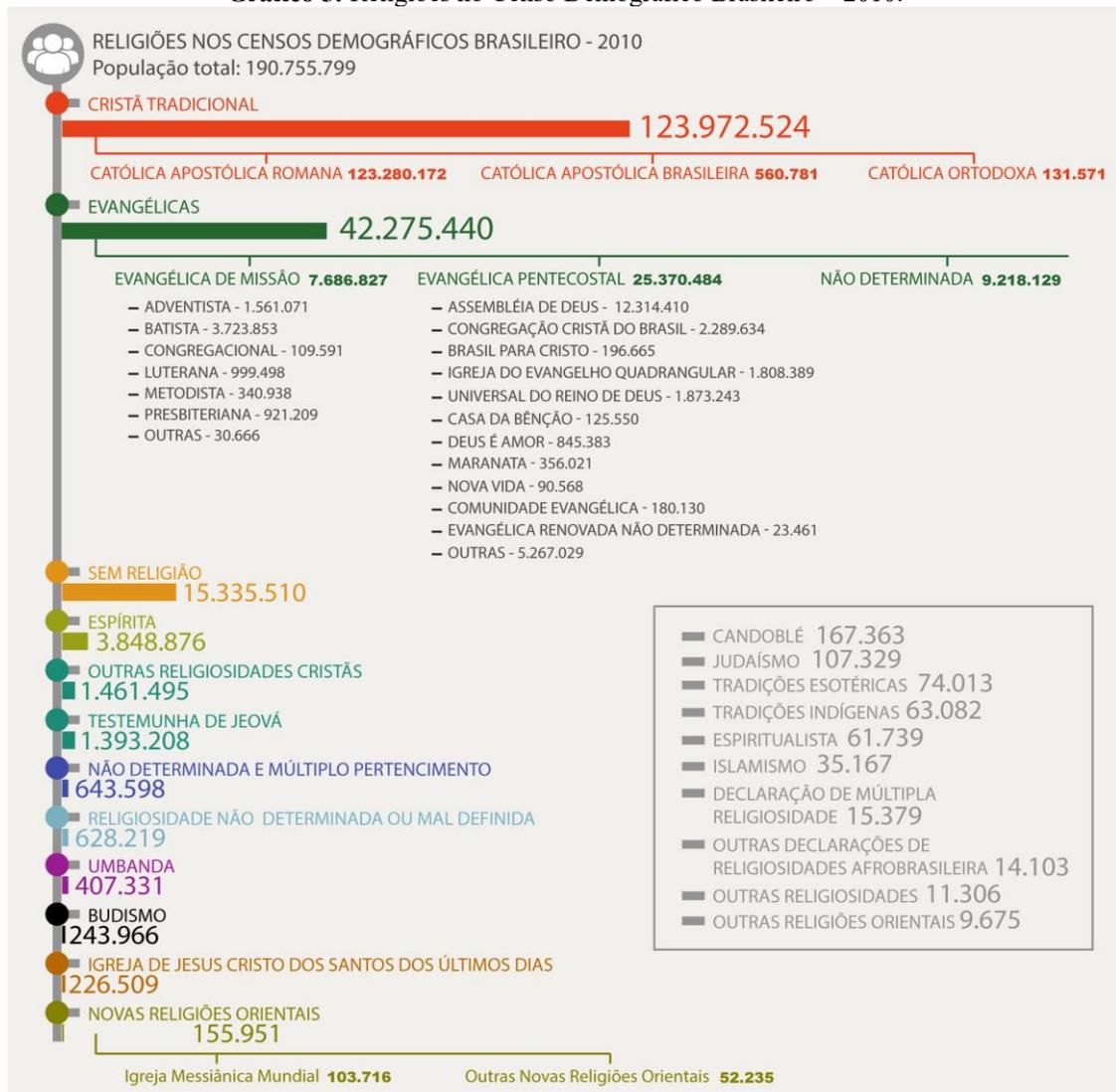
A composição religiosa brasileira no Censo de 2010 (IBGE, 2010), com uma população de 190.755.799<sup>22</sup> milhões de habitantes, registrou uma predominância religiosa Cristã no que diz respeito às denominações religiosas Católicas e Evangélicas, com 166.247.964 milhões (87,15%) de autodeclarantes. Sem embargo, ocorreu uma mudança que, se por um lado, apresenta um cenário voltado para o pluralismo religioso, com a diversidade das denominações Evangélicas<sup>23</sup> (42.275.440 milhões) e o crescimento dos espíritas (3.848.876 milhões) e Sem Religião (15.335.510 milhões), por outro, os índices apontam para a destradicionalização da religião Católica Apostólica Romana.

Apresentando uma queda expressiva do número de autodeclarantes, a denominação Católica Apostólica Romana (2010) perfaz um total de 123.280.172 milhões (64,62%), assim mantendo-se predominante. Sublinha-se que entre as Evangélicas, a Pentecostal se apresenta como a maior denominação em número de autodeclarados com 25.370.484 milhões, sendo a AD aquela que mais cresceu em número com 12.314.410 milhões de autodeclarados (Gráfico 5).

---

<sup>22</sup>Posteriormente, o Censo 2022 publicou dados referentes ao total da população brasileira de 203 milhões (203.062.512), para o ano de 2022 (IBGE, 2022), registrando um acréscimo de 12,3 milhões (2010-2022), sendo essa a menor taxa de crescimento (0,52) registrada no país.

<sup>23</sup>Evangélicas de Missão – Luterana, Presbiteriana, Metodista, Batista, Congregacional, Adventista, Outras Evangélicas de Missão. Evangélicas de origem pentecostal – Assembléia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, O Brasil para Cristo, Evangelho Quadrangular, Universal do Reino de Deus, Casa da Bênção, Deus é Amor, Maranata, Nova Vida, Renovada não determinada, Comunidade Evangélica, Outras Igrejas Evangélicas de Origem Pentecostal (IBGE, 2010).

**Gráfico 5: Religiões no Censo Demográfico Brasileiro – 2010.**

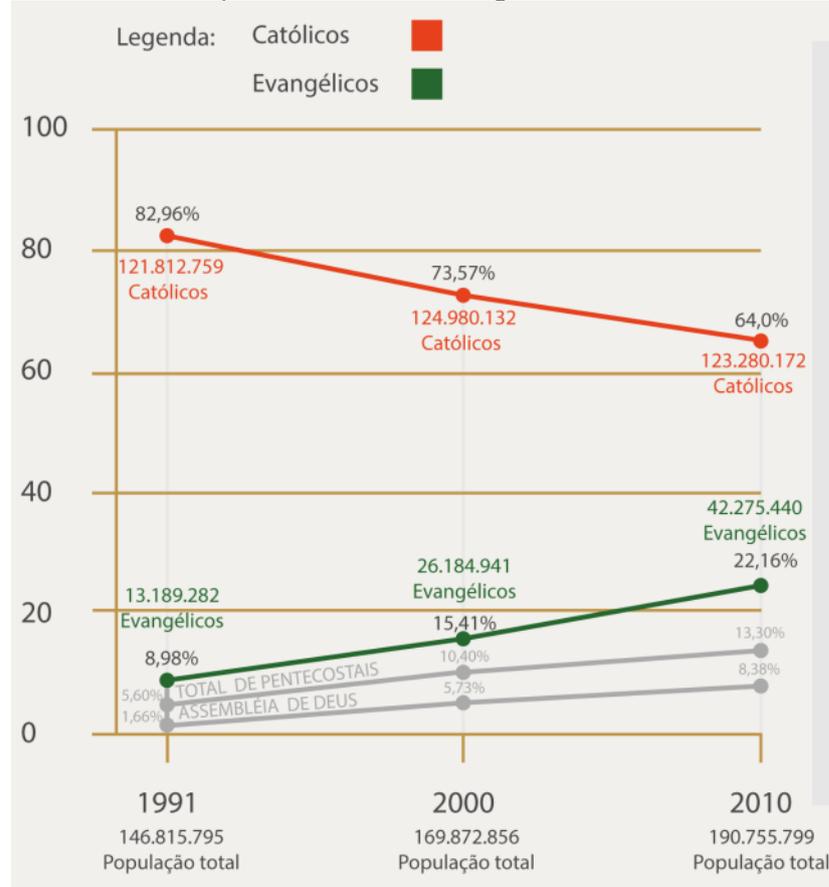
Fonte: adaptado de IBGE (2010).

Segundo a base de dados do IBGE (2022), as denominações evangélicas de Missão e de origem Pentecostal apresentaram, nos Censos de 1980, 1991, 2000 e 2010, respectivamente, um crescimento de 6,6% (7.885.846 milhões), 8,98% (13.189.282 milhões), 15,41% (26.184.941 milhões) e 22,2% (42.275.440 milhões) autodeclarados, firmando-se dentro do Cristianismo não Católico.

Desse total, as denominações evangélicas de origem Pentecostal (Censo 2010) alcançaram o maior número de autodeclarados com 60,01% (25.370.484 milhões), confirmando o aumento acelerado no país. Tomando-se as décadas de 1991, 2000 e 2010 verifica-se que esse aumento se deu de maneira constante, na devida ordem, 5,60% (8.179.666 milhões), 10,40% (17.617.307 milhões) e 22,2% (25.370.484 milhões) autodeclarados, totalizando uma diferença de 16,56 pontos percentuais.

Dentre o segmento Pentecostal 13,30% (25.370.484 milhões), a maioria se autodeclarou da AD, em 2010. Do total dos Evangélicos, essa denominação apresentou significativo crescimento, por três décadas seguidas 1991, 2000 e 2010, respectivamente, 29,82% (2.439.770 milhões), 47,78% (8.418.140 milhões) e 48,53% (12.314.410 milhões), perfazendo uma diferença de 18,71 pontos percentuais (Gráfico 6).

**Gráfico 6:** Católica Apostólica Romana e Evangélica. Censos 1991, 2000 e 2010.



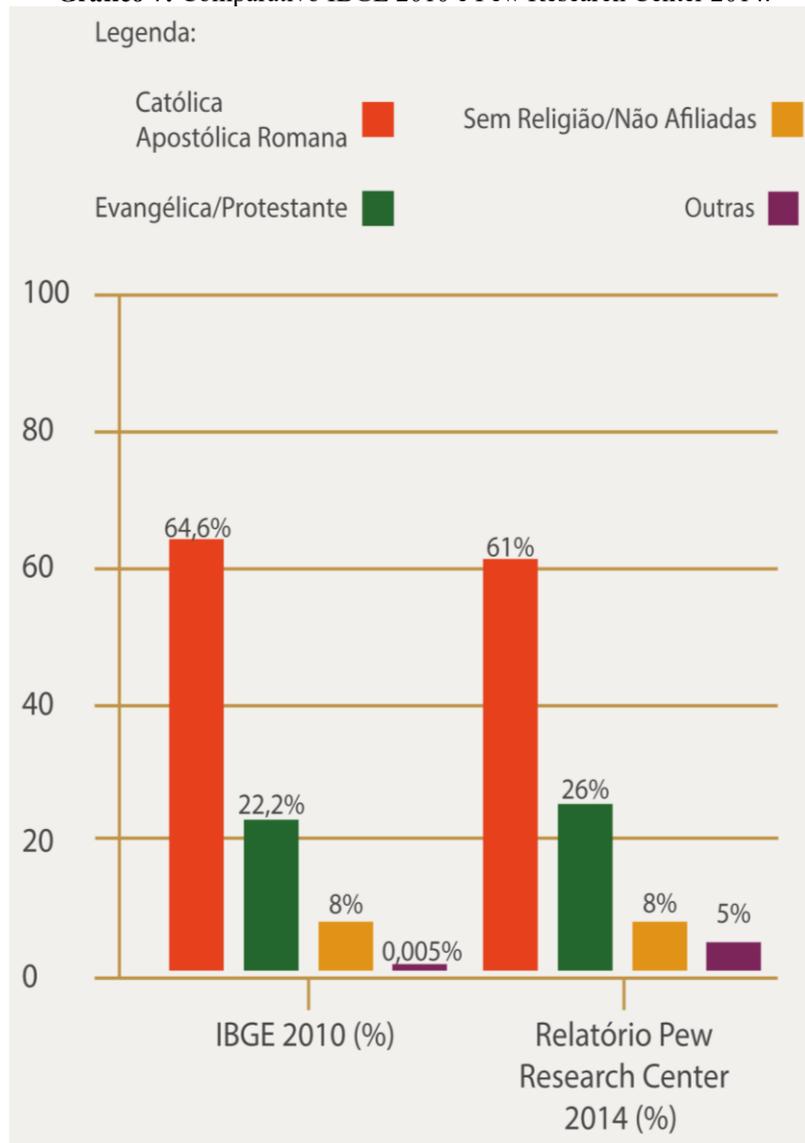
Fonte: adaptado de IBGE (2010).

A denominação Sem religião (ateus, agnósticos ou deístas) totaliza 15.335.510 milhões (8,0%) de autodeclarados. As Evangélicas de Missão representam 18,5% (7.686.827 milhões) que somados as denominações Não Determinadas 21,8% (9.218.129 milhões) perfazem uma totalidade de 39,98% (16.904.956 milhões) de autodeclarados. As denominações religiosas afro-brasileiras (Candomblé e Umbanda) 0,3 % (588.797 mil), assim como, os que se autodeclararam pertencentes a Outras religiões como o Judaísmo 107.329 mil, Budismo 243.966 mil, Hinduísmo 5.675 mil e Islamismo 35.167 com 0,20% (392.137 mil) apresentam-se com percentuais baixos de autodeclarados.

Examinando-se as três últimas décadas 1991, 2000 e 2010, infere-se que a denominação Sem Religião atingiu um acréscimo de 3,3 pontos percentuais, passando de 4,73% (6.946.236 milhões) para 8,03% (15.335.510 milhões) de autodeclarados. Assim como, observa-se um crescimento da denominação Espírita nos Censos 1991, 2000 e 2010, nessa ordem, de 1,12% (1.644.342), 1,33% (2.262.401 milhões) e 2,0% (3.848.876 milhões) autodeclarados.

Frisa Paulo Gracino Júnior (2010, p. 1178) que a “classe média raramente é atraída pela Assembleia de Deus, cuja doutrina ainda possui conotação fortemente moral e avessa ao consumo”. Compreende-se que, na atualidade, esse crescimento já se dá nas classes **A, B e C**, requerendo pesquisas sobre essa perspectiva, com informações mais precisas a esse respeito. Acentua-se que os pentecostais apresentam, em um primeiro momento, um maior crescimento na periferia das grandes regiões metropolitanas. A maior parte dos seus autodeclarados encontrava-se, em 2003, nas classes econômicas **D** com 8,09 % e dos mais pobres que corresponde à classe **E** com 7,07% (Gracino Júnior, 2010).

Cabe lembrar que a denominação Católica Apostólica Romana, em 1991, perfazia um total de 121.812.759 milhões (82,96%), em 2000, 124.980.132 milhões (73,57%) e em 2010 123.280.172 milhões (64,0 %) de autodeclarados. Semelhante ao que vem ocorrendo em quase toda a América Latina, verifica-se no país mais católico do mundo — o Brasil, no período de 1991-2010 um declínio em torno de 18,96% no número de autodeclarados, dessa denominação. Ainda que se mantenha como a maior denominação religiosa do país, no último Censo de 2010 (IBGE, 2010), os dados divulgados pelo Relatório Pew Research Center (2014) (Gráfico 7) confirmam a ocorrência de uma retração em torno de 3,6% do número dos autodeclarados dessa denominação religiosa.

**Gráfico 7:** Comparativo IBGE 2010 e Pew Research Center 2014.

**Fonte:** adaptado de Pew Research Center (2014) e IBGE (2010).

Diante dos resultados dessa pesquisa, observa-se que o crescimento do seguimento Evangélico se deu da seguinte forma: os Pentecostais obtiveram 13,30% de autodeclarados, apresentando um crescimento de 1991-2010 em torno de 7,7% e deste total os assembleianos, nesse mesmo período, obtiveram um acréscimo de 6,72%. Desse montante, que se autodeclara Evangélico, 34% são evangélicos da Assembleia de Deus. Enquanto os Pentecostais das Igrejas Batista, Presbiteriana, Metodista, dentre outras, perfizeram um total de 8% de autodeclarados. Cabe lembrar que os Evangélicos representam um total de 26% da população brasileira. Nos Censos do IBGE anteriores (1991, 2000 e 2010), os Sem Religião/Não Afiliados (sem religião, ateus, gnósticos e agnósticos) se apresentam em ascensão e outras com um crescimento significativo, se comparados ao Pew Research Center (2014).

O DataFolha (2016) emitiu os resultados de sua amostra, realizada em julho de 2015, com o tema “Perfil e opinião dos evangélicos no Brasil” que comprova o crescimento dos evangélicos de 30% (2016), se comparado com os percentuais referentes ao Censo de 2010 (22,16%) e com o Relatório Pew Research Center de 2014 (26%). Posteriormente, o DataFolha (2020) registrou um crescimento de 31% de autodeclarados evangélicos.

Outras denominações religiosas atingiram 5% de autodeclarados. Assim como, a denominação Sem Religião que vem crescendo no país e, nessa amostra, o percentual de autodeclarados tanto no Censo de 2010, quanto no Relatório Pew Research Center (2014), alcançou um total de 8%. Fica demonstrado que se, anteriormente, afirmava-se que o motivo dos Católicos decrescerem em números de adeptos seria por migrarem para as denominações Evangélicas, nessa amostra o DataFolha (2016) aponta que também ocorre uma migração mais acentuada desses para a denominação Sem Religião, examinando que

A comparação dessa evolução com o quadro atual mostra uma continuidade na queda no percentual de católicos, porém, desta vez, com uma migração mais intensa para os declarantes sem religião, grupo que dobrou sua representatividade na população, neste segmento, 33% têm entre 16 e 24 anos. [...] Dos que se declaram evangélicos, 34% pertencem atualmente à Assembleia de Deus, e num patamar abaixo aparecem, na sequência, Igreja Batista (11%), Universal do Reino de Deus (8%), Congregação Cristã no Brasil (6%), Quadrangular (5%), Deus é Amor (3%), Adventista (3%), Presbiteriana (2%), Internacional da Graça de Deus (2%), Mundial do Poder de Deus (2%), entre outras menos citadas (DataFolha, 2016, p. 2).

O Instituto de Pesquisa DataFolha (2016) traça um perfil socioeconômico e em números dos evangélicos pentecostais e não pentecostais, frisando que 53% possuem renda familiar mensal de até 2 salários-mínimos. Daqueles que se autodeclaram Evangélicos, 34% pertencem a AD, confirmando o crescimento dessa denominação religiosa. Assim sendo, verifica-se que

Os evangélicos, considerando pentecostais e não pentecostais, tem idade média de 37 anos, ante 40 dos brasileiros. Uma parcela de 34% tem escolaridade fundamental (entre os brasileiros, 35%), e 51% estudaram até o ensino médio (ante 45% entre os brasileiros), o que faz com que uma parcela menor deles (de 15%) tenha chegado ao ensino superior (na população brasileira, 20%). Metade (49%) dos evangélicos está na região Sudeste (ante 43% da população), 23% no Nordeste (na população 27%), 10% no Norte (ante 8% dos brasileiros), 9%, no Sul (ante 15% dos brasileiros) e outros 9%, na região Centro Oeste (no Brasil, 8%). A parcela com renda familiar mensal de até 2 salários mínimos representa 53% dos evangélicos, ante 49% entre os brasileiros. Uma fatia de 33% tem renda entre 2 e 5 salários (no Brasil, 36%), e 9% obtêm mais do que 5 salários (na população são 10%). Dos que se declaram evangélicos, 34% pertencem atualmente à Assembleia de Deus, e num patamar abaixo aparecem, na sequência, Igreja Batista (11%), Universal do Reino de Deus (8%), Congregação Cristã no Brasil (6%), Quadrangular (5%), Deus é Amor (3%), Adventista (3%), Presbiteriana (2%), Internacional da Graça de Deus (2%), Mundial do Poder de Deus (2%), entre outras menos citadas (DataFolha, 2016, p. 2-3).

A pesquisa do Datafolha (2020)<sup>24</sup>, ocorrida em dezembro de 2019, apresenta em seus resultados, como a maior denominação religiosa nacional a Católica Apostólica Romana que, embora continue em processo de retração, com uma diferença de 5 pontos percentuais, no período de 2015 a 2019, respectivamente, 55% e 50% de autodeclarados. Examina-se que as demais expressões religiosas apresentaram um aumento em números de autodeclarados com os seguintes percentuais: Evangélica com 31%, Sem Religião (10%), Espírita (3%), afro-brasileiras, Umbanda e Candomblé (2%), Outras (2%), Ateu (1%) e Judaica (0,3%) de autodeclarados. Cabe lembrar que os Sem Religião, de acordo com o perfil demográfico, independe da classe social e do nível de instrução em que se encontra o autodeclarado. Para Vieira (2020, p. 64) esse grupo é diferenciado, tratando-se “de um fenômeno de extremos”, tornando-se o terceiro em número de autodeclarados (Folha de São Paulo, 2020).

Em 2020, o Instituto Latinobarômetro realizou um estudo comparativo dos autodeclarados no Brasil, revelando a dinâmica da migração religiosa em quatro segmentos. Durante o período de 1995 a 2020, observou-se que a denominação Católica (78,30% - 54,2%) continuou em declínio; enquanto a Evangélica (5% - 20,5%) viu seu espaço aumentar. Além disso, os grupos classificados como Outros (11,20% - 13,20%) e Sem Religião (5,5% - 12,10%) registraram uma expansão consistente.

O Nordeste ainda mantém o maior percentual da religião Católica Apostólica Romana, apesar da retração de 7,7% pontos percentuais constatados nos Censos de 2000 e 2010, nesta ordem, 79,90% e 72,2% (IBGE, 2000; 2010). A pesquisa do Datafolha (2020) vem confirmar que o Catolicismo, com 59% de autodeclarados, é a maior denominação religiosa dessa região.

Enquanto na região Norte se concentra o maior número de Evangélicos, observa-se que é no Nordeste que se tem o menor número de autodeclarados dessa denominação. Os evangélicos assim estão distribuídos nas cinco regiões do país: Norte 39%, Nordeste 27%, Centro-Oeste 33%, Sudeste 32% e Sul 30%, sendo em sua maioria formado por 49% pardos, 30% brancos e 16% negros, 3% amarela, 2% indígena e 5% Outras (Datafolha, 2020). Assim sendo, a região Norte apresenta o maior número de evangélicos e a região Nordeste com o menor número.

Os dados da região Nordeste referentes à denominação Evangélica, destacados nesta pesquisa, revelam um aumento significativo de 16,7 pontos percentuais entre 2000 e 2020. Ao

---

<sup>24</sup>Pesquisa do DataFolha publicada no Jornal “Folha de São Paulo”, em 13/01/2020. Realizada de 5 a 6/12/2019, com 2.948 entrevistados, em 176 municípios.

analisar o crescimento nos Censos de 2000 e 2010, observa-se um aumento de 10,3% para 16,4% nos autodeclarados (IBGE, 2020), enquanto os números publicados pelo Datafolha em 2016 e 2020, respectivamente, indicam uma evolução para 23% e 27% (Folha de São Paulo, 2020).

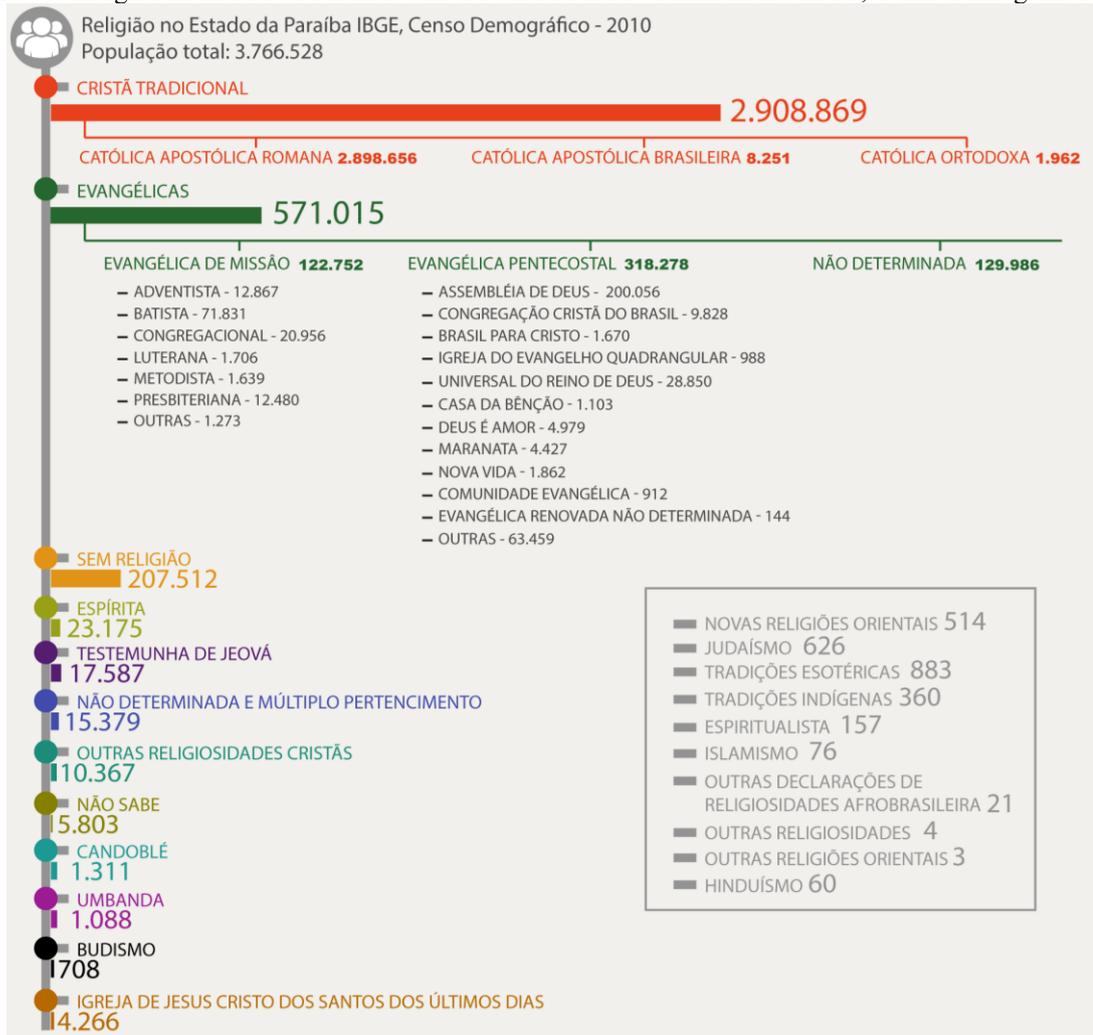
No Estado da Paraíba, com uma população de 3.766.528<sup>25</sup> milhões de habitantes, verifica-se que a religião Católica Apostólica Romana representa a expressão religiosa com o maior número de autodeclarados 2.898.656 milhões (76,95%), a terceira do NE, ficando em segundo o Ceará com 79% e em primeiro o Piauí com 85% (IBGE, 2010). Ao ser entrevistado pelo Jornal da Paraíba, o arcebispo da Arquidiocese da Paraíba Dom Aldo Pagotto teceu considerações sobre o Censo de 2010 no que diz respeito ao alto índice de autodeclarados, apresentado pela religião Católica. O arcebispo acrescentou que a relação entre o Estado e a Igreja é resultante do processo histórico da fundação do Estado da Paraíba, afirmando que

[...] a pesquisa confirma o que vemos nas celebrações aos domingos e nos eventos de massa da arquidiocese: igrejas lotadas e muita gente nas romarias e procissões. É uma demonstração verdadeira de fé em Nosso Senhor Jesus Cristo. A fundação do estado está intimamente ligada à religião católica. Daí uma possível explicação para esse índice. Tanto que o primeiro nome, da primeira cidade, foi Nossa Senhora das Neves. E ela é a protetora de todos (Jornal da Paraíba, 2011).

Dentre as denominações Evangélicas – Missionária, Pentecostal e Não determinada, com 571.015 mil (15,16%) de autodeclarados, a ADPB possui o maior número de autodeclarados, com 200.056 mil (35,03%). A denominação Sem Religião cresceu de 2000 para 2010, atingindo 5,5% (207.512 mil) de autodeclarados. Averigua-se o aumento do total de Espíritas com 23.175 mil (0,61%) autodeclarados e outras religiões com 10.367 mil (0,27%) autodeclarados (Gráfico 8).

---

<sup>25</sup>A População estimada do Estado da Paraíba é de 4.059.905 milhões de habitantes (IBGE, 2022). A prévia da população paraibana calculada com base nos resultados do Censo Demográfico 2022 (25/12), divulgada em 28/12/2022, apresentou um total de 4.030.961 milhões de habitantes.

**Gráfico 8:** Religião no Estado da Paraíba. CENSO AMOSTRA – RELIGIÃO. IBGE, Censo Demográfico 2010.

Fonte: adaptado de IBGE (2010).

Outra perspectiva a ser destacada, nessa investigação, é a urbanização do Estado da Paraíba ocorrida entre as décadas de 2000 a 2010 em que se verifica, a partir da migração da população da zona rural para a zona urbana, um decréscimo de 67.953 habitantes (zona rural) e um aumento populacional de 391.466 habitantes (zona urbana). A publicação “Características do Crescimento Populacional nas Regiões Geoadministrativas do Estado da Paraíba” (2011), do Instituto de Desenvolvimento Municipal e Estadual – IDEME/PB aborda sobre a migração campo-cidade no Estado da Paraíba, registrando que

Uma marcante característica apresentada pela população do Estado da Paraíba, no período 2000-2010, foi o deslocamento de expressivo contingente populacional para as zonas urbanas do Estado. Esse comportamento acompanhou a tendência verificada para o país e também para a Região Nordeste, num fenômeno que pode ser observado ao se comparar o grau de urbanização no período considerado nesta análise. No ano de 2000, o grau de urbanização do país era de 8,20 %, evoluindo para 84,40% em 2010. Comportamento similar foi constatado no Estado da Paraíba, cujo grau de urbanização passou de 71,06%, em 2000, para 75,37% em 2010. Esse processo que se desenvolveu ao longo da década 2000-2010 resultou num aumento

de 391.466 pessoas vivendo na zona urbana, enquanto na zona rural foi observada a redução de 67.953 habitantes (IDEME, 2011, p. 12).

Cumpre salientar que o principal motivo desse crescimento urbano na Paraíba (2010), em João Pessoa e municípios e em seu entorno, se deu em razão da geração de emprego e renda, com a captação da mão-de-obra, pelos setores socioeconômicos, principalmente, as indústrias em expansão. Essas informações reforçam uma possível relação entre o processo de urbanização do estado e o crescimento de denominações evangélicas (2000-2010), a exemplo da ADPB, sendo esse um dos fatores. De acordo com o IDEME/PB

Em uma síntese do comportamento do crescimento populacional do Estado da Paraíba, no período 2000-2010, pode-se afirmar que o processo de urbanização orientou-se notadamente para a capital do Estado e municípios a ela circunvizinhos, sobretudo para as áreas urbanas cuja dinâmica de suas economias revelaram-se com capacidade de absorver parte da força de trabalho inserida nos diversos setores socioeconômicos, com destaque nas atividades urbanas da RGA de João Pessoa. Esse fato é apresentado de forma detalhada no estudo desenvolvido para cada Região Geoadministrativa do Estado da Paraíba (IDEME, 2011, p. 13).

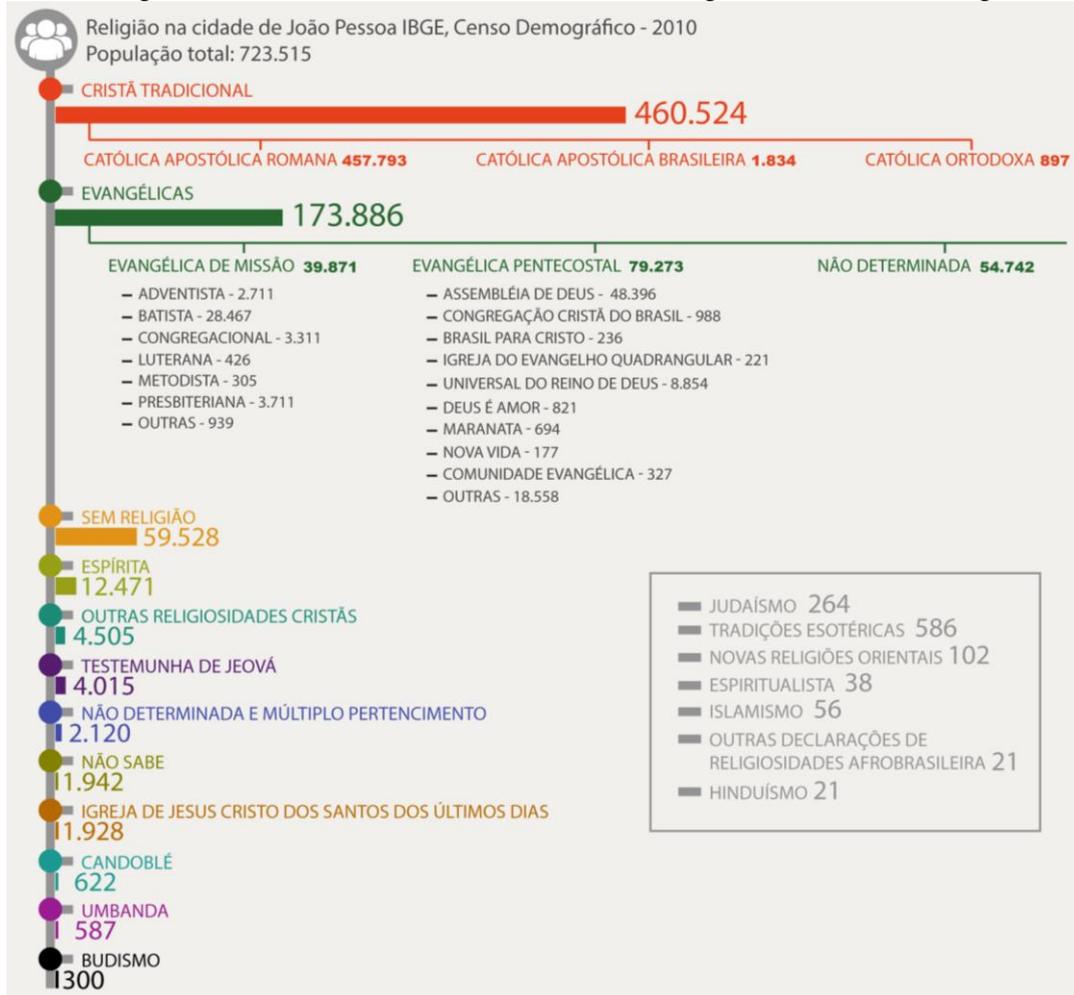
A cidade de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba, que será tomada como recorte espacial dessa investigação contava com uma população de 723.515<sup>26</sup> mil habitantes no Censo 2010, sendo a religião Católica Apostólica Romana a denominação predominante com 457.793 mil (63,27%) autodeclarados (IBGE, 2010).

Assim como, verifica-se uma rápida expansão da denominação Evangélica, perfazendo 173.886 mil (24,03%) de autodeclarados e, deste total, destaca-se, a denominação Pentecostal com 79.273 mil (45,58%) autodeclarados. Desse seguimento religioso, a maior denominação, em João Pessoa (IBGE, 2010), é a ADPB, perfazendo 61,04% (48.396 mil) do total de Pentecostais. Enquanto as denominações Sem religião 8,22%, Espírita 1,77%, Umbanda e Candomblé 0,16% e Outras 2, 3% de autodeclarados continuam em expansão (Gráfico 9).

---

<sup>26</sup>A População estimada de João Pessoa (PB) é de 825.796, em 2021 (IBGE, 2022). A prévia da população que tem por base os resultados do Censo Demográfico 2022 (até 25/12), divulgada em 28/12/2022, evidenciou que João Pessoa possui um total de 889.618 mil habitantes.

**Gráfico 9:** Religião na cidade de João Pessoa. Censo amostra – Religião. IBGE, Censo Demográfico 2010.



Fonte: adaptado de IBGE (2010).

O crescimento do Cristianismo Evangélico no país e o seu envolvimento na esfera pública e política nacional possibilitaram à ascensão ao poder dessa denominação religiosa, mediante ao exercício efetivo da Frente Parlamentar Evangélica – FPE (a bancada Evangélica), no Congresso Nacional Brasileiro, com 110 deputados federais e 11 senadores. Nas eleições presidenciais de 2018, o voto evangélico foi decisório para a vitória do candidato, à época, Jair Messias Bolsonaro (Alves, 2018).

Assim como vêm ocorrendo mudanças no campo social brasileiro, pode-se aferir que com o dinamismo religioso que acontece na pós-modernidade, mediante os dados examinados nos Censos do IBGE, no Relatório do Pew Research, no Instituto de Pesquisa Datafolha e no Corporación LatinoBarómetro, transformações têm se dado no pertencimento religioso dos brasileiros, suscitado pela produção e oferta de bens religiosos. Mas, essas mudanças ocasionadas no perfil religioso dos brasileiros estão longe de resultar no “declínio” das religiões.

Nessa investigação, o perfil socioeconômico do Evangélico a que se chegou, com base nos dados apresentados, recentemente, pelo Datafolha 2020 sob o título “Cara típica do evangélico brasileiro é feminina e negra” é que a maioria dos evangélicos brasileiros (31%) é mulher (58%) negra (59%), sendo que, deste total, a cor parda representa 43% e a negra 16%. Em relação à faixa etária tem 19% entre 16 e 24 anos, 21% entre 25 e 34 anos, 22% entre 35 a 44 anos, 23% entre 45 a 59 anos e 16% com 60 anos ou mais. No tocante a renda familiar, 50% dos evangélicos ganham 2 salários-mínimos e apenas 2% recebem 10 salários-mínimos (Folha de São Paulo, 2020). De modo geral, a maior parte dos assembleianos vive em situação de exclusão social. Sustenta Passos (2005) que

[...] uma prática marcada pela centralização em alguns personagens que exercem o poder de controle de maneira um tanto autoritária e em oposição à cultura letrada. Conserva a resistência à erudição teológica e à burocracia clerical, característica da tradição religiosa protestante sueca. Por sua vez, a icensão da sociedade e cultura nordestina teria contribuído para a consolidação de uma organização marcada por um forte autoritarismo, em que o poder legitima-se pela tradição. A AD vai florescer sem pretensões de ascensão social, pelo esforço missionário de sujeitos marginalizados social e culturalmente, o que evitou, por um lado, o “aburguesamento precoce” da igreja e, por outro, favoreceu a sua consolidação como “comunidade de gente socialmente excluída”. Assim a tradição Pentecostal de organizar-se de maneira carismática a partir dos dons que emergem na comunidade vai adaptar-se à cultura brasileira tradicional. O poder tradicional, fundado na autoridade patriarcal, vai raptar o poder carismático fundado no dom pessoal que marcou as origens da AD (Passos, 2005 p. 90-91).

A maior parte dos Pentecostais é de jovem negro ou pardo, mulher, com menos anos de escolaridade e com baixa renda, em situação que vai desde a extrema pobreza a meio salário-mínimo, vivendo nos espaços urbanos (Spyer, 2020). As igrejas Pentecostais localizam-se, em sua maioria, na periferia dos grandes centros urbanos, atuando em locais em que há ausência dos serviços do Estado, ofertando redes de ajuda mútua voltadas ao acolhimento, apoio social, cultural e espiritual (Folha de São Paulo, 2020). Observa Picolotto (2016) que apesar da maioria dos filiados pertencerem à classe trabalhadora de baixa renda, na última década, vem crescendo o número de Pentecostais da classe média, empresários e intelectuais.

Portanto, conclui-se que o fenômeno religioso brasileiro se apresenta dentro de um universo multifacetado, passando por novos movimentos de transição — nomadismo religioso — mediante a pluralidade religiosa, por novas formas de manifestações como os reavivamentos religiosos (religiões tradicionais), migração religiosa e fragmentação dessas denominações. Além das novas ofertas e duplos ou múltiplos pertencimentos às demais experiências religiosas, institucionalizadas ou não.

Dessa maneira, essas ofertas de produtos e serviços religiosos concorreram para um rápido crescimento da denominação Evangélica Missionária, Pentecostal e Não determinada (não informa o seu pertencimento denominacional). Como instituição religiosa da denominação Pentecostal, a AD se expandiu por quase todo o mundo. Esse crescimento acelerado deu visibilidade a esse movimento religioso, principalmente, na América Latina, tornando-se a AD a maior denominação Pentecostal do Brasil, em número de autodeclarados. A estimativa de Alves<sup>27</sup> (2011) é que no ano de 2040 a denominação evangélica suplantar a Católica, em números de adeptos.

### **1.1.1 Breve relato histórico da Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Sítio Vertente – Alagoa Grande e Paraíba do Norte (Paraíba)**

A Assembleia de Deus no Brasil celebrou, em 11 de janeiro de 2023, 112 anos de sua fundação. No âmbito da Paraíba, a ADPB comemorou a marca de 105 anos de sua institucionalização, ocorrida em 18 de junho de 1918. De acordo com os dados publicados pela Convenção dos Ministros da Assembleia de Deus no Estado da Paraíba – COMADEP (2021), essa denominação possui cerca de 1.000 templos em todo o Estado, distribuídos pelos 223 municípios. Com aproximadamente 200.056 autodeclarados (IBGE, 2010), tornou-se a maior denominação pentecostal do Estado da Paraíba, incluindo a capital João Pessoa, que conta com 158 templos (COMADEP, 2021) e 48.396 autodeclarados (IBGE, 2010).

Não obstante, o processo de chegada e de expansão das variadas expressões e denominações do Pentecostalismo, nas cinco regiões do país, ocorreram de modo diverso dos primeiros movimentos como o Avivamento Metodista<sup>28</sup> da Inglaterra (século XVIII); o Avivamento da América Colonial (século XVIII); e o Segundo Grande Despertamento (1800-1840) dos Estados Unidos. Não se restringiu as influências do movimento Pentecostal — o Avivamento da Rua Azusa (Los Angeles, USA, 1906), mas, dentro da Igreja Metodista, com o

---

<sup>27</sup>Eustáquio Diniz Alves – pesquisador da Escola Nacional de Ciências Estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – ENCE/IBGEs.

<sup>28</sup>Avivamento – Os muitos e vários movimentos de avivamento, na virada do século XX, tiveram o efeito de criar um clima de expectativa e anseio pelo avivamento pentecostal em muitas partes do mundo. Os sinais de que esse avivamento havia chegado seriam baseados nos relatos disponíveis de avivamentos anteriores: desejo intenso de orar, confissão emocional de pecados, manifestações da vinda do espírito, evangelismo bem-sucedido e acelerado e dons espirituais para confirmar que o poder do Espírito tinha vindo. Como resultado, vários movimentos de avivamento pentecostal surgiram em diversas partes do mundo na primeira década do século XX. Estimulada por movimento de avivamentos anteriores no século XIX, especialmente nos movimentos de Santidade e de cura, essa vinda do Espírito estava ligada a crença de que os últimos dias tinham chegado e de que o Evangelho deveria ser pregado a todas as nações da terra antes da vinda iminente do Senhor. O palco estava montado para o novo Pentecostes se espalhar pelo mundo no século XX (Anderson, 2019).

*Holiness Movement* — Movimento Santidade, Chicago, Nova York (USA), e do pietismo escandinavo (os batistas suecos), no final do século XIX e início do século XX. A Assembleia de Deus, nos EUA, veio a ser fundada em 1914 (Nascimento, 2021).

O processo de evangelização, iniciado em Belém do Pará, em 1910, penetrou pelo interior do Estado e por todo o país, se dando em meio a uma série de mudanças sociais, políticas e econômicas, trazendo influências à implantação e a expansão do Pentecostalismo no Brasil. Posteriormente, à medida que a comunidade foi crescendo, surgem às lideranças nacionais, possibilitando que a administração passasse para os brasileiros, em sua maioria, provenientes das zonas rurais do Norte e do Nordeste (Passos, 2005).

Do contrário, apoiando-se na postulação de Freston (1994, p.76) pode-se depreender que na região Nordeste, a denominação Pentecostal “Assembléia de Deus tem um *ethos* sueco-nordestino que começou com os nórdicos e passou para os nordestinos. Sem entender as marcas dessa trajetória, não se entende a Assembléia de Deus”. Apesar da exiguidade das fontes bibliográficas que possam oferecer elementos para aprofundamento da identidade eclesial-institucional da AD sobre o “*ethos* sueco-nordestino”, na sua trajetória no Nordeste, pode-se aferir que possui fortes indícios vindos da tradição religiosa protestante sueca.

Registros evidenciam que o Nordeste foi uma das primeiras regiões a ser contemplada pelo trabalho missionário dos leigos da AD associado às rotas migratórias, em consequência da seca, levando os nordestinos a migrarem para o Norte (Maranhão, Pará e Amazonas) e a rota Nordeste–Sul em direção, principalmente, ao Rio de Janeiro e São Paulo.

Neste contexto, gradativamente, a AD passa a ser administrada não mais pelos suecos e sim pelos brasileiros do Norte e Nordeste (Passos, 2005). Vale enfatizar que do segmento religioso Pentecostal, a AD tornou-se a maior das Congregações Evangélicas do país, em número de autodeclarados, posto que no período de 2000-2010 tenha passado de 8,4 milhões de membros para 12,3 milhões (IBGE, 2000; 2010).

Para compreender o contexto histórico da chegada da AD, no Estado da Paraíba, iniciou-se pela edição de Comemoração dos seus 95 anos — “ADPB em revista”, de maio de 2013, que discorre sobre a narrativa da fundação daquela que ficou conhecida como o centro do Movimento Pentecostal no Estado da Paraíba, no ano de 1918, que se deu na zona rural, no Sítio Vertente (Figura 1), próximo à cidade de Alagoa Grande, localizada na região do Brejo (PB), na vertente da Serra da Borborema (ADPB em Revista, 2013).

**Figura 1:** A primeira casa do Sítio Vertente, Alagoa Grande (PB).



**Fonte:** ADPB em Revista, ed. 22, 2013, p. 01.

Ramon Nascimento e Wagner Mariano (2013) abordam a cerca desses fatos em que se deu a fundação da primeira Assembléia de Deus ou Congregação do Estado da Paraíba, no referido Sítio Vertente, em Alagoa Grande, constatando que

Não se sabe o dia exato. Porém, a Assembleia de Deus na Paraíba nasceu num sítio localizada a 12 km do município de Alagoa Grande, situada na microrregião do brejo paraibano, no ano de 1918. Era lá que os novos crentes pentecostais da época se reuniam para cultuar ao Senhor Jesus. O movimento pentecostal chegou à Paraíba sete anos depois de ter chegado ao Brasil. Enfrentando preconceitos da sociedade durante a história centenária, a igreja que começou com poucos crentes, hoje já é a maior denominação evangélica do país. A Assembleia de Deus nasceu no pentecostalismo e tal episódio tem base bíblica e fatos concretos na história do protestantismo, que o justificam enquanto movimento pentecostal. Há relatos de que os fundadores da maior igreja evangélica brasileira, Daniel Berg e Gunnar Vingren, também foram envolvidos pelo movimento pentecostal nos Estados Unidos. Esses dois missionários suecos chegaram ao Brasil, em 1911, enviados por Deus ao Estado do Pará, e começaram um trabalho inédito em nosso país. Surgiu a Missão da Fé Apostólica que depois passou a ser chamada de Assembleia de Deus. Essa denominação se espalhou por diversos Estados brasileiros e, na Paraíba, um pequeno espaço na zona rural de Alagoa Grande foi o ponto de partida da propagação do Evangelho no Estado (Nascimento; Mariano, 2013, p. 6-7).

A capa da revista traz como título “Sítio Vertente: o início da nossa História!” (Figura 2), com a imagem da primeira casa em que foram realizados os primeiros cultos. O ex-integrante da Polícia Militar paraense Manoel Francisco Dubu (Figura 3) que migrou para a região Amazônica, em busca de oportunidade de emprego, converteu-se à Igreja Presbiteriana, em 1909, em Belém (PA) e, no decurso, passou a seguir aos ensinamentos da Igreja Pentecostal. Cumpre lembrar que, após a irmã Celina de Albuquerque e mais duas mulheres (à

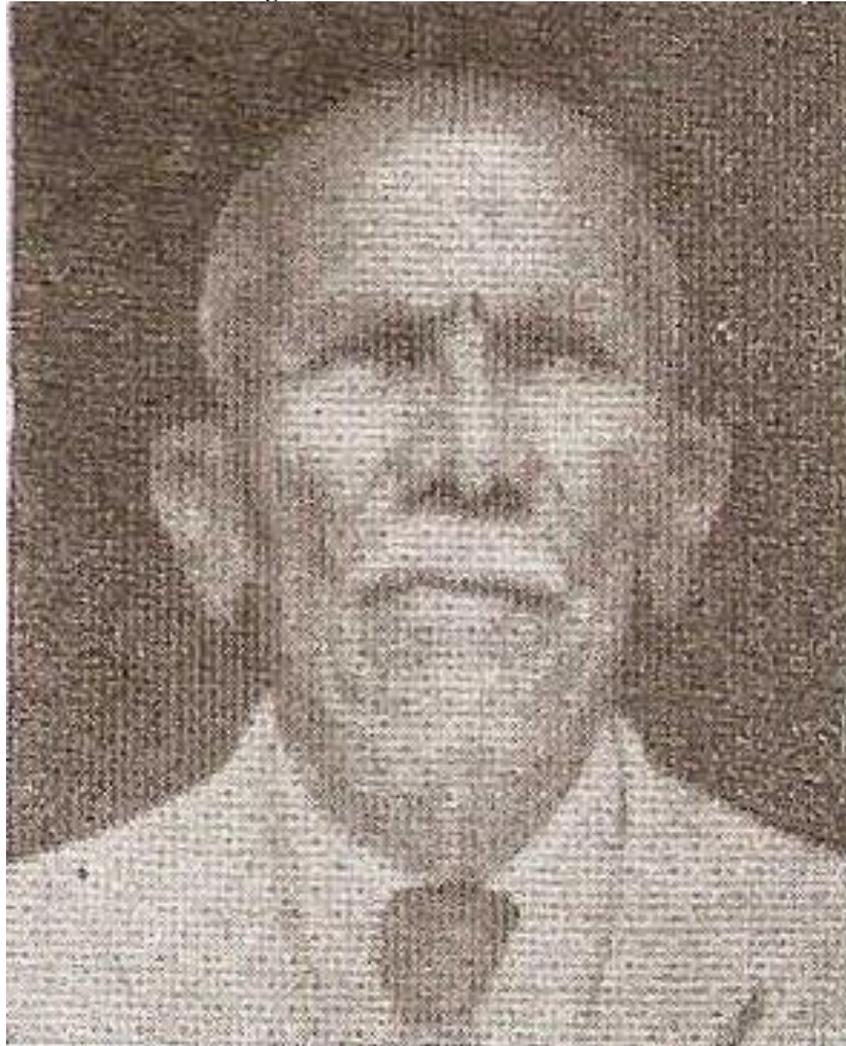
época Missão da Fé Apostólica), Dubu foi o quarto a ser batizado em Belém e o primeiro homem no país.

**Figura 2:** Capa da ADPB em Revista (maio de 2013) em Comemoração aos 95 anos da Assembleia de Deus, no Sítio Vertente, próximo à cidade de Alagoa Grande.



Fonte: ADPB em Revista, ed. 22, 2013, p, 01.

**Figura 3:** Manoel Francisco Dubu.



**Fonte:** ADPB em Revista, ed. 22, 2013.

Mas, com o fim do ciclo econômico, em 1912, da extração do látex da seringueira para a produção e comercialização da borracha no mercado internacional regressa, em 1914, ao Estado da Paraíba, passando a residir na cidade de Campina Grande. Prontamente, Manoel Francisco Dubu difundiu a doutrina do batismo Pentecostal e dos dons espirituais, com os evangélicos Congregacionais e Batistas (Nascimento; Mariano, 2013).

Após permanecer por alguns anos no Pará, o missionário Galdino Cândido do Nascimento retornou ao Sítio Vertente, em Alagoa Grande, em 1918, com o objetivo de proclamar a doutrina do batismo Pentecostal. Nesse mesmo ano, o missionário Simão celebrou o primeiro batismo nas águas. Maria Bronzeado e Florência Guimarães de Aquino foram as primeiras de Vertente e do Estado da Paraíba a receberem o batismo do Espírito Santo. Ao se reportar a Galdino Cândido do Nascimento, Emílio Conde (1960) ressalta que

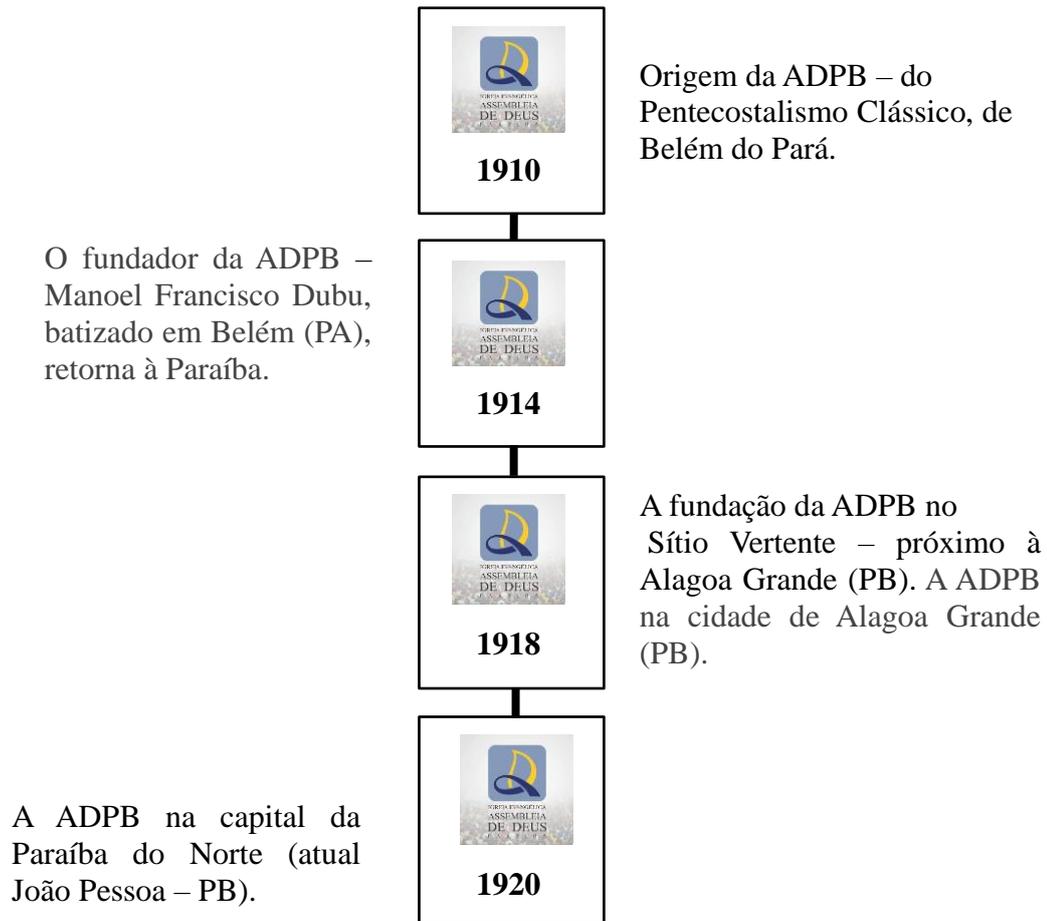
No ano de 1918, procedente do Estado do Pará, chegava ao Sítio Vertente, onde nascera e possuía parentes, Galdino Cândido do Nascimento, homem de fé e cheio do Espírito Santo. A visita de Galdino Cândido a Vertente obedecia à visão divina de evangelizar o seu povo e pregar a mensagem Pentecostal. Deus havia enviado o seu servo, de modo que as suas palavras eram recebidas como pão do céu, e muitas pessoas aceitaram Jesus como seu Salvador (Conde, 1960, p. 148).

O primeiro culto pentecostal (1918) celebrado por Dubu, nesse sítio, contou com a participação do missionário Galdino Cândido. Para além do Estado da Paraíba, o Centro Pentecostal do Sítio Vertente se tornou conhecido nos estados da região Norte. No ano seguinte, a AD de Vertente foi escolhida como sede da Convenção de 1919, tendo à frente dos trabalhos o missionário Joel Carlson, de Pernambuco. Os chefes religiosos e os políticos locais não aceitavam essa denominação religiosa que aos poucos se expandia, passando a perseguir os seus missionários que levavam o evangelho para a população das localidades próximas ao Sítio Vertente (Conde, 1960).

De acordo com o que foi historiado, ocorreu o apedrejamento da igreja na celebração de um dos cultos, incentivado pelo Padre Firmino Cavalcanti, considerado o maior perseguidor dessa denominação, naquela localidade. Em seguida, o sítio foi vendido e o novo proprietário, não sendo evangélico, cercou à propriedade com arame farpado, impedindo a realização dos cultos. O missionário Galdino foi preso quando pregava o evangelho, com a declaração de fé: “Jesus salva, cura, batiza com o Espírito Santo e em breve voltará”. Mas tarde, foi liberado pelo Juiz de Direito da Comarca, Dr. Francisco Montenegro (Conde, 1960).

Assim sendo, a ADPB muda a sua rota, saindo do espaço rural em direção ao urbano, estabelecendo-se na cidade de Alagoa Grande, em 1918, sob a direção do irmão João Raulino e, posteriormente, para a Paraíba do Norte, em 1920, João Pessoa, nome atual da capital do Estado da Paraíba (Linha do tempo) (Figura 4), expandindo-se por quase todo o Estado (Nascimento; Mariano, 2013). O missionário Galdino Cândido do Nascimento registrou no Jornal “Boa Semente” (de março de 1920) o quanto estava entusiasmado com o trabalho missionário em Alagoa Grande, relatando na ocasião os quatro batizados em águas realizadas, com o Espírito Santo (Conde, 1960).

**Figura 4:** Linha do tempo – A Igreja Evangélica Assembleia de Deus da Fundação do Sítio Vertente – Alagoa Grande à Paraíba do Norte (Atual João Pessoa – PB).



**Fonte:** adaptado de Conde (1960).

Entretanto, a repressão aos assembleianos, por parte de representantes da Igreja Católica e de autoridades locais, prosseguiu em Alagoa Grande, culminando em outros eventos, em que dois deles ficaram conhecidos pela violência e tentativa de pôr fim a vida desses crentes. Em seu relato, Emílio Conde (1960) evidencia que

Na cidade de Alagoa Grande, em 1918, os pastores Pedro Trajano e José de Arimatéia foram cercados por mais de 200 pessoas armadas, enquanto pregavam o Evangelho. Chefiava a perseguição o cônego Firmo Calvacanti, disfarçado em trajes de mulher. Os promotores e acirrades da perseguição eram o Coronel Enéias Calvacanti; Lourenço de Albuquerque Melo; Epaminondas Calvacanti; Joca Mesquita; Sofia Régis e Luiz Teotónio, este último era sacristão da igreja católica e suplente de delegado de Polícia em exercício. Depois que a multidão de perseguidores avançou para a casa de cultos, Luiz Teotónio, o sacristão, fingindo-se alheio à perseguição, comunicou o fato ao Sargento Arinos, comandante do destacamento Policial, o qual se dirigiu para o local e pôs em fuga os covardes agressores, e deu garantia aos evangélicos. Os pregadores foram avisados da perseguição pelo Sr. Otacílio, homem de bem, gerente da firma Warton Pedrosa, de modo que não foram apanhados de surpresa. Mais tarde, nos anos 1924-1925, a perseguição reviveu. Dessa vez a perseguição era contra o pastor Cícero C. de Lima e outros. A perseguição fôra ordenada por Ernestino Zenaide, o qual armou o braço de desordeiros para matar os crentes que se achavam na casa de Antonio Eulanapso,

porém o Senhor livrou os Seus das mãos dos perseguidores. Entretanto todos "os que procuravam a morte do menino" (Mateus 2,20), já morreram, mas a Palavra de Deus, a mensagem salvadora continua a ser anunciada em Alagoa Grande e Vertente, e o Espírito Santo continua a ser derramado nos corações (Conde, 1960, p. 149-150).

Retornando do Estado do Pará, em 1920, para a cidade da Paraíba do Norte<sup>29</sup>, o missionário Francisco Félix e sua esposa iniciaram o trabalho de propagação do Evangelho, difundindo os *princípios* do *Pentecostalismo* e dando ênfase ao Espírito Santo (Linha do Tempo). Em seguida, se junta a eles, Antônio Fialho de Almeida, em 1921, levando a mensagem Pentecostal. Como resultado de suas pregações sucedem as primeiras conversões e batismos com o Espírito Santo a exemplo dos novos membros João Pereira, José Benedito e Bertoldo. Credo no batismo com o Espírito Santo, membros da Igreja Batista passaram a professar na Assembleia de Deus (Conde, 1960).

Assim como no Sítio Vertente e na cidade de Alagoa Grande, na capital do Estado não foi diferente, a AD na cidade da Paraíba do Norte sofreu resistência dos seus opositores e apedrejamentos nos locais de reunião. Como consequências das injúrias por preconceitos religiosos e ameaças dirigidas aos assembleianos, os cultos passaram a ser realizados às portas fechadas. Desse modo, para a segurança das celebrações dos cultos nas residências dos seus membros, nas diversas localidades da capital (até 1923), se fez necessário a mediação do Dr. Efigênio Barbosa, delegado da época, que deu ordem expressa à polícia para garantir a preservação da *ordem* pública (Conde, 1960).

Em seguida, o missionário sueco Simon S. Sjogren recém-chegado a capital do Estado, propôs, junto aos outros membros, a fundação da Assembléia de Deus, na Paraíba do Norte. Para celebrar esse momento de oficialização da AD realizou-se um culto, no dia 7 de maio de 1923, na Rua Vasco da Gama, no bairro de Jaguaribe. O referido missionário registrou entre os meses de janeiro a outubro, 47 batismos. Atraídos pelo batismo com o Espírito Santo, os Batistas passaram a frequentar a referida igreja.

Após a saída do missionário Sjogren da Igreja, o missionário Joel Carlson, vindo do Recife, realizou o batismo de novos crentes, em 26 de novembro de 1924. Em substituição, o primeiro pastor paraibano, ordenado na cidade da Paraíba do Norte (1923), Pedro Trajano foi o responsável por levar a pregação do Evangelho ao interior do Estado.

Logo após, o Pr. Cícero Canuto de Lima chega à Paraíba e passa a coordenar os trabalhos da igreja, na capital (de 24 de junho de 1924 a 2 de fevereiro de 1939), edificando o primeiro templo da Assembleia de Deus, na Av. 1º de maio, nº 239 (Figura 5), inaugurado em

---

<sup>29</sup>Cidade da Paraíba ou ainda Cidade da Paraíba do Norte – nome oficial (de 1817-1930). Em homenagem ao Presidente do Estado da Paraíba, recebe o nome de João Pessoa, em 04 de setembro de 1930 (Lins, 2005).

24 de novembro de 1929. Posteriormente, o prédio desse templo (Figura 6) passou por reformas. Na capital do Estado, mais um templo da AD (Figura 7) foi construído na Rua da Areia, no bairro do Varadouro (Conde, 1960).

**Figura 5:** Templo da Assembleia de Deus em Jaguaribe –  
Av. 1º de Maio, nº 239 – João Pessoa – Paraíba (1929).



Fonte: Conde (1960, p. 145).

**Figura 6:** Templo Central ADPB em Jaguaribe – Av. 1º de Maio, nº 239 – João Pessoa – Paraíba (2023).



**Fonte:** autoria própria (2023).

**Figura 7:** Templo da Assembleia de Deus – Rua da Areia, 369 – Varadouro – João Pessoa – Paraíba (1924).



**Fonte:** autoria própria (2023).

O obreiro Napoleão Nogueira foi o primeiro a ser consagrado na capital. Sediada em João Pessoa, a 4ª Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil (CGADB) realizou-se no período de 7 a 15 de setembro de 1935, ocorrendo, nesse período, 11 batismos (Conde, 1960). Após, o Pr. João Batista da Silva (em 1939), o Pr. Antônio Petrolino dos Santos (em 1950), o Pr. Antônio Fernandes das Chagas (em 1972), o Pr. Cícero Raimundo Lins (1999), Antônio Ferreira de Lima (em 2000) e José Carlos de Lima (em 2001 e atual presidente da AD) tomaram a frente dos trabalhos da AD, na capital.

O Pr. Antônio Fernandes das Chagas fez a transferência do Templo Central da Assembleia de Deus, da Av. 1º de Maio nº 239 para a Av. Coelho Lisboa nº 553 (Figura 8), com capacidade para 3500 pessoas. De acordo com os dados da COMADEP, a AD na Paraíba conta com 1500 templos e 100.000 assebleianos, em todo o Estado.

**Figura 8:** Fachada do Templo Central da ADPB em Jaguaribe – Av. Coelho Lisboa, nº 553 – João Pessoa – Paraíba (2023).



**Fonte:** autoria própria (2023).

A fundação da Convenção Estadual das Assembleias de Deus na Paraíba – CETADPB (1999) se deu na gestão do Pr. Cícero Raimundo Lins, passando a ser nominada de COMADEP (2021), primeira instância da estrutura diretiva da Assembleia de Deus na Paraíba, com registro do Estatuto Social (2001), em cartório, ligada à Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil – CGADB. Os pastores da ADPB encontram-se filiados a COMADEP, ocupando a presidência o Pr. José Carlos de Lima, desde 2004, sendo reeleito para o período de 2022-2024.

Mais à frente, o pastor João Batista da Silva (1939) assumiu os trabalhos na AD, em João Pessoa e outras localidades do Estado da Paraíba. As perseguições das autoridades eclesiásticas e do delegado à AD continuaram desta vez, direcionada à cidade de Pilar, ocorrendo por duas vezes tentativas de por abaixo o prédio do templo. O pastor Antônio Petrolino dos Santos (1950) ficou à frente do pastorado da AD, em João Pessoa. Devido a sua dedicação ao trabalho de evangelização, 17 cidades do Estado da Paraíba foram contempladas com os seus ensinamentos (Conde, 1960, p. 147-149).

Uma grande celebração foi realizada no Centenário da Assembleia de Deus na Paraíba (ADPB) com o tema: **“Jesus Cristo salva, cura, batiza com o Espírito Santo e em breve voltará”**, no Centro de Convenções Ronaldo Cunha Lima (Figura 9), em João Pessoa,

de 10 a 16 de dezembro de 2018. Durante todo esse ano, aconteceu a Escola Bíblica, em diversas cidades do Estado.

**Figura 9:** Centenário da Assembleia de Deus na Paraíba (1918-2018).



**Fonte:** Polêmica Paraíba (2023 n/p).

Na abertura das festividades, a Câmara dos Deputados da Paraíba homenageou a ADPB (Sessão: 067.4.55.0), em 10/04/2018, registrado no pronunciamento encaminhado pelo orador Deputado Federal Rômulo Gouveia (PSD/PB) que, assim, diz:

Sr. Presidente, eu gostaria de prestar homenagem à Igreja Assembleia de Deus na Paraíba pela abertura dos trabalhos alusivos à comemoração do centenário da igreja naquele Estado, com o tema *Jesus Cristo salva, cura, batiza com o Espírito Santo e em breve voltará!* A Igreja Assembleia de Deus na Paraíba foi criada em 1918, na cidade de Alagoa Grande, razão por que as homenagens pelo centenário também se iniciaram lá, com o Prefeito Sobrinho, as lideranças políticas e os Vereadores. A igreja hoje, além do *campus* de Campina Grande, com o Pastor Daniel, e do *campus* de João Pessoa, com o Pastor Jose Carlos de Lima, tem abrangência de 223 Municípios paraibanos. Por isso, a programação que se iniciou na cidade de Alagoa Grande prosseguirá durante todo o ano, encerrando-se no mês de dezembro, no Centro de Convenções Ronaldo Cunha Lima, quando ali se reunirão todos àqueles que integram a Igreja Assembleia de Deus na Paraíba. Peço para que meu pronunciamento seja divulgado nos meios de comunicação da Casa. Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, no dia de hoje, quero prestar uma homenagem à Igreja Assembleia de Deus na Paraíba pela abertura dos trabalhos alusivos as comemorações do seu centenário, no ano de 2018, sob o tema *Jesus Cristo salva, cura, batiza com o Espírito Santo e em breve voltará!* A Igreja Assembleia de Deus na Paraíba teve início no ano de 1918, no sítio vertente na cidade de Alagoa Grande. Deste então, vem crescendo e se espalhando por todo o Estado. Somando com a convenção sediada em Campina Grande, presidida pelo Pastor Daniel Nunes da Silva, a Igreja Assembleia de Deus já abrange todo o Estado, estando presente nos 223 Municípios. São pouco mais de 160 campos eclesiásticos, que abrangem 130 Municípios. Existem aproximadamente 1.100 templos no Estado, com aproximadamente 110 mil membros ligados à convenção com sede em João Pessoa, que atualmente é dirigida pelo Pastor José Carlos de Lima, que assumiu os destinos da instituição no ano de 2001 e há 17 anos vem dando continuidade ao trabalho administrativo, evangelístico, assistencial e espiritual da igreja, que foi iniciada e fomentada por bravos pioneiros e contemporâneos que a presidiram, a exemplo dos

Pastores Cícero Canuto de Lima, João Batista da Silva, Antônio Petronilo dos Santos, Antônio Fernandes das Chagas, Cícero Raimundo Lins e Antônio Ferreira de Lima. As comemorações alusivas ao centenário tiveram início nos últimos dias 30 e 31 de março com uma EBO — Escola Bíblica de Obreiros, sediada na cidade de Alagoa Grande, berço da igreja. Acontecerão eventos comemorativos por diversas cidades-polos do Estado, e a comemoração se concluirá no mês de dezembro deste ano, com um grande evento de celebração no Centro de Convenções Poeta Ronaldo Cunha Lima, em João Pessoa, entre os dias 3 e 9 de dezembro, e contará com a participação de membros da igreja em todo os Estado, de visitantes de Estados vizinhos e longínquos do país e de convidados que farão parte de uma vasta, dinâmica e atrativa programação, todos com um único propósito: celebrar a Deus em forma agradecimento por até aqui ter nos feito prosperar (Câmara dos Deputados da Paraíba, 2018).

Durante as comemorações do Centenário, ocorreu a celebração (30/11/2018) do Culto e a inauguração do templo no Sítio Vertente, em Alagoa Grande, pelo Pastor José Carlos De Lima, Presidente da ADPB. Convidando a comunidade assembleiana a participar desse evento, o cartaz "A história Continua" traz as imagens da primeira casa em que foi celebrado o primeiro culto e do novo templo (Figura 10). A igreja foi erguida na mesma localidade da antiga casa, juntamente com a construção do Memorial da Assembleia de Deus (Figura 11) e a ampliação do açude (Figura 12).

**Figura 10:** Centenário da Assembleia de Deus na Paraíba (1918-2018).  
Inauguração da Igreja do Sítio Vertente.



**Fonte:** Polêmica Paraíba (2023).

**Figura 11:** Construção da casa do Sítio Vertente de Alagoa Grande (30/11/2018).



**Fonte:** Polêmica Paraíba (2023).

**Figura 12:** Ampliação do açude no Sítio Vertente de Alagoa Grande (28/06/2018).



**Fonte:** Polêmica Paraíba (2023).

Diante do desafio do reconhecimento público dos valores evangélicos, no tocante às expressões culturais e festivas e ritos de movimentos, para a construção de um patrimônio imaterial evangélico, ficou evidenciado a invisibilidade da identidade Pentecostal, no Patrimônio Histórico, Cultural e Imaterial<sup>30</sup> do Estado da Paraíba. Cabe frisar que essa denominação desenvolveu costumes próprios no que se refere às manifestações culturais, com influências do Pentecostalismo Estadunidense, das igrejas de Los Angeles e Chicago.

Averiguando-se as principais expressões culturais de fé e festivas<sup>31</sup> e rito de movimento que compõe o Patrimônio Histórico, Cultural e Imaterial<sup>32</sup> do Estado da Paraíba, infere-se que essas tradições religiosas e culturais são reveladoras da formação da identidade

<sup>30</sup>De acordo com a definição da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) Patrimônio Imaterial são “as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas — como os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados — que as comunidades, os grupos e em alguns casos os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural” (Convenção da UNESCO para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial).

<sup>31</sup>As manifestações culturais englobam os conhecimentos, costumes, artes, crenças, cultos religiosos, literatura popular, danças e hábitos de determinados grupos.

<sup>32</sup>De acordo com a definição da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) Patrimônio Imaterial são “as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas — como os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados — que as comunidades, os grupos e em alguns casos os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural” (Convenção da UNESCO para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial).

religiosa do paraibano. Depreende-se que, em sua maioria, é proveniente de uma cultura religiosa Católica Apostólica Romana, predominante na Paraíba, como os ritos de movimento — a procissão de Nossa Senhora da Penha (João Pessoa); a procissão marítima de São Pedro (João Pessoa); as romarias e peregrinações à Cruz da Menina (Patos), ao Santuário de Frei Damião (Guarabira) e a Romaria à Igreja de Nossa Senhora da Guia (Lucena).

Além das festividades em homenagem as santas e aos santos padroeiros como a de Nossa Senhora das Neves (João Pessoa); de Nossa Senhora da Conceição (João Pessoa); de Nossa Senhora da Luz (Guarabira) e Nossa Senhora do Rosário (Pombal); a Festa de Iemanjá; o Maior São João do Mundo; a Marcha para Jesus e a Consciência Cristã (Campina Grande). Essas manifestações do segmento religioso impulsionam o turismo religioso, movimentando a economia do Estado, através da geração de emprego e renda.

A Festa das Neves, que se realiza há 438 anos em homenagem à padroeira da cidade de João Pessoa e do estado da Paraíba, Nossa Senhora das Neves (5 de agosto), foi oficializada como Patrimônio Histórico, Cultural e Imaterial do Estado da Paraíba pela Lei Nº 11.412, de 28 de agosto de 2019 (publicada no Diário Oficial do Estado da Paraíba). O novenário à padroeira é realizado na Catedral Basílica de Nossa Senhora das Neves, uma construção que remonta a 1586, localizada no Centro Histórico de João Pessoa. Simultaneamente, durante os nove dias da novena, ocorre a festa religiosa e a festa popular, com parques de diversões e barracas, conforme estabelecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP).

A Procissão de Nossa Senhora da Penha que é celebrada no último domingo do mês de novembro, no Santuário da Penha (1763), na praia da Penha, em João Pessoa, há 255 anos, declarada Patrimônio Histórico, Cultural e Imaterial do Estado da Paraíba através da Lei Nº 11.417, de 28 de agosto de 2019 (Diário Oficial do Estado da Paraíba), com o objetivo de preservação da identidade cultural das manifestações da capital paraibana. A Romaria tem como local de concentração dos devotos a Igreja de Nossa Senhora de Lourdes, na Av. João Machado, com um percurso de 14 quilômetros, pelos bairros da cidade, até o Santuário de Nossa Senhora da Penha, tombado, em 1980, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP).

A Festa de Iemanjá, expressão religiosa afro-brasileira (Candomblé e Umbanda), celebrada no dia 8 de dezembro, em João Pessoa, completa mais de 100 anos de festejos, com manifestações de rua (anterior ao ano de 1966). As festividades realizadas há 55 anos pelos povos tradicionais de matriz africana ao orixá Iemanjá, recentemente, foram oficializadas pela

Lei Nº 12.185, de 29 de dezembro de 2021, como Patrimônio Cultural e Imaterial do Estado da Paraíba (Diário Oficial do Estado – DOE da Paraíba).

Quanto às expressões culturais e festivas e ritos de movimentos evangélicos ocorrem a “Marcha para Jesus” (João Pessoa) e o “Encontro para a Consciência Cristã” (Campina Grande). Apesar de que essas expressões não sejam reconhecidas pelo IPHAEP como parte do Patrimônio Histórico, Cultural e Imaterial do Estado da Paraíba. Em João Pessoa foi sancionada a Lei No. 11.367, de 10 de janeiro de 2008, como data comemorativa a “Marcha para Jesus”, na gestão do prefeito Ricardo Vieira Coutinho, a ser celebrada no segundo sábado do mês de novembro (Art. 1º). Posteriormente, a Lei nº 12.025, de 03 de setembro de 2009, sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, instituiu o dia nacional da Marcha para Jesus que é comemorada, no primeiro sábado consecutivo aos 60 (sessenta) dias após o domingo de Páscoa (Art. 1º).

Fazendo parte dos movimentos modernos e pós-modernos para a afirmação da identidade religiosa evangélica, ocorre todos os anos, em Campina Grande (PB), o “Encontro para a Consciência Cristã”, movimento cristão do Protestantismo tradicional, renovado e Pentecostal. Com o tema “Os Fundamentos da Fé Cristã”, a 25ª edição (16 a 21 de fevereiro de 2023) abordou o tema "Rei dos Reis". Em seguida, a Lei nº 12.328, de 15 de setembro de 2010, sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, instituiu o “Dia Nacional do Evangélico”, fixando o dia 30 de novembro para sua comemoração. O Projeto de Lei Nº PL 1791/2011, em 07/07/2011, declarou o “Encontro para a Consciência Cristã”, realizado na cidade de Campina Grande, Estado da Paraíba, Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. Ao longo do tempo, essas dinâmicas religiosas contemporâneas têm provocado o surgimento da afirmação da identidade religiosa evangélica.

## 2. O MODELO DE ANÁLISE ICONOLÓGICA DE ERWIN PANOFSKY COMO PROCEDIMENTO DE LEITURA VISUAL

Para uma interpretação das ideias que emergirão do conjunto de imagens selecionadas para esse trabalho de investigação sobre a escatologia nas Assembleias de Deus, no espaço geográfico de João Pessoa (PB), se empregará, durante a análise dessas representações visuais, os conceitos de iconografia e de iconologia de Erwin Panofsky (2007), tratados nesse capítulo.

Deste modo, utilizar-se-á a proposta metodológica de leitura de imagens do autor como ferramenta interpretativa desse estudo, assim contribuindo para uma visão do sentido simbólico das imagens produzidas a partir do fenômeno aqui referenciado posto que a iconografia e a iconologia se voltem às linguagens inclusivas religiosas, sendo essas

[...] de articulação ou representar formas de análise e interpretação de artefatos, imagens, figuras e suas dimensões religiosas ou de fenômenos religiosos. Estudos iconográficos e iconológicos existem nos campos da religião, da liturgia, da astronomia, da arte, de realezas, impérios e da política, da economia, de classes sociais, da arquitetura, da heráldica, da emblemática, de cores, da luz, do mundo vivo, de animais, da erótica, de gênero de épocas históricas específicas, e mais outras (Usarski; Texeira; Passos, 2022, p. 545).

Ao iniciar o seu trabalho de pesquisa, em 1920, Panofsky dedicou-se, principalmente, às formas simbólicas, propondo uma reinterpretação conceitual da iconografia e, por conseguinte, da iconologia (Panofsky, 2007). Nesse campo do saber, o autor recebeu forte influência de duas grandes referências, na fundamentação desse método, como da tradição teórica do legado warburgiano e do filósofo da cultura alemão Ernst Cassirer.

No capítulo dedicado à Iconografia e à Iconologia, do livro *“El Uso De La Imagen Como Testimonio Historico”* do historiador inglês Peter Burke (2001), em destaque encontra-se uma epígrafe de Panofsky<sup>33</sup>, depreendendo a respeito do quanto o método warburgiano contribuiu para a ‘ciência da arte’. Quanto à proposta deste último ensaio, Peter Burke (2001, p. 45) alude sobre a relevância da prática interpretativa aplicada em uma obra de arte, assim referendando que “o enfoque de imagens do grupo de Hamburgo foi sintetizado num famoso ensaio de Panofsky, inicialmente publicado em 1939, distinguindo três níveis de interpretação correspondendo a três níveis de significado do próprio trabalho”. Acrescenta Burke (2001, p. 44) que “pode-se dizer que para os iconografistas, pinturas não são feitas simplesmente para serem observadas, mas também para serem ‘lidas’”.

---

<sup>33</sup>[Un] aborígen australiano seria incapaz de reconocer el tema de la Última Cena; para él no expresaría más que la idea de una comida más o menos animada (Burke, 2001, p. 43).

De acordo com o autor (2001) as representações visuais, pinturas, esculturas, fotografias e os diversos meios artísticos podem fornecer informações valiosas e mais abrangentes a respeito do contexto social e cultural, vida cotidiana, mentalidades e perspectivas, mudanças ao longo de diferentes períodos, indo além daquelas encontradas em documentos escritos. Diferentemente, de outros tipos de registros históricos, as imagens apreendem gestos, expressões, ambientes e detalhes. Assim como, fornece uma perspectiva visual sobre a cultura em diferentes períodos históricos posto que evoque emoções, transmite valores culturais e retrate relações sociais (Burke, 2001).

A História da Arte é uma disciplina acadêmica voltada ao estudo dos artefatos visuais e que além de analisar e interpretar as características formais e estilísticas das obras de arte, também se preocupa em compreender os contextos sociais de produção e difusão das imagens. Para essa discussão Warburg e Panofsky recorrem como ferramenta metodológica a iconologia — o estudo dos símbolos, temas e significados presentes nas obras de arte, envolvendo a identificação e interpretação dos elementos visuais, como figuras mitológicas, alegorias, emblemas, entre outros.

Apesar da influência que Warburg exerceu sobre Panofsky, cabe examinar as diferenças de método e objetos de investigação das distintas abordagens do primeiro — com foco na correlação entre imagem, arte e antropologia e que o objeto artístico traz consigo elementos da psicologia humana; e de Panofsky — no campo da historiografia da arte humanística, voltada para o comportamento de um povo, período ou classe social, inferindo que a arquitetura é específica do meio. Esse autor considera que a arquitetura, a pintura e a escultura são portadoras de significados simbólicos extrínsecos e intrínsecos. Na continuidade da exposição do método de análise de Obras de Arte de Erwin Panofsky, discutir-se-á o campo iconológico e a sua aplicabilidade no estudo das Artes Visuais. Assim como, as críticas que o seu trabalho recebeu por parte de alguns teóricos, dessa área de conhecimento.

A obra do historiador hamburguês da imagem e da cultura e antropólogo Abraham (Aby) Moritz Warburg (Hamburgo, 1866–1929) lhe confere um lugar de destaque no estudo da assimilação significativa da teoria da Arte e Cultura Pagã<sup>34</sup> e do Renascimento<sup>35</sup> europeu

---

<sup>34</sup>Cultura Pagã – Paradoxalmente, a grande influência da cultura pagã greco-romana na Renascença, em particular a italiana, teve o encorajamento e o patrocínio da Igreja, cujos Papas (Nicolau V, 1447-1455, criador da Biblioteca do Vaticano; Pio II, 1458-1464; Julio II, 1503-1513; e Leão X, 1513-1521)388, com fabulosas obras e aquisições artísticas, enriqueceriam o patrimônio e o acervo cultural da Igreja, para a maior glória de Deus, e se tornariam patronos e mecenas de uma Arte de temas e expressão religiosa e pagã. Se no início do quattroceto apenas uma de cada vinte pinturas era de cunho pagão, no final do século essa proporção havia quintuplicado; o Vaticano expunha quadros e esculturas com nus e divindades pagãs; o corpo humano era admirado por sua beleza, harmonia e proporção, segundo o modelo grego. Essa contradição seria alvo de crítica da Reforma protestante (Rosa, 2012).

(séculos XIV e XVI). Assim como, estabelece uma aproximação entre a Antiguidade Clássica da Cultura e da época moderna, desaprovando elaborações de estudos de cunho, especificamente, estilísticos.

Ressalta-se que o legado de Aby Warburg e sua abordagem sobre a História da Arte, no que diz respeito às conexões culturais e simbólicas entre imagens e às formas como as mesmas ideias e símbolos podiam ser expressos em diferentes contextos culturais, longe de ter ficado no passado, continua a ser revisitado pelos pesquisadores na academia contemporânea.

No âmbito das ciências humanas, o método warburguiano pretendia desenvolver a Ciência da Arte — os estudos visuais, os símbolos artísticos e extra artísticos, ou *Bildwissenschaft* depreendido como parte dos estudos culturais, voltando-se à Ciência Histórica da Cultura, ou *Kulturwissenschaft*. Desse modo, o papel da imagem sempre estrito a um contexto cultural (Lissofsky, 2014).

Nesse sentido, destaca-se toda a inovação que o seu método historiográfico gerou, configurando-se como um importante instrumento multi e interdisciplinar. Recorre-se à múltipla interface que se estende desde a arte até a religião, desta para a literatura e, por conseguinte, para a filosofia, biologia, psicofisiologia, psiquiatria e antropologia, que problematizam a respeito da memória humana. Aborda-se a história dos cultos religiosos, das festividades, da magia e da astrologia, bem como a história da cultura livresca e literária. Defende-se que a imagem possui um poder simbólico, expressando assim a inquietação de um determinado período histórico, enquanto examina-se a influência da Antiguidade sobre o Renascimento (Mcewan, 2012).

O modo de pensar e pesquisar de Aby Warburg compreendidos no campo das inter-relações entre antropologia, imagens e arte se reflete na organização do seu grande projeto *Mnemosyne* — a Biblioteca elíptica de Hamburgo e Atlas de imagens “*Mnemosyne*” [Der

---

<sup>35</sup>Renascimento – Não há, portanto, uma experiência histórica renascentista, há várias. Não há um Renascimento, há múltiplos. O mais característico desse fenômeno histórico é, pois, a rica variedade das suas manifestações, assemelhadas algumas práticas e produções entre si, contrastantes outras, convergentes ainda algumas e contraditórias inúmeras. O Renascimento, ou os renascimentos, essa prodigiosa riqueza de manifestações variadas e divergentes, presta-se de maneira excepcional, neste caso, como uma lição sobre a vitalidade incontrolável da cultura humana, quando atravessada por um sopro ou um anseio geral de *liberclacle*. Os historiadores costumam, de forma geral, enfatizar a importância e o grande significado do avanço técnico e da revalorização dos padrões estéticos clássicos no período em questão. A extraordinária manifestação artística ocorrida na Europa ocidental nos séculos XV e XVI corresponderia, assim, a um dos períodos mais férteis e de mais alto nível estético da História da Arte, reflexo de novas concepções e aspirações de uma nova Sociedade. Embora fossem a Igreja e a Nobreza os grandes patrocinadores da Arte (em especial da Pintura, da Escultura, da Arquitetura e da Música sacra), seria crescente o emprego de temas pagãos, da Antiguidade Clássica, nas manifestações artísticas (Sevcenko, 1994).

Bilderatlas Mnemosyne (Warburg, 2013a)] — em que uma coleção visual de imagens se encontrava ordenada em 63 painéis (1925), de 1,70m x 1,40m, com mais de 1000 imagens originais usadas por Warburg (Warburg, 2013). Reportava-se a sua criação como uma espécie de Atlas visual da História da Arte e da Cultura como “Uma História de Arte sem palavras”, ou como “história de fantasmas para pessoas adultas” (Samain, 2011, p. 33-36). Essa reavaliação e revisitação de Warburg e sua influência na teoria e na História da Arte na França tem sido amplamente exploradas por estudiosos e acadêmicos interessados nas conexões entre imagem, cultura e sociedade.

Voltado à apreciação histórica do fenômeno artístico, o seu método historiográfico rompe com os limites tradicionais da disciplina da História da Arte, principalmente, no que se refere aos estudos tão somente direcionados à perspectiva estilística, aderindo à sua expansão no campo da História da Cultura, assim, criando um campo interdisciplinar para a historiografia contemporânea da Arte, em torno do final do século XIX e início do século XX, promovendo uma aproximação entre os ideais da antiguidade - o renascimento da antiguidade clássica – e a cultura da época moderna, publicado em seus ensaios. Assim sendo, defendeu que a expansão dessa disciplina dar-se-ia a partir de uma "teoria da evolução" dos objetos artísticos em que a sua elaboração seria sob a estética da imagem (Didi-Huberman, 2009).

Ao aplicar o seu método iconográfico estudou a imagem para além da forma e da linha cronológica do tempo, da representação do movimento, voltando-se para a sua complexidade. Dessa maneira, infere sobre a iconologia como decorrência da inter-relação entre forma e conteúdo e, por conseguinte, o estilo como sintoma da mentalidade de um período histórico. Em sua pesquisa, Aby Warburg (2018) ampliou o campo da iconografia a uma interpretação cultural do objeto de arte, abordando sobre a importância para o pesquisador da elucidação do período da origem de cada objeto artístico que, longe de estar insulado em si mesmo, é revelador do contexto e aspectos da psicologia humana de determinada época (Chacartegui, 2014, p.3).

A História da Cultura pensada por Warburg como uma Ciência da Cultura em que não é possível a imagem ser dissociada de seu liame com a religião, poesia e ato cultural. Desse modo, examina-se que o método iconológico warburguiano parte das formas de obra de arte e da migração dos motivos pictóricos em que essas figurações são entendidas a partir de uma compreensão mais clara e abrangente da História da Cultura.

Ao conhecer o pensamento de Warburg, afere Panofsky (no período de 1915–1920) que os problemas de significado não seriam específicos desse autor, bem como os problemas de estilo e forma não foi a única preocupação de Wölfflin. Quanto aos métodos de Wölfflin e

Warburg, Panofsky apreendeu a leitura intermediária de forma/significado e, posteriormente, uma análise de forma/forma, cotejando sistemas de ordenação arquitetônica aos sistemas de ordenação intelectual em gótico, Arquitetura e Escolástica. Após realizar pesquisas na Bibliotheca Hertziana (1923-1927), em Roma, Wittkower retornou à Alemanha (1928), passando a frequentar a Biblioteca de Warburg, onde conheceu Panofsky (Sherer, 2020).

Portanto, a convergência entre as obras de Warburg, as análises de Panofsky, desempenhou um papel fundamental em expandirem os horizontes teóricos e metodológicos da Arte e da Cultura Visual, estimulando debates e reflexões que refletem os desafios e as transformações da produção e recepção de imagens na sociedade atual. Assim, "proporcionando" uma compreensão mais abrangente dos fenômenos visuais em seu contexto histórico e contemporâneo.

## **2.1 A metodologia de análise de obras de arte de Erwin Panofsky**

O historiador de Arte<sup>36</sup> alemão Erwin Panofsky (Hanôver, 1892 – Princeton, New Jersey, 1968), versado no campo científico acadêmico da História da Arte<sup>37</sup>, se tornou conhecido como um dos iconógrafos mais expressivos do século XX, sobretudo, no âmbito do significado das obras visuais, no que concerne aos estudos sobre símbolos e iconografia em obras de artes, bem como a respeito do desenvolvimento do método iconológico de leitura e interpretação das criações visuais figurativas.

Afora os seus estudos superiores cursados nas universidades de Berlim e Munique, Panofsky realizou o curso de História da Arte (1914), na Universidade de Friburgo (Friburgo). Em sua tese de doutorado abordou sobre a matemática italiana na obra do pintor alemão Albrecht Dürer. Panofsky contraiu matrimônio (1916) com a então historiadora da Arte Dorothea Mosse, com quem, entre outras parcerias, produziu “O Mito de Pandora” (Santos, 2017).

Durante o período (1926-1933) em que permaneceu exercendo a docência em História da Arte, na Universidade de Hamburgo (Hamburgo), iniciou a sua produção de textos em História da Arte e, no período intermitente (1931-1933), continuou ministrando

---

<sup>36</sup>Historiador da Arte – é um humanista cujo “material primário” consiste nos registros que nos chegaram sob a forma de obras de arte (Panofsky, 2007).

<sup>37</sup>Embora enraizada numa tradição cujo passado possa ser seguido até a Renascença italiana e, além dela, até a Antiguidade clássica, a História da Arte — ou seja, a análise e interpretação histórica de objetos feitos pelo homem e aos quais atribuímos um valor mais que utilitário, em oposição à estética, à crítica, à arte do connoisseur e à “apreciação”, de um lado, e do estudo puramente arqueológico de outro — é um membro relativamente recente da família das disciplinas acadêmicas (Panofsky, 2007).

disciplinas nesta instituição e, revezando, como professor convidado (1931-1962), do *The Institute of Fine Arts*, da Universidade de Nova York (EUA), uma vez que ficou reconhecido internacionalmente como historiador das Artes (Panofsky, 2007).

No contexto histórico-social da ascensão do Nazismo e a ocupação do poder pelo ditador Adolf Hitler na Alemanha, em consequência disso, recebeu uma comunicação da Universidade de Hamburgo, através de telegrama, informando-lhe sobre a sua demissão (1933), contendo, na tarja que selava essa correspondência, a seguinte mensagem: ‘Cordiais saudações de Páscoa, Western Union’ (Panofsky, 2007, p. 412-423).

Em vista disso, Panofsky continuou lecionando na Universidade de Nova York (EUA), em 1931, e recebeu um convite da Faculdade Humanística do Institute of Advanced Study, da Universidade de Princeton (Princeton), passando a fazer parte do corpo docente (1935-1962), juntamente, a outros refugiados da Alemanha Nazista, recebidos por essa instituição. Ademais, ministrou aulas na Universidade de Havard (1947-1948), na cidade de Cambridge; na American Academy of Arts and Sciences, da British Academy, entre outras (Panofsky, 2007).

Na ocasião, admitiu que durante todo o tempo em que ministrou cursos e conferências nos Estados Unidos América (USA), ainda que a sua permanência no país se desse na condição de refugiado, além do apoio ao desenvolvimento de suas pesquisas, concederam-lhe um tratamento digno de um docente convidado (Panofsky, 2007).

O Instituto Warburg (Hamburgo) composto por estudiosos que se destacaram nessa área do conhecimento, importante ressignificando o conteúdo das obras de artes, a exemplo do seu fundador o Historiador da Arte alemão Abraham Moritz Warburg (1866-1929), mais conhecido por Aby Warburg. Anteriormente, nesse prédio encontrava-se instalada a Biblioteca Warburg para as Ciências da Cultura — Kulturwissenschaftliche Bibliothek Warburg — KBW (1924–1933) afiliada a Universidade de Hamburgo. Posteriormente, diante do cenário político da Alemanha, o Instituto passou a funcionar em Londres (1944), dentro da tradição warburgiana, dos estudos da Antiguidade Clássica, voltando-se ao Renascimento e Idade Moderna, incorporado a Universidade de Londres (Whitaker, 2005).

Nesse decurso, o estudo da iconografia local trouxe contribuições para o seu método analítico. Postulou que as imagens contêm ideias que são disseminadas reiteradamente e que o universo das imagens é alinhado, pautando-se sob uma concepção humanística da Arte e da História da Arte como História das Imagens. Dessa maneira, Panofsky buscou a interpretação das culturas em suas manifestações simbólicas expressas na imagem visual, sendo essa artística ou não (Panofsky, 2007). Conforme o autor

Quem quer que se defronte com uma obra de arte, seja recriando-a esteticamente, seja investigando-a racionalmente, é afetada por seus três componentes: forma materializada, idéia (ou seja, tema, nas artes plásticas) e conteúdo. A teoria pseudoimpressionista segundo a qual “forma e cor nos falamos de forma e cor, e isso é tudo” é, simplesmente, incorreta. Na experiência estética realiza-se a unidade desses três elementos, e todos três entram no que chamamos de gozo estético da arte (Panofsky, 2007, p. 36).

No que concerne à construção do seu método iconológico — Iconology — de análise e interpretação de imagem, principiado por Aby Warburg (século XX), na completude da obra de arte, diante de o saber formalista e a historiografia tradicional, este se pôs em evidência a partir de suas obras, entre outras<sup>38</sup>, tornando-se o mais conhecido (em língua inglesa) dos seus artigos “*Introducion*” em *Studies in Iconology: Humanistic Themes in the Art of the Renaissance* (1939), em Nova York e “*Meaning in the Visual Arts*”<sup>39</sup> (1955) (Panofsky, 2007).

Mais tarde, publicado no Brasil e traduzido sob o título de "Estudos sobre Iconologia" e, em seguida, "Significado nas Artes Visuais" (1991). Os ensaios encontrados no capítulo I “Iconografia e Iconologia: uma introdução ao estudo da Arte da Renascença” (1939), apresentando a sistematização do método iconológico e suas três etapas de significado ou tema, passando por ajustes, e, a aplicação do método, no capítulo II “A História da teoria das proporções humanas como reflexo da história dos estilos” (1921), de análise prática de imagem, compõe parte desse livro, cabendo frisar que a prática veio anterior ao método (Panofsky, 2007).

Ficou demonstrado que esse método de leitura e interpretação de imagens, mediante observação nos movimentos artísticos e culturais expressos através das artes, constituiu-se a partir de dois conceitos — iconografia — que procede a investigação dos significados convencionais das imagens, descrição e classificação, e — iconologia — a interpretação para além dos dados visuais e o significado cultural da imagem que representam duas categorias. Dessa maneira, averiguando-as em consonância com a estrutura social, o espaço geográfico e temporal em que as obras foram concebidas.

Ao apresentar a proposta de sistematização do método tripartite de análise de imagens e sua aplicação (Alemanha, 1921; Estados Unidos, 1939), fica evidenciada a concepção de investigação do significado artístico como ferramenta propiciadora de leitura e

<sup>38</sup>Idea: A Concept in Art Theory (1924); Perspective as Symbolic Form (1927); Studies in Iconology (1939); The Life and Art of Albrecht Dürer (1943); Gothic Architecture and Scholasticism (1951); Early Netherlandish Painting (1953); Meaning in the Visual Arts (1955); Pandora's Box: the Changing Aspects of a Mythical Symbol (1956); Renaissance and Renascences in Western Art (1960); Tomb Sculpture (1964); e Problems in Titian, mostly iconographic (1969).

<sup>39</sup>Nessa edição, Panofsky reuniu os artigos de 1921 e de 1939.

prática de interpretação de imagens — a análise iconológica. Em sua abordagem metodológica, Panofsky aplicou a esse procedimento de leitura de imagens, no que diz respeito ao tema ou significado, três categorias ou níveis distintos, sendo dois analíticos — o pré-iconográfico (análise dos motivos) e iconográfico (temas ou conceitos); e um sintético — o iconológico, elementos subjacentes aos motivos, imagens, histórias e alegorias (Panofsky, 2007).

Portanto, para cada um desses três níveis é atribuído um tipo de interpretação que corresponde a um tipo de significado. No que diz respeito à interpretação da obra, pode-se constatar que, embora este método analítico esteja constituído por três níveis distintos, os quais são examinados separadamente, se complementam quando considerados em conjunto. De acordo com Panofsky (2007, p. 64) “[...] fundem-se num mesmo processo orgânico e indivisível”.

Desta forma, se realiza uma análise gradativa e transdisciplinar, a descrição pré-iconográfica (representação), a análise iconográfica (identificação) e a interpretação iconográfica. Essa última, ao longo do tempo, ganhou novas configurações, sendo renomeada como interpretação iconológica, quando da sua publicação em Londres, em 1955 (Burke, 2001). Essas categorias foram utilizadas na análise quer nas imagens da vida cotidiana, quer nas imagens de obra de arte<sup>40</sup>.

Examina-se que a exposição do método panofskyano deixa claro que não é a intenção do autor dar mais ênfase para a categoria iconográfica do que para a categoria iconológica, do contrário chega ao ponto de, na análise, não se distinguir onde realmente termina uma categoria e inicia-se a outra. Logo, diante do exposto por Panofsky, é lícito supor que ambas as categorias, iconográfica e iconológica, são complementares. Como foi dito, o autor definiu os sentidos de iconografia e iconologia como o que é possível ser observado e contactado — as imagens iconográficas; e o que é transmitido por meio das estruturas e formas das imagens provindas das artes — a iconologia (Panofsky, 2007).

Sublinha o autor (2007, p. 48) que o termo iconografia, do grego eikôn (imagem) e do sufixo ‘grafia’ que vem do verbo grego graphein (descrição), ‘escrever, compor, designar, registrar’ “implica em um método de proceder puramente descritivo, ou até mesmo estatístico”, examinando que “coleta e classifica a evidência, mas não se considera obrigada ou capacitada a investigar a gênese”.

---

<sup>40</sup>Obra de arte – Um objeto feito pelo homem que pede para ser experimentado esteticamente. As obras de artes são, ao mesmo tempo, manifestações de intenções artísticas e objetos naturais, às vezes difíceis de isolar de seu ambiente físico e sempre sujeito ao processo físico do envelhecimento (Panofsky, 2007).

Panofsky (2007) depreende que “a iconografia considera apenas uma parte de todos esses elementos que constituem o conteúdo intrínseco de uma obra de arte e que precisam se tornar explícitos se quiser que a percepção desse conteúdo venha a ser articulada e comunicável”. A iconografia, método de função descritiva da representação de imagens, compreende, portanto, o reconhecimento, classificação da imagem e mensagem nela contida e interpretação do significado preciso dos símbolos. As suas fórmulas, empregadas pelos artistas, elucidam a despeito de sua propriedade e criador, autenticidade, origem, datação, época e cultura em que se encontram. A respeito da utilização da iconografia como a escrita da imagem, adverte o autor (2007) que

Desse modo, a iconografia pode ser considerada como uma vertente da história da arte que aborda o tema ou a mensagem das obras de arte em contraposição à sua forma [...] o significado assim percebido é de natureza elementar e facilmente compreensível e passaremos a chamá-lo de significado fatural [...] os objetos assim identificados produzirão, naturalmente uma reação em mim (Panofsky, 2007, p. 48).

Ao passo que o termo iconologia (ou iconografia interpretativa) é atribuído a interpretação de valores simbólicos e o desenvolvimento final da mensagem que aponta para o significado final da obra de arte (filosófico, religioso, social, histórico etc.). Em consequência disso, se obtém a leitura e a interpretação integral da obra de arte, no contexto social e espaço-temporal, de suas produções.

Panofsky (2007, p.54) evidencia “pois, se o sufixo ‘grafia’ denota algo descritivo, assim também o sufixo ‘logia’ — derivado de logos, que quer dizer ‘pensamento’, ‘razão’ — denota algo interpretativo”. A esse respeito, o autor tece as seguintes considerações:

Devido às graves restrições que o uso corriqueiro, especialmente nesse país, opõe à palavra ‘iconografia’, proponho reviver o velho e bom termo, ‘iconologia’, sempre que a iconografia for tirada de seu isolamento e integrada em qualquer outro método histórico, psicológico ou crítico, que tentemos usar para resolver o enigma da esfinge. Assim concebo a iconologia como uma iconografia que se torna interpretativa e, desse modo, converte-se em parte integral do estudo da arte, em vez de ficar limitada ao papel de exame estatístico preliminar. Há, entretanto, certo perigo de a iconologia se portar, não como a etnologia em oposição à etnografia, mas como a astrologia em oposição à astrografia (Panofsky, 2007, p. 54).

Posteriormente, a iconologia ganhou projeção nos estudos sobre a história da Arte (Panofsky, 2007). Assim, infere Cintra (2011, p. 388) que o nível iconológico “apoia-se, portanto, mais na apreensão do entendimento. Busca o conteúdo, mais do que a forma, o sentido secundário ou iconográfico, no dizer de Panofsky. Apoia-se no sentido primário, mas o supera e aprofunda”.

Ficou demonstrado que a primeira categoria desse método analítico — a descrição pré-iconográfica — trata-se do nível mais básico no tocante à percepção de uma obra, a partir da experiência prática e familiaridade cotidiana, segmentado por dois significados fatural (elementar e compreensível) e expressional (nuances psicológicas) que se aditam, concebido com significado primário ou natural, identificando o objeto. Esse iconógrafo (2007, p. 50) denominou de descrição pré-iconográfica — “o mundo das formas puras assim reconhecidas como portadoras de significados primários ou naturais, exibindo unicamente motivos — análise dos motivos, podendo ser chamado de mundo dos motivos artísticos. Uma enumeração desses motivos constituiria uma descrição pré-iconográfica de uma obra de arte” (Quadro 1).

**Quadro 1:** Sinóptico do Método Iconográfico de Panofsky: os três níveis de significados e procedimentos de leitura de uma obra de Arte.

<b>TIPO DE ANÁLISE</b>	<b>NÍVEL DE ANÁLISE</b>	<b>OBJETO DE ANÁLISE</b>	<b>OPERAÇÃO</b>	<b>CONHECIMENTOS REQUERIDOS</b>
<b>PRÉ-ICONOGRÁFICA</b>	Tema primário ou natural	Análise dos motivos, pessoas, animais, objetos, acontecimentos.	Visualização Familiar a nossa cultura ou civilização.	Experiência Social (Cotidiana) ou Cultural.
<b>ANÁLISE ICONOGRÁFICA</b>	Tema secundário ou convencional	Temas e conceitos das histórias, imagens ou alegorias, mitologias etc.	Identificação e descrição.	Conhecimentos Específicos de temas e Formas Artísticas.
<b>INTERPRETAÇÃO ICONOLÓGICA</b>	Significado intrínseco ou conteúdo	Elementos subjacentes, princípios, socioculturais, adjacentes.	Contextualização (ou interpretação).	Conhecimento aprofundado da sociedade, cultura e cosmovisão de cada época.

Fonte: Adaptado a partir do quadro elaborado por Panofsky (2007, p. 64-65).

No que se refere à descrição formal do significado primário ou natural de uma imagem, é concebido através da descrição completa da forma; do reconhecimento de suas relações recíprocas como eventos; e da apreensão de alguns atributos expressivos. O espectador/leitor ou historiador da arte alcançarão a descrição “pré-iconográfica”, em que são encontradas as figuras e os objetos representados com especificidades no que tange à composição pictórica ou escultórica (Panofsky, 2007).

É pertinente dizer que, realizada uma descrição formal (objetiva e fotográfica), a obra é captada de maneira natural, através da identificação de formas puras, objetos e eventos encontrados na imagem. Essa categoria está ao alcance de qualquer espectador que a explora de maneira mais prática, independentemente da cultura que possua ou contexto social, uma vez que dispensa outro conhecimento, a não ser a proximidade com temas específicos que se atinge através da experiência prática. Assim sendo, concernente a uma descrição denotativa, nos limites da esfera do mundo dos motivos, reconhecimento das formas, cores, textura, volumes e linhas que tratam do mundo da visão. Apesar disso, permanecem juntos os dados do conteúdo aos dados formais (Panofsky, 2007).

A segunda categoria de análise é a descrição iconográfica formal de sentido extrínseco, reúne os motivos artísticos e as combinações de motivos artísticos (composições), vinculando temas ou conceitos transmitidos por fontes textuais. Essa categoria se volta para a descrição de imagens, pressupondo o estudo do significado secundário ou convencional concernente aos conceitos revelados em imagens, histórias e alegorias, com características próprias. Nesta fase, a iconografia seria responsável pela reconstituição dos elementos visíveis que compõem a fotografia, descreve e informa quando e onde os temas foram construídos, situando e datando a obra (onde e quando). O espectador/leitor ou historiador da arte perscrutarão a bibliografia dos diversos campos do conhecimento, para além da criação artística investigada. Diferentemente da primeira que nem sempre é consciente, a segunda categoria é apreendida como intencional, quando fica evidente o que o artista intenciona expor (Panofsky, 2007).

A Análise iconográfica requisita a identificação correta dos motivos, das cenas, da narrativa geral, em que se faz necessário uma estrutura cultural superior que no primeiro nível (Panofsky, 2007). Sendo assim, utilizar-se-á a definição de análise iconográfica proposta por Panofsky (2007, p. 51) “a identificação de tais imagens, estórias e alegorias é o domínio daquilo que é normalmente conhecido por iconografia”.

É preciso acentuar que nessa categoria se faz necessário mais que a articulação com os objetos e fatos que se obtém através da experiência prática, a exemplo de temas específicos ou conceitos, considerando o conhecimento que se tem sobre as fontes literária ou cultural, erudição (ampliar). A esse respeito, o autor elucida que

Nesses casos, devemos também nós, tentar nos familiarizar com aquilo que os autores das representações liam ou sabiam. No entanto, mais uma vez, embora o conhecimento dos temas e conceitos específicos transmitidos através de fontes literárias seja indispensável e suficiente para uma análise iconográfica, não garante sua exatidão. É tão impossível, para nós, fornecer uma análise iconográfica correta

aplicando, indiscriminadamente, nosso conhecimento literário aos motivos, quanto fornecer uma descrição pan-iconográfica certa aplicando, indiscriminadamente, nossa experiência prática às formas (Panofsky, 2007, p. 59).

A terceira categoria desse método se refere à interpretação iconológica — significado intrínseco ou conteúdo — concernente ao mundo dos valores “simbólicos”, enfocando como ferramenta para a interpretação, desse nível, a instituição sintética (ampliar), proximidade com as tendências essenciais da mente humana, que está subordinada a psicologia pessoal e *Weltanschauung*<sup>41</sup>. Na análise das obras de arte e em suas fases de pré e pós-guerra, Panofsky adotou uma abordagem que considerava essas tendências não só em termos de dinâmica externa de resposta subjetiva, mas também em termos da unidade interna de forma e conteúdo da obra.

Panofsky traduz o método iconológico como uma “síntese recreativa” em que é elaborada a interpretação da arquitetura, pintura, escultura e dos objetos artísticos em que se dá a decomposição das imagens e reconstrução de seus percursos no espaço-temporal. Nesta etapa, o espectador/leitor ou historiador da arte correlacionará à criação artística no contexto em que foram concebidas, nas diversas perspectivas seja política, filosófica ou social do artista. Assim sendo, a leitura iconológica é o estudo do significado do objeto (Panofsky, 2007).

A iconologia é a ciência do conteúdo das imagens, abrangendo os conteúdos simbólicos, mitológicos e religiosos que encontram representações em imagens. A análise do conteúdo visual de imagens permite investigar e reconstruir a proveniência, a localização e a datação de obras de arte, proporcionando uma descrição e informação acerca de quando e onde os temas foram representados. Esse tipo de análise é de extrema relevância para o campo acadêmico, contribuindo para a compreensão histórica e cultural das obras de arte (Panofsky, 2007).

Assim como, a iconologia é uma abordagem analítica que, por sua vez, vai além do método puramente descritivo de uma obra de arte, define o seu significado simbólico e cultural. Ao contextualizar os elementos visuais em relação a conhecimentos históricos, culturais e filosóficos, a iconologia proporciona uma interpretação mais profunda da obra, revelando suas intenções e mensagens subjacentes.

---

<sup>41</sup>*Weltanschauung*. (Al.: visão de mundo, cosmovisão) 1. Concepção global, de caráter intuitivo e pré-teórico, que um indivíduo ou uma comunidade formam de sua época, de seu mundo, e da vida em geral. 2. Forma de considerar o mundo em seu sentido mais geral, pressuposta por uma teoria ou por uma escola de pensamento, artística ou política (Japiassu; Marcondes, 1996).

Examina-se que para Panofsky (2007) a iconografia estuda o tema ou a mensagem da obra abstraindo sua forma. Para esse autor o tema e o significado estão alinhados, e a forma ao significante. A respeito da análise iconográfica e interpretação iconológica pondera Cintra (2011) que não se trata, propriamente, de duas categorias e sim de um método, sublinhando que

Esses dois níveis, esferas ou momentos (iconográfico / iconológico) representam mais um recurso metodológico do que uma separação radical. É certo que no homem distinguem-se os sentidos externos e a inteligência, e, se é verdade o adágio filosófico de que "nada há na inteligência que não tenha passado primeiro pelos sentidos", também é verdade que nada há nos sentidos de um ser racional, que não acabe por ser apreendido intelectualmente (Cintra, 2011, p. 388).

Desse modo, uma iconografia que se tornou interpretativa, definindo a obra, em que se faz a diferenciação entre descrição, a definição inicial da imagem, e a definição compreendendo o plano dos conteúdos aderidos à forma do objeto. Ela especifica condições, maneiras, culturas e meios em que a obra foi produzida, inerente ao objeto, dependendo do aparelho subjetivo de quem a interpreta (Panofsky, 2007).

Ao examinar a relevância dada à arquitetura nos estudos desse iconólogo, enfatiza Daniel Sherer (2020, p.197-198, tradução nossa) que “para acompanhar o desenvolvimento da abordagem de Panofsky à arquitetura nesses anos, será necessário examinar a trajetória de sua teoria estética em relação ao seu projeto histórico e iconológico mais amplo da arte <sup>42</sup>”.

Retomando as três categorias de análise, importa considerar a precisão com que essas devem ser aplicadas para a investigação do significado ou tema, submetendo-as, do mesmo modo, a uma técnica de correção — a História da Tradição — que, nessa interpretação, se traduz em um processo de três etapas, com concepções distintas. Com o propósito de melhor aludir sobre as diferentes dimensões desse método, assevera Panofsky (2007, p. 64) que “em qualquer camada que nos movamos, nossas identificações e interpretações dependerão de nosso equipamento subjetivo e por essas mesmas razões terão de ser suplementados e corrigidos por uma compreensão dos processos históricos cuja soma total pode denominar-se tradição”.

Ante a intercorrência das condições históricas, objetos e fatos foram representados por formas, sendo assim a história dos estilos correlacionada ao significado primário ou natural. A compreensão da maneira pela qual os temas singulares e conceitos são expressos

---

<sup>42</sup>To follow the development of Panofsky’s approach to architecture in these years, it will be necessary to examine the trajectory of his aesthetic theory in relation to his larger art historical and iconological project (Sherer, 1920, p. 197-198).

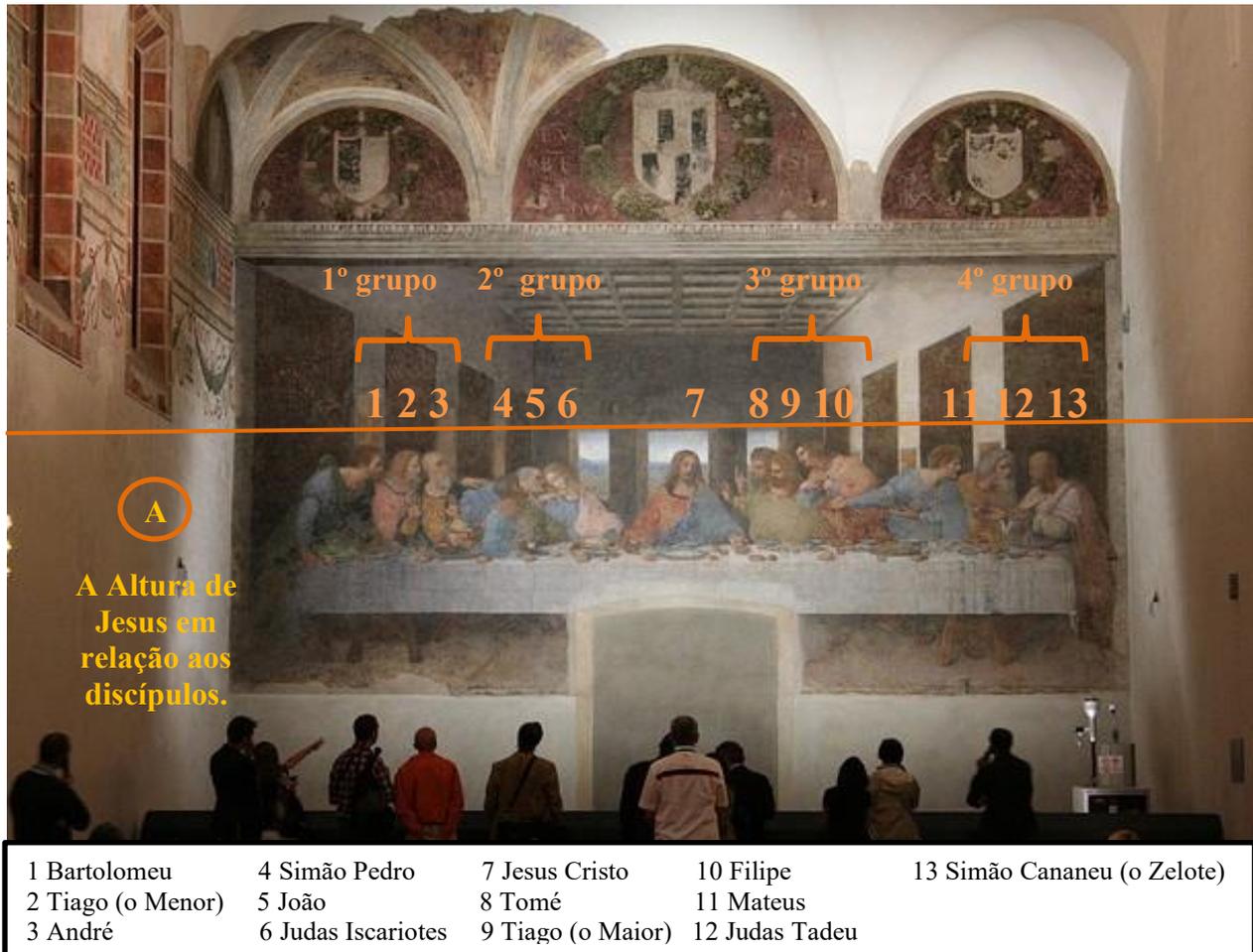
por objetos e fatos correspondem a História dos tipos, concernente ao significado secundário. A apreensão do modo como, sobre condições históricas variáveis, tendências essenciais do espírito humano foram expressas por temas e conceitos específicos, relacionando-se a História dos sintomas culturais ou símbolos (Ernst Cassirer), alusiva ao significado intrínseco (Panofsky, 2007).

Assim sendo, como proposta de análise das três camadas da metodologia de leitura visual inferida por Panofsky tomou-se, nesse capítulo, “A Última Ceia” ou “Cenáculo”<sup>43</sup> (L’ultima Cena ou Cenacolo), executada (1495–1498) por Leonardo di Ser Piero Da Vinci (1452–1519), aplicando a técnica de tinta a óleo e têmpera, misturada à cera de abelha, sobre duas camadas de gesso aplicadas em estuque, medindo 4,6 m de altura por 8,8 m de comprimento (Figura 13).

**Figura 13:** A Última Ceia (1495–1498), Leonardo da Vinci. Renascimento. Mural em técnica mista – Igreja e Convento Dominicano Santa Maria delle Grazie – Milão.

---

<sup>43</sup>Cenáculo – termo utilizado para fazer referências às pinturas que tratam a respeito do tema sobre a Última Ceia.



Fonte: Imbroisi e Martins (2017).

Essa representação imagética foi encomendada pelo duque Francesco Sforza (1401–1466), governante de Milão, e o seu sucessor duque Ludovico Sforza (1452 - 1508), conhecido como Ludovico II, patrono do pintor, apoiou Da Vinci a dar prosseguimento a sua obra. De todas as épocas, a referida imagem, tornou-se a mais reconhecida, analisada e copiada de suas produções (Eugênio, 2021).

Sendo assim, considerou-se que a referida imagem é de fundamental importância para essa etapa da investigação. Em razão disso, tomou-se como ponto de partida a análise de Eugênio (2021) sobre “A Última Ceia” (1495–1498) em que argumentou como o processo de restauro e as interferências externas, com o passar do tempo, podem afetar a percepção da obra de arte, modificando a sua forma original. O autor descreve a imagem como

Uma composição pictórica, pintura na parede seca, utilizando-se de técnica mista para pintura, têmpera, pigmentos de terra adicionados a uma mistura de água com gema de ovos, e tintas a óleo para pintar sobre o gesso seco, cobrindo toda a parede do fundo da sala, medindo 4,60 x 8,80 m. (15 pés x 29 pés), permanecendo até os dias atuais, na parede do refeitório da Igreja e Convento Dominicano de Santa Maria Delle Grazie (Santa Maria das Graças), patrimônio mundial da UNESCO, em Milão,

Itália. Essa imagem passou por diversas intervenções de restauro e, portanto, sofreu várias releituras que comprometem a sua originalidade inicial (Eugênio, 2021, p. 23).

Desse modo, debruçando sobre a primeira camada do método iconológico, a descrição pré-iconográfica — análise descritiva — o significado primário e natural que consiste na descrição objetiva das formas representadas que compõe essa imagem, daquilo que é percebido de modo natural e sem interpretações. Na composição desta obra, são apresentados 13 homens no interior de uma sala, dispostos ao redor de uma mesa preparada para a ceia, onde é servido o pão, sal, vinho, água, peixe e laranja, sendo notável a ausência da representação do cordeiro, assim como a omissão do cálice.

Quanto às características físicas, todas elas do sexo masculino, de estatura mediana (A), destacando-se a figura central de Jesus Cristo que, se comparado aos demais, aparenta ter um pouco mais de altura. Fica demonstrado que as vestes, túnicas e mantos representados são semelhantes entre si, até mesmo a indumentária vestida por Jesus. Cabe destacar os gestos corpóreos e das mãos que chamam à atenção do observador.

Assim, encontram-se Jesus e os 12 discípulos dispostos em 4 grupos de 3 discípulos, seis de cada lado, e como figura central Jesus Cristo. Desse modo, da esquerda para a direita, de quem observa a imagem, identifica-se no primeiro grupo (1) Bartolomeu, (2) Tiago (o Menor) e (3) André; no segundo grupo (4) Simão Pedro, (5) João e (6) Judas Iscariotes; no centro da imagem (7) Jesus Cristo; no terceiro grupo (8) Tiago (o Maior), (9) Tomé e (10) Filipe; e no quarto grupo (11) Mateus, (12) Judas Tadeu e (13) Simão Cananeu (o Zelote).

O recinto da sala, em tom branco, encontra-se decorada com 8 tapeçarias e, no fundo da sala, 3 janelas que permitem um jogo de luz, contrastando com as paredes escuras. Atravessando toda a sala, a mesa de grande dimensão encontra-se coberta por uma toalha branca, mas que deixa entrever os pés dos discípulos, com exceção de Jesus e daqueles que estão próximos a ele que, devido à abertura de uma porta, tiveram os seus pés retirados do cenário. Observa-se a ausência da representação do cálice sobre a mesa, na referida imagem. Assim como, a ausência das auréolas sobre as cabeças de Jesus e dos seus discípulos.

Na segunda camada, a iconografia no sentido estrito — análise iconográfica — fase da interpretação da imagem que passa para o mundo convencional e inteligível, utilizando-se de um vasto universo de conhecimentos combinando os elementos vindos da experiência e da compreensão prévia individual, a exemplo das tradições culturais, das fontes literárias ou gráficas, da época ou anteriores, símbolos, alegorias, personificações, gestos, expressões e atributos para a identificação da cena de “A Última Ceia”. Com o objetivo de descobrir o tema,

o significado secundário ou convencional da obra de arte selecionada para a leitura dessa camada utilizou-se, para a interpretação da imagem que representa “A Última Ceia”, a narrativa encontrada no Evangelho de João. Frisa-se que quanto mais abrangente for esse universo incorrerá em uma interpretação acurada dos elementos iconográficos.

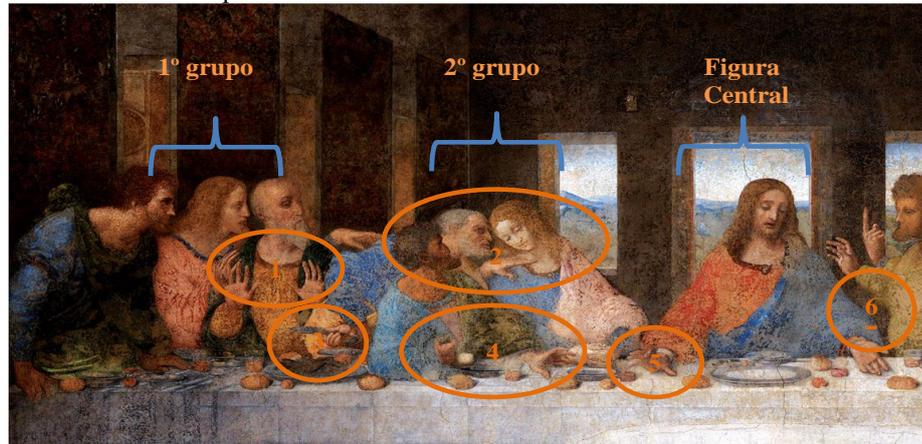
Constata-se que as expressões humanas corporais e faciais e as gesticulações das mãos evidenciadas no dispositivo cênico da imagem de “A Última Ceia”, de Jesus com os discípulos, trazem uma mensagem que se aproximam dos diálogos encontrados nas narrativas bíblicas, dos evangelhos acima elencados. No que se refere ao conteúdo do texto verbal capaz de esclarecer a imagem (o texto imagético) que se apresenta alegoricamente na última refeição de Jesus com os apóstolos, representada na “Última Ceia”, vez que se tratou de um acontecimento que ocorreu um dia antes da crucificação de Jesus.

Esse evento possui registros em 4 narrativas bíblicas, do evangelho canônico de Jo 13, 1-38 (Bíblia, 2016, p.1877–1879); e pelos evangelhos sinópticos, com registros semelhantes, de Mt 26, 1-35 (Bíblia de Jerusalém, 2016, p.1751–1752); Mc 14, 12-31 (Bíblia, 2016, p.1781); e Lc 22, 1-46 (Bíblia, 2016, p. 1827–1829). Na descrição do evangelista João (Jo 13,18-38), em sua pregação aos discípulos, Jesus proclama a traição de Judas. Assim, descreve o Evangelho de João:

O anúncio da traição de Judas — Tendo dito isso, Jesus perturbou-se em seu espírito e declarou: “Em verdade, em verdade, vos digo: um de vós me entregará”. Os discípulos entreolhavam-se, sem saber de quem falava. Estava a mesa, ao lado de Jesus, um de seus discípulos, aquele que Jesus amava. Simão Pedro faz-lhe, então, sinal e diz-lhe: “Pergunta-lhe quem é aquele de quem fala”. Ele, então, reclinando-se sobre o peito de Jesus, diz-lhe: “Quem é, senhor?” Responde Jesus: “É aquele a quem eu der o pão que umedecerei no molho”. Tendo umedecido o pão, ele o toma e dá a Judas, filho de Simão Iscariotes. Depois do pão, entrou nele Satanás. Jesus lhe diz: “Faz depressa o que estás fazendo” (Bíblia, 2016, p. 22-27).

Fica demonstrado que o texto imagético reproduz o tema da narrativa bíblica “O anúncio da traição de Judas” (Jo 13,22-27). Após o anúncio de que um deles trairia Jesus Cristo entregando-o, Da Vinci representa uma grande movimentação, no interior da sala em que se encontram Jesus e os discípulos para a última refeição, em que todo o movimento da cena se dá, principalmente, através dos gestos corpóreos e das mãos e expressões faciais, sublinhando que a boca dos discípulos e de Jesus se encontram cerradas (Figuras 14 e 15).

**Figura 14:** A descrição gestual na obra “A Última Ceia” (1495–1498), Leonardo da Vinci, correspondentes as narrativas textuais da literatura bíblica.



**Fonte:** Imbroisi e Martins (2017).

**Figura 15:** A descrição gestual na obra “A Última Ceia” (1495–1498), Leonardo da Vinci, correspondentes as narrativas textuais da literatura bíblica.



**Fonte:** Imbroisi e Martins (2017).

O discípulo André expressa-se com as duas mãos à frente do seu corpo, primeiro grupo – gesto 01, em sinal de que ele não seria o traidor de Jesus. Na imagem, Simão Pedro, aproxima-se de João, coloca a mão esquerda sobre o seu ombro, apontando com o dedo indicador para Jesus, segundo grupo – gesto 2, sinalizando que esse perguntasse ao mestre quem seria o seu traidor. Com a mão direita, segura uma arma branca, segundo grupo – gesto 3, semelhante a uma adaga, simbolizando a intenção de Pedro em proteger o mestre de uma possível prisão (Figura 14). De certo, Pedro decepa com uma espada, a orelha do servo do Sumo Sacerdote, acontecimento narrado em “A prisão de Jesus” (Jo 18,10–11).

A representação do traidor Judas Iscariotes, no cenáculo, se faz no segundo grupo, juntamente, a Simão Pedro e João, próximos a Jesus. Por sua vez, a mão esquerda de Judas Iscariotes se coloca em direção ao prato sobre a mesa, segundo grupo – gesto 4, e, com a

direita, segura a bolsa comum, possivelmente, contendo as trinta moedas de pratas que será levada até o destacamento da guarnição romana de Jerusalém, entregando Jesus (Figura 14)<sup>44</sup>.

No centro da imagem, detecta-se a figura de Jesus que chama toda à atenção para si, com as mãos estendidas sobre a mesa, com a palma da mão direita, levemente posicionada para baixo, gesto 5, aproximando-se do prato que, ao ser entregue por ele a Judas, anuncia o seu traidor (MT 26, 22-23). Enquanto a palma da mão esquerda voltada para cima em direção ao copo, gesto 6 (Figura 14). Da Vinci não faz menção a instituição da eucarística. Essa representação tem por base o texto bíblico do “Anúncio da Traição de Judas” que diz:

Ao cair da tarde, ele pôs-se à mesa com os doze e, enquanto comiam, disse-lhes: “Em verdade vos digo que um de vós me entregará. Eles, muito entristecidos, puseram-se – um por um – a perguntar-lhe: “Acaso sou eu senhor”? Ele respondeu: “O que comigo pôe a mão no prato, esse me entregará”. Com efeito, o filho do homem vai, conforme está escrito a seu respeito, mas aí daquele homem por quem o Filho do Homem for entregue! (Mt 26, 20-24).

O discípulo Tomé, terceiro grupo – gesto 7 (Figura 15), sentado próximo a Jesus, gesticula com uma das mãos apontando com o dedo indicador para o alto, em que ele irá tocar as feridas de Jesus como está descrito em “O dia da Ressureição” (Jo 20, 24-29). Filipe direciona o olhar para Jesus e se expressa através do gesto, em que suas mãos, na altura do peito, gesto 8, faz uma indagação pertinente àquele momento da ceia (Jo 14, 8–10). O discípulo Simão Cananeu (o Zelote) posiciona-se com as mãos levantadas, com as palmas voltadas para cima, gestos muito próprios de quem fala para uma platéia, representação de um possível discurso proferido por ele, quarto grupo – gesto 9.

Na terceira camada iconológica — a intuição sintética — o significado terciário ou intrínseco, de caráter interpretativo, suplanta a forma, indo além dos dados visuais, questionando a interpretação da obra e compreendendo dentro do seu contexto social, geográfico e temporal em que foram executadas. Assim sendo, a interpretação iconológica é o meio pelo qual se pode apreender o significado intrínseco da obra que evidencia as atitudes de um povo, de uma classe ou de um período, condensando o significado cultural mais intenso da imagem.

Tendo em vista que, nessa fase, é necessário não apenas o entendimento do contexto histórico e social da obra, mas também das características da personalidade do artista, bem como de outros sintomas (Panofsky, 2007). Essa camada é composta pelos elementos subjacentes aos motivos, imagens, histórias e alegorias, tratando-se dos valores simbólicos,

---

<sup>44</sup>Bíblia de Jerusalém (Jo 13, 22-27).

referenciados pelo filósofo alemão Ernst Cassirer, com quem Warburg compartilhou algumas pesquisas.

Tomando como exemplo o afresco de “A Última Ceia”<sup>45</sup>, na aplicação da terceira camada, Panofsky (2007) argumenta que é necessário analisar a obra de arte como um sintoma que, por sua vez, revela outros sintomas. Sob o ponto de vista do autor pode-se considerar que

Enquanto nos limitarmos a afirmar que o famoso afresco de Leonardo da Vinci mostra um grupo de treze homens em volta a uma mesa de jantar e que esse grupo de homens representa a Última Ceia, tratamos a obra de arte como tal e interpretamos suas características composicionais e iconográficas como qualificações e propriedades a ela inerentes. Mas, quando tentamos compreendê-la como um documento da personalidade de Leonardo, ou da civilização da Alta Renascença italiana, ou de uma atitude religiosa particular, tratamos a obra de arte como um sintoma de algo mais que se expressa numa variedade incontável de outros sintomas e interpretamos suas características composicionais e iconográficas como evidência mais particularizada desse ‘algo mais’. A descoberta e interpretação desses valores ‘simbólicos’ (que, muitas vezes, são desconhecidos pelo próprio artista e podem até diferir enfaticamente do que ele conscientemente tentou expressar) é o objeto do que se poderia designar por ‘iconologia’ em oposição à ‘iconografia’ (Panofsky, 2009, p. 52-53).

Fica demonstrado que Da Vinci elegeu reinterpretar a obra a “Última Ceia” com um ponto de fuga ou perspectiva Renascentista, para que o observador apreciasse a sua arte. Assim, empreendeu o pintor:

A técnica geométrica envolvida propõe a localização ideal do observador, posicionado em frente ao centro da composição, onde se localiza o ponto de fuga. Segundo Leonardo da Vinci (1881-1891), há três ramificações da perspectiva; a primeira lida com as razões da (aparente) diminuição de objetos quando se afastam do olho, e é conhecida como perspectiva de diminuição; a segunda contém o modo como as cores variam quando se afastam do olho; a terceira e última explica como os objetos deveriam parecer proporcionalmente menos distintos à medida que se encontram mais distantes. E os nomes são estes: perspectiva linear, a perspectiva da cor, a perspectiva do desaparecimento (Da Vinci, 2004, p. 107).

Parece acertado que Da Vinci trouxe à cena a passagem do Evangelho de São João “O anúncio da traição de Judas — Tendo dito isso, Jesus perturbou-se em seu espírito e declarou: Em verdade, em verdade, vos digo: um de vós me entregará (Jo 13,21)”. A respeito da interpretação iconológica, afirma Panofsky (2007) que

Finalmente, a interpretação iconológica requer algo mais que a familiaridade com conceitos ou temas específicos transmitidos através de fontes literárias. Quando desejamos nos assenhorear desses princípios básicos que norteiam a escolha e apresentação dos motivos, bem como da produção e interpretação de imagens, estórias e alegorias, e que dão sentido até aos arranjos formais e aos processos

---

<sup>45</sup>A Última Ceia de Leonardo da Vinci – encontra-se na parede do antigo refeitório do Convento Dominicano, situado ao lado da Igreja de Santa Maria delle Grazie (Milão, Itália), juntamente ao museu, declarados Patrimônio Mundial da UNESCO.

técnicos empregados, não podemos esperar encontrar um texto que se ajuste a esses princípios básicos, como João 13,21 se ajusta à iconografia da Última Ceia. Para captar esses princípios, necessitamos de uma faculdade mental comparável a de um clínico nos seus diagnósticos — faculdade essa que só me é dado descrever pelo termo bastante desacreditado de “intuição sintética”, e que pode ser mais desenvolvida num leigo talentoso do que num estudioso erudito (Panofsky, 2007, p. 62).

Considerado o momento mais significativo para a fé cristã que é a revelação de quem, entre os discípulos, trairia Jesus, a obra não inclui elementos visuais diretos que identifique Judas Iscariotes como traidor, a não ser pela bolsa comum, na mão direita. Assim, Jesus seria entregue às autoridades religiosas por Judas em troca de 30 moedas de prata (Mt 26, 14-16). Ao contrário de outras representações dessa mesma cena, Judas Iscariotes encontra-se sentado junto aos discípulos.

Com relação à instituição da eucaristia em que estava presente o simbolismo do corpo e do sangue de Jesus através da consagração do pão e do vinho, não há a representação do cálice sobre a mesa. Questiona-se que, apesar de as narrativas bíblicas mencionarem o cálice de vinho na “Última Ceia”, Da Vinci optou, na imagem em questão, por não o representar na mesa. Assim, encontra-se descrito no texto bíblico: “Depois, tomou um cálice e, dando graças, deu-o a eles, dizendo: Bebei deles todos, pois isto é meu sangue, o sangue da aliança, que é derramado por muitos para a remissão dos pecados (MT 26,26-28)”.

Apesar de Da Vinci se utilizar do jogo de luz em suas telas, registra-se nessa imagem a ausência das auréolas sobre as cabeças dos discípulos e de Jesus, comum às imagens sobre o tema do Cenáculo. Para melhor averiguar se a obra continha ou não o símbolo de luz associado à auréola, uma vez que essa pintura passou por restauração, nos seus 500 anos de exposição, utilizou-se de uma cópia de “A Última Ceia” (c.1515-20) de Leonardo da Vinci, atribuída aos pintores Giovanni Pietro Rizzoli (1495 – 1549), conhecido como Giampietrino, e a Giovanni Antonio Boltraffio ou Beltraffio (1467/1467–1516), encontrada no Royal Academy of Arts/PCA.

Como pode ser observado na imagem na parede (Figuras 16 e 17), confirma-se a ausência das auréolas sobre as cabeças dos discípulos e de Jesus. Isso suscita a indagação sobre o motivo pelo qual Da Vinci optou por não utilizar um símbolo religioso e um recurso que adicionaria luminosidade à imagem.

**Figura 16:** Cópia de “A Última Ceia” de Leonardo da Vinci, c.1515-20. Atribuída a Giampietrino (fl. 1508-1549) e a Giovanni Antonio Boltraffio (1467 - 1516).



Fonte: Royal Academy of Arts/PCA, Londres.

**Figura 17:** Cópia de “A Última Ceia” de Leonardo da Vinci, c.1515-20. Atribuído a Giampietrino (fl. 1508-1549) e a Giovanni Antonio Boltraffio (1467 - 1516) – Royal Academy of Arts/PCA, Londres.



Fonte: Royal Academy of Arts/PCA, Londres.

Ao representar “A Última Ceia” (1445–1450), que precedeu a obra de Da Vinci, Andrea de Castagno (1421–1457) introduziu elementos visuais para a identificação do traidor do messias que não consta do texto bíblico (MT 26, 17-29). Todos os participantes são representados com auréolas, com exceção do discípulo Judas Iscariotes que ocupa o lado oposto da mesa. Certamente que ao representá-lo isolado dos demais discípulos e desprovido de auréola, Castagno acentuou os elementos visuais daquele que traiu Jesus (Figuras 18, 19 e 20) Essa obra foi realizada no refeitório do Convento de Sant’apollonia (Museu Castagno), localizada em Florença, Itália.

**Figura 18:** A Última Ceia (1445–1450), afresco 453X 975, de Andrea Del Castagno (1421–1457), Refeitório do Convento de Sant' Apollonia, Museu de Sant' Apollonia, Florença, Itália.



Fonte: Vanderbilt University Unit: Collection: Art in the Christian Tradition.

**Figura 19:** A Última Ceia (1445–1450), afresco 453X 975, de Andrea Del Castagno (1421–1457), Refeitório do Convento de Sant' Apollonia, Museu de Sant' Apollonia, Florença, Itália.



- |          |                    |                |                              |
|----------|--------------------|----------------|------------------------------|
| 1 Filipe | 4 Tiago (o Menor)  | 7 Jesus Cristo | 10 Filipe                    |
| 2 Mateus | 5 Simão Pedro      | 8 João         | 11 Bartolomeu                |
| 3 Tomé   | 6 Judas Iscariotes | 9 André        | 12 Tiago (o Maior)           |
|          |                    |                | 13. Simão Cananeu (o Zelote) |

Fonte: Vanderbilt University Unit: Collection: Art in the Christian Tradition.

**Figura 20:** A Última Ceia (1445–1450), afresco 453X 975, de Andrea Del Castagno (1421–1457). Detalhe do Cenáculo Andrea Del Castagno. Refeitório do Convento de Sant’ Apollonia, Museu de Sant’ Apollonia, Florença, Itália.



**Fonte:** Vanderbilt University **Unit:** Collection: Art in the Christian Tradition.

Parece acertado que Da Vinci, como pintor que eclodiu no Alto Renascimento (Alta Renascença), trouxe consigo as marcas do avanço do movimento humanista que emprega o conhecimento das artes visuais como forma do fazer artístico. Neste contexto, a “Última Ceia” configura-se em uma obra de relevância histórico-cultural, concebida dentro da transdisciplinaridade das ciências.

A inovação artística na representação da obra “A Última Ceia” proposta por Da Vinci apresenta a ressignificação dos temas religiosos e simbologias cristãs daquele período. O artista ousou ao remover as auréolas das figuras da imagem, resgatando a natureza humana de Jesus e dos discípulos, retratando-os como pessoas comuns, em vez de santos. Da mesma forma, não abordou o tema religioso da “Eucaristia”, removendo o cálice da cena, que está associado à “Paixão de Cristo”, separando assim o motivo do seu significado. Além de uma

interpretação dos movimentos corpóreos e dos gestos, contribuindo para a narrativa visual da cena.

Temos, portanto, nesse exercício de análise imagética da Santa Ceia de Da Vinci, uma demonstração de como opera o procedimento interpretativo iconológico sugerido por Panofsky e que será tomado para a representação da escatológica na cultura visual da Assembleia de Deus.

### 3. A CULTURA VISUAL EVANGÉLICA BRASILEIRA

As religiões e espiritualidades denotam uma conexão entre o divino e o humano. A cultura visual e material encontrada nesses sistemas expressa a capacidade do ser humano em produzir e se apropriar de espaços, artefatos e imagens por meio de uma linguagem simbólica como forma de comunicação dessa experiência. O patrimônio simbólico produzido por esses sistemas guarda o conjunto dos significados religiosos. Desde o surgimento das primeiras formas de expressão da cultura, determinados objetos e pinturas estiveram associados aos ritos de plantio ou de caça, bem como os rituais de enterramento, assim como o uso de pedras posicionadas de forma circular. Nesse contexto, coexistiam a cultura visual e a cultura visual religiosa (Renders, 2019).

Assim sendo, perscrutar a comunicação por imagens e símbolos, em suas múltiplas manifestações visuais como desenho, pintura, escultura, arquitetura, gravura, fotografia e som, levam a compreender as experiências e práticas religiosas e espiritualidades, em cada cultura. De acordo com o contexto e a cultura, o simbolismo está sujeito a modificações. Desse modo, a imagem é capaz de tornar visível a pluralidade humana:

Portanto, a imagem pode ser caracterizada como expressão da diversidade social, exibindo a pluralidade humana. Não se pode deixar de reconhecer o potencial de comunicação universal das imagens, mesmo que a criação e a produção delas possam ser caracterizadas como atividade especializada. A imagem é capaz de atingir todas as camadas sociais ao ultrapassar as diversas fronteiras sociais pelo alcance do sentido humano da visão (Knauss, 2006, p. 99).

#### 3.1 Religião e imagem

É pertinente dizer que enquanto processo cultural, dos desenhos pictóricos ao objeto de culto, ao longo dos séculos, a imagem vem passando por novas expressões artísticas e virtualização da vivência, implicando diretamente na memória, na imaginação que conduz ao simbólico e, na contemporaneidade, a arte tem se submetido, cada vez mais, às demandas e influências do mercado. Com o fenômeno da globalização cultural, juntamente, com os meios de comunicação, torna-se evidente o poder da imagem e, como consequência, vem se construindo uma cultura universal e planetária.

Diante de todas essas mudanças que ocorreram com a imagem, Malena Segura Contrera (2015) enfatiza que é necessário resgatar a imaginação e, com ela, atribuir sentido à vida. Assim, empreende Contrera:

Nunca fomos nós que produzimos as imagens, sempre foram elas que nos produziram, mas houve um tempo em que as imagens eram para nós duplos, depois se tornaram objetos de culto, depois espelhos e linguagem; após 100 anos de cultura de massas as imagens passaram a nos devorar. Tornaram-se superfícies cheias de olhos que nos olham de volta devorando nosso tempo de vida, nossa atenção, em suma, nossa energia psíquica. A possibilidade de revertermos esse processo passará necessariamente por uma reviravolta capaz de nos devolver a capacidade de resistirmos à luminescência das imagens eletrônicas, silenciarmos os apelos do consumo e nos voltarmos para as imagens endógenas. Dietmar Kamper dizia que contra a órbita do imaginário mediático só mesmo a imaginação criadora tem força. Só a imaginação pode providenciar a abertura para o simbólico em um mundo em que as vivências foram virtualizadas e até mesmo a arte se submeteu ao mercado. Redescobrir a imaginação e seu potencial de nos reconduzir ao simbólico será certamente essencial tanto para a reconstrução de um sentido possível à vida, quanto para a tarefa de resiliência a qual o atual cenário mundial de convulsões sociais e ambientais nos convoca (Contrera, 2015, p. 463-464).

Na contemporaneidade, a cultura visual e a cultura visual religiosa se fazem presentes nas mais diversas expressões e práticas religiosas e espiritualidades como no Cristianismo, no Espiritismo, no Judaísmo, no Sikhismo, no Budismo, no Hinduísmo, no Islamismo, na matriz africana, nas encantarias indígenas, entre outras. Cabe lembrar que a denominação Pentecostal tem investido, de modo especial, na imagem através das mídias televisivas e cinematográficas. Na pesquisa em questão, em relação ao termo “Cultura visual”, registram-se duas perspectivas a serem consideradas: a primeira diz respeito a uma cultura que é visual, enquanto a segunda aborda a visão cultural voltada à dimensão cultural da visão.

### 3.2 Cristianismo e imagem

No período de formação das religiosidades cristãs, a Arte Paleocristã<sup>46</sup> ou Arte Cristã Primitiva remete à identidade cristã primitiva através da produção artística — pintura, escultura e arquitetura —, entre a Antiguidade Clássica e a propagação do cristianismo (séculos I-IV d. C.) e a Idade Média (anos 750), Itália e Mediterrâneo ocidental. A cerca da iconografia da Arte Paleocristã que tem suas raízes na arte funerária das catacumbas romanas é pertinente dizer o quanto essa construção foi influenciada pela linguagem visual pagã da antiguidade ou greco-romana (Cedilho; Sousa, 2013).

---

<sup>46</sup>Arte Paleocristã – O termo Arte Paleocristã não designa um estilo propriamente dito, mas uma produção artística que se situa dentro de um período cronológico específico e que foi inspirada por experiências religiosas de um determinado grupo. A Arte Paleocristã ou Arte Cristã Primitiva compreende pinturas e, em menor proporção, algumas esculturas e arquiteturas que foram produzidas pelos cristãos originários ou sob o patrocínio cristão, abrangendo um período que vai desde o surgimento desse movimento religioso até o século IV - embora não seja encontrada arte cristã sobrevivente do século I d.C. Nesse período, tem-se o processo de formação do sistema simbólico do cristianismo, cujos símbolos e figuras iconográficas eram utilizados com objetivos pedagógicos e principalmente para a identificação entre seus pares. Portanto, pode-se observar que a adoção da representação figurativa entre os cristãos originários teria como principal função facilitar o processo comunicativo dos princípios norteadores desse novo movimento religioso (Rodrigues; Nunes, 2019, p. 35).

Infere-se que as imagens-símbolos e as inscrições funerárias encontradas nos afrescos das catacumbas romanas utilizadas para a evangelização de um povo, em sua maioria, iletrado legou um mapeamento de ideias e motivos extraído dessa linguagem visual pagã da antiguidade que era comum e presente. A esse respeito, depreendem Cedilho e Sousa (2013, p. 606) que “a iconografia Paleocristã, usou a linguagem pagã<sup>47</sup> da antiguidade, primeiro através de símbolos, e em seguida através de elementos alegóricos”.

A maioria das catacumbas cristãs encontra-se em Roma (Itália) e outras no percurso da Península Itálica e ao sul, como a de São Calisto, Domitilla, Comodilla, Priscilla, Santo Marcelino e Pedro, Generosa, São Sebastião, Santa Cecília, Valentino, Pretextato, Pancrácio, Santa Agnes, Lorenzo e Via Anapo (Nicolai, 2000). Alguns pesquisadores inferem que a origem do termo latino *catacumba*, “próximo às covas”, “perto do vale”, vem do grego *katakumbas* (κατά, *kata*, “descer”, “para baixo”, “sob”; e τύμβος, *tymbos*, *tumbes* “grave”, “cavidade”, “profundidade”, “túmulo”; e κυμβή, “copo”, “depressão”, “oco”) ou da raiz latina “cumbo”, “deitar”, “reclinar”, ou local destinado ao funeral dos mortos, por inumação (Siqueira, 2011).

Assim sendo, temos o *homo pictor*, formado a partir da imagem, recriando imagens-símbolos e que, nesse encadeamento da linguagem visual pagã e da arte e da linguagem simbólica paleocristã ou do paleocristianismo, elaborou mensagens de conteúdo da matriz cristã, revelando a experiência religiosa dos primeiros cristãos. Cabe lembrar que esta nova religião produziu através da imagem e da linguagem simbólica uma comunicação que vinha de encontro aos anseios daqueles que se convertiam a essa expressão religiosa (Wulf, 2013).

Depreende-se que, para além da Arte Paleocristã ser considerada um produto do cristianismo<sup>48</sup> primitivo, interações da cultura e da arte greco-romana com a judaica trouxeram influências para essa construção da fase catacumbária, arte pictórica e inscrição funerária, com a difusão de símbolos identitários e espirituais, com funções pedagógicas. Correlacionados aos textos das escrituras e dos ensinamentos do Antigo Testamento (AT) e do Novo Testamento (NT) identificou-se na iconografia cristã catacumbal um repertório restrito e recorrente de símbolos com formas pagãs que compunha a doutrina visual cristã ressignificada (séculos II-IV).

---

<sup>47</sup>O termo “pagão” é reprodução do autor citado e não corresponde a nenhum posicionamento pejorativo. Assim sendo, com o objetivo de dialogar com o autor, utilizar-se-á o termo pagã.

<sup>48</sup>Cristianismo – “Cristianismo? Este termo requer alguns cuidados estamos falando do segundo século de nossa era e essa palavra tinha surgido há pouquíssimo tempo. A identidade religiosa sob tal denominação não estava constituída pelos dogmas, ritos, saberes e poderes que hoje conhecemos” (Quadros, 2007, p. 2).

Nos afrescos pintados nos tetos encontram-se, em sua maioria, símbolos que compõem um discurso imagético com representações do peixe, da videira, das letras alfa (Α) e ômega (Ω), da pomba com o ramo da oliveira, do cordeiro, do navio e da âncora integrando-se aos símbolos religiosos e interferindo na linguagem plástica cristã, ressignificados aos princípios e valores cristãos. Cabe frisar que não foram encontrados registros materiais que comprovem a existência de Afrescos referentes ao século I. Possivelmente, a datação das representações visuais no Cristianismo remonta ao século II (Eusébio, 2005).

O peixe<sup>49</sup> é um dos signos mais antigos da religiosidade judaico-cristã. No período da perseguição do Império Romano aos cristãos, funcionava como um código de identificação da comunidade cristã. Desse modo, o peixe transformou-se em um símbolo religioso com a perspectiva do rito do batismo por imersão — o renascimento pela água (Nunes, 2019). E com relação ao ministério de Jesus encontra-se nos evangelhos (Mt 4, 19; Lc 5,10; Mc 1,17) [Bíblia, 2016], a recomendação aos apóstolos de ser pescadores de homens. Em Mateus, no “Chamado dos quatro primeiros discípulos” Jesus “Disse-lhes: segui-me, e eu farei de vós pescadores de homens” (Mt 4, 19) [Bíblia, 2016].

Jesus Cristo, a maior expressão do Cristianismo, teve a sua imagem associada ao Cristo Filósofo, o salvador, o mestre, e ao Cristo “O Bom Pastor”. Entretanto, a imagem do pastor em volta de suas ovelhas, tornou-se a mais representada na Arte Cristã Primitiva. A metáfora explora o contexto da atividade da pastorícia, comum a maioria dos povos da antiguidade, trazendo a imagem da atividade rural das montanhas da Judéia, na Palestina. Retratado nos Afrescos das catacumbas, esse símbolo — o pastor que carrega a ovelha nos ombros — gestual que expressa a figura do pastor que cuida do seu rebanho comparando-o a dedicação do mestre. Assim como, Deus como pastor do povo de Israel obteve grande repercussão no imaginário primitivo da tradição judaica (Eusébio, 2005, p. 40).

A imagem de “O Bom Pastor” é encontrada no Salmo 23 (22), nos evangelhos de Mateus (18,12-14); de Lucas (15,3-7); de João (10,1-21); Efésios 4,11-12; Atos dos Apóstolos 20,28; Provérbios 27,23; Pedro 2, 25 e 5, 2-4; Jeremias 23,1-4 e 31,10; Salmos 23,1-3 e 28,9; Isaías 40,10-11; Mateus 2,6; Levítico 27,32; e Hebreus 13,20, entre outros [Bíblia, 2016].

O evangelho de João 10, 1-21 “O Bom Pastor” se utiliza de uma metáfora literária para descrever Jesus como sendo o único e o verdadeiro pastor que dá a própria vida pelas

---

<sup>49</sup>Do grego antigo *ἰχθύς*, “*Ichthys*” ou “*Ichthus*” (“peixe”, “ungido”), com o acróstico ΙΧΘΥΣ — *Ἰησοῦς Χριστός, Θεοῦ Υἱός Σωτήρ* (Iêsous Christos Theou Yios Sōtēr), Jesus Cristo, Filho de Deus Salvador (Nunes, 2019, p. 37).

suas ovelhas, frisando que todos os outros que vinheram antes dele são ladrões e assaltantes. A Bíblia (2016) traz a seguinte versão:

**O bom pastor** — “Em verdade, em verdade, vos digo: quem não entrar pela porta no redil das ovelhas, mais sobe por outro lugar, é ladrão e assaltante; o que entra pela porta é o pastor das ovelhas. A este o porteiro abre: as ovelhas ouvem a sua voz e ele chama as suas ovelhas uma por uma e as conduz para fora. Tendo feito sair todas as que são suas, caminha à frente delas e as ovelhas o seguem, pois conhecem a sua voz. Elas não seguiram um estranho, mas fugiram dele, porque não conhecem a voz dos estranhos”. Jesus lhes apresentou essa parábola. Eles, porém, não entenderam o sentido do que lhes dizia. Disse-lhes novamente Jesus: “Em verdade, em verdade, vos digo: eu sou a porta das ovelhas. Todos os que vinheram antes de mim são ladrões e assaltantes; mas as ovelhas não os ouviram. Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo; entrará e sairá e encontrará pastagem. O ladrão vem só para roubar, matar e destruir. Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância. Eu sou o bom Pastor: o bom Pastor dá a sua vida pelas suas ovelhas. O mercenário, que não é pastor, a quem não pertencem as ovelhas, vê o lobo aproximar-se, abandona as ovelhas e foge, e o lobo as arrebatava e dispersa, porque ele é mercenário e não se importa com as ovelhas. Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas me conhecem, como o pai me conhece e eu conheço o pai. Eu dou minha vida pelas minhas ovelhas. Tenho ainda outras ovelhas que não são deste redil: devo conduzi-las também; elas ouvirão a minha voz; então haverá um só rebanho, um só pastor. Por isso o Pai me ama, porque dou minha vida para retomá-la. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou livremente. Tenho o poder de entregá-la e poder de retomá-la; esse é o mandamento que recebi do meu Pai”. Houve novamente uma cisão entre os judeus, por causa dessas palavras. Muitos diziam: “ele tem um demônio! Está delirando! Por que o escutais?” Outros diziam: “Não são de endemoninhado essas palavras; porventura o demônio pode abrir os olhos de um cego?” (Jo 10, 1-21) [Bíblia, 2016].

**O repertório Iconográfico recorrente nas Catacumbas.** O tema iconográfico paleocristão “O Bom Pastor” (séculos II-IV d.C), o salvador do rebanho, encontrado em Afrescos nas catacumbas romanas, não somente alusivo a tradição judaica, revela um modelo iconográfico que conduziu à apropriação e a ressignificação da linguagem visual pagã da antiguidade, em um cenário fúnebre, relacionado à tradição greco-romana, através da representação das imagens e símbolos de um jovem nu, trazendo um carneiro sobre os ombros denominado de o *Crióforo* (*Kriophoros*, *κριοφόρος*) “o Portador de Carneiros”, como também, de guardião e de acompanhante das almas (Kury, 2008, p. 194-195).

A imagem de um jovem com um carneiro nos ombros, temática contumaz difundida pela arte greco-romana, compôs a tradição imagética ocidental. Encontrada em grande quantidade, nas catacumbas romanas e no sítio arqueológico de Dura Europos foram catalogadas mais de 116 imagens, levantando-se a possibilidade de que essas estivessem associadas ao Equinócio (início da primavera) e de suas imbricações com a astronomia e a religiosidade antiga (Gregori, 2014). Enquanto no Dicionário de Arqueologia Cristã e Liturgia (1938) constam 337 imagens do Bom Pastor registradas.

Depreende-se que a notoriedade obtida pela imagem do Bom Pastor, na Arte cristã primitiva, é similar a de Cristo Crucificado, na contemporaneidade. Para essa etapa da investigação, elegeu-se para a análise o tema iconográfico paleocristão “O Bom Pastor” (séculos III-IV) que se traduz na vinda de Cristo (Parusía) e na salvação, assim como a vida após a morte, posto que se tornasse uma temática popular na arte escultórica dos séculos III e IV, em que se verifica que componentes pedagógicos presentes se voltam aos princípios e valores cristãos.

Diversamente, as primeiras imagens do Bom Pastor não foram avaliadas como representações da figura do próprio Cristo, mas como símbolo da arte paleocristã que amalgamado às crenças, valores e costumes constituiu-se em uma nova linguagem visual relacionada à tradição judaico-cristã uma vez que, naquele contexto, ocorria suspeição e repressão à idolatria. Após a legalização do Cristianismo, no Império Romano (313 d.C.), outorgado pelo Édito de Milão, observa-se que a representação de Cristo passa por um processo de adaptação e reconstrução no que se refere a linguagem visual apresentada. A obra literária cristã *O Pastor de Hermas* ou *O Pastor* (século II d.C.), tida como apócrifa, do início do Cristianismo. Assim, a representação de Cristo sofreu, através dos tempos, constantes alterações.

Outra representação dessa imagem leva o nome do deus Hermes (século V a.C.) conhecida como *Hermes Crióforo* (Figura 21) - o guardião das almas falecidas -, o *Moscóforo* grego carregador de novilhos, ou *Mercúrio Crióforo*, em que recai sobre o escultor grego Calamis, a autoria de uma dessas esculturas (Rodrigues; Nunes, 2019).

**Figura 21:** Estatueta de Hermes carregando um carneiro sobre os ombros. Hermes Kriophoros (O Portador de Carneiro). Sicília, terracota (Século V), 19, 10X10 cm. British Museum, n. 1863, 0728.276.



**Fonte:** The British Museu (2016).

Esse deus da mitologia grega aparece representado como um jovem também associado aos contextos fúnebres, já que Hermes era visto também como mensageiro dos deuses e condutor das almas dos defuntos. Uma das características de Hermes citada por Mário Meunier<sup>50</sup> (2009, p. 12) é que como “Deus dos rebanhos, todos os animais domésticos eram-lhe consagrados. O mirto, a oliveira e a papoula, eram as plantas cujas propriedades se conciliavam com a diversidade de suas prerrogativas”.

Cabe lembrar que, nos primeiros séculos do cristianismo, as expressões de arte cristã ocidental encontradas nas catacumbas, em Roma, referem-se às pinturas ou mosaicos e, em menor número, as obras escultóricas posto que essas não fossem bem aceitas devido à similaridade com os ídolos pagãos, gerando uma desconfiança, por assim considerá-las uma demonstração pagã de idolatria (Eusébio, 2005).

Os artistas do cristianismo primitivo logo buscaram a acomodação da forma de um conjunto iconográfico familiar, ressignificando-o a partir de um novo conteúdo simbólico

---

<sup>50</sup>Mário Meunier. (1880-1960).

cristão. Nas representações pictóricas e escultóricas paleocristãs da imagem de Cristo são dadas uma especial atenção às vestes e as paisagens. Sob o ponto de vista de Gregori (2014) pode-se enfatizar que

Aspectos figurativos pagãos são incorporados pelos cristãos para manifestar plasticamente sua fé. Não significa, entretanto, ambivalência, confusão religiosa ou mera cópia de esquemas, mas sim a adaptação de repertórios iconográficos familiares, atribuindo-lhes um novo significado, um significado cristão (Gregori, 2014, p. 105).

Algumas catacumbas — cemitérios cristãos subterrâneos —, em Roma, recebiam o nome dos proprietários dos terrenos a exemplo de Comodila, Domitila, Pretextato e Priscilla. Enquanto outras catacumbas construídas, posteriormente, receberam o nome dos mártires que tiveram seus corpos enterrados naquele local, como a de Agnes, Laurêncio, Marcelino e São Pedro. Nesse período, tornou-se costume o enterro nas proximidades das catacumbas de seus mártires.

As referências históricas apontam que, no século I, foram construídas as catacumbas de São Calisto (na via Appia antiga) sendo esta a mais antiga delas e, subsequente, Priscilla e Domitila; no século II, as de Pretestato, Santa Ignês e uma parte de São Calisto; e no século III, a de Comodila. As construções das catacumbas, em torno de 35 a 60, em Roma, possuindo 70 mil inscrições, se davam em áreas afastadas da cidade e o acesso via estradas perimétricas. Porém, esse fenômeno judaico-cristão se expandiu por toda a Itália, Cecília e norte da África. Nesse trabalho, serão examinadas as quatro imagens de “O Bom Pastor”, encontradas nos Afrescos das catacumbas dos mártires, em Roma (Martins, 2015, p. 87).

A Arte Cristã Primitiva se deu na universalidade ou na catolicidade e na humanidade, possuindo como função social a disseminação da fé. Para além da função estética, a Arte Cristã Primitiva detinha a função didática, possuindo como propósito um sentido pedagógico e catequético, com o objetivo de caracterizar visualmente as verdades e os símbolos religiosos. Com referência à sua contribuição para as identidades cristãs primitivas que se formavam, pode-se dizer que

A Arte Paleocristã aponta para as interfaces culturais empreendidas nesse período de formação das religiosidades cristãs, contribuindo para uma compreensão mais dinâmica e flexível das identidades cristãs primitivas (Rodrigues; Nunes, 2019, p. 41).

Reconhecida como uma das mais antigas áreas comunais de enterramento cristão de Roma, instalada na Via Appia antiga, encontra-se na catacumba de São Calisto (meados do século III d.C.), na Cripta de Lucina, o Afresco, pintura sobre reboco, com o tema da

iconografia Sagrada “O Bom Pastor”, datado por volta do século III, com, aproximadamente, 70 centímetros de dimensão. Essa catacumba recebeu o mesmo nome do diácono Calisto que exerceu a função de administrador desse Cemitério (Gregori, 2014).

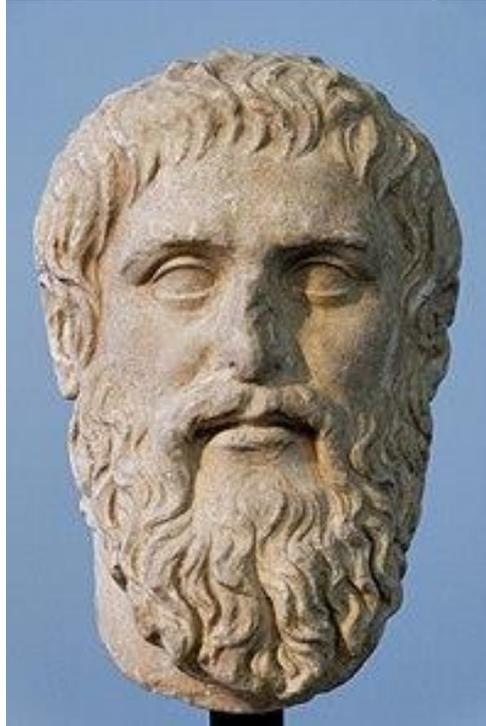
O Afresco “O Bom Pastor”, da Cripta de Lucina, na Catacumba de São Calisto (meados do século III d. C.). **Elementos Iconográficos.** O modelo iconográfico do Afresco “O Bom Pastor” (Figura 22), na catacumba de São Calisto (Roma), surge, no centro de um círculo, retratando a figura de um jovem de cabelos curtos e de barba, semelhante às representações encontradas dos filósofos (Figura 23), trajando uma túnica curta e sem mangas, cobrindo apenas o ombro do lado esquerdo, usando um par de sandálias rústicas e, a tiracolo, um bernal. Nos ombros, repousa uma ovelha e enquanto uma das mãos a protege, a outra segura um vasilhame, possivelmente, utilizado na ordenha. A paisagem é composta de vegetação e mais dois animais que ladeiam o pastor, lembrando um paraíso idílico (Grabar, 1966: Figura 28 *apud* Gregori, 2014).

**Figura 22:** Afresco “O Bom Pastor”, da Cripta de Lucina, na Catacumba de São Calisto (meados do século III d. C.), Roma. Arte paleocristã.



**Fonte:** Grabar, 1966 *apud* Gregori, 2014, p. 39.

**Figura 23:** Cópia em mármore do busto de Platão feito por Silanião, a.C. 370.



**Fonte:** Museu Capitolini, Roma, Itália (2023).

As catacumbas de Domitilla encontram-se localizadas na Via Ardeatina e na Via Delle Sette Chiese, ao sul de Roma. Certamente, recebeu o nome de sua proprietária Flávia Domitilla, membro da família imperial (81-96) do imperador Domiziano (Fasola, 2012). Nessas catacumbas encontram-se dois temas iconográficos em Afrescos “Orfeu entre os animais” e “Cristo Bom Pastor”, produzidos em diferentes séculos, tomados como base para uma leitura dos elementos iconográficos, realizados a seguir.

O Afresco “Orfeu entre os animais”, das Catacumbas de Domitilla, Roma, século III (tardio). **Elementos Iconográficos.** O modelo iconográfico do Afresco “Orfeu entre os animais” traz uma paisagem que evoca ao paraíso celeste, sendo possível visualizar, ao fundo, montanhas e vegetações e nela a imagem de um homem de cabelos curtos e sem barba, vestindo uma túnica com mangas (não sendo perceptível se calça ou não sandálias). Sentado em torno de 3 ovelhas que descansam sobre a pastagem, apoiando um dos seus braços sobre o cajado ou bordão (1), símbolo da condução, e em uma das mãos (2) segura uma flauta (de pã?). O Salmo 23 (22) “O Bom Pastor” faz referência ao bastão e cajado do pastor que orienta e protege com a seguinte versão da Bíblia (2016): “Ainda que eu caminhe por vale tenebroso nem um mal temerei, pois estás junto a mim, teu bastão e teu cajado me deixam tranquilo” (Salmos 23,4).

Chama à atenção, a flauta<sup>51</sup> (de Pã?) que assim é compreendida como uma recomposição e uma reperformance do mito de Ovídio (Grécia Clássica), em suas diversas acepções, entre elas a flauta com o significado do “sopro da vida” pertinente à representação do pastor como aquele que dá a vida (João 10, 11) por suas ovelhas (Piedade, 2009).

Nesse contexto, Tringali (1990, p. 22) infere a respeito do mito de Orfeu, iniciando por uma indagação “qual o significado da representação da figura de Orfeu nas catacumbas cristãs? É que, sem dúvida, os cristãos viam nele uma prefiguração de Cristo, um profeta iluminado que teria participado da revelação mosaica! Só isto explicaria tanta sabedoria num pagão”. Desse modo, poder-se-ia associar a figura humana representada, nesse Afresco, à imagem de Orfeu — o mensageiro? A linguagem artística greco-romana estaria utilizando-se do mito de Orfeu para se reportar a essência divina do ser humano?

O Afresco “Cristo Bom Pastor”, das Catacumbas de Domitilla, Roma, século IV (tardio). **Elementos Iconográficos.** O modelo iconográfico do Afresco “Cristo Bom Pastor” (Figura 24). No centro da imagem, o pastor é retratado de cabelos curtos e de barba, vestindo uma túnica curta e com mangas compridas (de duas cores) e sandálias em estilo campestre. Encontra-se em torno de 7 ovelhas, trazendo uma delas em seus ombros, acolhendo-a com uma das mãos e a outra segura um cajado (Figura 25). No Antigo e Novo Testamento, o número 7 é citado, em diversos capítulos, a exemplo do Livro de Apocalipse: “I. Éfeso – Ao anjo da Igreja em Éfeso, escreve: Assim diz aquele que segura às sete estrelas em sua mão direita, o que está andando em meio aos sete candelabros de ouro” (Ap 2,1).

**Figura 24:** Cristo Orfeu e os animais, Catacumba de Domitilla, Roma, século III (tardio).



**Fonte:** Grabar 1966 *apud* Gregori, 2014, p. 53.

<sup>51</sup>Primeiro livro das Metamorfoses (Syrinx, I, 689-746). Flauta do termo grego syrinx, sobretudo, a flauta de Pã do mito de Ovídio (Piedade, 2009).

**Figura 25:** Cristo Bom Pastor, Catacumba Domitilia, Roma, século IV (Tardio).



Fonte: Spier 2007 *apud* Gregori, 2014, p. 31.

A paisagem traz um jardim simbolizando o paraíso celestial e, na vegetação, plantas que se assemelham às palmeiras. Referências à palmeira são encontradas na passagem de Jesus pela cidade de Jerusalém em que foi aclamado Senhor e o Rei de Israel (Bíblia, 2016), com a seguinte versão:

**Entrada messiânica de Jesus em Jerusalém.** No dia seguinte, a grande multidão que viera para a festa, sabendo que Jesus vinha a Jerusalém, tomou ramos de palmeiras e saiu ao seu encontro, clamando: "Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor e o Rei de Israel!" (João, 12,12-13) [Bíblia, 2016].

A Catacumba de Priscilla, localizada no cemitério romano paleocristão (antiga pedreira), na Via Salária, no quartiere Trieste de Roma (Itália), possui um Afresco, pintura sobre reboco, no centro do teto do Cubículo do Velatio (Cappella della Velata), com o tema da iconografia Sagrada “O Bom Pastor”, segunda metade do século III. Possivelmente, essa catacumba pertenceu a uma cristã de nome Priscilla, da família senatorial dos Acilia, esposa de Acílio Glábrio (Cedilho; Sousa, 2013, p. 610).

O Afresco “O Bom Pastor”, das Catacumbas de Priscilla (Roma), segunda metade do século III. **Elementos Iconográficos.** O modelo iconográfico do Afresco “O Bom Pastor”, nas Catacumbas de Priscilla (Roma) que se encontra no centro do teto, contornado por duplo círculo de cores vibrantes, em que disposta a imagem de um jardim celeste e, no meio dele, a figura de um jovem “O Bom Pastor”, sem auréola, com traje tipicamente romano e sandália

campestre. Vestindo uma túnica curta bordada nas cores vermelha e verde que cobre apenas um de seus ombros em que repousa um cordeiro de chifres. Em seu derredor, 2 cabras e 2 pombas com ramos de Oliveira e ornamentos vegetais. Com galhos de Oliveira, no bico, 4 aves contornam as extremidades da pintura (Cedilho; Sousa, 2013).

Cabe sublinhar que a pomba representa a pureza, a paz divina e o Espírito Santo. No evangelho de Lucas 3,21-22 tem-se a seguinte referência na Bíblia de Jerusalém (2016) com a seguinte versão:

Ora, tendo o povo recebido o batismo, e no momento que Jesus o foi; e no momento em que Jesus, também batizado, achava-se em oração, o céu se abriu e o Espírito Santo desceu sobre Ele em forma corporal, como pomba. E do céu veio uma voz: “Tu és o meu filho”; eu, hoje, te gerei (Lc 3,21) [Bíblia, 2016].

Vindas de outras culturas e crença pagã, as representações de imagens e de temas religiosos ressignificados para o Cristianismo foram decisivas para a composição da doutrina e símbolos dessa crença. Na catacumba de Priscilla, duas representações de pavões de plumas exuberantes podem ser visualizadas sobre e abaixo da representação do Bom Pastor (Figuras 26, 27 e 28). Oriundo da mitologia grega, o pavão simbolizava a vigilância, imortalidade e regeneração.

**Figura 26:** Jesus, o Bom Pastor – Roma, Catacumba de Priscilla (segunda metade do Século III). Teto do Cubículo da Velada. Jesus, o Bom Pastor – Roma, Catacumba de Priscilla (segunda metade do Século III).



**Fonte:** Eusébio (2005, p. 22).

**Figura 27:** Afresco “O Bom Pastor” – Roma, Catacumba de Priscilla (segunda metade do Século III d. C.).



**Fonte:** Eusébio (2005, p. 22).

**Figura 28:** Afresco de um pavão com plumagens (séc. III).  
Catacumba de Santa Priscila, Roma.



**Fonte:** Eusébio (2005, p. 22).

Nos primeiros séculos do Cristianismo, o simbolismo do pavão foi ressignificado para a ressurreição com base na troca de plumagem no inverno dessa ave, voltando a crescer na primavera. Cardoso (2021) infere que, desde o século I, os pavões vinham sendo utilizados, nos ambientes funerários, como elementos figurativos, como explicita a seguir:

Em contextos funerários, encontram-se pavões, por vezes também duplicados, em frescos da Necrópole Vaticana (século I), das Catacumbas de Priscilla (século III), do Hipogeu da Via Dino Compagni (século IV), os três em Roma, e da Catacumba São Genário (século VI), em Nápoles. Também são encontradas as aves nos sarcófagos de Pórfiro de Constantina (século IV), destinado à filha de Constantino (272-337), e em outro reaproveitado pelo Bispo Teodoro, na Basílica São Apolinário in Classe, em Ravena (Cardoso, 2021, p. 29).

As Catacumbas dos mártires cristãos São Marcelino e São Pedro encontravam-se situadas na terceira milha da antiga Via Labicana e, no momento atual, na Via Casilina, na mediação da igreja de Santi Marcellino e Pietro no complexo arqueológico “Ad duas Lauros”, ao sul de Roma.

O Afresco “O Bom Pastor”, das Catacumbas de São Marcelino e São Pedro, século IV. **IV. Elementos Iconográficos.** O modelo iconográfico do Afresco “O Bom Pastor”, pintura sobre reboco, do teto da cripta da Virgem, apresenta o tema iconográfico “O Bom Pastor” encontrado nas Catacumbas de São Marcelino e São Pedro (Roma). No centro da cruz, composta por cinco medalhões, com paisagem e vegetação que lembram o paraíso idílico (Figuras 29 e 30). O pastor veste uma túnica curta cobrindo apenas um dos braços e sandália campestre, cabelos curtos e sem barba. Em seus ombros repousa 1 ovelha e outras 4 encontram-se próximas a ele. Enquanto uma das mãos do pastor afaga a ovelha, na palma da outra mão encontra-se uma flauta (de Pã?). Acompanham os painéis sobre a história de Jonas e os orantes, duas figuras femininas e duas masculinas.

**Figura 29:** O Bom Pastor, Jonas e orantes. Pintura parietal no teto de um dos cubículos das Catacumbas de São Marcelino e São Pedro, Roma (século IV).



**Fonte:** Lassus (1974, n/p).

**Figura 30:** O Bom Pastor, Jonas e orantes. Pintura parietal no teto de um dos cubículos das Catacumbas de São Marcelino e São Pedro, Roma (século IV).



**Fonte:** Lassus (1974, n/p).

Nas manifestações visuais das tradições judaica e cristã identificadas nos Afrescos das catacumbas romanas, relacionados ao contexto funerário da Arte Paleocristã, acima examinados, encontra-se um modelo iconográfico comum referente à representação simbólica da imagem do Bom Pastor, voltado para o imaginário da vida após a morte. Nesse período de composição das religiosidades cristãs, ressalta-se que o simbolismo encontrado nas imagens dos Afrescos “O Bom Pastor” atuou como um dispositivo pedagógico de conversão, como caminho que leva a salvação.

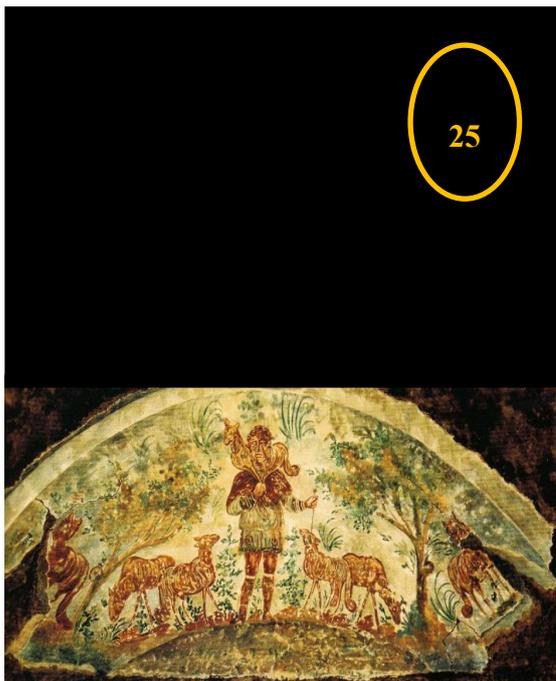
Os quatro Afrescos escolhidos (Figuras 22, 25, 27 e 30) possuem em comum a figura de um jovem que se encontra no centro da imagem com uma ovelha sobre os ombros comunicando uma mensagem de salvação. Esse modelo artístico pagão greco-romano apresentando a figura de Hermes Crióforo, relacionado às atividades do pastoreio, foi ressignificado pelos primeiros cristãos na figura do Bom Pastor e, por conseguinte, de protetor do rebanho e dos pastores.

**Figura 22:** Afresco “O Bom Pastor”, da Cripta de Lucina, na Catacumba de São Calisto (meados do Século III d. C.), Roma. Arte paleocristã.

**Figura 25:** Cristo Bom Pastor, Catacumba Domitilla, Roma, século IV (Tardio).

**Figura 27:** Afresco “O Bom Pastor” – Roma, Catacumba de Priscilla (segunda metade do Século III d.C.).

**Figura 30:** O Bom Pastor, Jonas e orantes. Pintura parietal no teto de um dos cubículos das Catacumbas de São Marcelino e São Pedro, Roma (Século IV).



**Fonte:** Grabar, 1966 *apud* Gregori, 2014, p. 39; Spier, 2007 *apud* Gregori, 2014, p. 31; Eusébio, 2005, p. 22; Lassus, 1974; respectivamente.

Na temática “O Bom Pastor”, os símbolos representados contemplam aspectos importantes desse cotidiano, como a atividade de pastoreio, concebendo a maneira como essa sociedade compreendia e interpretava a sua existência. A figura do jovem pastor é apresentada com indumentária que se assemelha ao traje romano, assim como a sandália típica do campo.

As paisagens oferecem elementos que reportam ao paraíso idílico. No cristianismo primitivo, o Bom Pastor emergiu como a figura religiosa soberana, consolidando-se como a representação central para sintetizar a concepção da salvação e, desse modo, representar Jesus como o Messias Salvador. O símbolo de Cristo — a videira — é representado pelo ramo no bico do pombo.

A períclope encontrada no evangelho de João 15, 1-11, recorre a uma metáfora literária para descrever Cristo como “A verdadeira videira”. A Bíblia (2016) traz a seguinte versão:

Eu sou a verdadeira videira e meu Pai é o agricultor. Todo ramo em mim que produza mais fruto ainda. Vós já estais puros por causa da palavra que vos fiz ouvi. Permaneei em mim, como eu em vós. Como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não permanecer na videira, assim também vós, se não permanecerdes em mim. Eu sou a videira e vós os ramos. Aquele que permanece em mim e eu nele produzimos muito fruto; porque, sem mim, nada podeis fazer. Se alguém não permanecer em mim, é lançado fora, como o ramo, e seca; tais ramos são recolhidos, lançados ao fogo e se queimam. Se permanecerdes em mim e minhas palavras permanecerem em vós, pede o que quiserdes e vós o tereis. Meu Pai é glorificado quando produzdes muito fruto e vos tornais meus discípulos. Assim como o Pai me amou também eu vos amei. Permaneei em meu amor. Se observais meus mandamentos, permaneceréis no meu amor, como eu guardei os mandamentos de meu Pai e permaneço no seu amor. Eu vos digo isso para que a minha alegria esteja em vós e vossa alegria seja plena (João 15, 1-11) [Bíblia, 2016].

Essa constatação permite inferir que a figura do Bom Pastor, no período paleocristão, assumia o lugar que, atualmente, corresponderia à da imagem de Cristo Crucificado, ressaltando assim a notável relevância da representação do Bom Pastor na iconografia e na devoção dos primeiros cristãos.

### **3.3 Protestantismo e imagem**

Proveniente de diferentes credos, figuras e símbolos, a cultura visual evangélica brasileira é uma manifestação que se originou a partir de inclinações teológicas e culturais das vertentes sueca e norte-americana do Protestantismo. Essa cultura, ressignificada ao contexto brasileiro, exerceu um papel essencial para a formação da cultura visual evangélica no Brasil. Assimilada, especialmente, do Protestantismo de Missão e de Migração (EUA) que se estabeleceu no país, na virada dos séculos XIX-XX, e das suas práticas devocionais, da obra

missionária e da imigração de comunidades religiosas.

Diferentemente, das declarações de um Protestantismo iconoclasta (século XIX e início do século XX), pode-se averiguar que, com mais de cem anos, há uma riqueza e diversidade na cultura visual e material, desde obras originais, reproduzidas, traduzidas e novas criações, dessa expressão religiosa. Nesse sentido, afirma Renders (2018) que

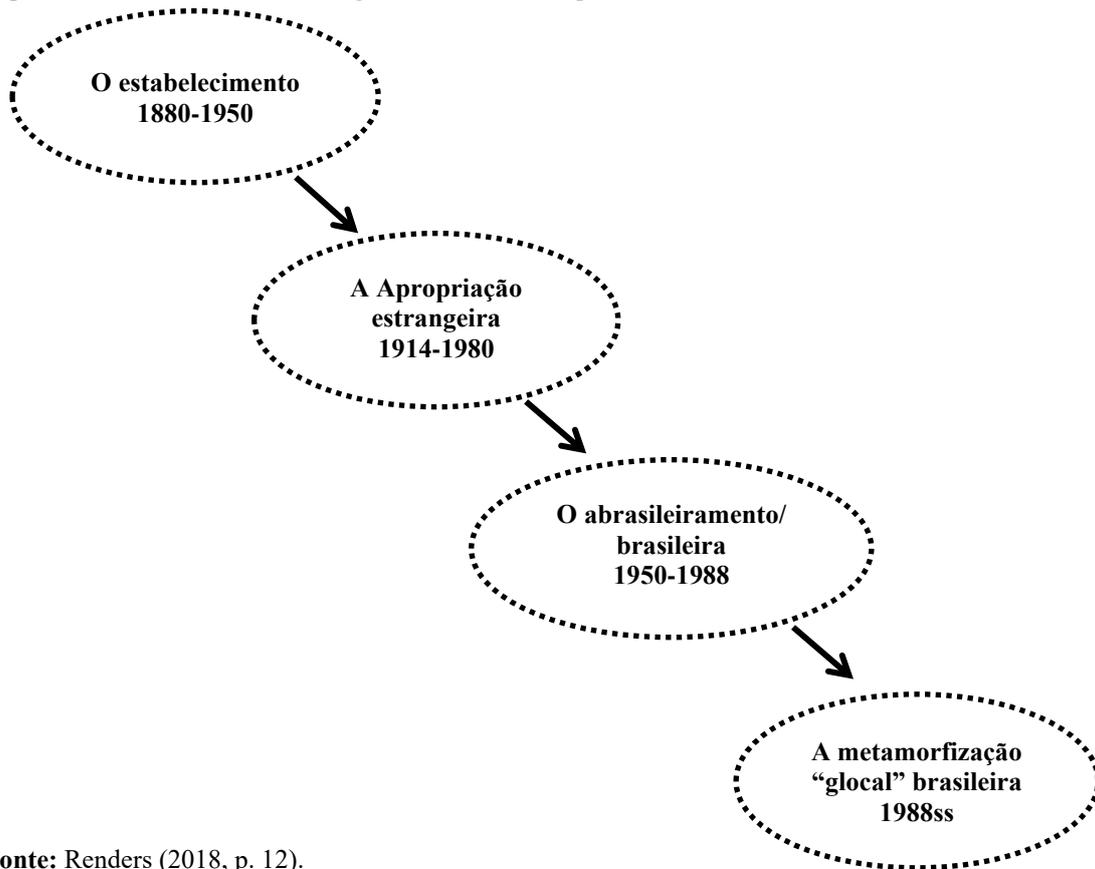
As fontes que compuseram e compõem a cultura visual evangélica brasileira mudam quanto ao seu lugar de produção (Estados Unidos, Europa, Brasil), à sua originalidade (originais, reproduções, traduções, novas composições ou criações), aos temas tratados (contemplação de contextos externos ou internos) e às formas de liderar com elas (integração, submissão, rejeição). Até que se estabelece o domínio de um tipo – uma fase que nós descrevemos como período próprio – os diversos tipos convivem entre eles. Nessa dinâmica, certos tipos ou certas formas podem cair no desuso e, superficialmente, no esquecimento. Contudo, também podem ressurgir (Renders, 2018, p. 31).

Com referência a composição da cultura evangélica brasileira, o sociólogo pernambucano Gilberto Mello de Freyre (1900–1987) infere sobre as influências recebidas pelas Igrejas evangélicas brasileiras a partir da importação da cultura e das artes oriundas do catolicismo ibérico que se instalou no país e da reprodução do protestantismo anglo-saxônico ou germânico. Em sua participação na Conferência do Nordeste (1962), assim reafirma Gilberto Freyre sobre essas influências, sublinhando a cultura protestante anglo-saxônica que se instalou no país:

A despeito do crescente número de cristãos evangélicos em nosso país, ainda não apareceu o brasileiro de gênio, que nascido evangélico, criado em meio evangélico, identificado com a interpretação evangélica da vida e da cultura brasileira, se afirmasse no Brasil grande poeta ou grande escritor em língua portuguesa, ou compusesse música brasileira, marcada por esta interpretação ou por esta inspiração, ou o arquiteto também de gênio que desenvolvesse para as igrejas evangélicas do trópico, um tipo de arquitetura que não fosse nem a imitação do tipo católico, nem reprodução do **protestante anglo-saxônico ou germânico** (Freyre, 1962, p. 59-60 *apud* Renders, 2018, p. 22-23).

Para o aprofundamento da cultura visual evangélica brasileira — das igrejas Protestantes, Pentecostais e Neopentecostais —, e do seu desenvolvimento, adotou-se o modelo de Helmut Renders (2018) que propôs uma leitura, de acordo com as características da cultura visual e material de cada período, em quatro fases (Figura 31) – o surgimento (1880-1950) da cultura visual evangélica brasileira; a apropriação da cultura visual evangélica estrangeira (1914-1980); o abraqueiramento da cultura visual evangélica brasileira (1950-1988); e a metamorfização “glocal” (em nível local com influência global) da cultura visual evangélica brasileira (1988).

**Figura 31:** A Cultura Visual Evangélica brasileira em quatro fases



**Fonte:** Renders (2018, p. 12).

É pertinente lembrar que nesse estudo os períodos foram elaborados com o pensamento de tempos em parte paralelos e não de alterações totais. Juntamente, para cada fase dessa periodização, Renders (2018) formulou um questionamento — iconoclasmo Protestante; iconoclasmo Evangélico brasileiro; iconofilia protestante e iconofagia Protestante, referenciado a seguir<sup>52</sup>.

Para discorrer sobre a cultura visual Protestante e Pentecostal brasileira (séculos XIX-XX) examinou-se os seus três ícones “O Livrinho do Coração: O Coração Humano Templo de Deus ou de Satanaz” (1914) de André Jensen, “Os Dois Caminhos” (1932), uma reprodução da litografia da pietista Charlotte Reihlen, pela Casa Editora Presbiteriana, e o Cartaz Dispensacionalista “O Plano Divino Através dos Séculos” – PDadS (1943) de Nels Lawrence Olson.

Diversas publicações se seguiram, no país, do Livro *Das Herz Des Menschen Ein Tempel Gottes, Oder Eine Werkstatt Des Satans: In Zehn Figuren Sinnbildlich Dargestellt:*

<sup>52</sup>Enquanto a teologia fornece uma antiga leitura do fenômeno, referindo-se às suas dinâmicas entre as pessoas como iniconolatria, iconoclasmo ou iconofilia, possibilita o diálogo com outros saberes como a comunicação social, a história da arte, os estudos culturais um novo olhar. Essa nova perspectiva ajuda a enxergar as mudanças paradigmáticas e seus efeitos sobre as religiões além da era cristã, pela contribuição de conceitos como iconofagia, metamorfização ou intraduzibilidade da imagem (Renders, 2018).

*Zur Erweckung Und Beförderung Des Christlichen Sinnes* (1812), sendo a primeira delas uma tradução para o português pelo presbiteriano dinamarquês André Jensen (1914), seguida da Luterana (1930), da Assembleiana (1950) da Metodista (até 1970) e da Batista (1996) (Renders, 2009).

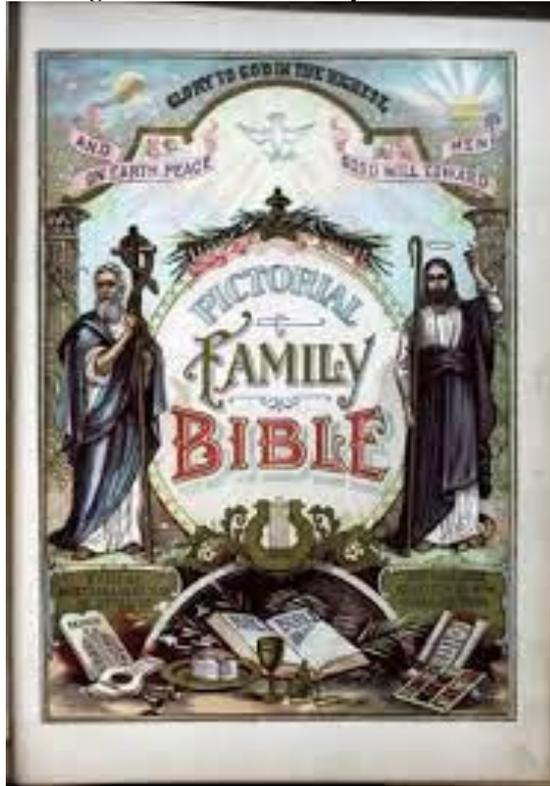
O imaginário Protestante no Brasil se deu a partir da litografia “Os Dois Caminhos” (1862), da pietista alemã Charlotte Reihlen, senão a única gravura reproduzida a circular nesse universo (1932), distribuídas pela Casa Editora Presbiteriana (São Paulo). E o Cartaz Dispensacionalista “O Plano Divino Através dos Séculos” (PDadS) de Nels Lawrence Olson, da cultura visual protestante e pentecostal brasileira, do século XX (Martins; Renders, 2019).

**Iconoclasmo Protestante?** A primeira fase — o estabelecimento da cultura visual evangélica brasileira (1880-1950) — o surgimento. Contrapondo-se à iconoclastia Protestante e Pentecostal brasileira, negação à cultura visual religiosa, ao adentrar no país, formou-se um repertório imagético evangélico proveniente do Protestantismo estadunidense e europeu próprio e diverso, com importação direta do imaginário na retaguarda da cultura visual (Renders, 2018).

Em vez de demonstrar uma postura iconoclasta, a cultura visual e material Protestante, já consolidada em suas práticas, manifestou-se por meio de uma narrativa visual própria e distintiva. Essas representações se encontravam presentes nas residências, nos templos, nas escolas dominicais (narrativa espacial e material) e nos espaços públicos, com a função educacional e devocional (Renders, 2018).

Afora as influências diretas confessionais, o primeiro imaginário protestante que se formou no país contou com a Sociedade Bíblica dos EUA, a Escola Dominical e outras sociedades missionárias como as editoras cristãs independentes que produziram edições dos livros devocionais e cartazes religiosos, propagando a cultura visual e material dessa expressão religiosa com o objetivo de disseminar o evangelho, em uma primeira fase em que ocorria a reprodução de uma obra do exterior, sem que essa passasse por uma tradução. A partir da utilização de ilustrações de livros, das Bíblias de Família Ilustradas (Figura 32), de slides de lanternas (1900-1940), cartões postais e de litografias de cenas bíblicas (1890-1960), a cultura visual evangélica aproximou-se cada vez mais da arte sacra, clássica e contemporânea (Renders, 2018).

**Figura 32:** Pictorial Family Bible, 1890.



Fonte: Acervo Histórico da Igreja Metodista.

**Iconoclasmo Evangélico brasileiro? A segunda fase — o abraqueiramento da cultura visual evangélica estrangeira (1914-1980) — a apropriação estrangeira.** Nesse período, obras da cultura visual evangélica estrangeira se tornaram acessíveis no Brasil — o livro *Das Herz Des Menschen Ein Tempel Gottes, Oder Eine Werkstatt Des Satans: In Zehn Figuren Sinnbildlich Dargestellt: Zur Erweckung Und Beförderung Des Christlichen Sinnes* (1812) “O Coração do Ser Humano, Templo de Deus ou oficina de Satanás: representado simbolicamente por dez figuras” de Johannes Evangelista Gossner (1773-1858); e o *Der Breite Und Der Schmale Weg* (1862) de Charlotte Reihlen (1805-1868) e a sua versão inglesa *De Broad End Narrow Way* (1883) “O Caminho Largo e o Estreito” (do Litógrafo Charles Montague) foram traduzidas para o idioma português, passando a compor o imaginário religioso evangélico brasileiro com as narrativas religiosas textuais e linguagens religiosas visuais.

De acordo com a periodização adotada nesse trabalho, sendo uma imagem produzida no Brasil para o país, o Cartaz Dispensacionista “O Plano Divino Através dos Séculos” – PDadS (1943), do missionário norte-americano Nels Lawrence Olson (1918-1992), da Assembleia de Deus, da cultura visual protestante e pentecostal brasileira, do século XX,

encontra-se inserido na terceira fase em que será devidamente analisado (Martins; Renders, 2019).

O sacerdote católico alemão Johannes Evangelist Gossner (1773-1858) tomou conhecimento do folheto, em München (1812), com tradução do idioma francês para o alemão, em Würzburg (1732), recebendo o título “Espelho Espiritual em que se pode mirar quem deseja a salvação, e, reconhecendo o estado de sua alma, reformar convenientemente a sua vida”. Posteriormente, em uma versão inglesa (1822), passa a ser adotado nas missões inglesas e nos Estados Unidos (Jensen, 1914).

Essa publicação teve por base o folheto em francês *Miroirsdu Pécheur* “Os Espelhos do Pecado” que passou a ser aceito, no século XVIII, tanto pela Igreja Católica Apostólica Romana quanto pela Evangélica. Em seguida o missionário Dr. Bultmann traduziu o folheto do francês para a língua inglesa. Estima-se que essa obra obteve vinte e duas traduções para outras línguas (Jensen, 1914).

A partir disso nasceu à edição do livro católico de autoria de Gossner *Das Herz Des Menschen Ein Tempel Gottes, Oder Eine Werkstatt Des Satans: In Zehn Figuren Sinnbildlich Dargestellt: Zur Erweckung Und Beförderung Des Christlichen Sinnes* “O Coração do Ser Humano, Templo de Deus ou oficina de Satanás: representado simbolicamente por dez figuras”, publicado na Bavária (1812) e em Wügsburg (1813). Novas edições desse livro ocorreram nos anos seguintes de 1815 e 1823 (Jensen, 1914).

Gossner se converteu a Igreja Luterana (1826), em Berlim, corroborando para que esse livro obtivesse uma maior divulgação. Para além das denominações Cristãs, Católica Apostólica Romana e Católica Ortodoxa, o referido volume passou a circular entre a Acatólica Evangélica brasileira, sendo ressignificado da religião “cordial” (*religio cordis*) para pertencer às expressões evangélicas da religião do coração ou da “cordial” brasileira (Renders, 2015).

Como ferramenta de conversão, a sua experiência de missionário levou-o a utilizar um conjunto de dez ilustrações alegóricas comentadas, orações e canções, reeditando os emblemas da versão iconográfica do jesuíta Vincent Huby (1608–1693) que já se encontravam traduzidos para o alemão, se fazendo presente, no decorrer do século XVIII. Enquanto Huby usou doze estampas, Gossner se restringiu à apenas dez delas. Dentre essas, oito estampas (1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup>, 4<sup>a</sup>, 5<sup>a</sup>, 6<sup>a</sup>, 7<sup>a</sup> e 9<sup>a</sup>) apresentam a imagem da cabeça de um homem sobre o seu coração, enquanto duas delas (estampas 8<sup>a</sup> e 10<sup>a</sup>), com cenas do leito de morte (Renders, 2015).

Na edição publicada em 1813, tomada como referência nessa pesquisa, se faz presente nos emblemas à escolha de dois caminhos: do mal, representado pela figura do diabo, no centro do coração do homem, caracterizado por asas, chifres e cauda, portando o tridente, e, ao seu redor, os pecados capitais (os sete vícios); e do bem com algumas virtudes teológicas fé, esperança e amor (Glauben, Hoffnung, Liebe) e as virtudes cardeais clássicas humildade, generosidade, castidade e diligência. O sétimo emblema acrescenta em seus elementos sete demônios (Renders, 2012).

A partir dos temas referenciados, examina-se que as três primeiras estampas da obra se inter-relacionam entre si — “o ser humano mudano”, “o homem arrempedido do pecado” e “o pecador que crê em Cristo e no Evangelho”. Na Estampa nº1 (Figura 33) “o ser humano mudano” acompanha o texto *Das Bild des Innern eines Menschen, der Sünde dient, und den Teufel in Sich herrschen läßt* “Uma imagem do interior de um ser humano que serve ao pecado e se deixa governar pelo diabo”. A representação do caminho do mal traz a cabeça e o coração de um homem e a imagem de sua expressão facial — o espelho da alma — que se traduz em uma fisionomia de perturbação. No interior do coração encontra-se posto o olho de Deus, a estrela apagada, a pomba, representando o Espírito Santo, e as chamas.

**Figura 33:** Estampa Nº 1 – *Das Bild des Innern eines Menschen, der Sünde dient, und den Teufel in Sich herrschen läßt.*



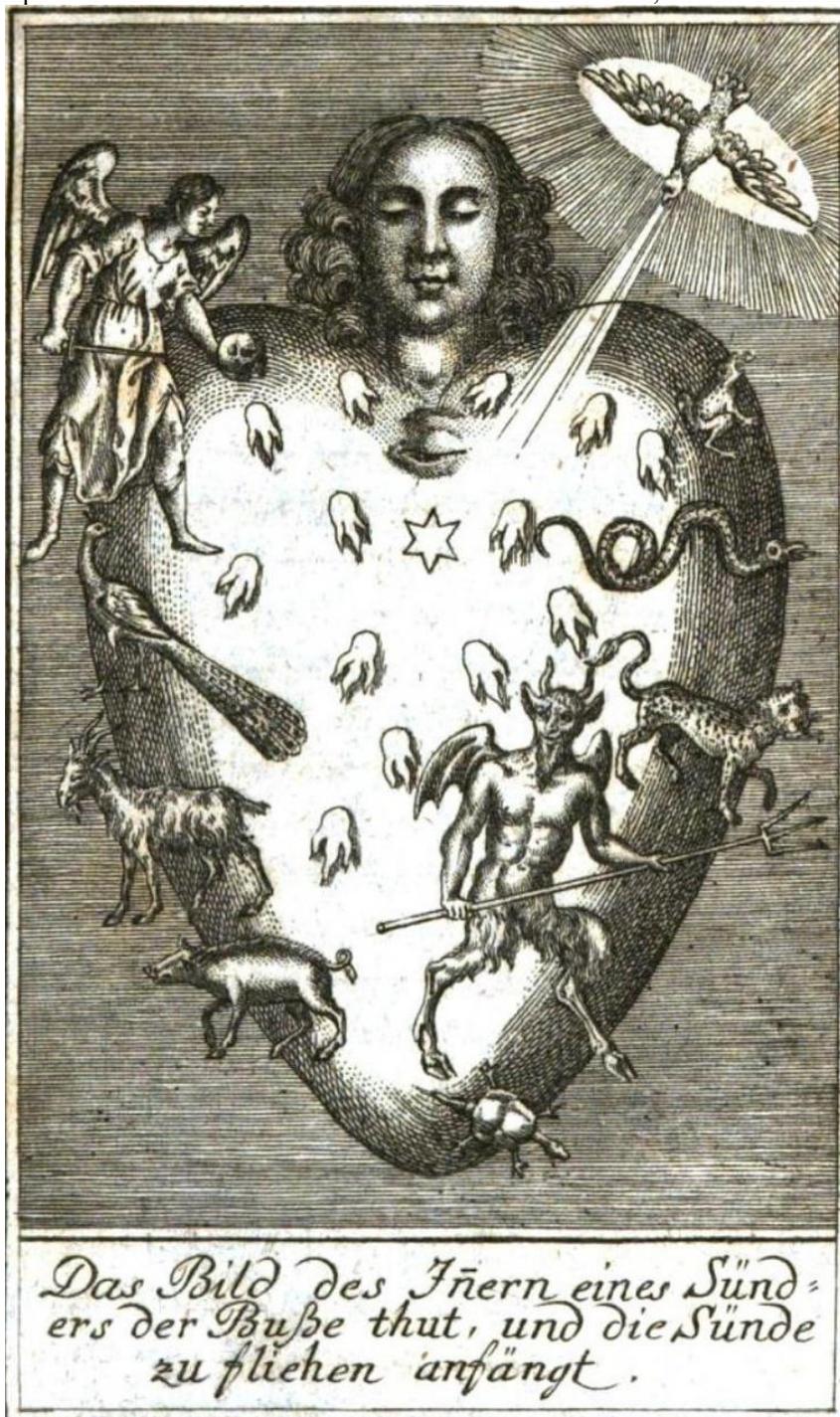
**Fonte:** Gosnner (1813, n/p).

O demônio (no centro da estampa), com a representação dos pecados capitais através do simbolismo animal: o orgulho (pavão), a avareza e a mesquinhez (rã), a glotonaria e a embriaguez (porco), a impureza (bode), a inveja (serpente), a ira (leopardo ou leão), a preguiça (tartaruga). Os símbolos que representam o caminho do bem, o anjo, o Espírito Santo em forma de pomba e as chamas encontram-se na parte externa do coração (Renders, 2012).

Na Estampa nº 2 (Figura 34) “o homem arrependido do pecado” traz o escrito *Das Bild des Innern eines Sünders der Bube thut, und die Sünde Zu fliehen anfängt* “Uma imagem do interior de um pecador que está se arrependendo, o que causa a fuga do pecado”. O Espírito Santo penetra no coração do homem, soprando em direção à estrela iluminando-a,

com a presença das chamas que se espalham por todo o elemento. O anjo, segurando nas mãos um crânio, anuncia um novo ciclo daquele que se liberta dos vícios. A face humana expressa o alívio daquele que se afasta dos vícios.

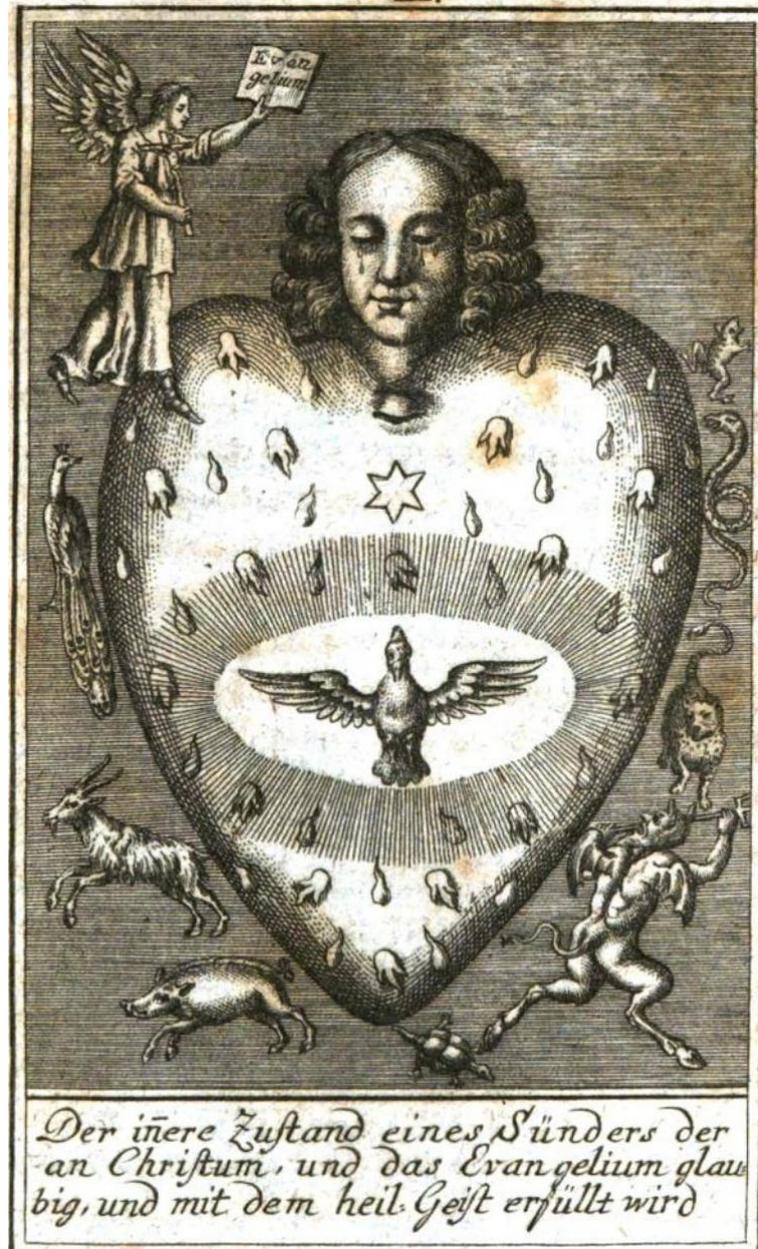
**Figura 34:** Estampa N° 2 – Das Bild des Innern eines Sünders der Buße thut, und die Sünde Zu fliehen anfängt.



Fonte: Gosnner (1813, n/p).

A estampa nº 3 (Figura 35) “o pecador que crê em Cristo e no evangelho” vem com o trecho *Der innere Zustand eines Sünders der an Christum, und das Evangelium glau big, und mit dem heil geist erfüllt wird* “O estado interior de um pecador que, crendo em Cristo e no Evangelho está pleno do Espírito Santo”. O anjo segura com uma das mãos o livro, anunciando o Evangelho, e com a outra o crucifixo símbolo do Cristianismo. Expulsando todos os vícios que passam a circular à espreita o coração humano, o Espírito Santo se posiciona no centro do emblema do coração em que a face humana se encontra banhada em lágrimas.

**Figura 35:** Estampa Nº 3 – *Der innere Zustand eines Sünders der an Christum, und das Evangelium glau big, und mit dem heil geist erfüllt wird*



**Fonte:** Gosnner (1813, n/p).

A edição publicada no Brasil em 1914 pela editora Casa Vanorden, em São Paulo, recebeu o título “O Livrinho do Coração”. A versão de Gossner foi traduzida do alemão para o português pelo pastor presbiteriano dinamarquês André Jensen que se radicou no Brasil no início do século XX. Além da edição de Jensen, houve outras publicações adicionais nas denominações presbiterianas e metodistas (1970). Por sua vez, a edição luterana (1936), em sua versão original alemã, a edição pentecostal sul-africana publicada a partir de 1958, e a edição batista (até 1998). Ressalta-se que a versão pentecostal passou pela elaboração de um novo texto. Embora essas edições tenham subsistido até o século XXI, já não são mais adotadas (Cf. Renders, 2018, p. 18).

Este livro examina as representações simbólicas e as metáforas do coração, apresentando duas escolhas que conduzem aos dois caminhos: uma para o bem-estar eterno e outra para o mal, resultando em condenação eterna (Figura 36). As funções pedagógicas das estampas são evidenciadas na folha de rosto da obra, onde é mencionado que essa é “representada por 10 geniaes ilustrações (Figura 37) para edificação e despertamento da Christandade” (Jensen, 1914, p. 01). Ficou evidenciado que “O Livrinho do Coração”, ao ser extensivamente publicado, difundido e adotado na evangelização e como guia devocional na catequese no século XX, popularizou-se a ponto de ser reconhecido como o primeiro ícone do Protestantismo e do Pentecostalismo brasileiro.

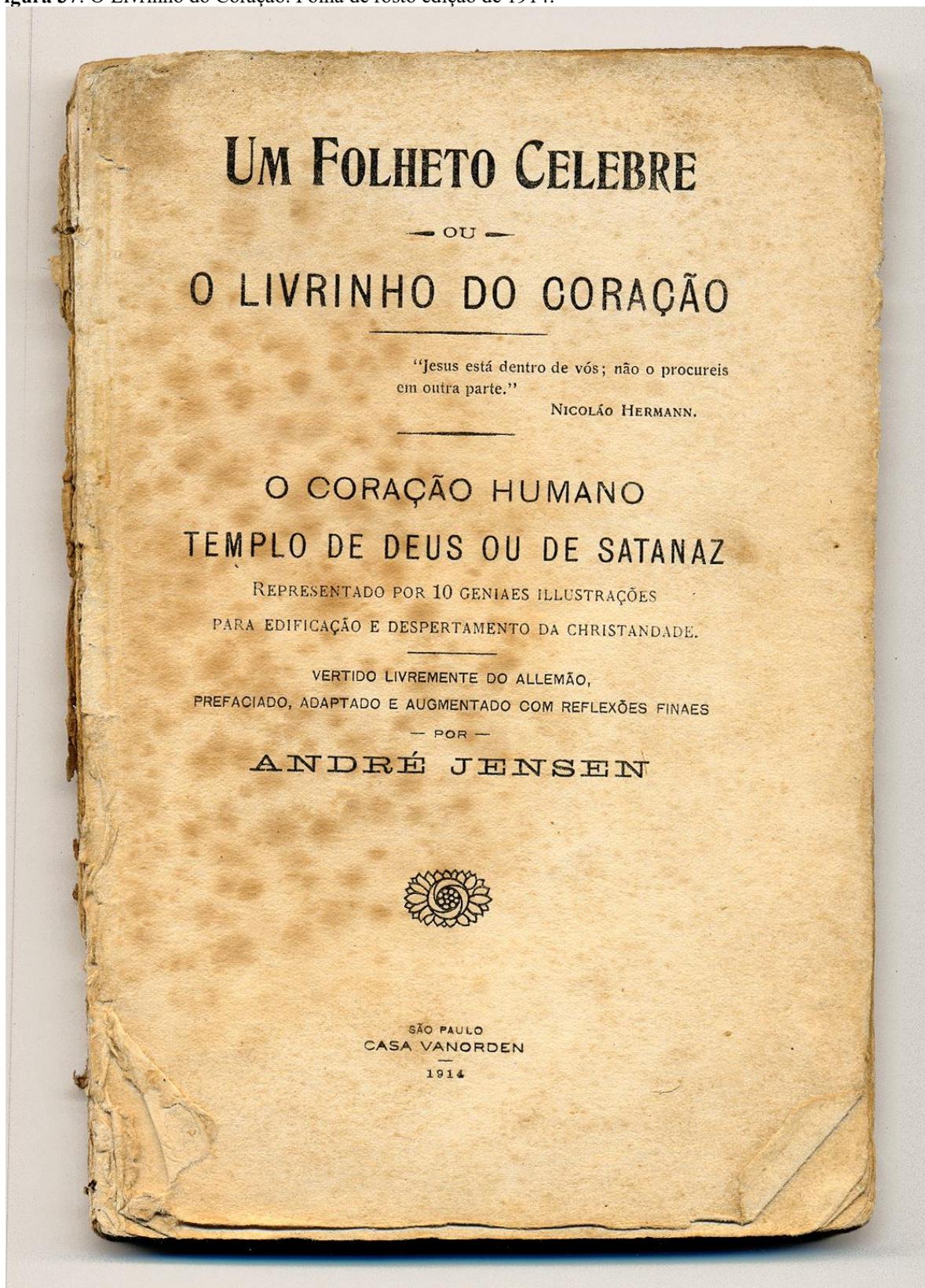
Uma terceira edição sul-africana do Livrinho do Coração que recebeu o título “O Coração do Homem” (Figura 38), versão em português, passou a ser amplamente distribuída entre as comunidades evangélicas no Brasil, publicada pela *All Nations Gospel Publishers*, Missão de Literatura Evangélica financiada por donativos (Figura 39). Este livro passou a circular entre as denominações Pentecostais, especialmente na Assembleia de Deus, desempenhando um papel significativo para a educação religiosa dessas denominações.

Figura 36: O Livrinho do Coração (Capa da edição de 1914).



Fonte: Jensen (1914, p. 01).

Figura 37: O Livrinho do Coração. Folha de rosto edição de 1914.



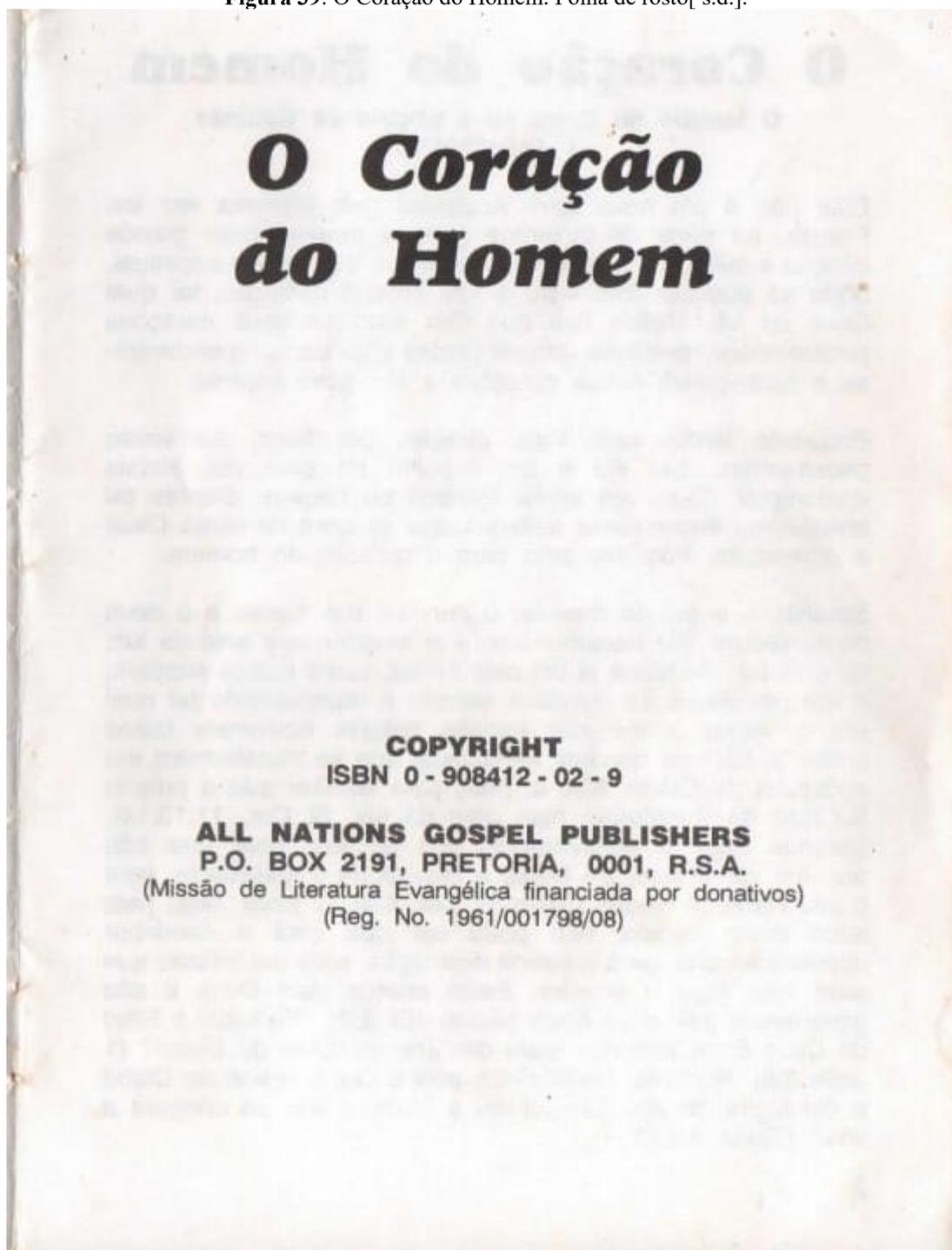
Fonte: Jensen (1914, p. 02).

**Figura 38:** O Coração do Homem.



Fonte: Edição sul-africana [s.d.].

**Figura 39:** O Coração do Homem. Folha de rosto[ s.d.].



**Fonte:** Edição sul-africana [s.d.].

O Livrinho do Coração é composto por quatro partes: “o nome, o simbolismo, o auctor e a história d’O Livrinho e as dez diferentes estampas”. Considerando a perspectiva religiosa desses volumes de que o uso de estampas fortalece e reaviva a Cristandade, tomou-se como base a segunda parte, do referido livro, intitulada “O Symbolismo”, em conjunto com a definição de símbolo apresentada por Jensen (1914):

A particularidade d' O Livrinho do Coração é que não só ensina por palavra as grandes verdades de que trata, mas também por figuras, contendo, a par do ensino verbal, um ensinamento intuitivo, achando-se figurado o coração humano com as suas resoluções para o bem e para o mal, bem como as respectivas consequências do tempo e na eternidade. Os symbolos são altamente falantes. Citaremos, por exemplo, a figura que representa Satanaz que, no seu verdadeiro estado, pertence ao mundo invisível, de modo que ninguém o viu para o pintar. Mas visto como a Bíblia delle nos fala como representado pela figura de serpente, de dragão e de leão, a que também acordemente o representamos. Os peccados também se acham symbolicamente representados por animaes como o pavão, por exemplo, sybolizando o orgulho; o porco representando a gula e a bebedice; o bode figurando o adulterio e toda a impureza, e assim por diante, representando cada animal um peccado ou um estado vicioso, conforme comparações encontradas nas Sagradas Escripturas. Não só se acham representadas as potestades do mal; as do bem outrosim se acham figuradas. Como se vêm figuras representando Satan, também se vêm representações dos santos anjos. O Espírito Santo se acha symbolizado como no baptismo de Christo, por uma pomba; e a obra do mesmo Espírito, como no dia de Pentecostes, por línguas semelhantes a línguas de fogo. Para representar as múltiplas virtudes obradas pelo Espírito Santo, ha representação diversas (Jensen, 1914, p. 9-10).

Ao prefaciар o folheto, Jensen apresenta a obra como Católica, mas de sentido universal, sem a pretensão de suscitar disputas entre as denominações cristãs, do contrário, tendo por objetivo difundir o verdadeiro espírito Cristão. A Estampa nº 01 (Figura 40), “O coração do homem que se entrega ao peccado e se deixa governar pelo demônio” representa o homem mudano (a cabeça) que se compraz com os prazeres da vida, o caminho do mal trazendo a figura do coração, juntamente, com os sete peccados capitais (kaput; caput; parte superior).

Na temática cristã, esses peccados são representados através do simbolismo animal — pavão, bode, porco, rã, tartaruga, serpente e tigre. Acima do Coração, encontra-se a cabeça de um homem, a pomba, o anjo e circulando a imagem, as línguas (semelhantes à língua de fogo). Figuram, dentro do coração, o olho de Deus, a estrela apagada, o sataná no centro da estampa e os sete peccados capitais (Quadro 2).

A imagem de sataná inclui chifres, asas, cauda e um tridente, e, em seu entorno, os vícios. É importante sublinhar que na iconografia, a partir do século XI, o sataná passou a ser representado com chifres, orelhas pontudas e asas de morcêgo. Nas representações visuais do século XIII, ainda que conservasse traços humanos, incorporou cada vez mais as características animais como rabo, pelagem corporal e garras de ave (Baschet, 2002, p. 322).

Ao analisar a estampa nº 01, Jensen (1914, p. 30) refere-se ao evangelho de Mateus (7, 13) que aborda o tema “Os Dois caminhos”, afirmando que “tal é o triste estado de todo o peccador que não quer aceitar a Jesus como Salvador de sua alma, preferindo antes viver conforme o modo prevalescente no mundo pervertido, e caminhar pela estrada larga que

conduz à perdição”.

Em continuidade, a estampa nº 02 “O coração da pessoa cuja consciência está sendo iluminada pelo conhecimento da verdade” e a estampa nº 03 “O coração de uma pessoa que persevera até o fim crendo em Jesus Cristo e no Evangelho e que se acha cheia do Espírito Santo” apresentam uma mudança no coração do homem (Jensen, 1914). A seguir, será examinado o livro “O Coração do Homem”, publicada desde 1958, explorando os dispositivos visuais e a comunicação destes.

**Figura 40:** O Livrinho do Coração (Estampa Nº 1).



Fonte: Jensen (1914, p. 03).

**Quadro 2:** Os emblemas da estampa nº 1 de “O Livrinho do Coração”.

HOMEM	Pecador.
CORAÇÃO	Vida espiritual.
CABEÇA	Caput.
OLHO	De Deus.
ESTRELA	No pecado, Apagada.
SATANÁS	Inimigo.
PAVÃO	Orgulho.
BODE	Impureza, impudícia.
PORCO	Gluttonaria, bebedice, intemperança e excesso.
TARTARUGA	Preguiça e tibieza.
RÃ	Mesquinhez e avareza.
TIGRE	Ira, ódio e vingança.
SERPENTE	Inveja, astúcia e traição.
POMBA	Espírito Santo.
ANJO	Graça de Cristo.
CHAMAS	Obra do Espírito Santo, dons e graças.

**Fonte:** Adaptado de Jensen (2014, p. 29).

A edição sul-africana do livro “O Coração do Homem” (s.d, p. 2), um ícone visual sobre a luta entre a virtude e o pecado, visa, igualmente, disseminar seu conteúdo entre os membros de diversas crenças e condições espirituais, sejam eles “cristãos ou pagãos, crentes ou renegados”. Assim sendo, um espelho espiritual para o coração pecaminoso, refletindo a dualidade interna entre a virtude e o vício.

A capa do livro “O Coração do Homem” (Figura 38) apresenta à imagem de um coração situado entre um anjo e um demônio, dividido ao meio por duas cores contrastantes, representando a constante batalha moral e espiritual travada dentro de cada indivíduo. O anjo simboliza a palavra de Deus, enquanto o demônio como o instigador do pecado e da mentira que reina no coração do homem. O livro contém 10 imagens (Quadro 3), das quais todas, exceto da oitava, possuem a imagem do anjo. No que diz respeito às figuras 4, 8 e 10, essas não incluem a figura de satanás.

**Quadro 3:** As 10 imagens de “O Coração do Homem”.

1	CORAÇÃO PECADOR
2	O CORAÇÃO CONVICTO DO PECADO
3	O CORAÇÃO ARREPENDIDO
4	MORRENDO COM CRISTO
5	O TEMPLO DE DEUS
6	O CORAÇÃO TENTADO E DIVIDIDO
7	O CORAÇÃO DESVIADO E ENDURECIDO
8	O JULGAMENTO DO PECADOR
9	O CORAÇÃO VITORIOSO
10	SUBINDO PARA A MORADA CELESTIAL

**Fonte:** Edição sul-africana [s.d.].

No centro da composição da imagem nº 1, representando o homem mudano e seus vícios, está “O coração Pecador” (Figura 41). Posicionado no âmago do coração, Satanás é caracterizado por chifres, asas e um tridente, cercado pelos vícios. Acima de Satanás, a estrela escura e o olho de Deus simbolizam a condenação dos pecados e a vigilância divina. Os sete pecados capitais (Quadro 4) são representados pelo simbolismo animal — pavão, bode, porco, rã, tartaruga, serpente e onça, cada animal simboliza um vício em particular. No entorno do coração, estão representados o anjo (graça de Cristo), a pomba (Espírito Santo) e as pequenas chamas de fogo (o amor de Deus).

**Figura 41:** O Coração Pecador (Imagem nº 1).



**Fonte:** Edição sul-africana [s.d.].

**Quadro 4:** Os emblemas da imagem nº 1 de “O Coração do Homem”.

HOMEM	Pecador.
CORAÇÃO	Vida espiritual.
CABEÇA	Caput.
PAVÃO	Orgulho.
BODE	Adultério e imoralidade.
PORCO	Bebedeira e glotonaria.
TARTARUGA	Preguiça e feitiçaria.
ONÇA	Cruel e feroz.
SERPENTE	Inveja.
RÃ	Mesquinhez e avareza.
SATANÁS	Mentira, instigador do pecado, reina no coração do homem.
ESTRELA ESCURA	No pecado, negra, profana e má.
OLHO DE DEUS	Vê tudo que se passa no coração.
AS PEQUENAS CHAMAS DE FOGO	O amor de Deus à volta do coração pecaminoso e o sangue de Jesus Cristo.
ANJO	A palavra de Deus.
POMBA	Espírito Santo (Encontra-se fora do coração humano, onde reina o pecado).

**Fonte:** Edição sul-africana (p. 4-14, s.d.).

Na imagem nº 2, intitulada “O Coração Convicto do Pecado” (Figura 42), observa-se um coração localizado no centro da composição, penetrado por duas chamas e uma estrela parcialmente iluminada. Tradicionalmente associada ao Espírito Santo na iconografia cristã, a pomba surge emitindo uma luz radiante que banha o coração, sugerindo a presença, a influência deste espírito e sua ação transformadora. O anjo que simboliza a Palavra de Deus é retratado de forma majestosa, segurando a espada em uma das mãos e uma caveira na outra. A espada simboliza a força e a justiça divina, enquanto a caveira lembra a consequência dos pecados e a mortalidade. Este anjo expulsa o demônio e os vícios do coração pecador.

A imagem narra a jornada de um coração pecador em busca de redenção e purificação. Utiliza de elementos visuais que articulam a poderosa intervenção divina à transformação espiritual do indivíduo. Desse modo, refere-se ao coração penitente, contrito ou que

demonstra arrependimento, reconhecendo os seus erros e em busca de reconciliação com Deus. A expulsão do demônio e dos vícios do coração é um elemento fundamental nesta composição, simbolizando a vitória do bem sobre o mal e a transformação interior proporcionada pela ação do Espírito Santo.

**Figura 42:** O Coração Convicto do Pecado (Imagem nº 2).



**Fonte:** Edição sul-africana [s.d.].

Na imagem nº 3, denominada “O Coração Arrependido” (Figura 43) examina-se que o coração está representado em estado de purificação, alvo igual à neve, com 10 chamas, estrela e, abaixo o espírito santo. Os animais, simbolizando o pecado, foram removidos do coração. Assim como, Satanás segurando o tridente, embora relutante e olhando para trás, expressando o desejo de reintegrar-se. O anjo segura, em uma das mãos, o crucifixo e, na outra, o livro

aberto.

Esta imagem representa o estado de alma de um pecador profundamente arrependido por seus pecados, confrontando a gravidade de suas transgressões. A serenidade expressa no rosto do pecador indica uma compreensão profunda de seus erros e uma entrega completa ao processo de penitência. Essa composição visual enfatiza a jornada espiritual do pecador arrependido (Edição sul-africana, s.d.).

**Figura 43:** O Coração Arrependido (Imagem nº 3).



**Fonte:** Edição sul-africana [s.d.].

O conjunto das representações da imagem nº4, intitulada "Morrendo com Cristo" (Figura 44), evoca a crucificação de Cristo, destacando a coluna que simboliza a flagelação de

Jesus e os instrumentos de tortura utilizados para açoitá-lo. Os símbolos visuais dessa imagem representam os temas centrais da fé cristã: traição, perdão, sacrifício e redenção. A representação do saco de dinheiro, contendo 30 moedas de prata, associado a Judas Iscariotes, e do dados, exprimem de maneira significativa a traição de Cristo.

Além disso, a lanterna, as correntes e outros elementos iconográficos como a lança, a escada, a coroa de espinhos e o galo, todos possuem significados simbólicos na narrativa da Paixão de Cristo. A pomba, simbolizando o Espírito Santo, sobrevoa a cruz. Enquanto o anjo encontra-se fora do coração, com as mãos levantadas para o alto, segurando uma folha de palmeira.

**Figura 44:** Morrendo com Cristo (Imagem nº 4).



**Fonte:** Edição sul-africana [s.d.].

Na imagem nº 5, as três pessoas da Santíssima Trindade — *Trinitas, Pater, Filius et Spiritus Sanctus* — estão posicionadas no centro do coração (Figura 45). Acima deste símbolo, surge uma estrela “da consciência Iluminada” e, logo abaixo, a cruz. O coração adornado por cachos de uvas, símbolo que remete à “Videira Verdadeira”. Na imagem, os animais que simbolizam os pecados estão ausentes. Fora do coração, configurando a constante batalha entre o bem e o mal, à direita, apresenta-se o anjo, com os braços para o alto, enquanto à esquerda, voltado para o coração, encontra-se o Satanás — o pai da mentira, aguardando seu retorno à antiga morada.

O coração está representado totalmente iluminado, purificado e livre do pecado, simbolizando o “Templo de Deus”. As três pessoas da Santíssima Trindade representam a presença divina que tomou conta do coração, expulsando todos os pecados. A suavidade no rosto do homem expressa um semblante sereno e confiante, reforçando à ideia do estado de purificação do coração, livre do pecado.

**Figura 45:** O Templo de Deus (Imagem nº 5).



**Fonte:** Edição sul-africana [s.d.]

Na imagem nº 6, o coração encontra-se representado completamente dividido entre Deus e o mundo, simbolizando “O Coração Tentado e Dividido” (Figura 46). Conforme retratados na tradição cristã, os símbolos visuais associados à traição e prisão de Jesus estão representados no centro do coração como a coluna, a escada, a lança, as correntes, a espada e a lanterna. A estrela da consciência está representada parcialmente apagada, e logo abaixo dela, a cruz se torna pesada.

Do lado de fora do coração estão o tentador (Satanás), o pavão (a vaidade), a serpente (a inveja), o porco (a gula e bebedice), o bode (o Adulterio e impureza) e a rã (mesquinhez e avareza) buscando entrar no coração. Próximo ao símbolo da cruz, um homem, simbolizando

os escarnecedores e opositores do Cristianismo, esfaqueia o coração. Aparecendo do lado de fora do coração, o anjo estende as suas mãos.

**Figura 46:** O Coração Tentado e Dividido (Estampa N° 6).



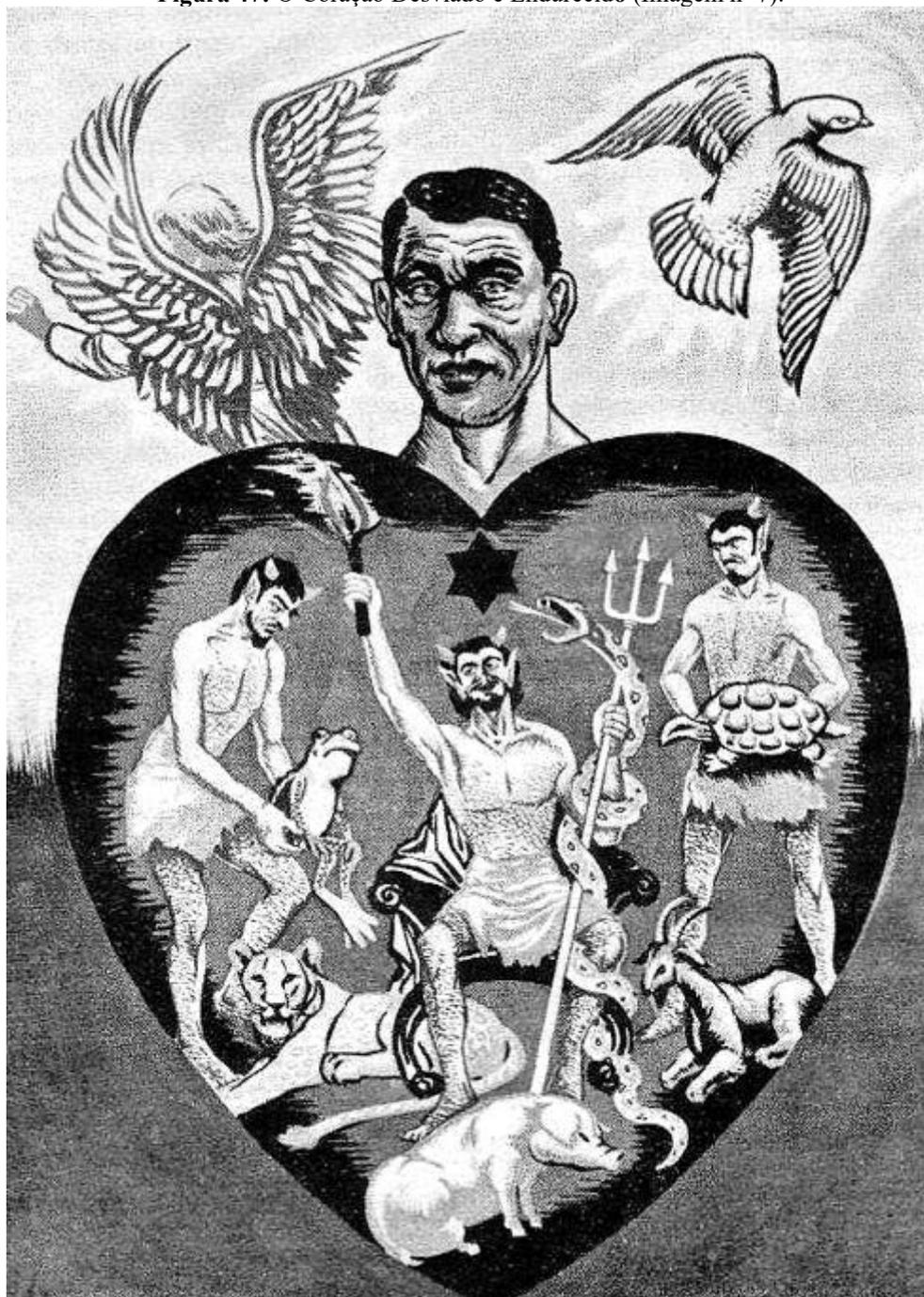
Fonte: Edição sul-africana [s.d.].

No centro do coração da imagem n° 7, intitulada 'O Coração Desviado e Endurecido' (Figura 47), aborda o estado infiel do coração de uma pessoa que não se arrependeu de seus pecados e, portanto, não se entregou ao Senhor. Satanás encontra-se sentado no trono, ocupando o lugar do Espírito Santo. Enquanto uma serpente se enrosca ao redor de seu corpo, Satanás é representado segurando uma chama em uma das mãos e um tridente na outra.

Dentro do coração, agora completamente escurecido, encontram-se, acompanhados

por um demônio, uma rã, uma onça, um porco, um bode e uma tartaruga. Acima de Satanás, a estrela da consciência aparece completamente apagada, enquanto a pomba e o anjo se afastam, abandonando o coração.

**Figura 47:** O Coração Desviado e Endurecido (Imagem nº 7).

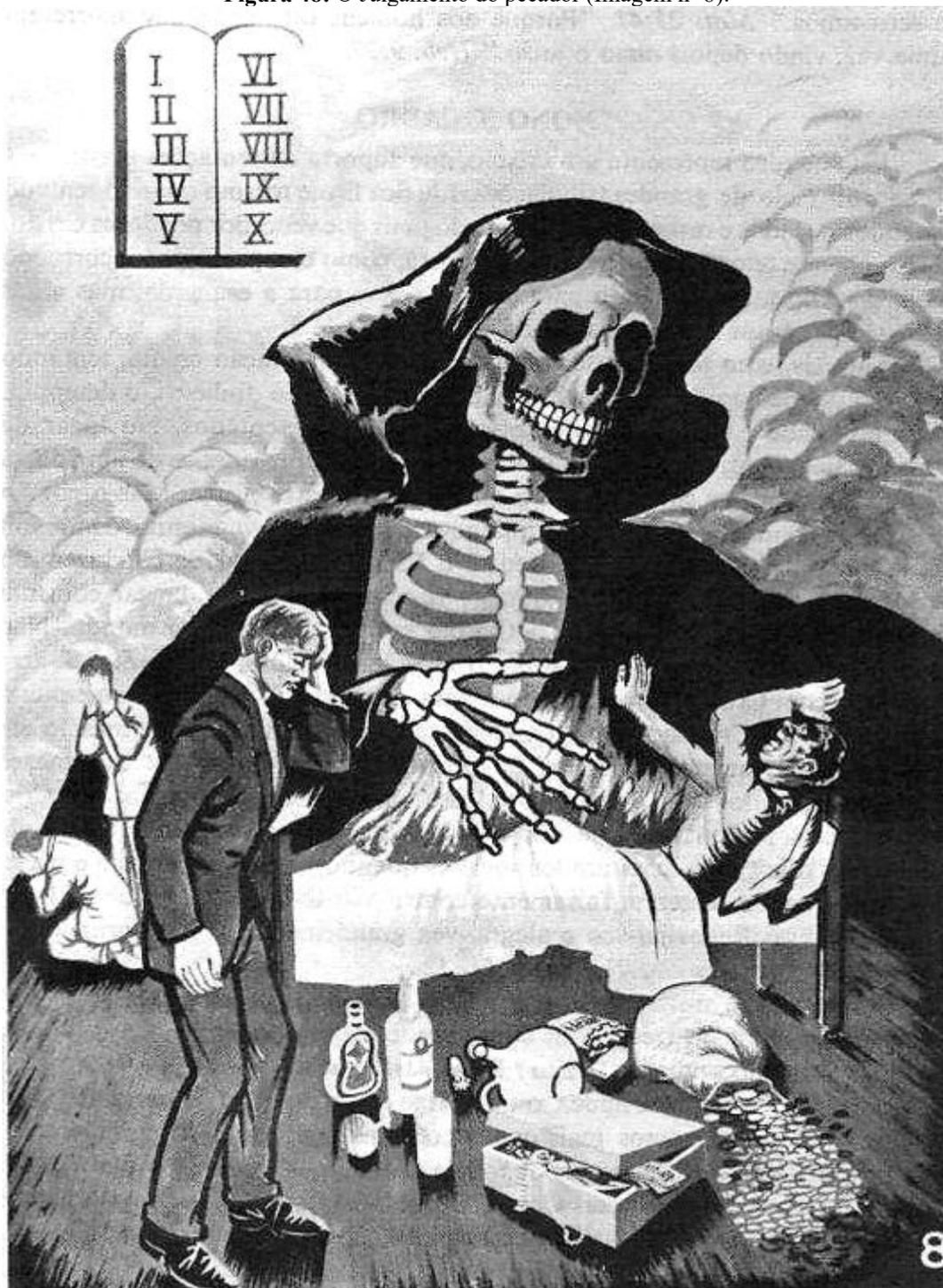


**Fonte:** Edição sul-africana [s.d.].

Na imagem nº 8 “O Julgamento do pecador” (Figura 48), um homem deitado em sua cama encontra-se diante da morte, personificada por um esqueleto. Vê-se, logo atrás da caveira, a representação das tábuas dos Dez Mandamentos. Nesta imagem, os animais que

simbolizam o pecado já se retiraram e os amigos também partiram. Nem as riquezas, simbolizadas por uma mala com cédulas de dinheiro, saco de moedas aberto e bebidas representando os prazeres da vida, podem salvar o homem da morte.

**Figura 48:** O Julgamento do pecador (Imagem nº 8).

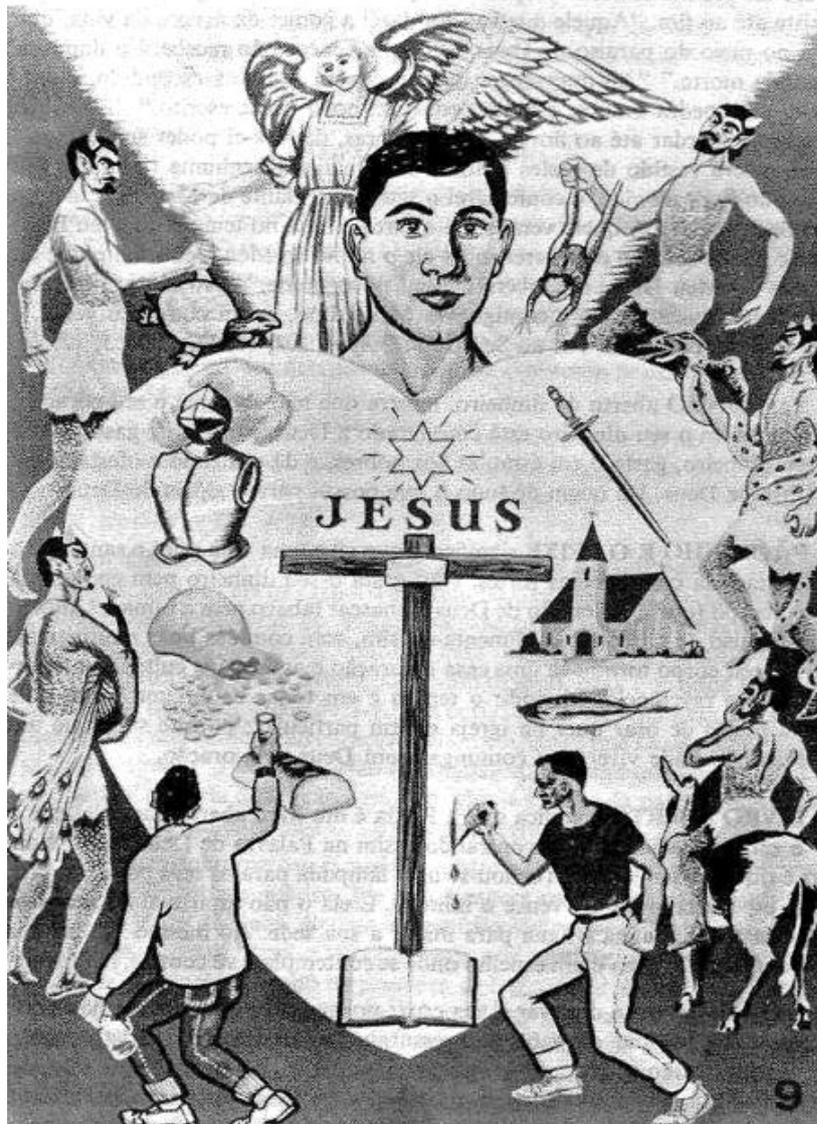


Fonte: Edição sul-africana [s.d.].

No centro do coração da imagem nº 9, intitulada “O Coração Vitorioso” (Figura 49), visualiza-se a cruz, tendo acima, a limpa e brilhante estrela da sua consciência e, logo abaixo, o livro aberto — a Bíblia, simbolizando o pão espiritual e a água. Dentro do coração, as representações de símbolos do cristão que resiste às tentações e vence as tribulações por Jesus se fazem presentes como a armadura, a espada, a igreja, o sacco de dinheiro, consagrado a Deus, o pão e o peixe.

Os pecados, o pavão (orgulho e vaidade), a tartaruga (preguiça), a rã (mesquinhez e avareza), o burro (o pecado tomando outra forma), a serpente (inveja) circunda o coração. Os prazeres mundanos são simbolizados por uma figura masculina dançando e segurando um copo de bebida, enquanto outra figura também masculina esfaqueia o cristão.

**Figura 49:** O Coração Vitorioso (Imagem nº 9).



Fonte: Edição sul-africana [s.d.].

No centro do coração da imagem nº 10, intitulada “Subindo para a morada Celestial” (Figura 50), o anjo ou o mensageiro de Deus, direciona-se ao justo para levar o seu espírito à presença de Deus. Examina-se que o espírito e a alma do justo se desprendem do corpo mortal do cristão, partindo em direção à coroa, símbolo da presença divina. O esqueleto da morte já não se faz presente. Próximo à cama, encontra-se um pequeno quadro com a imagem de Cristo.

**Figura 50:** Subindo para a morada Celeste (Imagem nº 10).



**Fonte:** Edição sul-africana [s.d.].

O Livro “O Coração do Homem” utiliza de símbolos para explorar temas como o homem em pecado, a tentação, a vigilância divina e a salvação. Assim sendo, este volume cria uma complexa rede de significados, onde cada elemento contribui para a narrativa moral e religiosa, refletindo as preocupações e valores da época em que foi publicado. Os sete pecados capitais são personificados por animais, associando características aos vícios

humanos. A estrela escura e o olho de Deus sugerem que, apesar do domínio do pecado, a presença divina é constante.

O segundo ícone da cultura visual evangélica brasileira, da iconografia protestante, de origem pietista e luterana, o cartaz “O Caminho Largo e o Caminho Estreito” (1862), esboçado por Charlotte Reihlen (1805-1868), cofundadora do Instituto de Diaconisas, na cidade de Stuttgart, Alemanha. O artista gráfico Paul Beckmann (1846-1919) pintou a litogravura *Der Breite Und Der Schmale Weg – Mattäus 7,13-14* (1889-1890) a partir do desenho de Reihlen. Essa imagem atravessou as fronteiras da Alemanha (1862), passando por reelaboração. E como litogravura é editada na Holanda (1867) e, posteriormente, na Inglaterra (1883), em Portugal, chegando ao Brasil (Figura 51) na primeira metade do século XX, divulgada através das Igrejas do Protestantismo histórico brasileiro (Renders, 2018).

Figura 51: Der Breite Und Der Schmale Weg (1862) – Matheus 7,13-14.

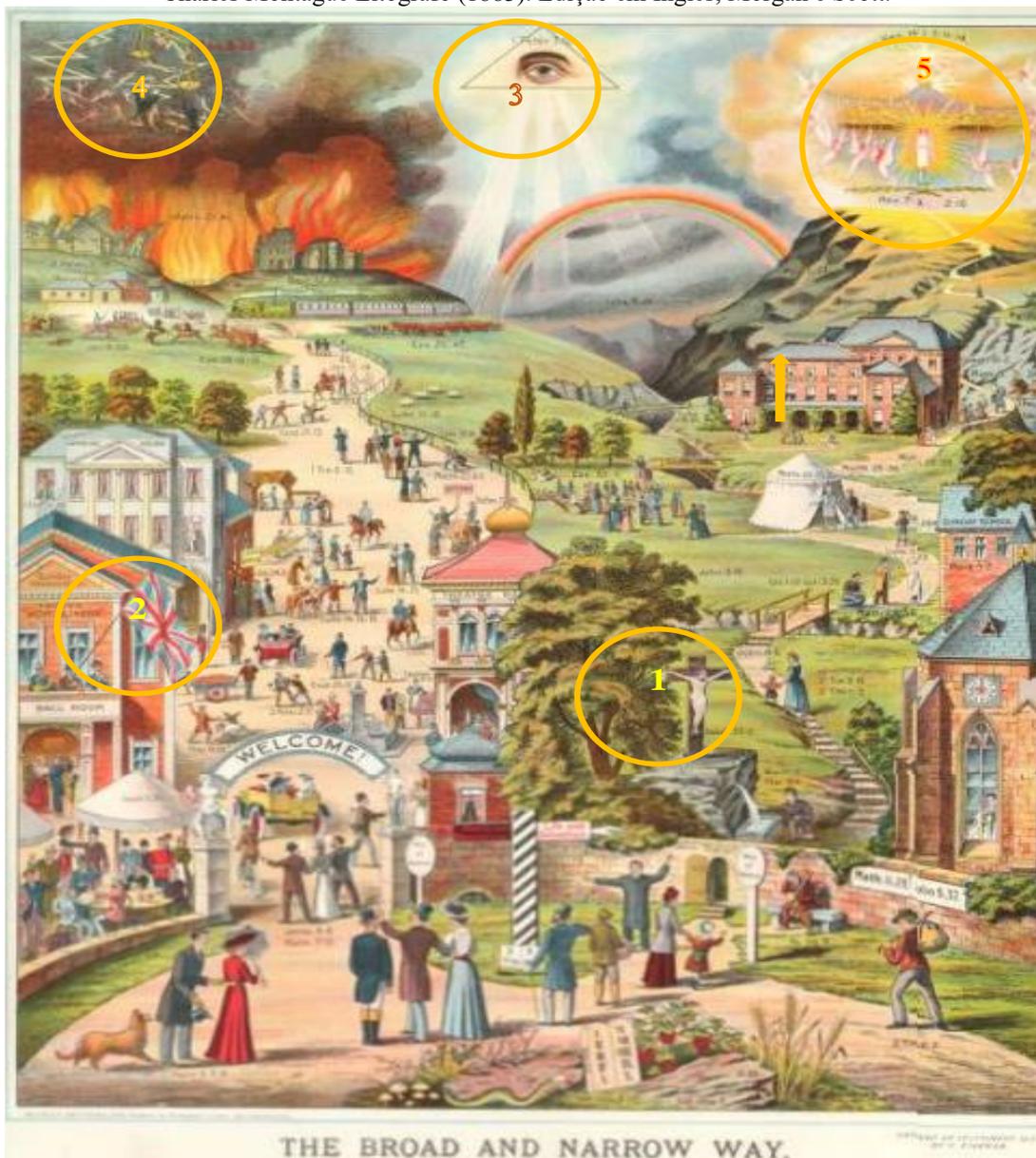


Fonte: Museu Britânico, Londres, Reino Unido, 2023.

O imaginário e a cosmovisão Protestante no Brasil iniciaram-se com as reproduções da obra da versão inglesa (1883) *The Broad End Narrow Way* (Figura 52), a circular nesse universo, tornando-se conhecida no período que precedeu a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a litografia “Os Dois Caminhos” (Figura 53), medindo 42 cm x 54 cm, publicada e distribuída pela Casa Editora Presbiteriana, São Paulo (1932), na primeira metade do século

XX. Difundida no país pelos presbiterianos, por 41 anos, circulou pelas Igrejas do Protestantismo histórico brasileiro (até 1970), transformando-se em símbolo da iconografia assembleiana (Campos, 2014).

**Figura 52:** De Broad And Narrow Way “O Caminho Largo e o Estreito”. Charles Montague Litógrafo (1883). Edição em Inglês, Morgan e Scott.



**Fonte:** Museu Britânico, Londres, Reino Unido, 2023.

Figura 53: Os Dois Caminhos.



Fonte: Casa Editora Presbiteriana (São Paulo), na primeira metade do século XX.

Para Campos (2014) a razão do quadro “O Caminho da Salvação e da Perdição”, “Os Dois Caminhos” ou ainda como ficou conhecido no Brasil “O Caminho Largo e o Estreito” ter se propagado pelas missões, nas pregações e nas catequeses, deve-se a sua imagética que transmitia a dualidade entre os dois caminhos da salvação, o caminho estreito, e da perdição,

o caminho largo (Mateus 7, 13-14) [Bíblia, 2016]. Apresentava um padrão exemplar de comportamento dos crentes que se traduz no imaginário e na cosmovisão do protestantismo pietista e puritano. O autor depreende que

A seguir a gravura foi levada para áreas missionárias e usada nas pregações e na catequese, justamente por conter uma síntese da mensagem pietista e puritana do protestantismo de missão, portador de uma visão de mundo dualista, dogmática e exclusivista. Trata-se de uma iconografia, pelo menos em suas versões tradicionais, cuja pretensão é transmitir uma visão bem definida das fronteiras estabelecidas entre o caminho da salvação e da perdição, indicando limites exatos ao comportamento dos crentes – daí a sua proximidade da ética, da escatologia e da moral dessa modalidade de protestantismo [...]. Assim, há 150 anos surgiu entre protestantes pietistas alemães uma gravura inspirada nos dizeres finais de Jesus no “Sermão do Monte” (Campos, 2014, p. 143-144).

Com base no desenho de Charlotte Reihlen, serão tomadas para essa etapa da investigação as litogravuras *Der Breite Und Der Schmale Weg* (1867) e *Os Dois Caminhos*, primeira metade do século XX, com o intuito de examinar as duas imagens e as possíveis formas exemplares para os Evangélicos das ADs, principalmente, no que diz respeito ao imaginário e a cosmovisão do protestantismo pietista e puritano e suas influências ao Protestantismo brasileiro.

Na leitura dos elementos formais ou pré-iconográficos, seguida da análise iconográfica e interpretação iconológica de *Der Breite Und Der Schmale Weg* e *Os Dois Caminhos*, a imagética de ambas comprova que as litogravuras passam uma visão dualista entre os dois caminhos “vida e salvação” e “morte e perdição”. As imagens são concebidas por duas partes: a narrativa visual (a *pictura*), e a narrativa textual (a *subscriptio*), contendo 86 citações bíblicas. Constata-se que as imagens se encontram associadas à linguagem religiosa do “Sermão sobre a Montanha” (Mateus 7.13-14) [Bíblia, 2016], proferido por Jesus em que faz uma descrição do caminho estreito e do caminho largo (Bíblia, 2016), revelando que

**Os Dois Caminhos.** Entrai pela porta estreita, porque largo e espaçoso é o caminho que conduz à perdição. E muitos são os que entram por ele. Estreita, porém, é a porta e apertado o caminho que conduz à vida. E poucos são os que o encontram (Mt 7,13-14) [Bíblia, 2016].

Na dimensão horizontal da imagem *Der Breite Und Der Schmale Weg*, símbolos pré-iconográficos como os 10 mandamentos, juntamente, a videira, o trigo e a serpente encontram-se em uma área externa aos dois caminhos (1). Nessa mesma área da imagem, duas placas sinalizam para os dois reinos “Reich Gottes” (reino de Deus) e “reich der welt” (reino do mundo), fazendo-se presentes os temas culturais que abordam a respeito das forças antagônicas. Em continuidade, a mensagem “Leben u. Seligkeit” (vida e salvação), escrita no

braço da placa, indica o caminho estreito (2). Enquanto o braço da placa próximo ao caminho largo (3) registra uma mensagem de alerta: "Todu Verdamnis" (morte e perdição).

O arco-íris, aliança entre Deus e os homens, se posiciona dividindo os dois campos da imagem entre o fogo eterno e os demônios (5) que circundam a balança que pesa as almas (6) e a Jerusalém Celeste (7), para onde irão os salvos no senhor. Na iconografia da Jerusalém Celeste observa-se a representação de dez anjos tocando as suas trombetas e no alto resplandece o cordeiro o símbolo de Cristo. Na porta larga, um trem, símbolo do desenvolvimento Industrial da Inglaterra (1870-1914) incorpora a imagem. Desse modo, examina-se que temas voltados à sociopolítica e a economia já se faziam constantes tanto da imagem, quanto do texto.

Na dimensão vertical, há uma cerca que separa o caminho estreito do caminho largo. Logo na entrada da porta estreita está posta a cruz (4), um elemento do cristianismo, e abaixo dessa um barranco que jorra água para, em seguida, visualizar-se três pontes que vão em direção ao arco-íris. Próximo à cruz, a Igreja Evangélica (9) e a "Sonntagchule", A Escola Dominical (10) e o Instituto Bíblico (11). Na porta larga, duas estátuas Baco e Vênus seguram uma placa com a expressão "Willkommen!" (Bem-vindo!). O caminho largo leva aos prazeres do mundo como "theaters" (teatro), "Spleilhölle" (cassino), bar, salão de baile, casa de penhores e banca de jogo. No prédio, um homem morre por enforcamento (8). Ao contrário do caminho largo que apresenta um terreno plano que vai de encontro ao fogo eterno e a balança, observa-se que a perspectiva do caminho estreito se faz em um terreno que apresenta variação no relêvo e conforme se aproxima da Jerusalém Celeste ganha altitude, chegando a tocá-la.

Na dimensão horizontal da imagem "Os Dois Caminhos" (42 cm X 54 cm), símbolos pré-iconográficos como os 10 mandamentos, a videira, o trigo e a serpente se fazem presentes na área externa da entrada (1). O caminho estreito (2) é apontado por um braço da placa que traz a mensagem escrita "vida e salvação". Ao passo que o braço da placa do caminho largo (3) anuncia a mensagem "morte e condenação". Próximas aos dois caminhos, mais duas placas são encontradas com as seguintes inscrições: "Caminho de Perdição" e "Caminho de Salvação".

Representando o desenvolvimento Industrial, o trem atravessa o caminho da porta larga. No centro da imagem, visualiza-se o olho de Deus e a santíssima trindade representada pelo triângulo (8), acrescentados na reprodução brasileira, e próximo a esse, o arco-íris dividindo o campo da imagem, de um lado, a Jerusalém Celeste (5), para onde serão encaminhados os salvos no Senhor e, do outro, o fogo eterno (6), Mt 25, 41, 2 Pedro 3, 10, e a

balança que pesa as almas (7), Daniel 5, 27, Deut 32,22.

Na iconografia da Jerusalém Celeste os elementos pré-iconográficos são semelhantes aos da imagem “Der breite und der schmale Weg Mattäus” em que se tem o símbolo do cordeiro associado a Jesus Cristo e a representação dos dez anjos tocando as trombetas. A simbologia do arco-íris — sinal da aliança entre Deus e os homens — é mencionada na seguinte passagem do Livro de Gênesis:

Disse Deus: "Eis o sinal da aliança que instituo entre mim e vós e todos os seres vivos que estão convosco, para todas as gerações futuras: porei o meu arco nas nuvens e ele se tornará um sinal da aliança entre mim e a terra. Quando eu reunir as nuvens sobre a terra e o arco aparecer na nuvem, eu me lembrarei da aliança que há entre mim e vós e todos os seres vivos: toda carne e as águas não mais se tornarão um dilúvio para destruir toda carne. Quando o arco-íris estiver na nuvem, eu o verei e me lembrarei da aliança eterna que há entre Deus e os seres vivos com toda a carne que existe sobre a terra". Deus disse a Noé: “Este é o sinal da aliança que estabeleço entre mim e toda a carne que existe sobre a terra” (Gn 9, 12-17). [Bíblia, 2016].

Na dimensão vertical, os elementos pré-iconográficos também se repetem como a representação da cerca que separa o caminho estreito do caminho largo. Na porta estreita (2) está posta a cruz (4), a única representação referente à imagem de Cristo e sob essa um barranco que jorra água. No caminho, em direção à Jerusalem Celeste, a Igreja Evangélica (10), a Escola Dominical (11) e o Instituto de Diaconisas (12). Logo adiante, três pontes que seguem ao encontro do arco-íris.

Na entrada do caminho largo que leva à “morte e condenação”, encontra-se os prazeres mundanos como o salão de baile, o cassino e o teatro em oposição ao caminho estreito da “vida e salvação”. Na janela do prédio do cassino, um homem encontra-se enforcado (9). O caminho largo segue por um terreno plano até o fogo eterno (6) e a balança (7). O caminho estreito percorre um terreno que se eleva, aproximando-se da Jerusalém Celeste (5).

Apesar das gravuras *Der Breite Und Der Schmale Weg* (1867) e “Os Dois Caminhos” (primeira metade do século XX) não utilizarem determinados elementos da iconografia medieval (demônios, anjos e boca do inferno) encontradas nas gravuras de Hieronymus Wierix (1553-1604), examina-se que há uma representação da balança do Arcanjo Miguel. Tratando-se de um elemento da produção visual imagética medieval católica, essa balança pode ser encontrada nas igrejas que possuem algumas representações do Arcanjo “O pesador de Almas”, da arte medieval.

No Portal neogótico da Catedral de Nuestra Señora (1352–1521), Amberes (Bélgica), se encontra a representação do mencionado Arcanjo, segurando com uma das mãos a balança

que traz em um dos pratos um fiel de mãos postas. Enquanto que na outra mão o demônio pode ser visto, representando os pecados cometidos pelo ser humano em vida. Ao lado do anjo, um hominídeo (Lúcifer), tenta empurrar para baixo a balança do fiel (Figura 54).

**Figura 54:** O Arcanjo Miguel pesador de almas. Portal neogótico da Catedral de Nuestra Señora (1352–1521), Amberes, Bélgica.



**Fonte:** São Miguel Arcanjo (2023).

Com relação às litografias *The Broad and Narrow Way* (1883) e “Os Dois Caminhos” (primeira metade do século XX) examina-se que os elementos pré-iconográficos — o crucifixo com a imagem de Jesus e o olho de Deus e a santíssima trindade representada pelo triângulo, aquele que tudo vê, a tudo e a todos, existentes na primeira (1 e 3) são acrescentados na segunda (4 e 8), localizado entre os dois caminhos. O retorno à proibição de representações iconográficas de Deus se deu com o movimento iconoclasta (século XVI) dos protestantes reformados (Campos, 2014).

É preciso ressaltar que a balança (4) também é um elemento presente na litografia *The Broad and Narrow Way*, representada em ouro que possui o significado de uma das virtudes teológicas “a caridade”. Enquanto o prédio do salão de baile de “Os Dois Caminhos”

exibe uma faixa com os dizeres “o mundo e a carne”, a primeira explora o símbolo nacional do Reino Unido (2) — a bandeira (Campos, 2014).

Como foi possível observar, inspirada no imaginário e na cosmovisão do protestantismo pietista e puritano, a imagem “Os Dois Caminhos” compõe uma mensagem visual, firmando o *ethos* assembleiano. Assim sendo, desenvolvendo uma contraposição entre a sociedade dos prazeres mundanos díspar à espiritualidade vivida pela comunidade de santos que integra a Igreja, como assim é concebido o mundo segundo os Evangélicos, abordado nos temas alusivos a essa litografia.

**Iconófilia protestante? A terceira fase — a criação de uma cultura visual evangélica brasileira própria (1950-1988), o abasileiramento.** Diante da criação de uma cultura visual evangélica brasileira própria, utilizando-se, além da produção, da mídia para a expansão da mensagem religiosa, das novas formas da cultura visual com a cultura auditiva do rádio e, principalmente, o uso da cultura visual da televisão, sobretudo, no Neopentecostalismo.

Cabe frisar que, nos anos 60, os jovens fizeram uso das diversas formas de arte com o intuito de propiciar à religião: as artes cênicas (teatro e cinema), literárias (poesia), plásticas (figuras, arquitetura) e visuais. Sob o ponto de vista de Renders (2018) pode-se considerar que

Em tudo, observa-se mais uma vez que não se pode falar simples e exclusivamente de uma cultura protetante e pentecostal iconoclasta. Pelo contrário, tanto os protestantes como os pentecostais se vestem das suas respectivas culturas visuais. A partir dessa fase, não somente cresce o número de criadores/as brasileiros/as da cultura visual evangélica, mas também o interesse deles/as em assuntos propriamente brasileiros. Aqui não basta mais refletir sobre os aspectos antropológicos da recepção, mas também se precisa dos recursos da sociologia da religião. A cultura visual evangélica torna-se política, não porque o apolítico também é político, mas porque ela agora tem a pretensão de construir a própria narrativa sociopolítica própria (Renders, 2018, p. 27).

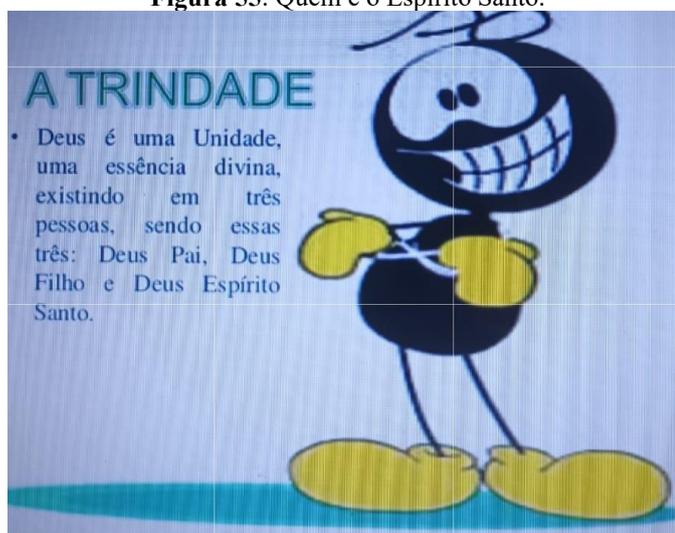
Expressão da juventude protestante, a revista Cruz de Malta (1960) é reconhecida como uma produção dentro da concepção de uma cultura visual mais erudita por jovens da Igreja Metodista. A referida revista passou a conter as narrativas sobre os conflitos sociais daquele contexto (1964-1985), muito embora, temas a respeito desse conteúdo tenham passado pela censura da ditadura militar (Renders, 2018).

O Centro Audiovisual Evangélico – CAVE (1951-1971), alinhado as ações da Confederação Evangélica do Brasil – CEB, foi responsável por difundir a fé cristã e o modo de ser cristão do Protestantismo brasileiro. Dessa maneira, impulsionando a divulgação da cultura visual protestante brasileira com a criação de mídias (slides, áudios e filmes), prevalecentemente, visuais. Posteriormente, as igrejas Evangélicas, em especial as

neopentecostais, passaram a se utilizar da televisão, como uma nova qualidade midiática, evidenciando outra perspectiva de ser igreja (Renders, 2018).

Outra representação visual utilizada o *icon* Smilingüido — a formiguinha criada (11/01/1980) pela desenhista Márcia Macedo D’haese e pelo roteirista Carlos Tadeu Grzybowski, tornou-se um veículo de comunicação da mensagem cristã, evangélica e não evangélica. A Revista Escola Dominical – Juvenis – CPAD (2015) da Assembleia de Deus, da cidade de Florânia (RN), publicou a Lição 7 com o tema “Quem é o Espírito Santo?” utilizando-se da imagem do Smilingüido (Figura 55). Belotti (2013) afirma que “o personagem é usado como símbolo de identificação, como mensageiro e cartão de visitas simpático e nada dogmático do universo evangélico” (Belotti, 2013, s.p. *apud* Renders, 2018, p. 25).

**Figura 55:** Quem é o Espírito Santo.



**Fonte:** Revista Escola Dominical Juvenil (2015).

Concebidos como criação e produção que simbolizavam as instituições brasileiras, as igrejas Protestantes e Pentecostais produziram os seus logotipos, referentes à segunda fase. Dentre outras igrejas, a Metodista Wesleyana, prontamente, providenciou um dos primeiros logotipos (Renders, 2018). Mais adiante, no terceiro capítulo, será tratado logos da ADPB.

O volume intitulado “O Plano Divino através dos Séculos: As dispensações que Deus estabeleceu para Israel, à Igreja e para o mundo”, escrito pelo missionário e pastor norte-americano Nels Lawrence Olson (1910-1993), também conhecido irmão Lourenço, continha em forma de encarte um mapa cronológico a respeito do imaginário e da doutrina apocalíptico-dispensacionalista. Uma representação da Cultura Visual Evangélico-Pentecostal e Assembleiana brasileira, o terceiro ícone, que também se propagou pelo Protestantismo

histórico, de formação Calvinista, publicado (25/03/1943), em meio ao contexto histórico da II Guerra Mundial (1939-1945), em Lavras, Minas Gerais (Olson, 1981).

Olson nasceu em Kenosha, Wisconsin (EUA), mudando-se para o Brasil (1938) com a sua esposa Alice Olson e filhos, passando a residir inicialmente em Belo Horizonte (MG) e posteriormente em Lavras, onde fundou a Assembléia de Deus. Sua contribuição foi significativa para a disseminação das doutrinas e valores do Pentecostalismo, através do lançamento do programa radiofônico "Voz das Assembléias de Deus" (1955) e da fundação do Instituto Bíblico Pentecostal (1962). Além disso, reorganizou a gráfica particular que se tornou a Casa Publicadora da Assembleia de Deus (CPAD), localizado no prédio da Assembleia de Deus, em São Cristóvão (RJ), em 1946 (Cf. Olson, 1981, s/n).

É importante ressaltar que, dentro da comunidade pentecostal brasileira, a recepção da iconografia foi difundida principalmente por meio de materiais didáticos empregados em cursos e seminários de escatologia, desempenhando um papel fundamental na disseminação e compreensão das imagens e símbolos retratados nos quadros.

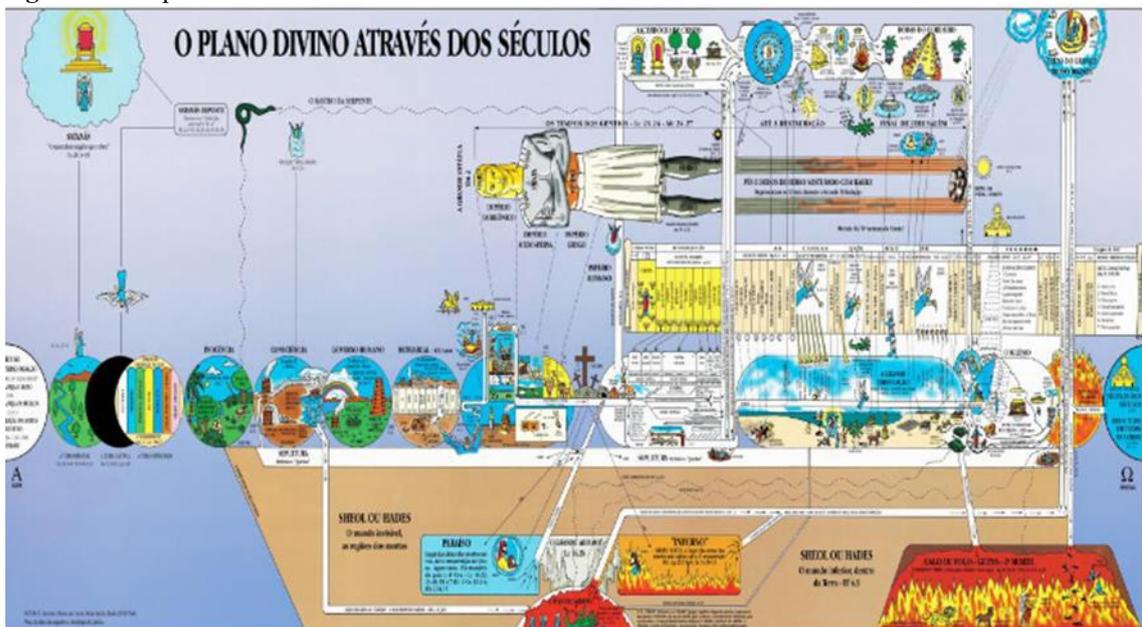
Distinguindo-se dos dois ícones anteriores, o PDadS se encontra na passagem da segunda fase da cultura visual evangélica para a terceira. Denominada de período próprio, uma vez se tratar de uma obra concebida aqui no Brasil, para o país, lembrando que a sua composição não sofreu nenhuma alteração até a atualidade. Nesse sentido, Martins e Renders (2019) tecem as seguintes considerações:

Por outro lado, o formato visual permite a sobrevivência da doutrina dispensacionista pelo fato de que ele facilita contínuas atualizações orais da previsão dos cumprimentos das profecias. O mundo muda, as previsões do cumprimento das profecias são adaptadas, mas não há mais um texto cuja contínua atualização causa um desgaste maior – no mínimo para quem as acompanha por vinte, trinta ou quarente anos, sempre sobre o preceito da imanência do fim (Martins; Renders, 2019, p. 478).

O livro versou sobre os temas: a criação original, as dispensações, o século presente, as ressurreições, os julgamentos, o mundo dos espíritos e outras doutrinas bíblicas de grande interesse de todos os cristãos, com mais de 25 edições publicadas e um número de vendas que ultrapassou as 100 mil cópias. Para aprofundamento dessa obra, o autor fundamentou-se na Bíblia Dake e na Bíblia de Estudo Scofield, além dos livros referenciados como "Dispensational Studies" (Ralph M. Riggs) e "Ages and Dispensations" (Frank M. Boyd). O autor retornou aos Estados Unidos (1989), vindo a falecer (1993) em Springfield, Missouri, Estados Unidos (Cf. Olson, 1981).

Mais adiante, o encarte do livro em preto e branco foi substituído por uma litografia diversicolor, com o mesmo nome “O Plano Divino através dos Séculos” (PDadS). Esse esquema mítico do fim dos tempos constituía-se das “Sete dispensações de Deus”, com a função pedagógica de propagar à doutrina Pentecostal, uma perspectiva escatológica pré-milenal e pré-tribulacional, através do imaginário dispensacionalista. Posteriormente, emoldurado e protegido por vidro, possuindo formato retangular, medindo em torno de 63x27cm, conhecido como “O Cartaz Dispensacionalista” (Figura 56).

**Figura 56:** Mapa “O Plano Divino através dos Séculos” CPAD – 1943.



**Fonte:** Casa Publicadora Assembleia de Deus (1943).

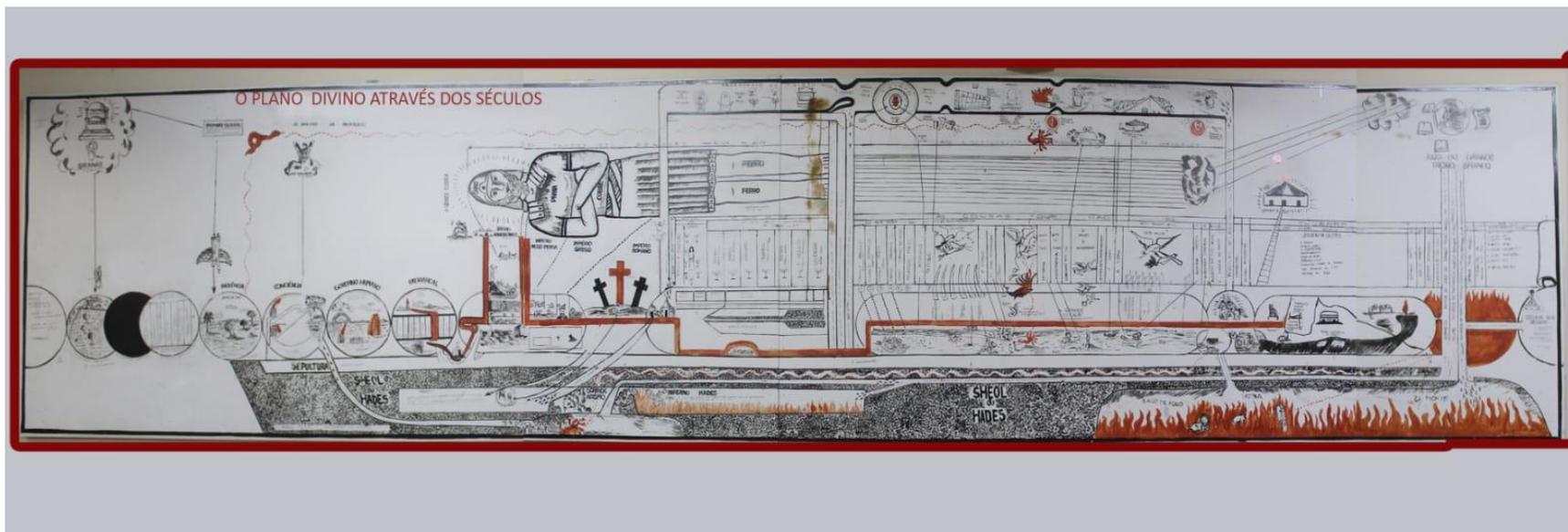
Cumprer ressaltar que esse quadro se fazia presente nas salas das residências dos membros das igrejas, nas escolas dominicais, nos cultos de ensino e nas conferências sobre escatologia, ocupando um local de visibilidade nas Igrejas Assembleias de Deus, adotado pela maioria das denominações Pentecostais e ainda encontrado nos dias atuais.

Examina-se que a utilização dessa imagem se fez importante para impulsionar o imaginário assembleiano. Considerada como a maior denominação Pentecostal, no país, a Assembleia de Deus é a maior divulgadora do pré-tribulacionismo (Cf. Erickson, 2010). Desse modo, segundo Martins e Renders (2019, p. 473) ocorrem [...] “a evolução do próprio PDadS de um encarte de um livro que ilustra o seu texto em preto e branco exposto nas paredes para usá-lo no ensino dos membros da igreja e dos/as ingressos/as, agora independente do texto”.

Encontra-se afixado na parede do Seminário Teológico Pentecostal do Nordeste (STPN) um exemplar do PDadS de 1974, bicolorido em vermelho e preto, com dimensões de 5,65m x 1,20m (Figura 57). Durante uma visita realizada ao Seminário, em 2024, o Reitor Pr. Thomas William Fodor explicou que, para a elaboração do quadro, fundamentou-se na terceira edição do livro “O Plano Divino através dos Séculos: Estudo das Dispensações” de Nels Lawrence Olson, publicado pela CPAD, Rio de Janeiro (1974) e do quadro (1943) (Anexo II). Em seguida, sem mencionar os nomes, posto que não mais lembrasse, referiu-se à encomenda da pintura a dois artistas de Olinda (PE).

Cabe lembrar que a fundação deste seminário ocorreu em 1963, por iniciativa do então Missionário Harold Wesley Matson e de sua esposa, Amy Beatrice Matson. As atividades tiveram início em uma casa localizada na Rua Marechal Deodoro nº 112, no bairro da Encruzilhada, Recife, Pernambuco. Com o término da construção do novo prédio, o seminário foi reinaugurado (1979). Os missionários levavam a palavra pela capital e interior de Pernambucano, pelo Brasil e exterior, com base em quatro pilares: a fé, a Palavra de Deus, a oração, o poder do Espírito Santo e os exemplos de vidas fiéis a Deus (STPN, 2024).

**Figura 57:** O Plano Divino através dos Séculos (1974).



**Fonte:** Seminário Teológico Pentecostal do Nordeste (1974).

Diante da disseminação da iconografia milenarista protestante que permeava a cultura visual do Protestantismo histórico, de formação Calvinista, e se difundia pela Evangélico-pentecostal e, principalmente, pela assembleiana brasileira, optou-se, neste estudo sobre escatologia, pela aplicação do método de Panofsky — a análise iconológica — do cartaz Dispensacionalista “O Plano Divino Através dos Séculos” (PDadS) (Cf. Olson, 1981, p. 15-16). Esta representação visual da escatologia assembleiana brasileira, está relacionada aos eventos do final dos tempos, como a volta de Cristo, o arrebatamento da Igreja, o julgamento final e o estabelecimento do reino milenar.

A seguir, será realizada uma análise iconológica do quadro “O Plano Divino Através dos Séculos – PDadS” (1974), do Seminário Teológico Pentecostal do Nordeste, situado em Recife (PE). Por sua vez, o quadro do PDadS (1943), de autoria de Olson, será utilizado para confirmação e complementação desta análise. Ao examinar as duas versões, torna-se possível aprofundar a compreensão das representações contidas nos dois quadros (Figuras 56 e 57).

Em uma primeira descrição, no nível pré-iconográfico, haverá uma identificação das formas puras — análise pseudoformal do cartaz bicolor em vermelho e preto, composto por desenhos e figuras, apresentando o céu, a terra, o inferno, o bestiário e seres humanos (Panofsky, 2007). Enquanto na análise iconográfica serão identificados mapas, litografias, esquemas, tabelas, figuras geométricas e gráficas cronológicas. Os desenhos, correlacionados entre si, apresentam dimensões variadas, desde minúsculos elementos figurativos à Grande Estátua – Dn 2, assim como, representações isoladas como a da serpente. No segundo nível, será examinado não só o motivo isoladamente, mas o conjunto de motivos e a totalidade dos campos na horizontalidade e na verticalidade da imagem.

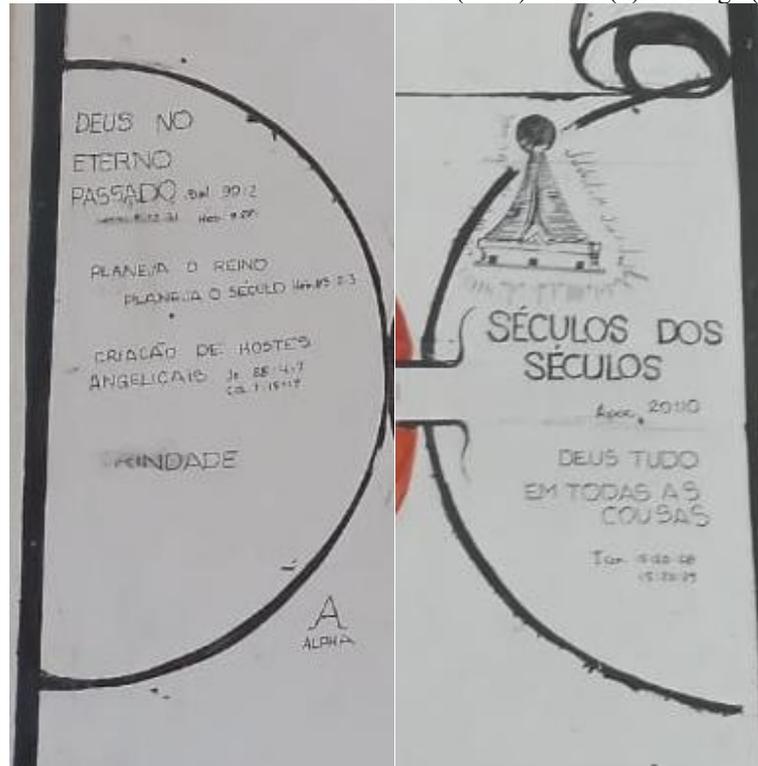
Motivos parciais um pouco mais complexos, como os retratos das sete dispensações, em círculos repletos de elementos figurativos, até esquemas mais abrangentes que combinam elementos e motivos com gráficos cronológicos. Os elementos se cruzam entre o campo horizontal e vertical do quadro que seguem uma estrutura textual dos Livros de Gênesis (AT), Apocalipse (NT) e João (NT), com representações da esquerda para a direita.

Na análise iconográfica da imagem do PDadS, a leitura no campo horizontal se dá em três planos distintos: na terra; tudo que está acima dela, os três céus (o atmosférico, o espacial e o espiritual); e o plano que se encontra abaixo da terra, submundo ou mundo inferior, como o paraíso, abismo, inferno Sheol (ou Séol, em hebraico) ou Hades (em grego), Geena (lago de fogo). Inicia-se a leitura a partir do círculo, dividido ao meio, em que ambas as partes estão localizadas nas extremidades do quadro e que se complementam, versando sobre a eternidade de Deus, tendo abaixo dessas as letras gregas Alfa ( $\alpha$ ) e Ômega ( $\omega$ ), de

onde parte toda a doutrina e a escatologia Pentecostal (Figura 58a e 58b). O Livro de Apocalipse que descreve sobre o combate e os combatentes, Jesus e Satanás, e o dualismo entre o bem e o mal, assim se refere a Deus através das letras: “‘Eu sou o Alfa e o Ômega’, diz o Senhor Deus, ‘Aquele-que-é, Aquele-que-era e Aquele-que-vem’ o Todo-poderoso” (Ap 1,8) [Bíblia, 2016].

Na primeira metade do círculo inicial, Deus sempre existiu — a letra Alfa ( $\alpha$ ) — e na eternidade passada planejou o Reino; os séculos (o tempo); criou as Hostes Angelicais, todo o exército de anjos para a batalha; e a trindade, pai, filho e Espírito Santo. Na outra metade a representação da Cidade Santa — a Nova Jerusalém — com dois temas — a letra Ômega ( $\omega$ ) — “Séculos dos Séculos” (Ap 20,10) [Bíblia, 2016], e “Deus tudo em todas as coisas na eternidade futura” (I Co 15,20-28; Ef 2,7; 3,11) [Bíblia, 2016].

**Figura 58a:** O Plano Divino através dos Séculos (1974) – Alfa ( $\alpha$ ) e Ômega ( $\omega$ ).



Fonte: Seminário Teológico Pentecostal do Nordeste – STPN (1974).

**Figura 58b:** Mapa “O Plano Divino através dos Séculos” CPAD (1943) - Alfa ( $\alpha$ ) e Ômega ( $\omega$ ).



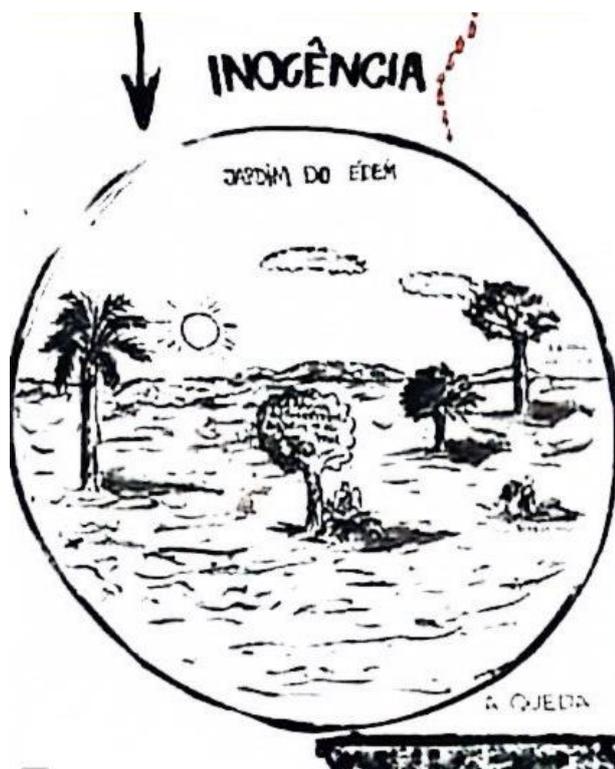
Fonte: Casa Publicadora Assembleia de Deus (1943).

Em seguida, três círculos compõem a terra original, a terra caótica (totalmente pintada de preto) e a terra restaurada com a Semana de Recriação — a terra presente — luz cósmica; firmamento; terra seca – vegetação; luz solar; peixes e aves; animais terrestres – o

homem; sábado – descanso. E o penúltimo círculo refere-se à renovação da terra pôr fogo (II Pe 3,5-15) [Bíblia, 2016].

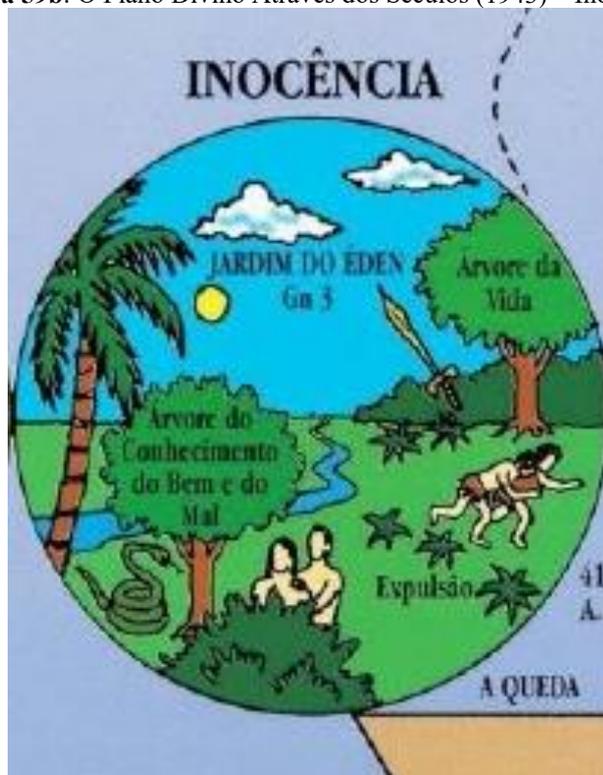
O cartaz alude a respeito dos períodos distintos da história, representados nas Sete Dispensações e cada uma delas revela o plano de Deus — **Inocência** (Figuras 59a e 59b), Jardim do Éden (4.138 a. C.); **Consciência** (Figuras 60a e 60b), da queda até o dilúvio (1656 anos; 2.482 a. C.); **Governo Humano** (Figuras 61a e 61b), ou seja, a primeira organização, do dilúvio até a chamada de Abraão. A Aliança com Noé Sinal — “arco-íris” (427 anos; 2.055 a.C.); **Patriarcal** ou da família (Figuras 62a e 62b) 215 anos no Egito; 1.625 a.C.); **da Lei** (Figuras 63a e 63b) – do Êxodo do Egito à crucificação de Cristo (1.430 anos); **da Graça** – (período da igreja) (Figura 64a e 64b) – da Ressurreição de Cristo à sua Segunda Vinda (quase 2.000 anos), **da Grande Tribulação** (Figuras 65a e 65b); **do Milênio** (Figuras 66a e 66b), o governo divino (Reino Universal de Cristo, 1000 anos), para que ocorra a renovação da terra por fogo (Olson, 1981, p. 14).

**Figura 59a:** O Plano Divino através dos Séculos (1974) – Inocência.



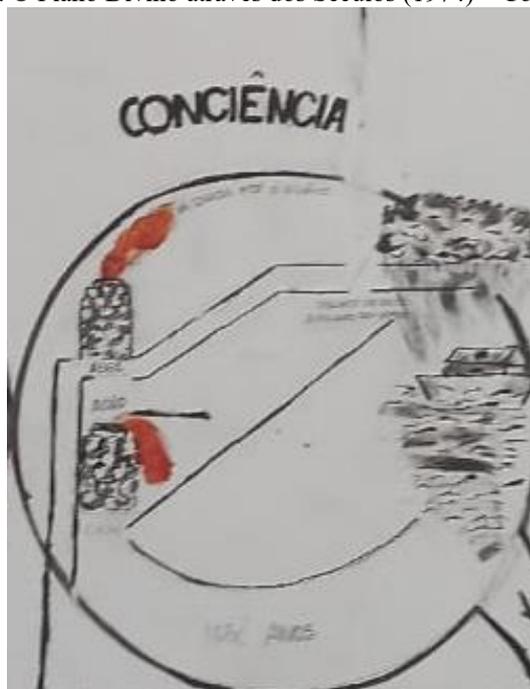
**Fonte:** Seminário Teológico Pentecostal do Nordeste – STPN (1974).

**Figura 59b:** O Plano Divino Através dos Séculos (1943) – Inocência.



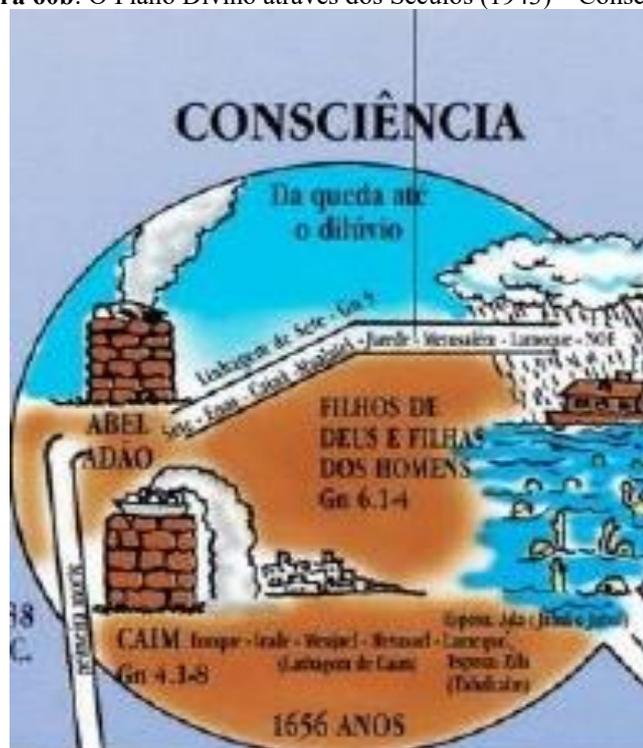
**Fonte:** Casa Publicadora Assembleia de Deus (1943).

**Figura 60a:** O Plano Divino através dos Séculos (1974) – Consciência.



**Fonte:** Seminário Teológico Pentecostal do Nordeste – STPN (1974).

**Figura 60b:** O Plano Divino através dos Séculos (1943) – Consciência.



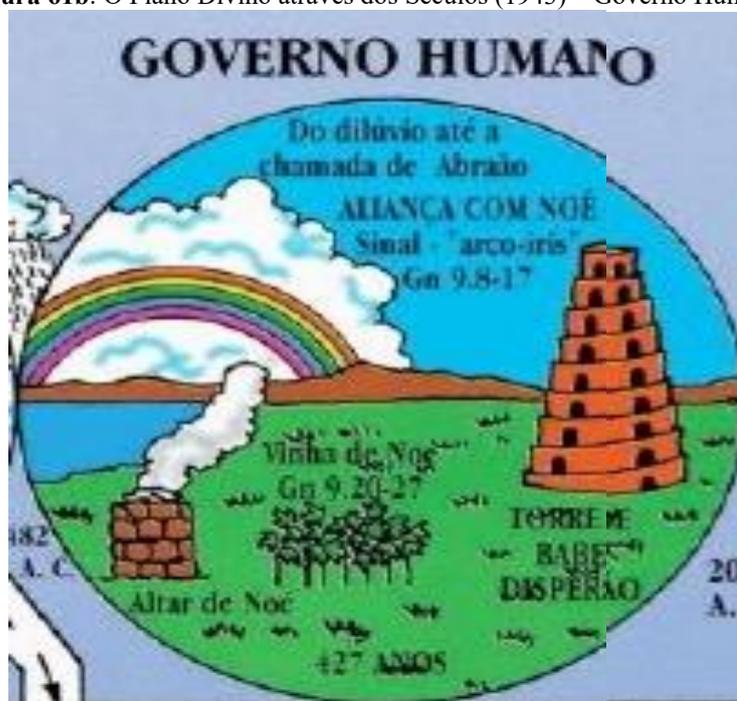
**Fonte:** Casa Publicadora Assembleia de Deus (1943).

**Figura 61a:** O Plano Divino através dos Séculos (1974) – Governo Humano.



Fonte: Seminário Teológico Pentecostal do Nordeste – STPN (1974).

**Figura 61b:** O Plano Divino através dos Séculos (1943) – Governo Humano.



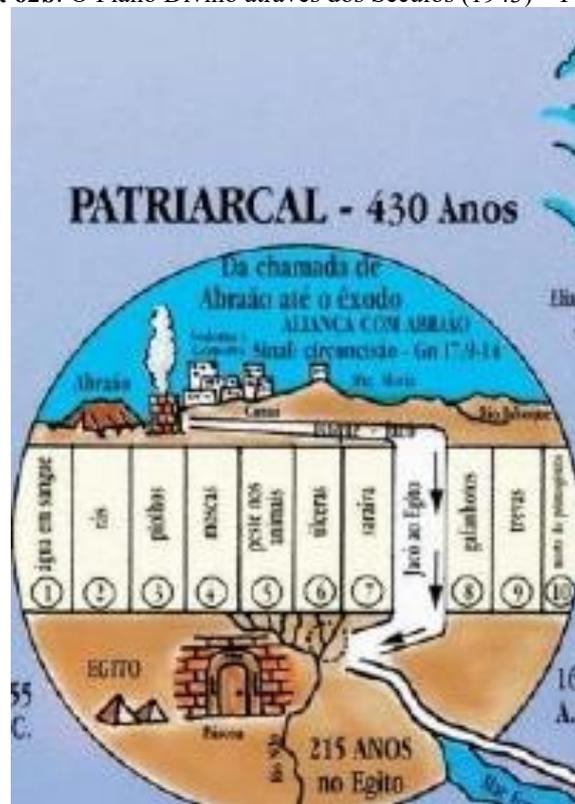
Fonte: Casa Publicadora Assembleia de Deus (1943)

**Figura 62a:** O Plano Divino através dos Séculos (1974) – Patriarcal.



**Fonte:** Seminário Teológico Pentecostal do Nordeste – STPN (1974).

**Figura 62b:** O Plano Divino através dos Séculos (1943) – Patriarcal.



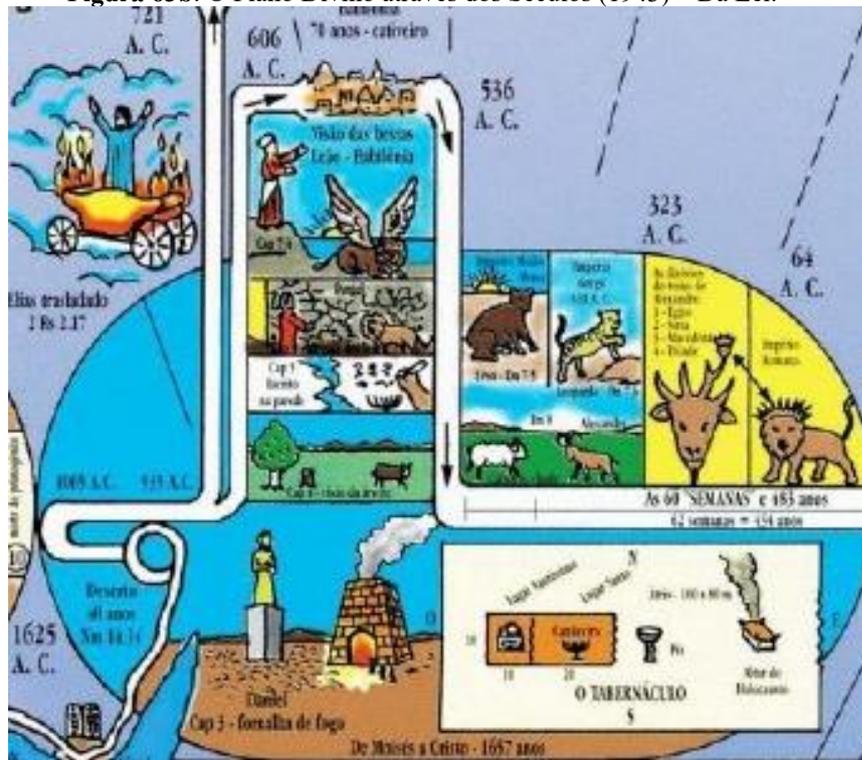
**Fonte:** Casa Publicadora Assembleia de Deus (1943).

**Figura 63a:** O Plano Divino através dos Séculos (1974) – Da Lei.



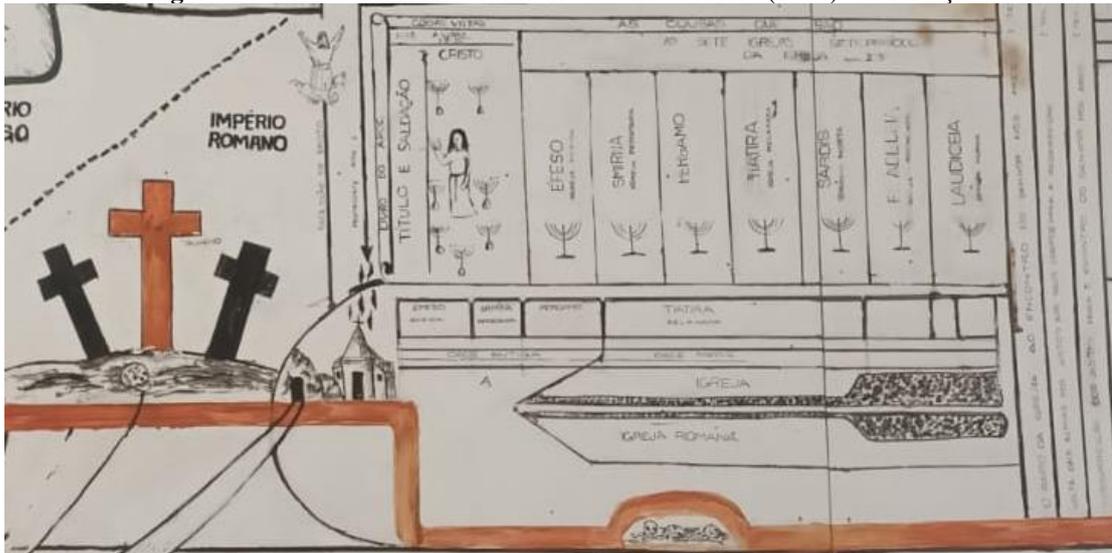
**Fonte:** Seminário Teológico Pentecostal do Nordeste – STPN (1974).

**Figura 63b:** O Plano Divino através dos Séculos (1943) – Da Lei.



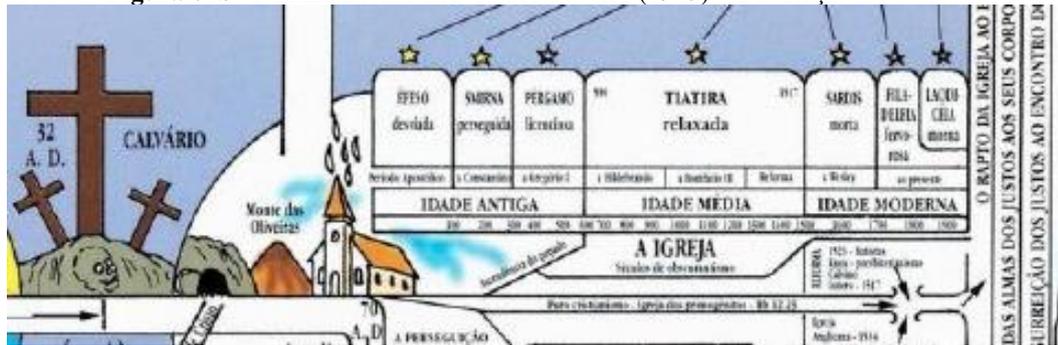
**Fonte:** Casa Publicadora Assembleia de Deus (1943).

Figura 64a: O Plano Divino através dos Séculos Séculos (1974) – Da Graça.



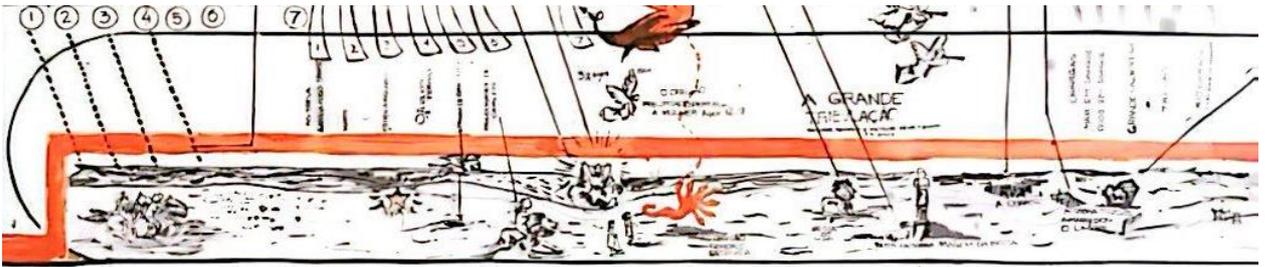
Fonte: Seminário Teológico Pentecostal do Nordeste – STPN (1974).

Figura 64b: O Plano Divino através dos Séculos (1943) – Da Graça.



Fonte: Casa Publicadora Assembleia de Deus (1943).

Figura 65a: O Plano Divino através dos Séculos (1974) – A Grande Tribulação



Fonte: Seminário Teológico Pentecostal do Nordeste – STPN (1974).

Figura 65b: O Plano Divino através dos Séculos (1943) – A Grande Tribulação.



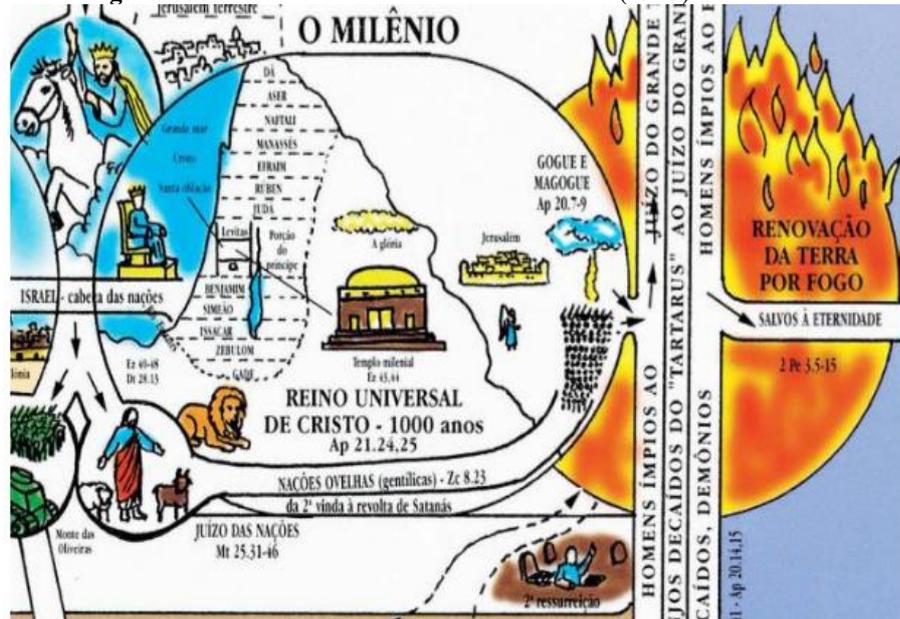
Fonte: Casa Publicadora Assembleia de Deus (1943).

**Figura 66a:** O Plano Divino através dos Séculos (1974) – O Milênio



Fonte: Seminário Teológico Pentecostal do Nordeste – STPN (1974).

**Figura 66b:** O Plano Divino através dos Séculos (1943) – O Milênio.

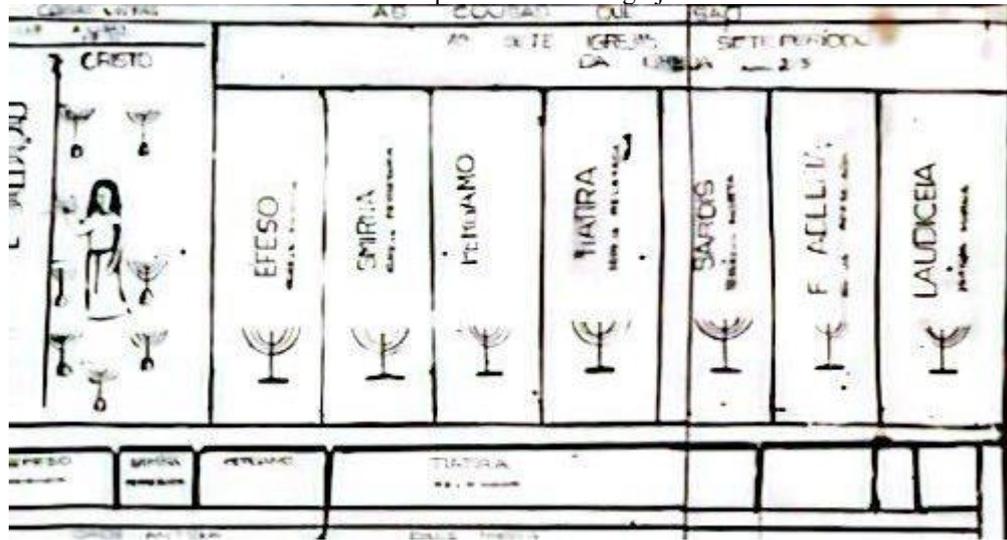


Fonte: Casa Publicadora Assembleia de Deus (1943).

De acordo com Olson as Alianças entre Deus e os homens perfaz um total de oito: a aliança edênica (Gn 1,28-30; 2,15-17); a aliança Adâmica, com Adão (Gn 3,14-21); a aliança Noética, com Noé (Gn 8, 20; 9,17); a aliança Abraâmica, com Abraão (Gn 12,1-3); a aliança Mosaica, com Moisés (Êx 20-23); a aliança palestínica (Dt 30, 1-10); a aliança Davídica, com Davi (2 Sm 7,4-17); e a Nova Aliança (Hb 8,8) (Olson, 1981).

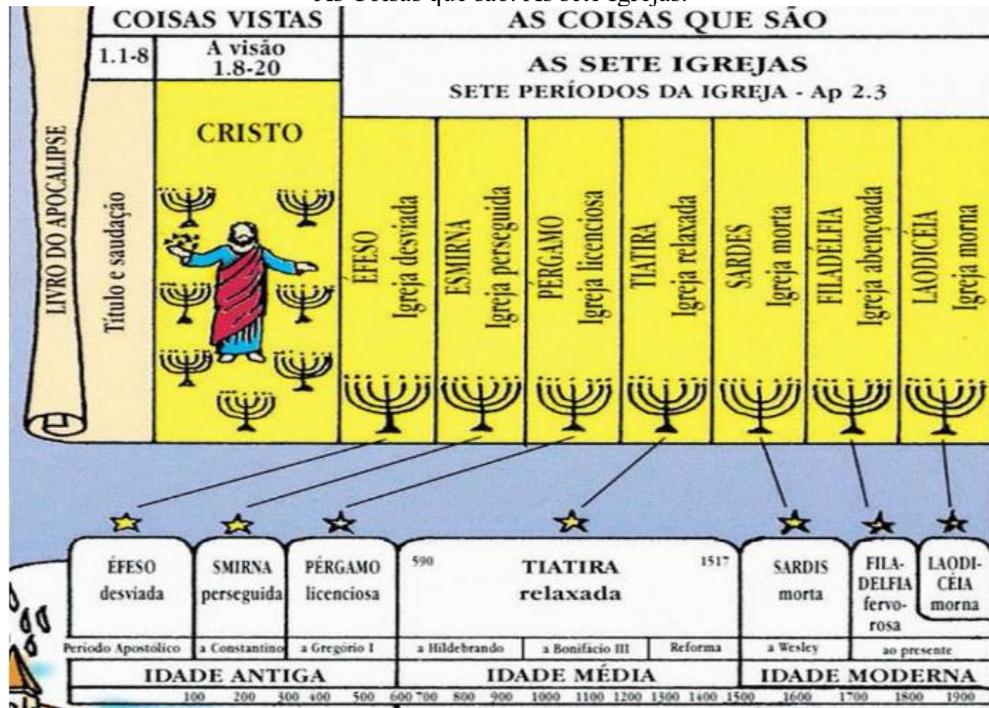
O campo horizontal superior a terra, apresenta a Ascensão de Cristo e o dia de Pentecostes. A seguir, os temas extraídos do Livro de Apocalipse com “Coisas Vistas” – título e saudação (1, 1-8) e a Visão – Cristo (1, 8-20). Iniciando com “As Coisas que São” (Figuras 67a e 67b) que versam sobre “As Sete Igrejas” — Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia (Ap 1, 11). Logo após, o arrebatamento secreto — o rapto da Igreja ao encontro do senhor nos ares (I Ts 4, 14-17). A volta da alma dos justos aos seus corpos para a Ressurreição (I Ts 4, 14-17; I Co 15,52-58). A Ressurreição dos justos ao encontro do senhor nos ares (I Ts 4, 14).

Figura 67a: O Plano Divino através dos Séculos (1974) – Livro de Apocalipse. Coisas vistas. As Coisas que são. As sete Igrejas.



Fonte: Seminário Teológico Pentecostal do Nordeste – STPN (1974).

Figura 67b: O Plano Divino através dos Séculos (1943) – Livro de Apocalipse. Coisas vistas. As Coisas que são. As sete Igrejas.

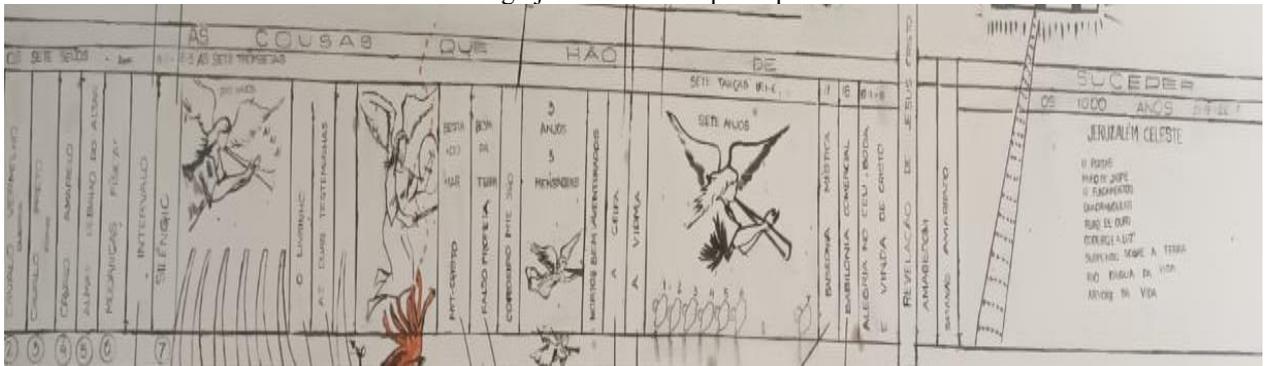


Fonte: Casa Publicadora Assembleia de Deus (1943).

Em seguida, “As Coisas que não vão acontecer” (Figuras 68a e 68b) direcionado aos Sete Selos (Ap 6,1- 8,5); às Sete trombetas (Ap 8,7- 11,19); Guerra (Ap 12,1-17); A besta do mar – Anticristo (Ap 13, 1-10), a besta da terra – Falso profeta (Ap 13, 11-18) e o Cordeiro – Monte Sião (Ap 14, 1); Três Anjos – Três Mensagens (Ap 14, 6-12); Mortos Bem-

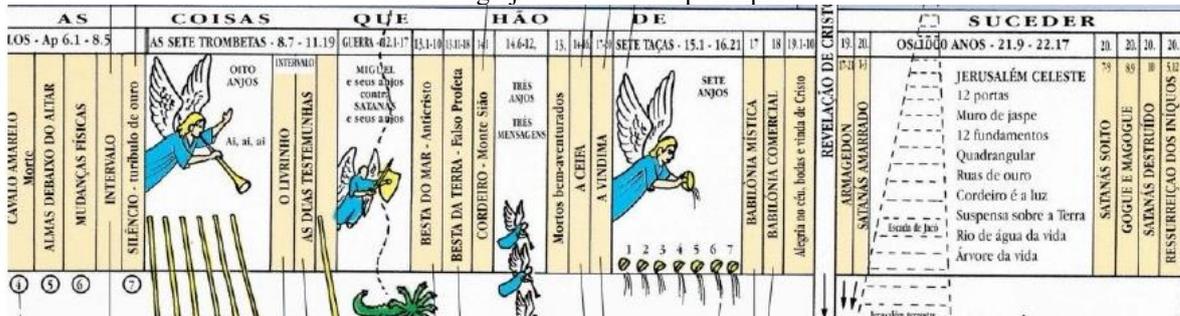
Aventurados (Ap 13); A Ceifa (Ap 14-16); AVindima (Ap 17-20); Sete Taças – Sete Anjos (Ap 15,1 e 16,21); Babilônia Mística (Ap 17); Babilônia Comercial (Ap 18); Alegria no Céu, Bodas e Vinda de Cristo (Ap 19, 1-10); Revelação de Cristo (Ap 19, 11-21; II Ts 1, 7-10); Armagedon (Ap 19, 17-21); Satanás Amarrado (Ap 20, 1-3). Os Mil Anos (21,9; 22,17). Jerusalém Celeste: 12 portas, muro de Jasper, 12 Fundamentos, Quadrangular, Ruas de Ouro, Cordeiro é a Luz, Suspensa sobre a Terra, Rio de água da Vida e Árvore da Vida; Satanás solto (Ap 20, 7-9); Gogue e Magogue (Ap 20, 8-9); Satanás Destruído (Ap 20, 10); Ressurreição dos iníquos (Ap 20, 5 e 12) [Bíblia, 2016].

**Figura 68a:** O Plano Divino através dos Séculos (1974). As Coisas que hão de suceder. As sete Igrejas – Livro de Apocalipse.



**Fonte:** Seminário Teológico Pentecostal do Nordeste – STPN (1974).

**Figura 68b:** O Plano Divino através dos Séculos (1943) – As Coisas que hão de suceder. As sete Igrejas – Livro de Apocalipse.



**Fonte:** Casa Publicadora Assembleia de Deus (1943).

Homens Ímpios ao Juízo do Grande Trono Branco (Jo 5, 28-29). Anjos Decaídos do “Tartarus” ao Juízo Do Grande Trono Branco (jd 6; II Pe 2,4). Anjos Decaídos, Demônios, Homens Ímpios ao Eterno Inferno e os Salvos do Milênio à Eternidade ( Jo 5,28-29). Grande Trono Branco (Ap 20,11-19). Renovação da Terra e do Céu (Ap 20, 11). Eterno Perfeito Estado. Sete coisas novas (Ap 21, 1-8, 23): 1. Novo Céu, 2. Nova terra, 3. Novo povo, 4. Nova Jerusalém, 5. Novo Santuário, 6. Nova Luz, 7. Novo Paraíso. Fim do Apocalipse (Bíblia, 2016).



na eira de verão: o vento os levou sem decharem traço algum. E a pedra que havia atingido a estátua tornou-se uma grande montanha, que ocupou a terra inteira. Tal foi o sonho. E agora exporemos a sua interpretação, diante do rei. Tu, ó rei, rei dos reis, a quem o Deus do céu concedeu o reino, o poder, a força e a honra, em cuja as mãos ele entregou, onde quer que habitem os filhos dos homens, os animais do campo e as aves do céu, fazendo-te soberano deles todos, és tu que és a cabeça de ouro. Depois de ti se levantará outro reino, inferior ao teu, e depois ainda um terceiro reino, de bronze que dominará a terra inteira. Haverá ainda um quarto reino, forte como o ferro, como o ferro que reduz tudo a pó e tudo esmaga; como o ferro que tritura, este o reduzirá a pó e triturará todos aqueles. Os pés que viste, parte de argila de oleiro e parte de ferro, designam um reino que será dividido: haverá nele parte da solidez do ferro, uma vez que viste ferro misturado à argila de oleiro. Como os pés são parcialmente de ferro e parcialmente de argila de oleiro, assim esse reino será parcialmente forte e, também, parcialmente fraco. O fato de teres visto ferro misturado a argila de oleiro indica que eles se misturarão por casamentos, mas não se fundirão um com o outro, da mesma forma que o ferro não se funde com a argila. No tempo desses reis o Deus do céu suscitará um reino que jamais será destruído, um reino que jamais passará a outro povo. Esmagará e aniquilará todos os outros reinos, enquanto ele mesmo subsistirá para sempre. Foi o que pudestes ver na pedra que se destacou da montanha sem que mão alguma a tivesse tocado, e reduziu a pó o ferro, o bronze, a argila, a prata e o ouro. O grande Deus manifestou ao rei o que deve acontecer depois disso. “O sonho é verdadeiramente este, e digna de fé é a sua interpretação (Dn 2, 31-45) [Bíblia, 2016].

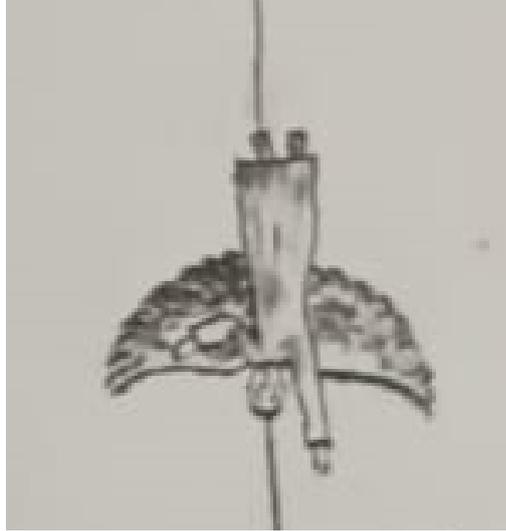
Satanás amarrado por 1000 anos (Ap 20, 1-3) e Satanás solto (Ap 20, 7-9). Logo abaixo da terra encontra-se a temática “A morte entra na Raça Humana” que especifica às dimensões do lugar dos mortos, juntamente, aos textos bíblicos. *Sheol* ou *Hades* — o mundo invisível, a região dos mortos para a humanidade, o mundo inferior dentro da terra compostas de duas partes: o Paraíso (seio de Abraão) — o lugar das almas dos mortos salvos, até a Ressurreição de Cristo, encontrando-se vazio e transferido para o 3º céu (Lc 16, 22; 23, 43; Ef 4, 7-11; II Co 12,2-4; Hb 2,14-15); e o inferno — o lugar das almas dos mortos não-salvos até a segunda Ressurreição ( Mt; Ap 20, 11-16; Lc 16,19-31) [Bíblia, 2016].

O inferno mais profundo possui duas dimensões: o Abismo (Lc 16, 26) ou Poço do Abismo — localiza-se nas profundezas do inferno e o Tártaro — a prisão de demônios, anjos decaídos, Satanás e, possivelmente, outros espíritos maus (Ap 9, 1- 21; 11,7; 17,8). *Sheol* ou *Hades* — O mundo inferior, dentro da terra (Ef. 4,9). *Sheol ou Hades* — o mundo inferior dentro da terra (Ef 4,9). Lago de fogo — Geena — 2ª Morte. O inferno eterno feito para o diabo e seus anjos.

O Lago de Fogo — Geena — a 2ª morte. O inferno eterno, feito para o diabo e seus anjos (Ap 20,10-15; 21,8; 14,9-11; 2,11). Os primeiros a entrar no inferno eterno serão o Anticristo e o Falso Profeta: a Besta (Anticristo); Falso Profeta (Anti-Espírito); Satanás (Anti-Deus); Anjos decaídos, todos aqueles não foram inscritos no Livro da Vida. Por linhas pontilhadas, segue “O rastro da Serpente”, na parte superior direita do cartaz, com o

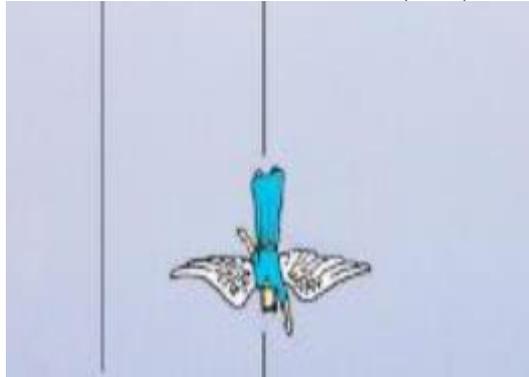
enunciado “Satanás Deposto: tornou-se o chefe das potestades do ar”. Acima da dispensação “Inocência” surge à figura do satanás deposto (Figuras 70a e 70b).

**Figura 70a:** O Plano Divino através dos Séculos (1974) – Satanás Deposto.



**Fonte:** Seminário Teológico Pentecostal do Nordeste – STPN (1974).

**Figura 70b:** O Plano Divino através dos Séculos (1943) – Satanás deposto.



**Fonte:** Casa Publicadora Assembleia de Deus (1943).

Acima da estátua, no centro do cartaz, apresenta-se o “Lugar Santíssimo”: trono – cordeiro – Arco-íris – 4 criaturas e, nas extremidades dois tronos dourados, o “Sacerdócio de Cristo”, apresentando o “Trono de Cristo”, ocupado por um ser de veste azul e a coroa sobre a cabeça” e o “Trono de Deus”. Além de “Oliveiras”, “Candeeiros”, “Arca”, “Descida de Cristo”, “Paraíso desde a ressurreição de Cristo”, “Almas debaixo do altar”. A seguir, a “Bodas do Cordeiro” e “Juízo do Grande Trono Branco”. Na representação dos três níveis do céu: o atmosférico (a atmosfera terrestre); o espacial (o firmamento, o espaço); e o espiritual (a casa de Deus e dos anjos, paraíso) que é o mais alto dos céus (2 Coríntios 12, 1-4) [Bíblia, 2016].

Examina-se que, na interpretação Iconológica, o PDadS, ao ser difundido no país, trouxe influências à doutrina apocalíptico-dispensacionalista, não somente à Assembleia de Deus, mas para outras denominações Pentecostais, no que diz respeito à essa doutrina, sobretudo, dos eventos escatológicos. Anterior a esse cartaz, a cultura visual pentecostal brasileira sofreu influência do livro *Dispensational Truth: God's Plan and Purpose in the Ages* (Verdade Dispensacionalista: Plano de Deus e Propósito ao longo das Eras) do pastor batista americano Clarence Larkin (1850–1924) e dos seus gráficos em preto e branco, publicados em 1920.

As referidas Dispensações versam sobre os períodos utilizados por Deus para colocar o homem em provação, de acordo com o grau da revelação divina (Olson, 1981). Ao tratar dessa temática a respeito dos planos de Deus, Olson inclui o termo “ser humano” ou “humanidade”. Porém, são poucas as representações da mulher no PDadS, sendo a primeira na dispensação “Inocência” em que alude sobre o primeiro casal de humanos Adão e Eva. E, uma segunda, na “Mulher Vestida do Sol – Coroada com 12 estrelas (Ap 12, 1-6) [Bíblia, 2016]. Nas “Bodas do Cordeiro”, 24 anciãos se encontram ao redor da mesa, não há representação da mulher (Ap 19, 1-9) [Bíblia, 2016].

Dois profetas aparecem transladados, Enoque (Figura 71a e 71b), (Gn 5,24) [Bíblia, 2016] e, em uma carruagem de fogo, Elias (2 Rs 2,17) [Bíblia, 2016]. Posteriormente, o tema do arrebatamento é abordado em “As coisas que são” o cartaz passa a reportar sobre “O rapto da igreja ao encontro do senhor nos ares” concernente ao seguinte texto bíblico:

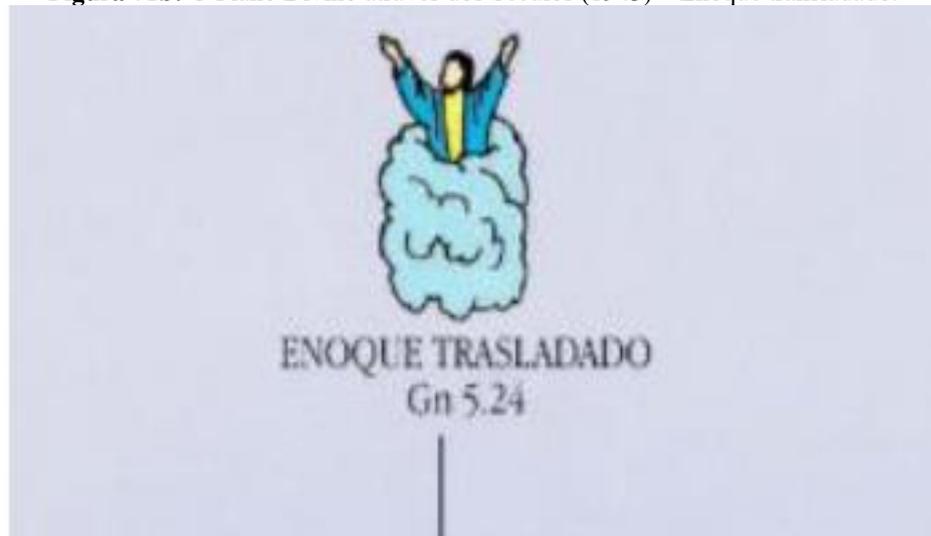
Se crermos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também os que morreram em Jesus, Deus há de levá-los em sua companhia. Pois isto vos declaramos, segundo a palavra do Senhor: que os vivos, os que ainda estivermos aqui para a vinda do Senhor, não passaremos à frente dos que morreram. Quando o Senhor, ao sinal dado, à voz do arcanjo e ao som da trombeta divina, descer do céu, então os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; em seguida nós, os vivos que estivermos lá, seremos arrebatados com eles nas nuvens para o encontro com o Senhor nos ares. E assim estaremos para sempre com o Senhor (1 Ts 4, 14-17) [Bíblia, 2016].

**Figura 71a:** O Plano Divino através dos Séculos (1974) – Enoque trasladado.



**Fonte:** Seminário Teológico Pentecostal do Nordeste – STPN (1974).

**Figura 71b:** O Plano Divino através dos Séculos (1943) – Enoque trasladado.



**Fonte:** Casa Publicadora Assembleia de Deus (1943).

Em todo o PDadS não há a representação da imagem de Deus. Cabe lembrar que, passado quatro séculos do movimento dos iconoclastas (a reforma Protestante, século XVI), a veneração de imagens religiosas e a representação da imagem de Deus permanecem não sendo bem aceitas. Desse modo, ocorrem atos de intolerância e de profanação pública aos símbolos religiosos. Quanto ao movimento iconoclasta, Freedberg (2021) sustenta que

Os motivos para a iconoclastia variaram de preocupações teológicas a uma diversidade de outras motivações que poderiam ser extraídas das de caráter teológico, incluindo a acusação de que o dinheiro gasto em monumentos artísticos decorando igrejas e capelas, seja dos ricos ou dos pobres, seria melhor empregado, como o próprio Lutero (e São Bernardo muito antes) disse, nas verdadeiras imagens de Deus, os pobres. A afirmação feita repetidamente pelos teólogos da Reforma de que as imagens eram meros pedaços de madeira morta e pedra e, portanto, ineficazes estava ironicamente em discordância com seus seguidores, que insistiam em destruir imagens, provando efetivamente, como vimos em outros casos, que eles tinham exatamente aquilo que diziam ser inerte ou falso. Por um lado, conseqüentemente, as ações dos iconoclastas poderiam se passar por bravatas descabidas (por que destruir aquilo que se acredita ser inócuo?). Por outro, esta era uma boa forma de garantir que as imagens fossem vistas e percebidas como verdadeiramente mortas – e conseqüentemente ineficazes. Este também era, é claro, um meio de garantir que as imagens não estivessem mais disponíveis para a idolatria e todas as práticas supersticiosas que elas acarretavam (Freedberg, 2021, p. 37-38).

No cartaz, em diferentes momentos, encontram-se seis representações de Cristo. No campo das dispensações, surge a figura de Jesus com as mãos para o alto, segurando em uma delas o Livrinho, na “Grande Tribulação”, envolto em uma nuvem, e sobre a sua cabeça paira uma luz resplandescendente (Figuras 72a e 72b). E, próximo à sétima dispensação “O Milênio”, a representa de Jesus na figura do Bom Pastor, tendo a sua direita a ovelha e, a sua esquerda, o bode (Mt 2,32-34) [Bíblia, 2016].

**Figura 72a:** O Plano Divino através dos Séculos (1974) – Jesus e o Livrinho.



Fonte: Seminário Teológico Pentecostal do Nordeste – STPN (1974).

**Figura 72b:** O Plano Divino através dos Séculos (1943) – Jesus e o Livrinho.



Fonte: Casa Publicadora Assembleia de Deus (1943).

Em seguida, na dispensação de “O Milênio” associada ao “Reino Universal de Cristo” – 1000 anos (Templo Milenal) surge a imagem de Cristo, sentado em um trono de ouro, o Grande Mar e a Santa Oração e, próximo, a Jerusalém Celeste. Ressalta-se que entre as imagens de Jesus segurando o Livrinho e a Besta encontra-se representada a Trindade Satânica pelo Dragão (anti-Deus), pela Besta do mar (Anticristo; Anti-Espírito) e pela Besta da Terra (Falso Profeta). Cabe destacar que o campo sobre “A Grande Tribulação” no tema “Armagedon” (Ap 19, 11-21) [Bíblia, 2016], faz referência à Segunda Guerra Mundial, usando como símbolo o tanque de guerra, contextualizando o avanço tecnológico à época.

Acima das dispensações, sob o título de “Coisas Vistas”, em “A Visão” se tem a imagem da Ascensão de Cristo, em torno de sete castiçais que representam as sete igrejas —

Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia (Ap 1, 11). Na parte superior a Grande estátua Dn2, em “Sacerdócio de Cristo” surge à figura de Cristo no “Trono de Cristo Sacerdote”, lado a lado, com o “Trono de Deus”, na cor vermelha, e que se encontra vazio posto que não havia a representação da imagem de Deus.

Mas adiante, o “Lugar Santíssimo — Trono — Cordeiro — Arco-íris e as quatro criaturas” em que uma seta aponta para “O Átrio” — Lugar Santo e, em seguida, “O tribunal de Cristo”, ambos os tronos de cor vermelha se encontram vazios. Nas “Bodas do Cordeiro” é feita referência a Deus que está sentado no trono (Ap 14, 14-20) [Bíblia, 2016], muito embora não se encontre representado. Logo abaixo, o “Final de Jerusalém”, Cristo envolto a uma nuvem, trazendo uma coroa de ouro na cabeça e a foice na mão, ao lado de um anjo portando também uma foice. Após o Milênio, o próximo círculo representa a renovação da terra por fogo (2 Pe 3,5-15) [Bíblia, 2016]. Em seguida, a metade do círculo que vai tratar da eternidade futura.

Por fim, no “Juízo do Grande Trono Branco”, embora não fique evidenciado quem nele está sentado, encontram-se representados o Livro da Vida e mais três Livros Abertos. O *Livro de Apocalipse* faz referência ao Trono Branco, apesar de não revelar quem ocupa o referido assento:

O julgamento das nações. Vi depois um grande trono branco e aquele que nele se assenta. O céu e a terra fugiram de sua presença, sem deixar vestígios. Vi então os mortos, grandes e pequenos, em pé diante do trono, e abriram-se livros. Também foi aberto outro livro, o da vida. Os mortos foram então julgados, conforme sua conduta, a partir do que estava escrito nos livros. O mar devolveu os mortos que nele jaziam, a Morte e o Hades foram então lançados no lago do fogo. E quem não se achava inscrito no livro da vida foi também lançado no lago de fogo (Ap 20, 11-15).

Em continuidade, o PDadS apresenta as doutrinas bíblicas, com os períodos que vão desde a criação original, as dispensações, o século presente, as ressurreições, os julgamentos, o mundo dos espíritos até o destino final da humanidade, em que Olson fundamentou-se na Escola de pensamento teológico Dispensacionalismo. Apesar de o Dispensacionalismo<sup>53</sup> não ter sido aderido por todas as igrejas evangélicas, pode-se afirmar que as Assembleias de Deus, no país, permanecem Dispensacionalistas, considerando que a Escatologia Pentecostal é pré-milenal e pré-tribulacional. Desse modo, o retorno de Jesus ocorrerá em dois momentos, no primeiro acontecerá o arrebatamento da Igreja que se dará à frente da “Grande Tribulação” e no segundo será a vinda terrestre.

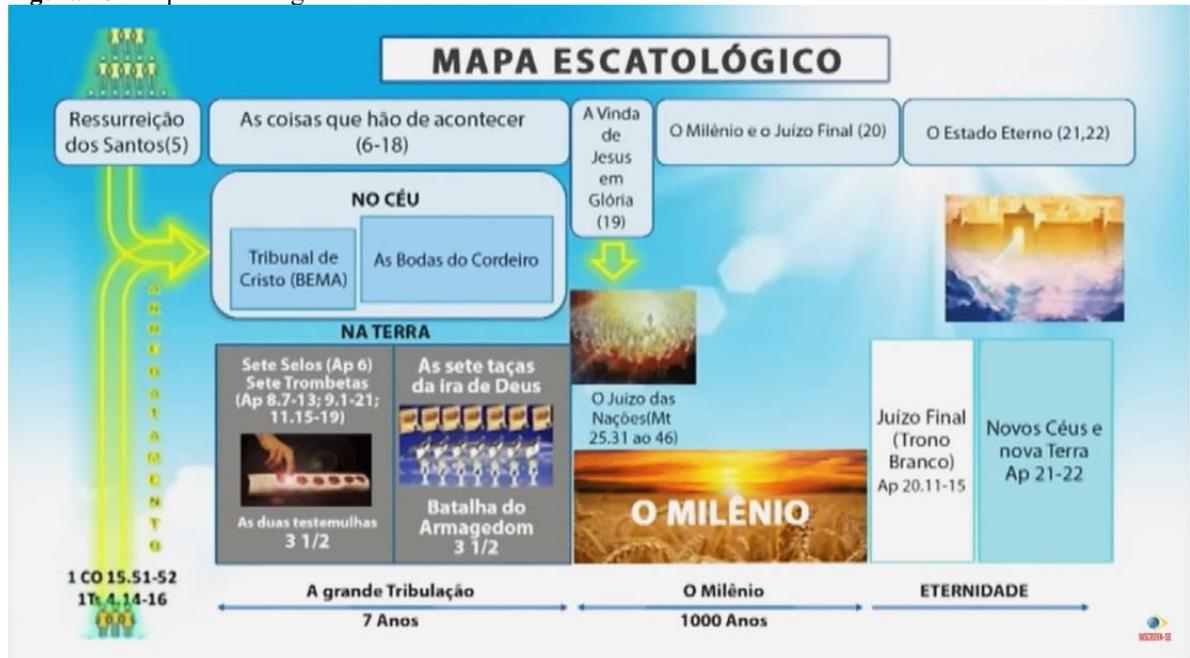
---

<sup>53</sup>Pré-Milenismo Dispensacionalista – é uma perspectiva escatológica atribuída ao teólogo anglo-irlandês John Nelson Darby (1800-1882) que defendeu o arrebatamento pré-tribulacional, difundido nos estados Unidos, na metade do século XIX (Melo, 2021).

Encontra-se instalado na parede do Seminário Teológico Pentecostal do Nordeste (STPN) um exemplar do PDadS, bicolorido em vermelho e preto (Figura 57). A fundação do Seminário ocorreu em 1963, por iniciativa do então Missionário Harold Wesley Matson e de sua esposa, Amy Beatrice Matson, que realizavam trabalhos missionários. As atividades tiveram início em uma casa localizada na Rua Marechal Deodoro nº 112, no bairro da Encruzilhada, Recife, Pernambuco. Com o término da construção do novo prédio, o seminário foi reinaugurado (1979), levando a palavra pela capital e interior de Pernambucano, pelo Brasil e exterior, com base em quatro pilares: a fé, a Palavra de Deus, a oração, o poder do Espírito Santo e os exemplos de vidas fiéis a Deus (STPN, 2023).

Posteriormente, outros mapas escatológicos passaram a circular entre as denominações pentecostais no país. O “Mapa Escatológico” inicia sua abordagem com o “Arrebatamento da Igreja” e a “Ressurreição dos Santos”, seguidos pelos temas “A grande Tribulação”, “O Milênio” e a “Eternidade”, incorporando análises fundamentadas em textos bíblicos (Rede Brasil Oficial, 2020). A grande tribulação contempla um período de 7 anos na terra, no céu e as coisas que hão de acontecer. Durante esse período, serão abertos sete selos, tocadas sete trombetas e derramadas sete taças. Em continuidade O Milênio (Mil Anos) com o Juízo das Nações, a Vinda de Jesus em Glória, o Milênio e o Juízo Final (Figura 73).

**Figura 73:** Mapa Escatológico.

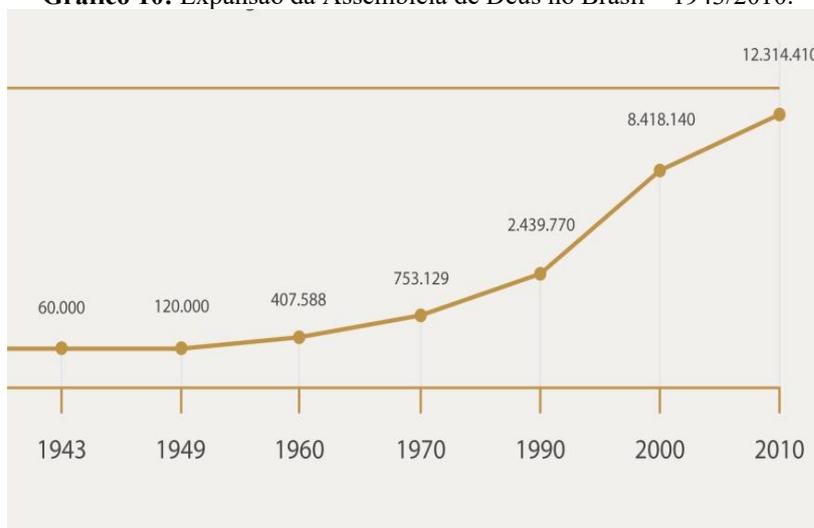


**Fonte:** Imagem capturada do programa “Instantes Finais” – Rede Brasil Oficial, 2020.

Enquanto a temática da Eternidade versa a respeito do Juízo Final, os Novos céus e Nova Terra, bem como o Estado Eterno. A representação da Cidade Celestial associada a esse tema descreve uma cidade feita de ouro, iluminada por uma luz resplandecente. Assim é descrita a Nova Jerusalém: ‘Vi então um céu novo e uma nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra se foram, e o mar já não existe. Vi também descer do céu, de junto de Deus, a Cidade Santa, uma Jerusalém Nova, pronta como uma esposa que se enfeitou para o seu marido. Nisto ouvi uma voz forte que, do trono, dizia: “Eis a tenda de Deus com os homens. Ele habitará com eles; eles serão o seu povo, e ele, Deus-com-eles, será o seu Deus”’ (Ap 21, 1-3) [Bíblia, 2016].

Cabe ressaltar que devido à expansão demográfica Pentecostal e ao crescimento da denominação Assembleia de Deus (Gráfico 10), o PAdS tornou-se amplamente divulgado em todo o território brasileiro ao longo de sessenta e sete anos (1943-2010). Esse cartaz serviu como recurso e material didático durante as missões, não apenas entre os membros que falavam outros idiomas, mas também para aqueles não letrados. Dessa maneira, a cultura material e visual auxiliou no reconhecimento das práticas religiosas, dessa denominação.

**Gráfico 10:** Expansão da Assembleia de Deus no Brasil – 1943/2010.



**Fonte:** Adaptado de Read (1967) e Alencar (2013).

Lembrando que, em 1940, a proporção de autodeclarados entre essas duas denominações apresentavam-se díspar, em que apenas 2,6% (1.070.687) professavam a denominação Evangélica. Enquanto que, em 2000, os evangélicos alcançaram um total de 15,4% (26.184.941) de autodeclarados (Tabela 1), demonstrando uma grande expansão dessa denominação.

**Tabela 1:** População e distribuição percentual segundo as religiões Católica Apostólica Romana e Evangélica e Taxa de Analfabetismo de pessoas de 10 anos ou mais de idade – Brasil – 1940/2000.

Religião	População		Distribuição de Percentual (%)	
	1940	2000	1940	2000
Católica Apostólica Romana	39.116.725	124.980.132	95,0	73,6
Evangélica	1.070.687	26.184.941	2,6	15,4
Total da Católica Apostólica Romana e Evangélica	40.187.412	151.165.073	100,0	100,0
Taxa de analfabetos	23.422.226	20.554.614	56,8	12,1
Total da População	41.236.315	169.872,851	_____	_____

Fonte: IBGE (2000, p. 48, 2007).

Durante o período de implantação das denominações Evangélicas no Brasil, verifica-se uma redução nas taxas de analfabetismos das pessoas de 10 anos ou mais de idade. De acordo com os dados do primeiro Censo do IBGE em 1940, essa taxa era de 56,8%, enquanto no ano 2000, correspondiam a 12,1% (IBGE, 2000). Cumpre ressaltar que em números absolutos, o Brasil, nesse período, possuía em torno de 16,4 milhões, o mesmo montante de analfabetos (IBGE, 2007). Conforme a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Anual (PNADC), o índice de analfabetismo no país foi de 6,8% em 2018, 6,1% em 2019 e 5,6% em 2022 (PNADC, 2018; 2019; 2022).

Desse modo, justifica-se a permanência do uso até os dias atuais da gravura do PdadS e do Mapa Escatológico, tanto nas ADs, como em outras denominações Pentecostais. Verifica-se que os Pentecostais fazem uso dessas imagens como ferramenta pedagógica constante para que os conteúdos da escatologia dispensacionalista possam ser bem fixados, com a sedimentação desse imaginário escatológico, principalmente, nas Escolas Dominicais das Igrejas Assembleia de Deus.

**Iconofagia evangélica? A quarta fase — o início da metamorfização “glocal” da cultura visual evangélica brasileira (1988ss).** Nessa última fase, ocorre um movimento contrário em que há uma abertura das igrejas às influências do mundo visual externo, ainda que de maneira diversificada, apreendendo de modo simbólico de religiões afora o Cristianismo, a exemplo das lendas seculares, com perspectivas religiosas, da categoria dos super-heróis e das super-heroínas.

Outros símbolos são reintroduzidos a exemplo de símbolos visuais católicos do Brasil colonial, imperial e republicano, posteriormente, convertidos, resultando na metamorfose do imaginário ou iconofagia, com linguagens até mesmo de contextos não ocidentais. Diante disso, verifica-se uma interdependência visual, oportunizando que as imagens anteriores reapareçam, não com o mesmo significado, mas intercorrendo a ressignificação dessas (Renders, 2018).

Concebido em uma nova fase da cultura visual evangélica, o logotipo da denominação Cristã Evangélica e Neopentecostal Protestante da Igreja Universal do Reino de Deus – IURD é considerado um clássico, devido à presença em sua composição de dois símbolos clássicos o coração e a pomba. Fundada no Rio de Janeiro (1977), compreende-se que os símbolos do logotipo dessa igreja passaram por uma ressignificação diante da perda ou renovação do significado anterior, da religião do coração ou do “cordial” brasileira, no âmbito de uma economia globalizada e dos meios de comunicação de massa (Renders, 2018).

Nesse sentido, da ressignificação da Cultura Visual Evangélica a partir do logotipo da IURD (Figura 74) em que se apresentam referências ao símbolo da Festa do Divino Espírito — a pomba branca (Figura 75) associada aos elementos do emblema do Apostolado da Oração (1859) — o coração (Figura 76), no modelo da reforma católica, mas que se colocam diante de suas próprias referências culturais (Renders, 2018). O logotipo da ADPB será examinado no Capítulo IV.

**Figura 74:** Logotipo da IURD.



**Fonte:** Logodownload.org.

**Figura 75:** Divino Espírito.



**Fonte:** Renders (2018).

**Figura 76:** O escudo Apostolado da Oração, 1859.



**Fonte:** Apostolado da Oração.  
Diocese de Itabira Coronel  
Fabriciano 2024.

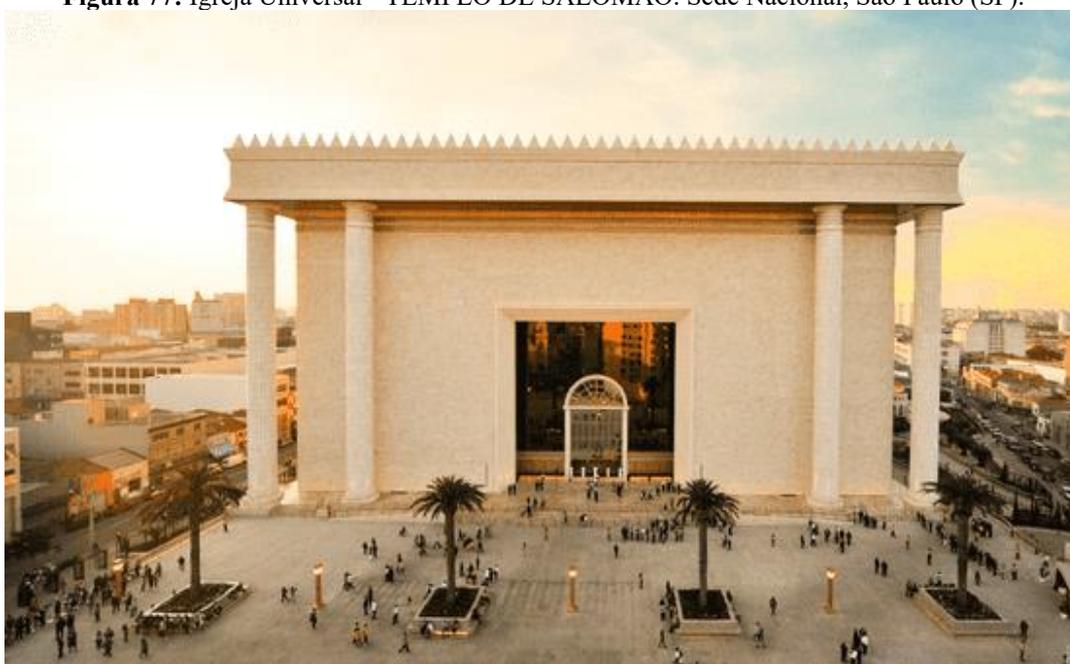
Em relação aos símbolos encontrados nesses logotipos, Renders (2018) compreende que esses devam ser examinados distintamente, tecendo as seguintes considerações:

Trata-se de citações visuais que incorporam símbolos visuais católicos essenciais do Brasil colonial, imperial e republicano, porém, não para prestigiá-las, mas para assumir seu lugar cultural, para se empoderar culturalmente e, finalmente, substituí-lo, ou seja, uma forma de metamorfose ou iconofagia. Outro exemplo da

introdução de representações da cultura visual ou de ritos – cultura material e visual em movimento – de outras religiões é o aparecimento de símbolos judaicos em igrejas evangélicas como o candelabro de sete braços e, mais recentemente, a arca da aliança (Renders, 2018, p. 28).

Nessa fase, tomando-se por base a análise de Renders (2018), observa-se a elaboração de combinações visuais macroecumênicas ou inter-religiosas, um misto de expectativas apocalípticas sionistas judaicas da retomada do monte do templo de Jerusalém com as novas representações de Deus se dando a construção do Templo de Salomão – IURD (Figura 77), a arca da aliança e, até mesmo, adequações de vestes litúrgicas dos celebrantes (Renders, 2018).

**Figura 77:** Igreja Universal - TEMPLO DE SALOMÃO. Sede Nacional, São Paulo (SP).



**Fonte:** Universal (2023).

Diante desse cenário, é possível inferir que a cultura religiosa protestante, pentecostal e neopentecostal faz uso das representações de símbolos, ícones e imagens, visando reforçar as suas doutrinas. No que diz respeito à cultura visual evangélica, tornou-se evidente que a denominação presbiteriana e assembleiana se destacam em produção de “ícones”. Conforme examina Renders (2018, p. 27) a cultura visual evangélica “torna-se política, não porque o apolítico também é político, mas porque ela agora tem a pretensão de construir a própria narrativa sociopolítica própria”.

Portanto, a análise da cultura visual da ADPB revela que, além de reforçar a identidade religiosa e doutrinária, as imagens e símbolos disseminados por essa denominação atendem às

necessidades de comunicação e engajamento com os membros, amplificando a mensagem religiosa. Esse processo estabelece uma identidade visual que funciona como uma afirmação de fé, reforçando os valores e crenças dessa comunidade.

#### **4. A ESCATOLOGIA PENTECOSTAL NA CULTURA VISUAL DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS**

Após a análise das origens do Pentecostalismo no Brasil, esse estudo prosseguirá com a investigação das imagens e símbolos produzidos pela Assembleia de Deus da Paraíba (ADPB), com ênfase na análise iconológica. A pesquisa em questão se propôs a examinar e discutir de que maneira a imagem — percepção e dispositivos visuais — é empregada na elaboração e disseminação da escatologia Pentecostal como possibilidade de afirmação da identidade religiosa entre os membros da ADPB.

Nas denominações Evangélicas Pentecostais, as representações visuais foram empregadas com propósitos pedagógicos no contexto do processo de evangelização, notadamente nas Assembleias de Deus (ADs). Essas imagens, uma vez internalizadas pela membresia “comum”, desempenhavam um papel crucial na consolidação dos conteúdos concernentes às crenças, valores, narrativas e símbolos.

Desse modo, a escatologia foi configurada nos dispositivos visuais elaborados pelas ADs por meio das representações simbólicas e veiculado através dos mais variados suportes. Para a leitura dos elementos iconológicos, além dos espaços físicos dos templos que exibem pinturas, vitrais, logo, adesivos ou murais, foram examinadas as representações visuais em materiais impressos como livros, revistas, folhetos, pinturas, ilustrações, e projeções utilizadas durante os cultos.

Ademais, o estudo perscrutará como a cultura visual da ADPB pode evoluir, ao longo do tempo, e se adequar às transformações no que se refere à tecnologia digital, estendendo-se às plataformas online, sites institucionais, redes sociais e apresentações multimídia, sendo influenciadas por fatores culturais, locais e regionais. Para esse fim, os pentecostais, em especial, os assembleianos recorrem à cultura visual evangélica, fazendo uso da mídia vídeo, ofertando cursos online a fim de que a doutrina escatológica seja cada vez mais difundida nessa denominação religiosa (Martins; Renders, 2019).

Isso é particularmente relevante, considerando que a utilização de imagens como instrumento para a transmissão desse conhecimento mostrou-se eficaz, levando em consideração as taxas de analfabetismo da época em que foi criada essa denominação, no Brasil. Não é possível afirmar, com precisão, a partir de qual ano remonta a disseminação de imagens nessa denominação.

#### 4.1 O imaginário escatológico

A Assembleia de Deus (AD) possui uma identidade singular, distinta de outros grupos cristãos. Nesse contexto, a escatologia, que trata da doutrina das últimas coisas, emerge como um dos pilares fundamentais da teologia e das crenças da AD. Verifica-se a presença de características compartilhadas com outras denominações Evangélicas, voltadas à expectativa do retorno de Cristo e à crença no julgamento final.

A escola de interpretação da escatologia da AD, desde 1916, é futurista (Ap 1,19) [Bíblia, 2016], dispensacionista (clássico; futuro de Israel), pré-milenista (crê no milênio literal) e pré-tribulacionista, em que a Igreja será arrebatada antes da Tribulação de 7 anos. Em outras palavras, o imaginário do fenômeno do arrebatamento está vinculado à ideia de que os crentes serão, subitamente, arrebatados aos céus antes da ocorrência da grande tribulação.

Além do arrebatamento, a escatologia abrange o estudo de diversos outros temas importantes: estado intermediário, Grande Tribulação, Milênio, Julgamento Final e o Estado Perfeito Eterno (CPAD, 2016, s/n). Cada um desses temas é frequentemente representado por imagens, como figuras de anjos, trombetas, juízo final e visões do novo céu e da nova terra, que ajudam a ilustrar e aprofundar a compreensão dessa doutrina.

O “Cremos” é uma Declaração de Fé da Assembleia de Deus no Brasil (CPAD, 2017, p. 08-15), encontrado também na Convenção de Ministros da Assembleia de Deus no Estado da Paraíba – COMADEP (2021). Esse conceito desempenha um papel significativo para a identidade dessa denominação religiosa e, de acordo com a Declaração de Fé da ADPB, essa interpretação escatológica pré-tribulacionista tornou-se comum às ADs. Dessa forma, encontra-se oficialmente homologada na Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil – CGADB (2017) com o seguinte texto:

CAPÍTULO XXII. SOBRE A SEGUNDA VINDA DE CRISTO CREMOS, professamos e ensinamos que a Segunda Vinda de Cristo é um evento a ser realizado em duas fases. A primeira é o arrebatamento da Igreja antes da Grande Tribulação momento este em que “nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados” (1 Ts 4.17); a segunda fase é a sua vinda em glória depois da Grande Tribulação e visível aos olhos humanos: “Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até os mesmos que o traspassaram; e todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Sim! Amém!” (Ap 1.7). Nessa vinda gloriosa, Jesus retornará com os santos arrebatados da terra: “na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, com todos os seus santos” (1 Ts 3.13). 1. O Arrebatamento da Igreja. É o termo que nós usamos para designar o rapto dos santos da face da terra para o encontro com o Senhor nos ares: “Porque o mesmo Senhor descera do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor” (1 Ts 4.16,17). Nesse evento, os mortos em Cristo e os santos do Antigo Testamento serão ressuscitados primeiro, seguindo-se a transformação dos salvos vivos e o simultâneo encontro de ambos os grupos

com o Senhor nos ares. Esse advento será invisível aos olhos do mundo, porém seus efeitos serão perceptíveis. Isso ocorrerá em fração de segundos, e nosso corpo será transformado num corpo glorioso, que estará revestido de incorruptibilidade e imortalidade por ocasião do rapto da Igreja. Será um evento repentino e secreto, precedido pelos sinais gerais da apostasia, guerras, fomes, catástrofes naturais, perseguições, de maneira que esse evento não pode ser visualizado antecipadamente nem datado por esses ou por nenhum outro sinal. A condição para fazer parte desse glorioso evento é estar em Cristo. Essa é a primeira fase da Segunda Vinda de Cristo que precederá a Grande Tribulação, período em que a ira de Deus será derramada sobre os moradores da terra. Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil – CGADB (CPAD, 2017, p. 102).

A Declaração de Fé da Assembleia de Deus no Brasil (CPAD, 2017, p. 08) define que: “A Bíblia revela a verdade em forma popular de vida e fato; o Credo declara uma forma lógica de doutrina”. O “Cremos” (ítems 13 e 15) faz referência ao arrebatamento e ao Juízo final, declarando que

13. Na segunda vinda de Cristo, em duas fases distintas: a primeira — invisível ao mundo, para arrebatá-la Sua Igreja, antes da Grande Tribulação; a segunda — visível e corporal, com a Sua Igreja glorificada, para reinar sobre o mundo durante mil anos (1Ts 4.16, 17; 1Co 15.51-54; Ap 20.4; Zc 14.5; Jd 14); 15. No Juízo Final, onde comparecerão todos os ímpios: desde a Criação até o fim do Milênio; os que morreram durante o período milenar e os que, ao final desta época, estiverem vivos. E na eternidade de tristeza e tormento para os infiéis e vida eterna de gozo e felicidade para os fiéis de todos os tempos (Mt 25.46; Is 65.20; Ap 20.11-15; 21.1-4 (CPAD, 2017, p. 13-15).

Por volta da década de 60 do século XX, os Evangélicos utilizaram as mais diversas formas de arte de maneira a difundir a sua fé, contribuindo para a criação de um imaginário próprio, desde as artes cênicas (teatro e cinema), literárias (poesia), plásticas (figura, arquitetura) e visuais (pintura, escultura, desenho, arquitetura, fotografia, cinema, arte urbana, artesanato etc.), assim como se utilizaram dos meios de comunicação (rádio e televisão), e, na contemporaneidade, as mídias digitais e audiovisuais, sobretudo, nas Igrejas Neopentecostais.

Dentre as imagens da ADPB, foram selecionadas aquelas que representam os fenômenos escatológicos, de modo a traduzir as crenças escatológicas dessa denominação. Essas imagens desempenham um papel significativo como meio de intervenção político-cultural, contribuindo, assim, para a formação da identidade Assembleiana.

Esses eventos relacionados ao Fim dos Tempos — como a segunda vinda de Cristo, o arrebatamento, a grande tribulação, o Milênio e o julgamento final — compartilham algumas características escatológicas comuns a outras denominações Evangélicas. O arrebatamento pré-tribulacional é um fenômeno previsto para ocorrer antes do período da grande tribulação, durante o qual os crentes serão subitamente arrebatados ao céu.

## 4.2 Visão e difusão do discurso imagético escatológico

Diante de um investimento de impressos utilizados como meios de comunicação para a propagação da educação religiosa, das mensagens e dos ensinamentos das ADs, usados na transmissão dos princípios da fé e da doutrina dessa denominação, jornais e revistas circularam entre os membros e um público mais amplo. Essas publicações os mantinham informados sobre as atividades e eventos das igrejas. Os jornais *Boa Semente* (Belém do Pará) e o *Som Alegre* (Rio de Janeiro) antecederam as demais publicações (1930). Na década de 30, já circulavam o jornal *Mensageiro da Paz* (MP), as revistas *Lições Bíblicas* e folhetos publicados em gráficas particulares. Com o lançamento do *Jornal Mensageiro da Paz* (1938), os jornais acima foram extintos (Fonseca, 2014).

Criada em Belém do Pará (1936), a Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD) foi estabelecida no Rio de Janeiro (1940), como a editora cristã evangélica oficial das ADs, subordinada a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB). Essa denominação estabeleceu uma base operacional para a produção de materiais a Editora CPAD que vem fazendo um trabalho de divulgação das representações visuais para as ADs através dos seus diversos segmentos editoriais.

As revistas “*Lições Bíblicas*”, “*Obreiro*”, “*Círculo de Oração*”, “*Jovem Cristão*” e “*A Seara*”, os livros e os folhetos foram publicados a partir de 1930, em gráficas particulares. A revista “*A Seara*” (1956-1980) oferecia uma variedade de conteúdos relevantes para um público mais amplo, incluindo membros e não membros dessa denominação. Posteriormente, essa revista adotou o tema “Lar e Família Cristã”, promovendo os valores religiosos. Ofertando suportes para líderes religiosos, o volume “*Obreiro*” (1977) direcionava-se aos pastores e evangelistas. Com início em 1979, as revistas “*Jovem Cristão*” (1979) e “*Círculo de Oração*” (1979) estão voltadas para a juventude, sendo essa última para o público feminino (Fonseca 2014).

As revistas “*Lições Bíblicas*”, publicadas pela CPAD para a Escola Dominical da AD, contemplam todas as faixas etárias: Berçário, Maternal, Primários, Juniores, Pré-adolescentes, Adolescentes, Juvenis, Jovens e Adultos, garantindo uma maior uniformidade na divulgação das crenças e práticas dessa denominação. A revista Escola Bíblica de Férias – EBF segue uma abordagem semelhante, complementando a diversidade de materiais disponíveis para a educação religiosa em diferentes faixas etárias (Fonseca 2014).

Durante o curso desta investigação, procedeu-se à identificação e análise de dez imagens, destas revistas, relacionadas ao tema de escatologia, no intervalo temporal

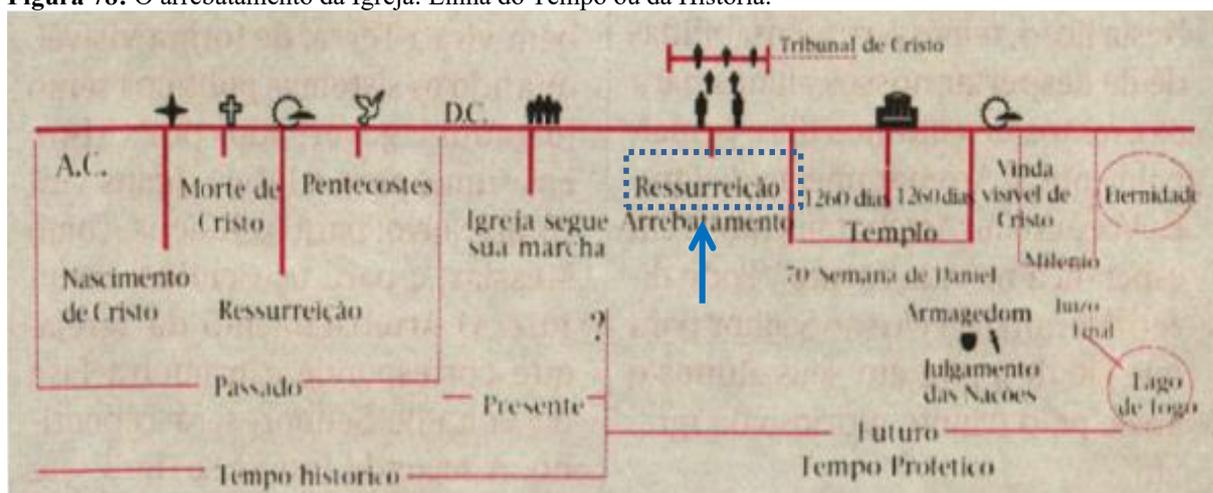
compreendido entre 2004 e 2024, uma vez que essas representações visuais são utilizadas como material didático pelas igrejas pesquisadas, principalmente, na Escola Bíblica e na Escola Dominical.

### 4.3 Elementos iconológicos da produção imagética e visual da escatologia na ADPB

Nessa seção, será realizada a investigação dos elementos iconológicos da produção imagética e visual relacionados aos eventos escatológicos identificados em dois templos pertencentes às ADs e no entorno destes, em João Pessoa (PB). Mediante a aplicação do modelo de análise iconológica desenvolvido por Erwin Panofsky (2007), buscou-se compreender os significados intrínsecos dessas manifestações visuais para a construção da identidade assembleiana.

A revista “Lições Bíblicas CPAD Jovens e Adultos (Mestre), sob a orientação do comentarista Claudionor Corrêa de Andrade, trouxe como título “Vem o fim, o fim vem: a doutrina das últimas coisas” (4º trimestre de 2004). Esse volume, na lição 4 “O arrebatamento da Igreja”, apresenta uma “Linha do Tempo ou da História” (Figura 78). Na descrição pré-iconográfica, essa linha bicolor utiliza os símbolos da estrela, cruz, círculo e nuvem, pomba, igreja (representada por figura humana), templo, escudo e espada, mas não inclui a trombeta e o arcanjo (Quadro 5).

**Figura 78:** O arrebatamento da Igreja: Linha do Tempo ou da História.



**Fonte:** Lições Bíblicas CPAD Jovens e Adultos (2004 n.p.).

**Quadro 5:** Símbolos – O arrebatamento da Igreja: Linha do Tempo ou da História.

<b>Símbolos</b>	
	Estrela – nascimento de Cristo.
	Cruz – morte de Cristo.
	Círculo e nuvem – Ressurreição; vinda visível de Cristo.
	Pomba – Pentecostes.
	Figura humana – igreja.
	Figura humana – tribunal de Cristo.
	Templo – 70 semanas de Daniel.
	Escudo e espada – Armagedom.

**Fonte:** Lições Bíblicas CPAD Jovens e Adultos (2004 n.p.).

Ao investigar a representação do passado, presente e futuro na linha do tempo, que abrange o tempo histórico e o profético mediante a utilização de linhas retas, verificam-se, na análise iconográfica, camadas de significados e intenções visuais que colaboram para a narrativa representada. A correlação entre os elementos gráficos, linhas retas e símbolos proporciona uma compreensão mais aprofundada da concepção temporal e iconográfica do arrebatamento da igreja no contexto da ADPB.

Na análise iconológica, o gráfico buscou representar a conexão sequencial, causal e de efeito de eventos de importância específica, de como acontecerá no futuro, no tempo profético, o arrebatamento da Igreja por meio dos símbolos. Tomando por base a Primeira Epístola de Paulo aos Tessalonicenses, postula Andrade (2004, s/p) que o arrebatamento ocorrerá desta maneira: “ressoada à trombeta de Deus, descerá o Senhor Jesus dos céus com alarido e voz do arcanjo (1 Ts 4.16); em seguida, os que morreram em Cristo ressuscitarão, sendo, de imediato, trasladados (1 Ts 4.16); e, ato contínuo, os que estivermos vivos seremos transformados, arrebatados e levados todos ao encontro do Senhor” (1 Ts 4.17).

A revista Lições Bíblicas CPAD Adultos (Professor), comentada pelo Pr. Elinaldo Renovato, intitulada “O Final de Todas as Coisas: Esperança e Glória para os Salvos” (1º trimestre de 2016), na descrição pré-iconográfica da capa multicolorida, verifica-se, dentro do círculo do relógio, as imagens do arcanjo com suas longas asas azuis e sua trombeta e, no alto do firmamento, uma luz que resplandece em todo o espaço celestial (Figura 79).

Nesta capa, é possível examinar os símbolos que adquirem significados específicos durante a análise iconográfica realizada. Identificou-se a presença de elementos simbólicos associados às representações visuais do arrebatamento como a imagem do arcanjo, da trombeta, do céu, das nuvens e dos raios que são elementos característicos da literatura apocalíptica, encontrados neste e em outros volumes da CPAD. Essas representações visuais transmitem uma compreensão simbólica da escatologia, elucidando sobre os símbolos celestiais inerentes ao arrebatamento. Tais imagens são abordadas no texto bíblico, em que o arcanjo toca a trombeta divina (1Ts 4,16) para anunciar a chegada do Senhor.

A seleção dos elementos visuais específicos da escatologia e a luminosidade conferem uma dinâmica única à representação desse evento, propiciando uma interpretação iconológica. A intensidade luminosa dos raios não apenas faz resplandecer a imagem, mas atua também como um elemento visual proeminente, ressaltando elementos dessa composição e proporcionando uma atmosfera marcante e simbólica à representação do arrebatamento. No contexto desse evento, quase sempre, os raios trazem à tona a divindade e a intervenção celestial.

**Figura 79:** O Final de Todas as Coisas: Esperança e Glória para os Salvos.



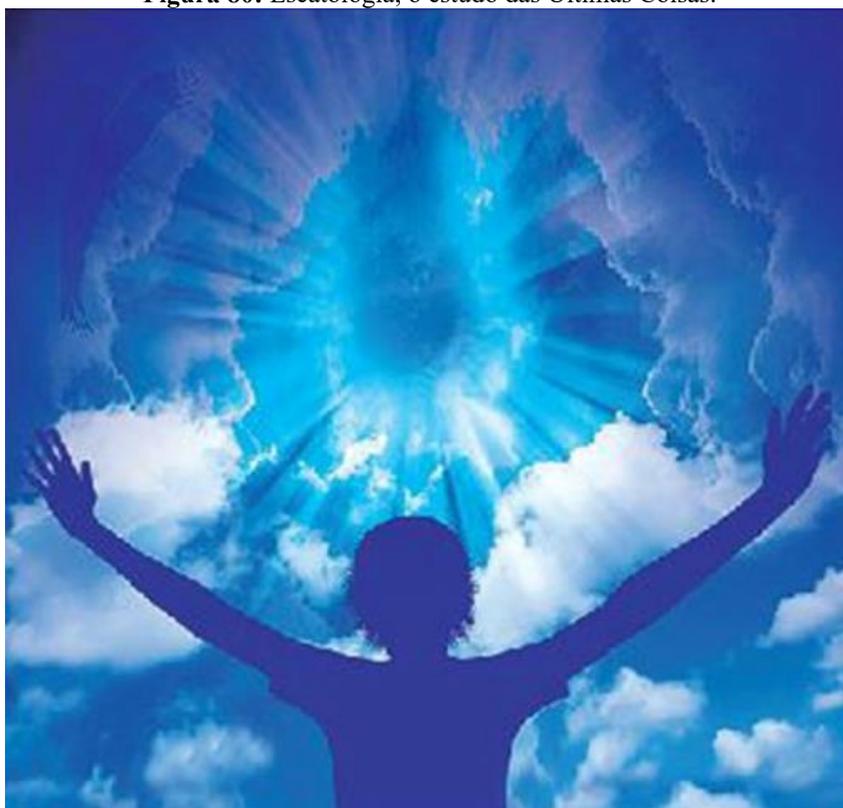
**Fonte:** Lições Bíblicas CPAD Adultos (2016 n.p.).

Como mensageiro divino, a figura celestial e poderosa do arcanjo representa o agente que conduz os crentes para a presença de Deus. O céu representa a esfera celestial e a morada divina. Nesse contexto, o firmamento é suscetível de simbolizar não somente o destino final dos crentes, mas igualmente a presença do divino, conferindo àquele que for elevado aos céus uma proximidade com o divino e a recompensa celeste.

Essa composição pode ser interpretada como uma expressão visual da efemeridade e urgência relacionadas à iminência de um evento futuro, previsto para ocorrer “num piscar de olhos”. Estes símbolos encontram-se vinculados ao tema central desta revista lição 13 “O destino final dos mortos”, contemplados nas treze lições, explorando de maneira aprofundada a Escatologia — o estudo das Últimas Coisas, principalmente, o evento do arrebatamento.

Na Lição 1, intitulada “Escatologia, o estudo das Últimas Coisas” (1º Trimestre de 2016), desta revista, com comentários do Pr. Elinaldo Renovato de Lima, a composição, na descrição pré-iconográfica, apresenta no centro uma figura humana cercada pelos ícones nuvens e luzes (Figura 80). Na análise iconográfica, o gesto expressivo do indivíduo, de braços erguidos em direção ao céu, sugere uma postura de súplica ou adoração. O cenário inclui nuvens e luzes celestiais, reforçando a conexão entre o terrestre e o divino.

**Figura 80:** Escatologia, o estudo das Últimas Coisas.



**Fonte:** Lições Bíblicas CPAD Adultos (2016 n.p.).

A ilustração multicolorida da temática “O arrebatamento da Igreja”, Lição 5 (Figura 81), deste volume, na descrição pré-iconográfica, retrata figuras humanas, homens, mulheres e crianças, flutuando nos ares em direção a uma luz intensa, emanada pelos raios. Na representação do arrebatamento<sup>54</sup> dos crentes, o encontro com o Senhor se dará nos ares (1Ts 4, 15-18). Na análise iconográfica, identifica-se a imagem de uma cidade moderna repleta de arranha-céus, evidenciando a contemporaneidade do tema e a magnitude da altitude em que as

<sup>54</sup>Estágios do arrebatamento (Lição 3). “Jesus descera do céu com alarido e com som de trombetas. Os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro. Nós que estivemos vivos e permaneceremos na terra, seremos “arrebatados” juntamente com eles nas nuvens. Encontraremos ao Senhor. Estaremos para sempre com o Senhor” (Reinaldo, 2021, p. 19).

figuras humanas são elevadas em direção aos céus, entre numerosos raios, a caminho da Jerusalém Celeste. Os raios podem simbolizar a intervenção divina nos ares.

**Figura 81:** O arrebatamento da Igreja (Lição 5).



Fonte: Lições Bíblicas CPAD Adultos (2016 n.p.).

Assim sendo, no terceiro nível, a imagem ilustra uma jornada em direção à Jerusalém Celeste que se constitui no símbolo da esperança dos crentes, como evidenciado no texto bíblico a seguir: “mas, a nossa cidade está nos céus, de onde também esperamos ansiosamente como Salvador o Senhor Jesus Cristo, que transfigurará nosso corpo humilhado, conformando-o ao seu corpo glorioso, pela força que lhe dá poder de submeter a si todas as coisas” (Fl 3,21). Essa representação não apenas transcende ao âmbito do evento do arrebatamento, mas também adiciona uma camada profunda à identidade da denominação, solidificando a importância da esperança e da transformação na cosmovisão única que define essa comunidade de Fé.

A revista Lições Bíblicas CPAD Jovem (Professor), comentada por Thiago Brazil, apresenta como título “A Igreja do arrebatamento: o Padrão dos Tessalonicenses para Estes Últimos Dias” (2º trimestre de 2018) exhibe na capa multicolorida elementos visuais, incluindo a cruz no centro e, ao seu redor, a presença de homens e mulheres, prédios, céu, nuvens e uma

luminosidade, proporcionando uma análise pré-iconográfica rica em elementos visuais (Figura 82).

**Figura 82:** A Igreja do Arrebatamento: o padrão dos Tessalonicenses para estes últimos dias.



**Fonte:** Lições Bíblicas CPAD Adultos (2018 n/p.).

Numa interpretação iconográfica, dessa imagem, além da representação da congregação, o céu, as nuvens e a luminosidade, encontram-se associados ao evento do arrebatamento. Desse modo, na interpretação iconológica a imagem transmite a mensagem escatológica de que os crentes serão elevados ao céu, seguindo o padrão descrito em Tessalonicenses. A nuvem é continuamente referida como um símbolo do envolvimento divino e da presença celestial, simbolizando a chegada de Deus para reunir os escolhidos.

A revista Lições Bíblicas CPAD Jovem (Professor), tendo como comentarista Thiago Brazil, com o título “Jesus Cristo: Filho do Homem, Filho de Deus” (1º trimestre de 2020), na

Lição 13 “A Segunda Vinda do Senhor Jesus Cristo” traz em destaque, na descrição pré-  
iconográfica a presença da imagem do arcanjo e da trombeta. Na análise iconográfica, a  
imagem do arcanjo vestido de branco toca a sua trombeta em direção a uma fonte de luz  
muito forte presente no céu azul, tomado por nuvens (Figura 83).

**Figura 83:** A Segunda Vinda do Senhor Jesus Cristo.



**Fonte:** Lições Bíblicas CPAD Adultos (2020, n/p.).

A trombeta, como veículo de comunicação entre o divino e o humano, está intrinsecamente associada aos simbolismos celestiais encontrados em eventos cósmicos, da escatologia das ADs, referentes ao fim dos tempos (1 Co 15; 52). Nesse sentido, enquanto símbolo das manifestações divinas, na interpretação iconológica, a trombeta incorpora elementos teológicos, proporcionando um enriquecimento significativo ao sentido da imagem no contexto escatológico e espiritual. Portanto, no evento do arrebatamento, a representação da trombeta pode estar vinculada ao chamado do divino.

A revista Lições Bíblicas CPAD Jovens (Professor), com comentários de Reinado Odilo e intitulada “Jesus Cristo voltará — Fé e Perseverança para o Glorioso Dia com o

Senhor da Igreja” (4º trimestre de 2021), apresenta na Lição 2 “Sinais da segunda vinda de Jesus Cristo”. Nessa imagem, na descrição pré-iconográfica, identificam-se os elementos visuais árvores, céu e nuvens (Figura 84).

**Figura 84:** Sinais da segunda vinda de Jesus Cristo.



**Fonte:** Lições Bíblicas CPAD Jovens (2021, n/p.).

Na análise iconográfica pode-se averiguar que a imagem monocromática em cinza apresenta uma paisagem campal e, em seu entorno, árvores inclinadas, em linhas diagonais, nuvens, céu, ventos fortes e, um jogo de luz, possivelmente, raios. Na interpretação iconológica, a tempestade simboliza a iminência de eventos apocalípticos profetizados como sinais da Segunda Vinda de Cristo que ocorrerá de forma repentina e inesperada.

Em continuidade, na revista do 4º trimestre de 2021, na Lição 3 “O Arrebatamento da Igreja”, com comentários de Reinado Odilo, observa-se na imagem, no primeiro nível de análise, a representação do céu com nuvens brancas em destaque. Na iconografia cristã, a nuvem seria uma espécie de ponte entre o celestial e o mudano. Essa iconografia celestial está

intrinsecamente associada aos eventos escatológicos e cósmicos (Figura 85).

**Figura 85:** O Arrebatamento da Igreja.



**Fonte:** Lições Bíblicas CPAD Jovens (2020, n/p.).

Frequentemente encontrada em imagens artísticas religiosas, as nuvens representam ícones de transcendência. Na interpretação iconológica atuam como veículos ou sinais de manifestações divinas e de esperança escatológica. Essas imagens muitas vezes acompanham aparições de Cristo, anjos ou santos, reforçando a presença e a intervenção do sagrado no mundo terreno.

A revista Lições Bíblicas CPAD Adultos (Professor), comentada por Osiel Gomes e intitulada “A carreira que nos está proposta — O caminho da salvação, santidade e perseverança para chegar ao céu” (2º trimestre de 2024), traz na Lição 2 “A escolha entre a

porta estreita e a porta larga”. No primeiro nível de análise, observa-se a representação da porta larga que se encontra fechada e da porta estreita que permanece aberta, deixando transparecer uma luz resplandecente sobre a vegetação. Na iconografia cristã, a luz frequentemente simboliza a divindade e a salvação (Figura 86).

**Figura 86:** A escolha entre a porta estreita e a porta larga.



**Fonte:** Lições Bíblicas CPAD Jovens (2024, n/p.).

Esta composição visual exemplifica de maneira emblemática a decisão a ser tomada entre dois caminhos de vida, simbolizados pela porta larga e a porta estreita. Associada a tentações e prazeres mudanos, a porta larga é ilustrada como um caminho atraente, mas que conduz à perdição. Na interpretação iconológica, o uso simbólico da porta estreita reforça a ideia de que, embora represente o caminho mais difícil, leva à vida eterna. Infeire Gomes (2024) que

No momento que inicia sua jornada com Cristo, o cristão deve ter a consciência de que escolheu o caminho estreito e a porta apertada para trilhar o caminho do céu. Isso significa que precisamos renunciar ao eu, nossos pensamentos e desejos, para que Cristo apareça (2Co 5.17). Isso “só é possível por meio de um verdadeiro arrependimento, confissão de pecados e a experiência do perdão” (Gomes, 2024, s/p).

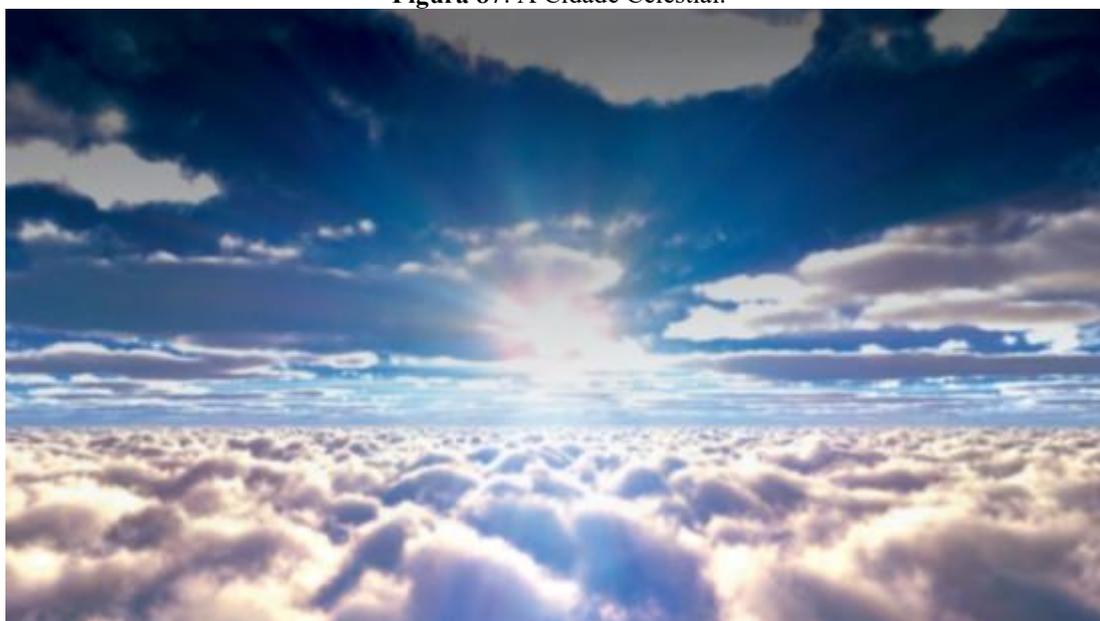
Nesta mesma revista (2º trimestre de 2024), a Lição 13 “A Cidade Celestial”, com comentários de Osiel Gomes, oferece uma visão da “Pátria Celestial” como esperança cristã final. Na descrição pré-iconográfica dessa imagem (Figura 87), identifica-se os principais símbolos, céu, nuvens e luz intensa, que representam sobremaneira a Cidade Celestial. Ao explorar os símbolos da cidade eterna, a imagem tem como propósito anunciar a esperança e a

promessa da jornada para a Canaã Celestial.

Na análise iconográfica, a cidade apresenta elementos visuais que evocam a presença da divindade, principalmente, através da luz resplandecente. Esses símbolos reforçam a mensagem de fé e de esperança na caminhada rumo a Canaã Celestial. Gomes (2024) tece a seguinte consideração:

O Céu é o destino final de uma jornada que se iniciou com o Novo Nascimento. Do início da jornada até o final, enfrentaremos inimigos que tentam nos desviar da rota para o Céu. Por isso, durante a travessia da jornada, é necessário toda vigilância e zelo, sabendo que aqui Ele que começou a boa obra a aperfeiçoará até o dia do nosso Senhor Jesus Cristo (Fp 1.6). Portanto, coloquemos nossos olhos no Autor e Consumador da nossa fé, olhando para frente, pois a Canaã Celestial é logo ali (Gomes, 2024, s/p).

**Figura 87:** A Cidade Celestial.



**Fonte:** Lições Bíblicas CPAD Jovens (2024, n/p.).

A edição da revista Lições Bíblicas CPAD adultos (Professor), comentada por Wagner Gaby, apresenta como título “Até os confins da terra: pregando o evangelho a todos os povos até a volta de Cristo” (4º trimestre de 2023). Na lição 14: “Missões e a volta do Senhor Jesus” a mensagem final apresenta uma nota otimista destinada aos missionários dessa denominação, expressando esperança em relação aos últimos dias que precedem o retorno do Senhor e fazendo alusão ao tema do arrebatamento. Assim, Gaby (2023) complementa com a seguinte consideração:

Preliminarmente, devemos agradecer a Deus pelo despertar missionário que temos visto no Brasil nestes últimos tempos quanto à prática missionária. E o nosso desejo é que mais igrejas locais invistam em oração, em recursos humanos e financeiros para alcançar os que ainda se encontram perdidos. Vivemos os últimos dias da Igreja no mundo e, por isso, essa obra é urgente. Que o Espírito Santo

continue despertando a Igreja nestes últimos dias que antecedem a volta do Senhor Jesus Cristo para arrebatá-la! (Gaby, 2023, n/p).

As Escolas Dominicais trouxeram influências significativas para as ADs, desempenhando um papel fundamental na vivência religiosa e na identidade doutrinária dentro dessa comunidade cristã. Mafra (2001, p. 31) reconhece que “na versão assembleiana o caminho de santificação conjuga imersão no Espírito e leitura da palavra”. Nesse sentido, a autora (2001) clarifica que:

Em primeiro lugar, suas Escolas Dominicais muito facilmente se tornaram verdadeiros centros de alfabetização de adultos para uma população de balconistas, trabalhadores rurais, ferreiros, seringueiros, operários da construção civil, faxineiras. O não elogio da cultura culta, a ênfase na capacitação pura e simples da escrita e leitura, alargou a porta de entrada na igreja da reduzida camada média baixa para as camadas populares (Mafra, 2001, p. 31).

A Escola Bíblica para obreiros da COMADEP e a Escola Dominical da ADPB incorporam o uso de imagens como recursos didáticos e pedagógicos para facilitar a compreensão e assimilação dos princípios doutrinários, históricos e teológicos dessa denominação. Levando-se em consideração esse aspecto, o uso estratégico dessas representações fortalece a comunicação visual, proporcionando uma abordagem mais abrangente e eficaz na transmissão do conhecimento sobre os principais temas da escatologia assembleiana. Essa prática evidencia a adaptação contínua das ADs à dinâmica contemporânea de ensino, visando atender às necessidades de uma audiência diversificada e consolidar a identidade denominacional.

Ao adentrar a nave designada para os cultos no Templo Central da ADPB, localizado no bairro de Jaguaribe, em João Pessoa (PB), depara-se com uma expressiva representação de uma paisagem natural, com dimensões de 7,3m x 2,06m (figuras 80 e 81), pintor desconhecido e sem data. Destaca-se um adesivo sobre uma antiga imagem em que foi aplicada a técnica de pintura a óleo sobre parede. Essa representação visual é recorrente na maioria das ADPB, independentemente da presença ou ausência da imagem do Espírito Santo (Figuras 88 e 89).

**Figura 88:** Templo Central ADPB. Av. Coelho Lisboa, nº 553, Jaguaribe, João Pessoa, Paraíba (2023).



**Fonte:** autoria própria (2023).

**Figura 89:** Batismo em Águas. Templo Central ADPB – Av. Coelho Lisboa, nº 553, Jaguaribe, João Pessoa, Paraíba (2023).



**Fonte:** YouTube. ADPB Templo Central (18/12/2023).

Na descrição pré-iconográfica, no primeiro nível, identifica-se, por meio da análise pseudoformal dessa paisagem natural, a percepção da obra em sua forma pura, concentrada nos elementos visuais da pintura multicolorida, como linhas, cores e composição. Esses

elementos representam o rio sinuoso, a densa floresta e, ao fundo, as montanhas, o céu e as nuvens.

Na análise iconográfica da imagem, no segundo nível, examina-se separadamente o motivo e o significado da paisagem natural, bem como o conjunto de elementos e a totalidade dos campos, tanto na horizontalidade quanto na verticalidade. Na horizontalidade, a pintura desdobra-se em dois planos distintos. O primeiro plano abrange a terra, as montanhas e o rio de águas claras e abundantes, com as suas margens contornadas por uma vegetação que se estende até as montanhas. Em contraste, o segundo plano é ocupado pela imagem do céu que se encontra encoberto por nuvens. Na verticalidade, a composição da paisagem sugere a união e fusão infinita do rio com o céu.

Na interpretação iconológica, no terceiro nível, depreende-se que a representação da paisagem natural, com um rio de águas profundas, possui um significado simbólico. As representações simbólicas mais comuns do Espírito Santo incluem os elementos da natureza como o fogo, a água, o rio e a chuva, a pomba está associada ao batismo de Jesus, e, como propriedade e posse, o selo.

Os pentecostais vinculam de maneira intrínseca a apropriação da experiência religiosa do batismo com o Espírito Santo à convicção da iminência dos últimos dias (Cabral, 2011). Durante a cerimônia do batismo é proferida a pergunta aos batizados: “acreditam no arrebatamento da igreja”? Independentemente da presença ou da ausência da imagem do Espírito Santo, essa representação visual é recorrente na maioria das ADPB, compondo o cenário do Culto Especial com batismo em águas<sup>55</sup>, localizada na parede em que é colocado o tanque batismal.

Dentro do contexto das comunidades religiosas, as representações imagéticas têm mantido uma presença significativa, desempenhando não apenas o papel de expressões simbólicas, mas também como dispositivos intrínsecos. O simbolismo da água representa a ação do Espírito Santo no Batismo. Os assembleianos atribuem a essa representação o significado de “uma fonte de água viva”, estabelecendo uma correlação intrínseca com o dom escatológico do Espírito Santo. Para Shedd (2001, p. 24) “os dons (*charismata*) do Espírito

---

<sup>55</sup>O batismo em água é um ato de obediência e submissão ao senhorio de Cristo e um testemunho público de nossa fé cristã (CPAD, 2013, p. 74). O que é o Batismo em águas? A palavra batismo vem do grego e significa “mergulho” e “submersão”. O batismo é a primeira ordenação de Jesus; é através dele que o novo convertido passa a fazer parte de uma igreja local. Pode-se dizer que pelo batismo, o crente inicia a sua vida espiritual. Assim como o batismo de Jesus no Jordão serviu para identificá-lo com a humanidade, o do crente se traduz numa declaração pública de sua identificação com Cristo, em sua morte e ressurreição. *O batismo no Espírito Santo é uma iniciativa divina. Jesus é quem decide a hora e o lugar para o crente ser batizado no Espírito Santo. Entretanto, o batismo em águas é uma decisão pessoal do cristão. Somente o crente, ele ou ela, é que decide quando batizar-se* (CPAD, 2013, p. 74).

são uma confirmação adicional da realidade escatológica da obra do Espírito no povo da Nova Aliança”. O autor (2001) acrescenta que

O dom escatológico do Espírito Santo foi prometido pelos profetas do Antigo Testamento. Jesus ensinou que a consequência de se crer nele seria o recebimento do Espírito Santo, o qual, em troca, faria da vida do cristão o canal para uma fonte de água viva (Jo 7,37-39). [...] Com respeito ao fato do Espírito ter sido derramado no dia de Pentecostes, temos que reconhecer mais do que a novidade do dom, isto é, temos que ver a natureza escatológica da vinda do Espírito. Ele é o penhor (*arrabon*) que sela a promessa da herança vindoura (Ef 1,13-14) (Shedd, Russell, 2001, p. 23).

A identidade visual da Assembleia de Deus no Brasil evoluiu ao longo do tempo, passando por diversas modificações. A Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) instituiu um logotipo oficial (2013) que abrangesse de maneira mais ampla a identidade pentecostal, evangelística e missionária, vocações fundamentais dessa igreja. Esse logotipo também encontrou aplicação nas ADPB.

Contextualizando a essência Pentecostal, esse logotipo se formou a partir de dois símbolos: a letra “A” em forma de peixe e a letra “D” em forma de chama. Essa logo Pentecostal institucional (Figura 90) possibilitou identificar, no primeiro nível, a presença desses dois símbolos o peixe e a chama, representados por um traçado simples e multicoloridos (Renders, 2018, p.27).

**Figura 90:** Antiga logo da Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Estado da Paraíba.



**Fonte:** Renders (2018, p.27).

Na análise iconográfica, examina-se que no logotipo a letra “D”, configurada em formato de chama, simboliza o derramamento do Espírito Santo na igreja, no dia de Pentecostes. Em relação à descrição das manifestações e das ações do Espírito Santo, pode-se averiguar no Livro dos Atos dos Apóstolos que

Mas recebereis uma força, a do Espírito Santo que descera sobre vós, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e a Samaria, e até os confins da terra” (At 1,8). “E todos ficaram repletos do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia se exprimirem (At 2, 4).

A letra “A” em formato de peixe (*Ichthy* em grego) é um marco simbólico histórico e espiritual do princípio da iconografia cristã. O termo *Ichthy* (ΙΧΘΥΣ), símbolo secreto entre os primeiros cristãos, compõe o acrônimo para representar a identidade de Cristo como *Iesous Christos Theou Yios Soter* (Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador). Na atualidade, a maioria

das ADs, em João Pessoa, adotaram os logos bicoloridos nas cores azul e branco, com variações em tons mais claros ou mais escuros (Figuras 91 e 92).

**Figura 91:** Logo utilizado na Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Estado da Paraíba.



**Fonte:** ADPB Oficial (2023).

**Figura 92:** Logo utilizado na Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Estado da Paraíba.



**Fonte:** ADPB Oficial (2023).

Na interpretação iconológica constata-se que a visualidade intrínseca dessa logo suscita questões relacionadas à percepção, abrangendo tanto a interpretação quanto a atribuição de significado. Além de contribuírem para a estética visual da logo, os elementos visuais carregam consigo significados intrínsecos associados à história, aos princípios

teológicos e à comunidade da Assembleia de Deus. Com efeito, a logo não apenas se configura como uma representação visual distintiva, mas também desempenha um papel crucial na formação da identidade dos membros da AD.

Desse modo, a visualidade remete não apenas para as questões da percepção, mas também para a interpretação e significação. A respeito da importância da visualidade, Renders (2018) infere que

Provavelmente não previsto, os logotipos assumiram também o papel de representar as instituições religiosas como brand – originalmente, a marcação aplicada a um boi com um ferro quente – ou seja, uma marca. Esta transposição do significado para o mundo ou o aspecto comercial de algo pode como efeito colateral transformar a igreja representada em um produto e o membro religioso, em cliente. Entretanto, quanto ao seu conteúdo visual, os logotipos são narrativas pictoriais bíblico-teológicas que articulam aspectos essenciais da sua identidade. Entretanto, sua circulação é tão recente, que essas narrativas visuais ainda não se tornaram parte do imaginário, razão pela qual as páginas oficiais das igrejas contêm explicações dos respectivos logotipos (Renders, 2018, p. 27).

Assim como examinado na maioria das igrejas Pentecostais, três centros visuais — a mesa, o púlpito e o palco — podem ser identificados no salão onde ocorrem os cultos do Templo Central da ADPB. O púlpito é posicionado no centro da plataforma, situando-se à frente das cadeiras destinadas aos ministros que participam da celebração do culto. Esse móvel é fabricado em madeira, com detalhes na cor preta. A combinação de materiais e a gravação personalizada da logomarca dessa denominação são facilmente perceptíveis.

A peça central do móvel, elaborada em acrílico branco, exibe a logomarca anteriormente utilizada por essa denominação (sem data), constituída pelas letras “A” e “D” posicionadas sobre um livro aberto (Figura 93). Nesse logotipo analisa-se a combinação desses elementos, a presença simbólica da letra “D” em formato de chama e a letra “A” em forma de peixe, que constituem a marca distintiva associada à Assembleia de Deus, a identidade única dessa denominação, e que tem perdurado ao longo dos anos.

**Figura 93:** Púlpito do Templo Central ADPB. Av. Coelho Lisboa, nº 553, Jaguaribe, João Pessoa, Paraíba (2023).



**Fonte:** autoria própria (2023).

Nesse púlpito, o logótipo da AD e o símbolo da “Bíblia” representam a identidade desta denominação à época. No entanto, o livro aberto — a Bíblia — foi retirado do símbolo atual das ADs como demonstrado nas logomarcas acima. Além de representar um elemento funcional, o púlpito assume uma expressão simbólica do compromisso intrínseco dessa denominação com a proclamação da palavra de Deus.

No Templo Central da Assembleia de Deus, entre os dias 25 e 27 de agosto de 2023, teve lugar a 23ª Conferência Missionária (Figura 94), dedicada às missões transculturais com o objetivo de alcançar todas as nações e levar a palavra de Deus a diversos lugares. A imagem traz a afirmativa de que “o nosso passaporte está carimbado para morarmos no céu de glória e isso que aquece os nossos corações”. Essa declaração ressalta a dimensão espiritual e a promessa de uma morada celestial, constituindo-se como elemento essencial para a crença e conforto espiritual da comunidade representada.

**Figura 94:** 23ª Conferência Missionária no Templo Central da Assembleia de Deus.



**Fonte:** 23ª Conferência Missionária, 2023.

No encerramento da conferência (27/08/23) ocorreu, no evento “Feira das Nações”, uma exposição contendo representações dos elementos simbólicos que versam sobre o “Plano da Salvação”, o tema do “arrebato” e a “Jerusalém Celeste”, introduzidos a partir das faixas etárias Juniores, Pré-adolescente e Juvenil, entre outros. Dentre as representações visuais apresentadas na exposição foram selecionadas três imagens para serem examinadas nesta investigação.

Percorrendo o estande das faixas etárias Júnior e Pré-adolescente observou-se a presença de um jogo de associação imagem-palavra multicolorido (Figura 95) com as representações das mãos, uma faixa, símbolos e palavras. Esse jogo, confeccionado pelos membros dessa igreja, aborda sobre o “Plano da Salvação”, incluindo a temática do “arrebato da igreja”. A proposta do jogo é que o participante faça a correspondência

correta entre imagens que se encontram em uma das mãos com as palavras associadas, dispostas em uma faixa de papel, para preencher a mão vazia.

**Figura 95:** O jogo de associação imagem-palavra.



**Fonte:** autoria própria com base na visita à exposição da 23ª Conferência Missionária (27/08/2023).

No jogo acima, verificou-se que, além dos símbolos do coração, cruz, caixa com presente e Bíblia, há elementos que incorporam a simbologia da Jerusalém Celeste, representada acima das nuvens e na cor amarela, simbolizando a cidade celestial e o ouro de suas ruas. O Livro de Apocalipse descreve esta cidade da seguinte maneira: “O material de sua muralha é jaspe, e a cidade é de ouro puro, semelhante ao vidro límpido” (21,18).

Na imagem, uma luz surge por traz da morada celestial que assim é referenciada em Apocalipse: “Já não haverá noite: ninguém mais precisará da luz da lâmpada, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre eles, e eles reinarão pelos séculos dos séculos” (Ap 22, 5). Nesse jogo, a visualidade transcende não apenas a percepção, mas estende-se igualmente à esfera da interpretação e da atribuição de significados.

Em outro estande, o tema “Transformado por Jesus” possuía um cenário com o título “Cantinho da Transformação”, direcionado às faixas etárias juniores e pré-adolescentes, em que o visitante poderia vestir trajes de outras nações e tirar uma fotografia. Um cartaz multicolorido, preparado pelos membros da igreja, exibe a imagem de uma adolescente, vestindo roupa e calçado sujos. Ao ter sua vida transformada, a adolescente se apresenta com vestimentas e calçados limpos (Figura 96).

**Figura 96:** Cantinho da Transformação.



**Fonte:** autoria própria com base na visita à exposição da 23ª Conferência Missionária (27/08/2023).

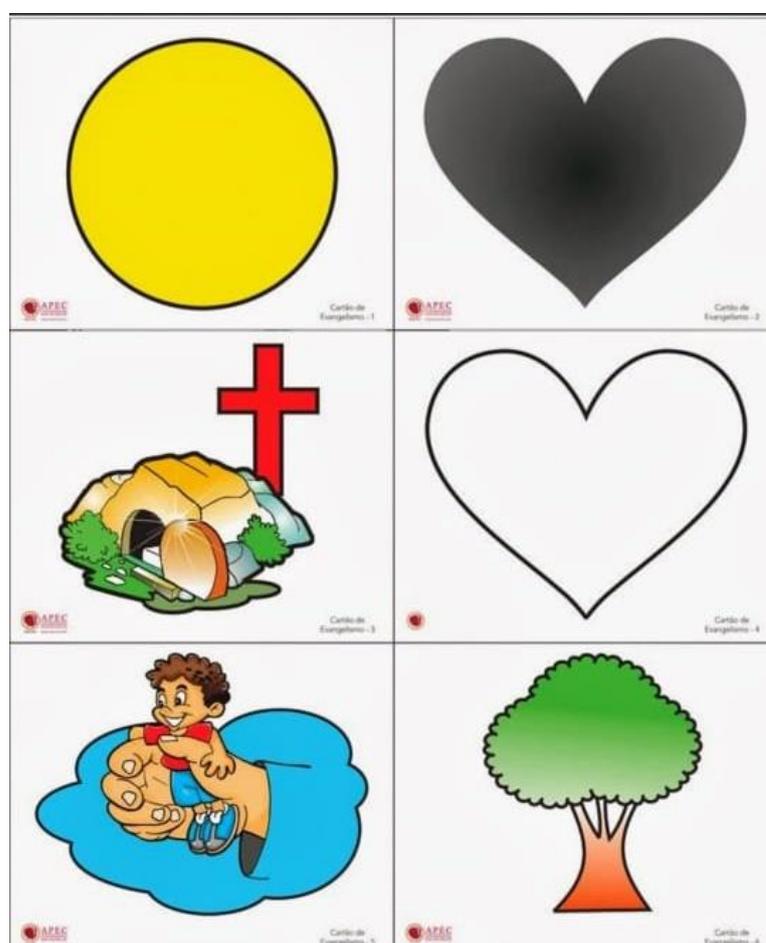
Logo abaixo da imagem, encontra-se uma frase relacionada à transformação: “Existe muita gente que quer se transformar, se transforma em tudo, mas no céu não vai morar”. A fim

de alcançar o céu, é imperativo que o indivíduo se comprometa a passar por um processo transformador. Este cartaz tem a sua fundamentação bíblica no evangelho de 2 Coríntios (2 Cor 5,17): “Se alguém está em Cristo, é nova criatura. Passaram-se as coisas antigas; eis que se fez realidade nova”.

Durante a conferência, a simbologia do “Plano da Salvação” foi explorada nas faixas etárias Juniores e pré-adolescentes, com o uso do Cartão de Evangelismo multicolorido que apresenta as figuras do círculo, coração, cruz, mão, sepulcro e árvore (Figura 97). Cada figura corresponde ao símbolo do referido plano. No primeiro cartão, a representação da Jerusalém Celeste com o círculo, na cor amarelo, faz referência à cidade de ouro.

**Figura 97:** Cartão de Evangelismo

1. Círculo amarelo – o céu – a Jerusalém celeste, a cidade de ouro.
2. O coração escuro – o pecado nos separa de Deus.
3. A Cruz vermelha – Jesus morreu por mim. O túmulo vazio representa a ressurreição de Jesus elevado ao céu e em breve o seu retorno.
4. O coração branco – arrependimento, sem pecado, vitória, ressurreição, pureza/limpeza, céu/divindade.
5. A mão direita de Deus – criança protegida por Ele.
6. Árvore verde – assim como as plantas, devemos buscar o crescimento espiritual, aguardando a vinda de Jesus para o arrebatamento de sua igreja e a morada no céu – a nova Jerusalém, a vida eterna.



**Fonte:** autoria própria com base na visita à exposição da 23ª Conferência Missionária (27/08/2023).

Em seguida, o coração escuro simbolizando o pecado. Símbolo central do Cristianismo, a cruz na cor vermelha configura a redenção e o sacrifício de Cristo para redimir a humanidade. O túmulo vazio simboliza a ressurreição de Cristo e o seu retorno. O símbolo subsequente consiste no coração branco, representando o arrependimento, isento do pecado. E em forma de nuvem na cor azul, a mão direita de Deus protege a criança. Analogamente, ao processo de crescimento das plantas, que há a necessidade de um

desenvolvimento espiritual, com a expectativa da segunda vinda de Jesus para o arrebatamento da sua igreja e a subsequente morada celestial na Nova Jerusalém.

O cartão do Plano da Salvação, representado em quadros, buscou ilustrar de forma visual e simbólica os passos essenciais na jornada espiritual do crente, explorando o significado geralmente associado a cada quadro. Essas representações visuais são comumente utilizadas em contextos religiosos para comunicar os conceitos fundamentais desse plano, proporcionando uma narrativa visual que facilita a compreensão sobre a referida jornada.

Na IEADPB 1º de Maio, localizada na Av. 1º de Maio, nº 239, no bairro de Jaguaribe, em João Pessoa, constata-se que a parede ao fundo do espaço reservado para a imersão batismal (em tanque), durante a celebração do Batismo no Espírito Santo, foi pintada com uma paisagem natural multicolorida (Figuras 98 e 99). Na descrição dos elementos visuais, no primeiro nível, identifica-se um rio de forma serpenteada, cujas margens são contornadas por árvores e vegetação rasteira. Adiante, o céu e as nuvens complementam essa composição.

**Figura 98:** IEADPB 1º de Maio – Igreja Evangélica Assembleia de Deus Paraíba. Av. 1º de Maio, nº 239, Jaguaribe, João Pessoa, Paraíba.



**Fonte:** autoria própria (2023).

**Figura 99:** IEADPB 1º de Maio – Igreja Evangélica ADPB.  
Av. 1º de Maio, nº 239, Jaguaribe, João Pessoa, Paraíba.



**Fonte:** autoria própria (2023).

A obra, criada pelo pintor Antônio Vitorino (sem data), é uma técnica de pintura a óleo sobre parede, apresentando dimensões aproximadas de 3,56 m x 1,80 m. No segundo nível, percebe-se que a paisagem retratada compõe uma visão idealizada da natureza. Os

significados subjacentes acrescentam profundidade à compreensão da mensagem transmitida pela pintura, proporcionando camadas de interpretação que transcendem a mera representação visual dos elementos. A disposição dos elementos no espaço sugere que as nuvens e o céu azul, na tonalidade das águas, tocam as montanhas ao fundo da pintura. A harmonia visual única é proporcionada pelos elementos visuais em tons claros.

No contexto da interpretação iconológica, a concepção do espaço estabelece uma conexão direta com a pintura, que representa o paraíso terrestre. Essa ligação se reintegra ao paraíso celestial, simbolizando a esperança do crente. Nesse sentido, a escolha de representar o paraíso terrestre pode ser interpretada como um reflexo da busca espiritual do crente por uma existência idealizada aqui na terra. A reinterpretção do paraíso celestial, por sua vez, transcende o plano terreno, representando a aspiração do crente por uma realidade divina e eterna. Desse modo, o terceiro nível revela a profunda dimensão espiritual existente na representação do espaço e na conexão entre o paraíso terrestre e celestial.

Nessa igreja, identifica-se que os três centros visuais — a mesa, o púlpito e o palco posicionam-se no salão, onde ocorrem os cultos da IEADPB da 1º de Maio, de forma semelhante ao Templo Central da ADPB. O modelo do púlpito é idêntico ao modelo do Templo Central da ADPB, apresentando o símbolo anterior dessa denominação.

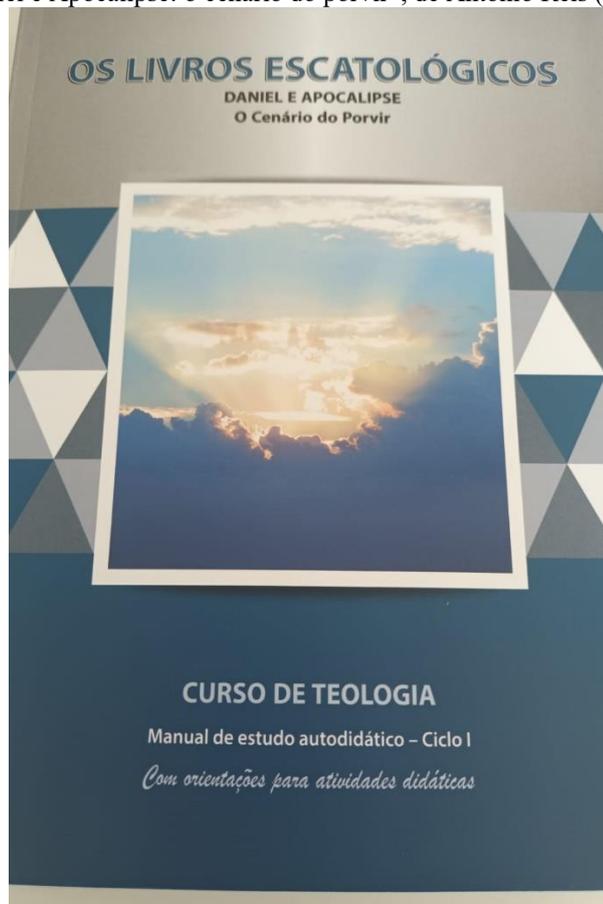
No Curso Básico e Médio de Teologia do Centro de Estudos Teológicos das Assembleias de Deus na Paraíba<sup>56</sup> (CETAD-PB), examina-se a fotografia<sup>57</sup> da capa do Manual de estudo autodidático “Os Livros Escatológicos: Daniel e Apocalipse: o cenário do porvir”, de Antônio Reis (2020). Na representação visual em questão, no primeiro nível, destacam-se os elementos simbólicos o céu e as nuvens que se abrem para revelar um forte clarão (figura 100).

---

<sup>56</sup>R. Nereu de Morais Coelho 182, Cristo Redentor, João Pessoa (PB), CEP: 58071-470.

<sup>57</sup>Fotografia (2018).

**Figura 100:** Capa do Manual de estudo autodidático “Os Livros Escatológicos: Daniel e Apocalipse: o cenário do porvir”, de Antônio Reis (2020).

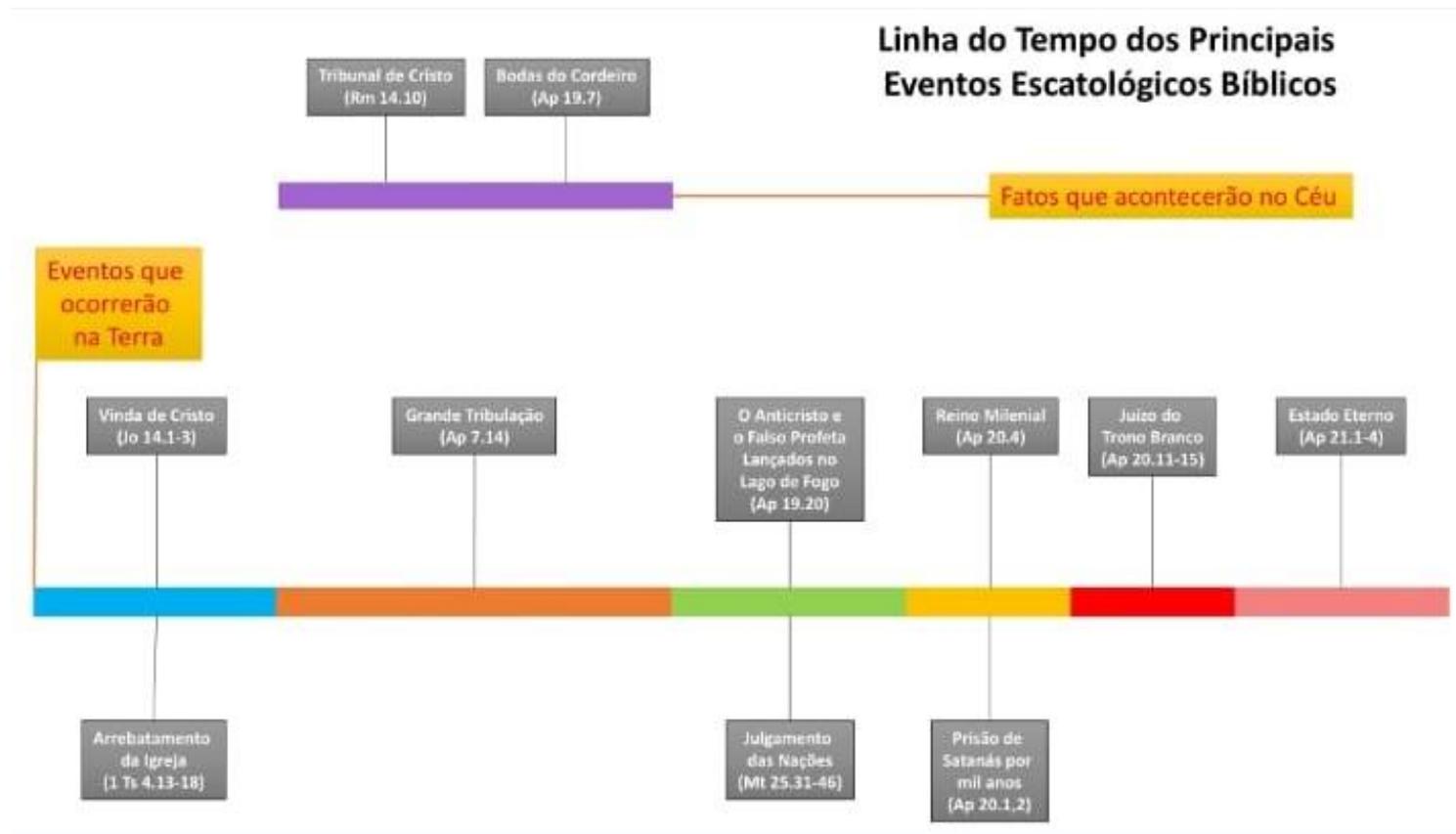


**Fonte:** autoria própria (2020).

Na análise iconográfica da imagem da capa do livro, verificou-se o uso simbólico da cor de ouro, juntamente com o céu e as nuvens, reforçando a dualidade entre o divino, com o efeito marcante de luminosidade, e o terreno. Esses elementos podem ser interpretados como simbologia para evocar significados associados aos “Novos céus e Nova terra”, sugerindo o local da Nova Jerusalém Celeste. Assim como, essa escolha pode indicar a representação visual da divindade, transcendência e espiritualidade direcionada para os temas escatológicos que serão abordados nesse volume. Além disso, na interpretação iconológica, a interrelação desses símbolos proporciona uma conexão direta às narrativas escatológicas presentes nos Livros de Daniel e Apocalipse, relacionados ao fim dos tempos e às profecias.

Em relação aos eventos escatológicos pesquisados, buscou-se um mapa cronológico recente para compreender a visão estruturada da ADPB, sobre esses acontecimentos. O Prof. Edlúcio Hermínio Trindade elaborou uma “Linha do Tempo dos Principais Eventos Escatológicos Bíblicos” (2018), como recurso didático utilizado nas disciplinas que leciona neste Seminário (figura 101).

**Figura 101:** Linha do tempo dos principais eventos Escatológicos Bíblicos – 2018



**Fonte:** Prof. Edlúcio Hermínio Trindade. Centro de Estudos Teológicos das Assembleias de Deus da Paraíba (CETAD-PB), 2018.

Na descrição pré-iconográfica, destaca-se na linha do tempo a representação gráfica multicolorida dividida em “eventos que ocorrerão na terra”, no primeiro plano, e “fatos que acontecerão no céu”, no segundo plano. Na análise iconográfica, verifica-se que a representação gráfica apresenta um registro visual cronológico desses acontecimentos. Além disso, examinou-se o significado e a intenção associados aos elementos visuais, com atenção especial para o uso das cores ao longo desta linha temporal, representando os diferentes períodos em que ocorrerão esses eventos.

Na interpretação iconológica, é relevante examinar que a cronologia dos eventos escatológicos se fundamentou na perspectiva bíblica do Novo Testamento especialmente nos livros de João, Tessalonicenses, Apocalipse, Mateus e Romanos. Os eventos estão divididos em duas categorias: aqueles que ocorrerão na terra e os fatos que acontecerão no céu. Na terra, estão incluídos a vinda de Cristo, o arrebatamento da igreja, a grande tribulação, o anticristo e o falso profeta lançados no lago de fogo, julgamento das nações, reino milenar, prisão de satanás por mil anos, juízo do trono branco e estado eterno. No céu, o tribunal de Cristo e as bodas do Cordeiro.

Convém ressaltar que, além do PDadS, outra representação que oferece uma visão detalhada dos eventos escatológicos é o “Mapa Bíblico Escatológico” (2016), concebido pelo Pr. Célio Carlos Macêdo, da Igreja Batista Memorial de Belo Horizonte (MG). Este mapa, disponível em português, inglês e espanhol (Anexo III), vem sendo estudado no Centro de Estudos Teológicos da Assembleia de Deus da Paraíba (CETAD). A primeira edição deste mapa, elaborada em 1994, foi produzida utilizando a técnica de nanquim. Embora o movimento religioso evangélico seja plural, este trabalho não se detém no referido mapa devido à linha escatológica da Igreja Batista Renovada, que, seguindo a Convenção Batista Nacional (CBN), é pré-milenista parcialista e pré-tribulacionista.

#### **4.4 As representações escatológicas nas Assembleias de Deus**

A escatologia, uma doutrina relacionada às últimas coisas, se manifesta nas crenças e práticas religiosas das ADs, uma denominação Cristã Pentecostal com significativa tradição e presença em comunidades ao redor do mundo. Examinando a produção imagética na comunicação religiosa e a importância cultural atribuída pelos assembleianos a escatologia, a presente investigação, direcionou-se para a seguinte questão central: a escatologia é fundante e identitária para as ADs?

A escatologia tem sido tema de discussões, interpretações e reflexões profundas dentro das ADs, moldando não apenas a perspectiva da comunidade religiosa em relação ao futuro, como também influenciando as interações diárias, as dinâmicas litúrgicas e as convicções fundamentais dos membros. Visando contribuir para uma compreensão mais abrangente da escatologia no cenário religioso contemporâneo, adotou-se a análise iconográfica da cultura visual da ADPB, examinando as simbologias presentes que reforçam a importância na identidade religiosa assembleiana, considerando-se os espaços físicos dentro e nos entornos de dois templos.

Na sequência, o quarto capítulo “As representações escatológicas nas Assembleias de Deus” concentrou-se na análise da construção imagética desse fenômeno, enfatizando uma compreensão mais abrangente do impacto direto dessas imagens, visualização e internalização, na vivência religiosa dos assembleianos. A incorporação das representações visuais da escatologia molda a maneira como o assembleiano percebe e internaliza o seu papel no contexto divino e no plano futuro, contribuindo para a formação e expressão da identidade religiosa das ADs. Defende-se, então, que a escatologia, enquanto objeto da experiência religiosa, é fundante e identitária para as ADs.

#### **4.4.1. Análise discursivo-imagética da cultura visual-material da ADPB**

Nessa seção, o trabalho adotou uma abordagem sistemática, com ênfase nas representações visuais da ADPB, considerando a importância das imagens da escatologia, na construção e na transmissão de significados, para a afirmação da identidade religiosa e cultural das ADs. Ressalta-se que as interpretações teológicas e culturais características das ADs foram expressas nas representações visuais. A partir disso, foi introduzida a “Análise Discursivo-Imagética da Cultura Visual-Material da ADPB”, fundamentando-se no referencial teórico do método iconológico de Panofsky (2007).

A conexão entre arte e religião é estabelecida por uma linguagem comum, uma forma de comunicação visual, construída pelo uso de símbolos, imagens e narrativas que são compartilhados tanto na produção artística, quanto na prática religiosa. Ao examinar a cultura visual-material da ADPB, buscando contextualizá-la, verificou-se que são distintas as situações em que se deram essas construções, parte da dinâmica dessa crença religiosa.

Nos diversos contextos artísticos, os símbolos religiosos foram reinterpretados e incorporados, influenciando os significados atribuídos à imagem. Durante o desenvolvimento deste trabalho, foram identificados padrões recorrentes de símbolos, desde as representações

visuais de apropriações estrangeiras até a metamorfose “glocal” brasileira.

É importante sublinhar a interconexão entre a arte funerária encontrada nas catacumbas romanas e a linguagem visual greco-romana, pois essa relação não apenas evidencia a adaptação e a incorporação de símbolos e motivos antigos, mas também exemplifica a maneira pela qual a tradição religiosa cristã dialogava com a herança cultural e artística do mundo romano.

Diante disso, investigou-se como o legado iconográfico da Arte Paleocristã, as influências da tradição pagã da antiguidade e os preceitos cristãos emergentes estabeleceram uma relação significativa com a iconografia Pentecostal contemporânea, demonstrando uma continuidade e evolução das representações visuais na tradição Cristã.

A representação simbólica do “Bom Pastor” da arte cristã primitiva, da iconografia do Século III-IV, presente nas catacumbas de Roma, inicialmente vinculada às atividades do pastoreio, foi objeto de reinterpretação significativa, por parte dos primeiros cristãos. Nessa circunstância, concebido como o símbolo central, o Bom Pastor assumiu o papel de protetor tanto do rebanho quanto dos pastores.

Na construção do imaginário Protestante no Brasil, a iconografia presente no cartaz “Os Dois Caminhos” (1932) disseminou e consolidou a visualização da imagem do caminho estreito, a salvação, e do caminho largo, que simboliza a perdição, influenciando a percepção religiosa e estética do Protestantismo. Ao término do percurso pelo caminho estreito, verifica-se a representação visual da Jerusalém Celeste, intrinsecamente associada ao arrebatamento, enquanto o caminho oposto é simbolizado pelo fogo eterno, acompanhado do elemento medieval da balança. Além, da representação visual de Cristo crucificado.

Ao examinar “O Plano Divino através dos Séculos” – PDadS (1943) observa-se as representações de Enoque e de Elias (na carruagem de fogo) trasladados (ou arrebatados) aos céus, da cosmologia religiosa cristã, dentro do contexto histórico e cultural em que esse Cartaz Dispensacionalista foi produzido. Compreende-se que a representação do arrebatamento, por meio de imagens, desempenha um papel expressivo e distintivo para a assimilação dos elementos associados a esse fenômeno.

No PDadS, Cristo é representado, por quatro vezes, trajando uma túnica azul com o manto vermelho. Em uma dessas imagens, está presente a representação do Bom Pastor. No “Sacerdócio de Cristo”, ele aparece apenas com a túnica azul e, sobre a cabeça, uma coroa de ouro. No entanto, o trono de Deus encontra-se vazio, numa demonstração de que, naquele contexto, não seria permitido à representação da imagem de Deus.

Afere Gorman (2022, p. 37) que “na literatura Apocalíptica, tanto Judaica, como

cristã, essa forma de pensar sobre Deus e o embate cósmico-histórico-ético no qual nos encontramos é comumente descrita com uma linguagem altamente simbólica e imagens vividas, embora Apocalipse se destaque dentre os demais textos pela exuberância de seu material visual”.

A apocalíptica representa um gênero literário que apresenta características poéticas, pictóricas e simbólicas. A esse respeito Reddish (2001) tece as seguintes considerações:

Apocalipse utiliza visões, símbolos e mitos ancestrais para transmitir sua mensagem. A linguagem do livro é principalmente pictórica e simbólica. Não é uma linguagem científica ou lógica. É uma linguagem, mais exatamente, sugestiva, poderosa e emotiva, por vezes mais semelhante à poesia que à prosa. Como a linguagem da poesia, a linguagem de Apocalipse é às vezes misteriosa e evasiva, instigando o leitor a fazer conexões e haver possibilidades que ninguém nunca fez ou viu antes. A linguagem de Apocalipse “funciona”, mas não por comunicar informações, e sim ao ajudar o leitor a experimentar o que João sentiu (Reddish, 2001, p. 29).

Examina-se que no simbolismo presente no Livro de Apocalipse destacam-se determinados animais, cores, números e entidades. Enfatiza Gorman (2022, p. 37-38) que “as cores funcionam mais como imagens do que como adjetivos, e os números são mais como adjetivos do que números”. O autor (2022) elaborou um quadro de valores frequentemente atribuídos por estudiosos às cores, branco, vermelho, púrpura, preto, verde (pálido) amarelado e ouro, como também aos números específicos do Apocalipse. Ao analisar esta tabela, realizou-se um recorte das principais informações sobre as cores que serão utilizadas no desenvolvimento e na sustentação desse estudo (Quadro 6).

**Quadro 6:** Simbolismo de cores em Apocalipse.

<b>COR</b>	<b>SUPOSTO SIGNIFICADO SIMBÓLICO</b>
Branco	Vitória, ressurreição, pureza/limpeza, céu/divindade.
Vermelho	Sangue, força violenta.
Púrpura, escarlata (semelhante ao vermelho)	Decadência, império e perversidade imperial.
Preto	Morte, desastre.
Verde (pálido) “amarelado”	Morte.
Ouro	Riqueza, incorruptível, beleza, realeza, divindade verdadeira ou falsa.

**Fonte:** autoria própria com base na fonte consultada (2023).

Após a análise das imagens selecionadas que representam a Escatologia, infere-se que essas representações ultrapassam as ilustrações, integrando elementos visuais, especialmente,

voltados para enfatizar a ascensão dos crentes em direção ao céu. Os dispositivos visuais empregados na organização das representações analisadas incluem a escolha cromática, a composição, a simbologia, a disposição espacial, a forma, o plano, a textura, o ponto, a linha e os pormenores da paisagem, assim como outros elementos, utilizados para transmitir a complexidade desse evento escatológico.

No contexto cultural específico da ADPB, durante a descrição pré-iconográfica e a análise iconográfica foram examinadas as cores encontradas nas representações visuais desse evento. Desse modo, elaborou-se um quadro para analisar os significados simbólicos das cores encontradas nas imagens selecionadas. Para além das propriedades estéticas, passaram por análise o significado simbólico atribuídos a cada cor, amarelo e ouro, preto, vermelho, branco, verde e azul, e o significado cultural, contribuindo para a interpretação da narrativa desse evento escatológico (Quadro 7).

A escolha cromática presente nas imagens não apenas reflete a estética visual, mas também trás uma carga simbólica dessa denominação, colaborando para a representação desse fenômeno, nas expressões artísticas e iconográficas. A consistência observada nas cores reforça a interpretação simbólica e a conexão com o evento religioso pesquisado, “a cultura de fim de mundo, o apocalipsismo pentecostal e o arrebatamento”. A escolha de determinadas cores pode transmitir significados simbólicos em relação ao significado cultural, enquanto a composição intervém na narrativa visual.

**Quadro 7:** Escatologia: cores e significados.

<b>COR</b>	<b>SIGNIFICADO SÍMBÓLICO</b>	<b>SIGNIFICADO CULTURAL</b>
Amarelo e ouro	Céu, a Jerusalém Celeste, a cidade de ouro, divindade, realeza.	Evento escatológico
Preto	Pecado.	Evento escatológico
Vermelho	Morte, sacrifício, paixão.	Evento escatológico
Branco	Sem pecado, pureza/limpeza, arrependimento, vitória, santidade, ressurreição, céu/divindade.	Evento escatológico
Verde	Crescimento espiritual, renovação, esperança.	Evento escatológico
Azul	Trancedência, divindade, céu.	Evento escatológico

**Fonte:** autoria própria com base na fonte consultada (2023).

Com o mesmo número de cores, os significados simbólicos dos Quadros 6 e 7 são semelhantes, apresentando alguma variedade, como a cor verde em que no Quadro 6 possui o

significado simbólico de morte e no Quadro 7 de crescimento espiritual, renovação e esperança. Em relação à cor amarela ou ouro, os significados simbólicos, dos Quadros 6 e 7 são semelhantes divindade e riqueza, entre outros. Desse modo, as imagens escolhidas e interpretadas, transcendem seu valor estético, transformando-se em instrumentos de expressão e de consolidação dos valores e crenças compartilhadas pelos assembleianos.

A iconografia desses eventos, conectada às crenças escatológicas das Assembleias de Deus na Paraíba, incorpora simbolismos celestiais, intrínseco a essa narrativa, como arcanjo, trombeta, nuvem, luz e raio, entre outros. Esses elementos visuais referentes aos simbolismos celestiais, combinados entre si, convertem-se em veículos de expressão artística, proporcionando uma representação simbolicamente rica desse evento.

A representação do arcanjo está sempre conectada nas imagens à figura do mensageiro, aquele que precede a vinda de Cristo, anunciando “a boa nova”. A simbologia do arcanjo que faz parte da escatologia apocalíptica, assim é descrita “Quando o senhor, ao sinal dado, à voz do arcanjo e ao som da trombeta divina, descer do céu, então os mortos em Cristo ressuscitaram primeiro [...] (1Ts, 4, 16)” [Bíblia, 2016].

Na imagem previamente analisada, “*Der Breite Und Der Schmale Weg*” (1862), a representação visual da Jerusalém Celeste apresenta arcanjos tocando as trombetas, com veste e asa brancas, apesar das semelhanças identificadas, percebe-se que ocorreram mudanças significativas na cultura visual evangélica brasileira, defendida por Renders (2018, p. 12). Assim, ao analisar a iconografia do arcanjo, pode-se afirmar que ocorreu o “abrasileiramento” (1950-1988), seguido da metamorfização “glocal” (1988), da cultura visual evangélica brasileira (Figura 102 e 103).

**Figura 102:** A Jerusalém Celeste. Der Breite Und Der Schmale Weg (1862).



Fonte: Museu Britânico, Londres, Reino Unido, 2023.

**Figura 103:** A Jerusalém Celeste. Os Dois Caminhos (1932).



Fonte: Casa Editora Presbiteriana (São Paulo) – sob o domínio público.

A presença consistente e proeminente da Escatologia, seja nas paisagens ou em outros elementos visuais, indica que esse fenômeno desempenha um papel fulcral para a cosmovisão e práticas religiosas dessa denominação, consolidando-se como elemento basilar na construção da identidade religiosa e cultural da ADPB. Verifica-se que, além de sua manifestação artística, a iconografia desses eventos constitui uma linguagem visual que comunica interpretações teológicas e culturais específicas da esfera das ADs.

Ao analisar as imagens, durante a interpretação iconológica, observa-se que as representações visuais não só transmitem os conceitos escatológicos, mas também reúnem elementos simbólicos unificadores, fortalecendo a identidade coletiva dos assembleianos e a sua Declaração de Fé, na Convenção de Ministros da Assembleia de Deus no Estado da Paraíba – COMADEP (2021). Cabe lembrar que o arrebatamento da Igreja antes da Grande Tribulação é enfatizado no “Cremos” (CPAD, 2017, p. 08-15).

Essas representações contribuem para um modelo de narrativa compartilhada que reforça os valores e crenças dessa denominação religiosa, ao mesmo tempo em que fortalece, entre os seus membros, o sentido de pertencimento a essa comunidade religiosa. Assim, na interpretação iconológica, fica demonstrada a profundidade simbólica presente nas representações visuais da escatologia e da sua importância para a construção e manutenção da identidade religiosa dos assembleianos.

Por meio da ênfase dada à Escatologia Pentecostal, os assembleianos não apenas reafirmam a adesão aos princípios doutrinários fundamentais, mas também reforçam os laços de identificação e pertencimento dentro da comunidade, proporcionando um ponto de referência comum para a experiência espiritual e a compreensão do mundo divino. Desse modo, a Escatologia se torna um aspecto integral da identidade coletiva da ADPB, moldando suas percepções, valores e práticas religiosas de maneira profunda.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Transcendendo ao paradigma convencional dos eventos escatológicos, a Escatologia Pentecostal não se limita a uma mera expressão de crença, mas representa uma manifestação profundamente enraizada no pensamento cristão pentecostal das Assembleias de Deus. A pesquisa realizada “Pentecostalismo e Escatologia: Um estudo da cultura visual na Assembleia de Deus em João Pessoa” proporcionou uma análise das manifestações visuais para o entendimento sobre a dinâmica desse fenômeno que molda a experiência cultural e religiosa dos membros da ADPB. Um trabalho voltado para a análise da cultura visual nas ADPB, visando demonstrar que a produção imagética nas ADs assume papel relevante para a consolidação da escatologia entre os assembleianos. Defende-se, portanto, que a escatologia, enquanto objeto da experiência religiosa, é fundante e identitária para as ADs.

Na contemporaneidade, o Brasil está passando por uma transição religiosa marcada pela diversificação e pluralidade de crenças e espiritualidades, contrastando com sua identidade histórica como um país reconhecidamente católico. Apesar de a maioria dos brasileiros se autodeclarar da denominação Católica Apostólica Romana (50%), é possível observar o crescimento do trânsito religioso, da “dupla” ou “múltipla pertença religiosa”, e dos Sem Religião (Datafolha, 2020).

Ademais, demonstrou-se que as ADs representam a maior expressão do Pentecostalismo no Brasil, tanto em termos de números de autodeclarados quanto de templos, especialmente, nas últimas décadas. Essa explosão no número de autodeclarados sinaliza para a importância e impacto do Evangelicalismo, especialmente, do Pentecostalismo e da Assembleia de Deus, na sociedade brasileira. Além disso, esta investigação teve como finalidade aprofundar esse aspecto sociocultural, buscando traçar o perfil das ADs, com o intuito de possibilitar inferências mais precisas sobre essa denominação.

Uma característica marcante dessa denominação reside em sua composição demográfica. A maioria dos evangélicos brasileiros pertence a famílias com renda mensal de até 2 salários-mínimos. Entre os membros dessa denominação, a presença majoritária de mulheres, pardas e negras, não só reflete as dinâmicas de exclusão social, mas também destaca a importância da religião como um espaço de resistência. Desse modo, conhecer sobre as denominações evangélicas brasileiras se torna essencial para os interessados nas complexas dinâmicas socioeconômicas e políticas que permeiam a realidade do país. Convém mencionar que a primeira igreja da Assembleia de Deus na Paraíba foi construída no Sítio Vertente, na zona rural de Alagoa Grande, na Paraíba.

Com o propósito de investigar a cultura visual pentecostal da ADPB em relação à produção imagética da escatologia, adotou-se uma abordagem interdisciplinar na área das Ciências da Religião, partindo da análise das representações visuais sob a perspectiva histórico-cultural, na inter-relação entre imagem, cultura e religião. Assim sendo, tornou-se indispensável adotar uma abordagem interpretativa das imagens para obter uma compreensão do discurso distinto, levando em consideração suas características únicas como um texto não verbal. A análise dessas imagens possibilitou acessar as camadas mais profundas de significados culturais e religiosos subjacentes, proporcionando uma compreensão do universo simbólico das ADs.

Tendo em vista o objeto de estudo desta pesquisa, utilizou-se o modelo iconológico de Panofsky (1960), como um dos suportes teóricos para o estudo da cultura visual, tanto dos elementos visuais como dos aspectos culturais e históricos das imagens. Levando em conta a fundamentação dessa pesquisa, o referencial teórico não somente integrou os subsídios necessários à investigação proposta, como se constituiu em um componente relevante na organização sistêmica desse trabalho.

Ao realizar uma análise das imagens relacionadas à Escatologia Pentecostal, produzidas e disseminadas pela comunidade assembleiana, em João Pessoa (PB), depreende-se que a presença consistente e proeminente desse evento nas representações visuais indica que esse fenômeno desempenha um papel fulcral para a cosmovisão e práticas religiosas dessa denominação. Desse modo, a Escatologia Pentecostal está consolidada como elemento basilar da identidade religiosa e cultural da ADPB.

Ao investigar as representações visuais da Escatologia Pentecostal, é imperativo considerar a diversidade de interpretações e estilos artísticos que evoluíram ao longo do tempo histórico. Durante o período da metamorfização “glocal” brasileira (1988), símbolos globais e locais foram sendo incorporados, compondo um modelo de referência que reflete a interação entre influências externas e aspectos culturais próprios. Esse processo delineou a identidade e as características das ADs no país.

O “Cremos”, a Declaração de Fé da Assembleia de Deus no Brasil, desempenha um papel fundamental na estruturação e na manifestação da Fé dentro da comunidade assembleiana. Ao estabelecer os princípios doutrinários fundamentais, essa declaração não apenas consolida a identidade teológica da denominação, mas também orienta a prática religiosa dos seus membros. A presença explícita do arrebatamento e do juízo final, nos itens 13 e 15 do “Cremos”, reflete a importância atribuída à escatologia assembleiana. Esses pontos não são apenas conceitos abstratos, mas sim crenças que moldam a vida espiritual e prática

dos membros assembleianos, influenciando sua compreensão da história humana e do destino da humanidade.

Através da Declaração de Fé, a Assembleia de Deus reafirma a sua adesão às doutrinas essenciais do Cristianismo, enquanto também se posiciona diante dos desafios e interpretações contemporâneas, mantendo uma visão sólida ortodoxa sobre questões escatológicas. Assim, o “Cremos” não apenas declara uma formulação lógica de doutrina, como também serve como um guia espiritual que orienta a vida e a fé de seus adeptos, disseminando os eventos escatológicos, do arrebatamento e do juízo final, como elementos fundamentais da esperança cristã e da visão de mundo assembleiana.

Nas representações visuais analisadas, os simbolismos celestiais estão intrinsecamente associados aos eventos referentes ao final dos tempos. Cabe ressaltar que a voz, a trombeta, o céu e as nuvens são traços específicos da escatologia apocalíptica, apresentando-se como veículos de comunicação entre o divino e o humano. Nas manifestações entre Deus e o povo, o som da trombeta soa de forma sobrenatural. No arrebatamento, dois símbolos celestiais se fazem presentes: a vinda de Cristo (1Ts 4,16) será anunciada pela “voz do arcanjo e ao som da trombeta” (Bíblia, 2016). A iconografia associada ao arcanjo como mensageiro da divindade é um símbolo que conecta a esfera celestial à humana.

Expressão visual rica em simbolismos e significados, o arcanjo é representado nas imagens selecionadas de “O pesador de Almas”, da arte medieval e de mensageiro da divindade. O arcanjo desempenha o papel de líder celestial dos exércitos, uma figura guerreira, de espada em punho, na luta do bem contra o mal, defendendo a justiça divina. Na maioria das representações visuais examinadas, o arcanjo é representado com aura, asas e vestes brancas, incorporando o divino e mantendo um elo com a humanidade.

Dentro desse sistema teológico, o arrebatamento desempenha um papel central na compreensão da Escatologia Pentecostal, influenciando as visões sobre o fim dos tempos. A crença no arrebatamento da Igreja é considerada um componente essencial dentro do arcabouço teológico do dispensacionalismo pré-milenista escatológico. No âmbito da abordagem teológica, o arrebatamento é concebido como um evento distintivo que precede a tribulação, marcando o momento em que os crentes serão arrebatados da terra para se encontrar com Cristo nos céus.

A Jerusalém Celeste e as representações visuais nas imagens analisadas direcionam a uma cidade celestial, descrita no Livro de Apocalipse, concebida como símbolo da união entre o divino e o terreno, da esperança e da vida eterna para os crentes, sendo um lugar de paz e harmonia, a morada de Deus e do seu povo. O conceito simbólico da cidade celestial se traduz

nas ruas de ouro e nas muralhas douradas, associado aos elementos simbólicos, anjos, cordeiros e árvores da vida, entre outros.

A Linha do Tempo, dos principais eventos Escatológicos Bíblicos, elaborada pelo Prof. Edlúcio Hermínio Trindade (2018), do Centro de Estudos Teológicos das Assembleias de Deus na Paraíba, 2018, versa sobre os fenômenos relacionados “aqueles que ocorrerão na terra”, destacando o evento do arrebatamento. Cada um desses eventos citados desempenha um papel fundamental na escatologia cristã, visando o destino final da humanidade.

Os resultados desta pesquisa indicam que a Escatologia transcende os limites de um fenômeno religioso específico, manifestando-se como uma expressão cultural significativa entre os assembleianos para a construção da identidade dessa denominação, dentro do contexto da cultura pentecostal, em João Pessoa (PB). Portanto, é possível inferir que o discurso imagético, associado a essa tradição, é multifacetado, apresentando uma gama diversificada de modalidades e de interpretações.

As representações visuais examinadas das ADs refletem, comunicam e reafirmam os valores e mensagens, contribuindo para a construção da identidade dos assembleianos. Desse modo, essas imagens são utilizadas para anunciar e reforçar a escatologia, firmando-se no pensamento cristão Pentecostal das Assembleias de Deus da Paraíba. Portanto, conclui-se que, o resultado da análise interpretativa do conjunto da produção imagética relacionada aos fenômenos escatológicos corrobora a suposição de tese de que a Escatologia Pentecostal é fundante e identitária para as ADs, embora tal relação permaneça aberta a novos questionamentos e interpretações.

Neste contexto, o estudo revela que os dispositivos imagéticos desempenham um papel central na estratégia evangelizadora dos pentecostais, particularmente nas ADs, configurando uma cultura visual distinta. O corpus imagético utilizado é, em sua maioria, de origem estrangeira, sendo importado e submetido a um processo de adaptação para atender aos interesses do projeto evangelizador pentecostal. Observa-se que o imaginário escatológico predomina nesses dispositivos visuais, e, quando analisados iconologicamente, ressaltam a relação entre as prioridades das lideranças pentecostais e os contextos sócio-históricos da formação social brasileira.

Ficou evidenciado que as representações visuais da escatologia das ADs não se limitam a meras ilustrações de crenças religiosas, mas atuam como elementos simbólicos que desempenham um papel central na construção e afirmação da identidade dessa denominação. Esses elementos visuais transcendem o papel de simples reflexo das convicções teológicas. Além disso, funcionam como veículos para transmitir esperanças e valores compartilhados,

reforçando simbolicamente as expectativas escatológicas, ao mesmo tempo em que fortalecem o senso de pertencimento, unidade e propósito dessa denominação.

Dessa forma, o estudo revela que os dispositivos imagéticos desempenham um papel fundamental na estratégia evangelizadora dos pentecostais, especialmente nas Assembleias de Deus, configurando uma cultura visual distinta. O corpus imagético utilizado, em sua maioria, não é de produção nacional, mas importado, passando, assim, por um processo de recepção conforme os interesses do projeto evangelizador pentecostal. O imaginário escatológico é preponderante nesses dispositivos visuais e, lidos iconologicamente, destacam a relação entre as prioridades das lideranças pentecostais e os contextos sócio-históricos da formação social brasileira.

Este trabalho não esgotou todas as possíveis abordagens sobre a Escatologia Pentecostal e a expressão identitária dos assembleianos. Há espaço para pesquisas futuras que aprofundem aspectos específicos ou explorem outras dimensões desse fenômeno. Considerando as delimitações impostas pelas dimensões teóricas e analíticas abordadas nesta pesquisa, é importante ressaltar que as trajetórias delineadas não se encontram exauridas. Ao contrário, abrem espaço para a exploração de novas perspectivas, que podem se configurar como áreas de investigação futura.

## REFERÊNCIAS

### Fonte primária:

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**: Antigo e Novo Testamento. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. École Biblique de Jerusalém, 11ª edição. São Paulo: Paulus, 2016.

### Fontes secundárias:

A Carta de Raimundo Nobre. **Revista Meditação**: e na sua lei medita de dia e de noite. Casa Publicadora Brasileira – CPB, 2017. Disponível em: [http://amplo.org/meditacao2017/30-ago\\_a-carta-de-raymundo-nobre.html](http://amplo.org/meditacao2017/30-ago_a-carta-de-raymundo-nobre.html). Acesso em: 0/02/2023.

ALENCAR, G. **Protestantismo Tupiniquim**: hipóteses da (não) contribuição evangélica à cultura brasileira. São Paulo: Arte Editorial, 2007.

ALMEIDA, R; MONTEIRO, P. Trânsito religioso no Brasil. **São Paulo em Perspectiva**, n. 15, v. 3, p. 93, 2001.

ALVES, C. PB é o terceiro lugar do país em número de Católicos, com Três milhões. **Jornal da Paraíba**. João Pessoa, 24 de agosto de 2011. Disponível em: [https://jornaldaparaiba.com.br/noticias/vida\\_urbana/2011/08/24/pb-e-terceiro-lugar-do-pais-em-numero-de-catolicos-com-tres-milhoes](https://jornaldaparaiba.com.br/noticias/vida_urbana/2011/08/24/pb-e-terceiro-lugar-do-pais-em-numero-de-catolicos-com-tres-milhoes). Acesso em: 03/11/2022.

ALVES, J.E.D. A aceleração da transição religiosa no Brasil: 1872-2032. **EcoDebate**: Índice da edição nº 3.916, 2022. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2022/10/12/a-aceleracao-da-transicao-religiosa-no-brasil-1872-2032-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>. Acesso em: 06/07/2022.

ALVES, N.S. *et al.* O arrebatamento da igreja: uma análise do pré-tribulacionismo defendido pela Igreja Assembleia de Deus. **TEAR ONLINE**, v. 7, n. 2, p. 147-155, 2019.

ANDERSON, A.H. **Uma Introdução ao Pentecostalismo**: cristianismo carismático mundial. Tradução: Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Edições Loyola, 2019.

ANDRADE, C.C.A. Vem o fim, o fim vem: A doutrina das últimas coisas. **Lições Bíblicas CPAD Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro: CPAD, 2004. Disponível em: [https://www.estudantesdabiblia.com.br/licoes\\_cpad/2004/2004-04-04.htm](https://www.estudantesdabiblia.com.br/licoes_cpad/2004/2004-04-04.htm). Acesso em: 20/10/2023.

BERGER, P.L. **Os múltiplos altares da modernidade rumo a um paradigma da religião numa época pluralista**. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BRASIL, Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil. Promulgada em 24 de fevereiro de 1891. Diário Oficial da União. Rio de Janeiro, 24 fev. 1891. Disponível em: [http://www.planalto.Gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Contituicao91.htm](http://www.planalto.Gov.br/ccivil_03/Constituicao/Contituicao91.htm). Acesso em: 20/10/2020.

BRAZIL, T. Jesus Cristo: Filho do Homem, Filho de Deus. **Revista Lições Bíblicas CPAD Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro: CPAD, 2020. Disponível em: <https://www.estudantesdabiblia.com.br/cpad-sumario-jovens-2020.htm>. Acesso em: 10/12/2023.

BRAZIL, T. A Igreja do Arrebatamento: O Padrão dos Tessalonicenses para Estes Últimos Dias. **Revista Lições Bíblicas CPAD Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro: CPAD, 2018. Disponível em: [HTTPS://www.estudantesdabiblia.com.br/licoes\\_cpad/2018/lbj-2018-02-07.htm](HTTPS://www.estudantesdabiblia.com.br/licoes_cpad/2018/lbj-2018-02-07.htm). Acesso em: 10/12/2023.

BURKE, P. **O que é história Cultural?** Tradução de Sérgio Góes de Paula, 2ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BURKE, P. **Cultura popular na idade moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BURKE, P. **Visto y no visto: el uso de la imagen como testimonio historico**. Barcelona: Editorial Crítica, 2001.

BURKE, P. **Cultura Popular na Idade Moderna**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia de Letras, 1989.

CABRAL, E. Movimento Pentecostal: As doutrinas da nossa fé. Rio de Janeiro, CPAD, 2011. **Lições Bíblicas CPAD Jovens e Adultos**. Disponível em: [https://www.estudantesdabiblia.com.br/licoes\\_cpad/2011/2011-02-02.htm](https://www.estudantesdabiblia.com.br/licoes_cpad/2011/2011-02-02.htm). Acesso em: 20/ 10/ 2023.

CÂMARA DOS DEPUTADOS DA PARAÍBA – DESTAQ. Homenagem a ADPB. Sessão: 067.4.55.0. Orador: Rômulo Gouveia (PSD-PB), 2018. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/> Acesso em: Acesso em: 12/ 10/ 2020.

CAMPOS, D.Q. O Atlas Mnemosyne e o Painel Semântico. A História da Arte em diálogo com a pesquisa visual em Design. **Convergências – Revista de Investigação e Ensino das Artes**, vol. 13, nº 25, 2020.

CAMPOS, D.Q. **Um pensamento montado: Aby Warburg entre uma biblioteca e um atlas. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**, v. 13, nº 2, 2016.

CAMPOS, L.S. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. **Revista USP**, n. 67, p. 100-115, 2005.

CAMPOS, L.S. A Igreja universal do reino de Deus, um empreendimento religioso atual e seus modos de expansão (Brasil, África e Europa). **Lusotopie**, nº 6, p. 355-367.

CAMPOS, L.S. Os “Dois Caminhos”: Observações sobre uma gravura protestante. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, p. 339-381, 2014.

**CONVENÇÃO GERAL DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL**. Declaração de Fé: Jesus salva, cura, batiza, no Espírito Santo e breve voltará. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2017. Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/0B7ziz9lm-FpxQTRzR2lxVVNiV1E/preview?pli=1&resourcekey=0-pmCLHIEiQDI9Cmkxhqqagc>. Acesso em: 14 mar. 2022.

CARDOSO, M.A. Os cem olhos do pavão. **Medievalista. Online**, n. 29, p. 243-275, 2021.

CEDILHO, R.M.B; SOUSA, A.P.B. **Arte Paleocristã**: espelho da visão de mundo dos primeiros cristãos. SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia*, n. 17, 2013.

ZAMORA CHACARTEGUI, Ane. *Ante la imagen y ante el tiempo: Aby Warburg en la visión de G. Didi-Huberman*. 2014.

CHAMPLIN, R.N. **Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia**, v.3, 8. Ed, p. 231-232. São Paulo: Hagnos, 2006.

CINTRA, J.P. **Uma leitura de mapas à luz do método iconológico**. III Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica. Escola Politécnica da USP, 2011. Disponível em: [https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio2016/pdf/34JorgeCintra\\_SBCH.pdf](https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio2016/pdf/34JorgeCintra_SBCH.pdf). Acesso em: 06/04/2020.

COMADEP. Convenção de Ministros da Assembleia de Deus no Estado da Paraíba, 2021. <https://comadep.com>. Acesso em: 10/11/2023.

CONDE, E. *História das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Evangélica LTDA, 1960. Disponível em: <https://archive.org/details/historiadasassem00cond/page/146/mode/2up?View=theater>. Acesso: 27/03/2022.

CONTRERA, M.S. A imagem simbólica na contemporaneidade. **Intexto**, p. 456-466, 2015.

COSTA, R.R; CORAZZA, D; TOSTES, A. *Fundamentalismo e Imperialismo na América Latina: Ações e Resistências*. Instituto Tricontinental de Pesquisa Social. Dossiê n. 59, p. 12, 2022.

CPAD. *Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil* Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Declaração de Fé, p. 08-15. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

DA VINCI, L. *Anotações de Da Vinci por ele mesmo*. São Paulo: Madras, 2004. Trad. Marcos Malvezi. Disponível em: [http://www.artes.uff.br/dissertacoes/2009\\_flavia\\_simonini.pdf](http://www.artes.uff.br/dissertacoes/2009_flavia_simonini.pdf). Acesso em: 06/10/2021.

DATAFOLHA. *Perfil e opinião dos Evangélicos no Brasil – total da amostra PO813906, 07 e 08/12/2016*. Instituto de Pesquisa Datafolha, Opinião Pública, dossiês. São Paulo: Datafolha, 2016. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2016/12/1845231-44-dos-evangelicos-sao-ex-catolicos.shtml>. Acesso: 27/03/2022.

DIDI-HUBERMAN, G. **A imagem sobrevivente**: História da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

DURKHEIM, É. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ERICKSON, M. J. **Escatologia**: a polêmica em torno do milênio. Tradução Gordon Chown e Márcia Pekkala Barrios Medeiros. São Paulo: Vida Nova, 2010.

ESTEBAN, M.P.S. **Pesquisa qualitativa em Educação**: fundamentos e tradições; trad. Miguel Cabrera. Porto Alegre: AMGH, 2010.

EUGÊNIO, A. **As muitas faces de um gênio**: vida, tempo e obra de Leonardo da Vinci. Alfenas MG: Editora Universidade Federal de Alfenas, 2021.

EUSÉBIO, M.F. A apropriação cristã da iconografia greco-latina: o tema do Bom Pastor. **Máthesis**, n. 14, p. 9-28, 2005.

FERNANDES, C.S. **Aby Warburg Entre a Arte Florentina do Retrato e um Retrato De Florença Na Época De Lorenzo De Medici**. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 41, p. 131-165, 2004. Editora UFPR.

FERNANDES, C.S. Aby Warburg: a astrologia como instrumento de orientação do homem no cosmos. **Concinnitas**. V.20, n. 36, 2019.

FERREIRA, I.V. A Parusia e a Valorização do Tempo Futuro no Pentecostalismo. **Paralellus**, v. 7, n. 15, p. 323-39, 2016,

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha [2020]. Cara típica do Evangélico Brasileiro é Feminina e Negra. **Instituto de Pesquisa Datafolha, Opinião Pública**, dossiês. São Paulo: Datafolha, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/cara-tipica-do-evangelico-brasileiro-e-feminina-e-negra-aponta-datafolha.shtml>. Acesso em: 26/03/2022.

FONSECA, A.D. Informação, política e fé: o jornal Mensageiro da Paz no contexto de redemocratização do Brasil (1980-1990). **Revista Brasileira de História**, v. 34, nº 68, p. 279-302, 2014.

FRESTON, P. Breve História do Pentecostalismo. In: ANTONIAZZI, Alberto et alii. **Nem anjos nem demônios**; interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994.

GABY, W. Até os confins da Terra: Pregando o Evangelho a todos os povos até a volta de Cristo. **Revista Lições Bíblicas CPAD Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro: CPAD, 2023. Disponível em: [https://www.estudantesdabiblia.com.br/licoes\\_cpad/2023/2023-04-14.htm](https://www.estudantesdabiblia.com.br/licoes_cpad/2023/2023-04-14.htm). Acesso em: 10/11/2023.

GALLESE, V. Aby Warburg e o diálogo entre estética, biologia e fisiologia. **Esripturas Revista Eletrônica de História**. Universidade de Pernambuco/campus Petrolina, vol. 1, n. 2, pp. 46-74, 2017.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GLEISER, M. **O fim da terra e do céu: o apocalipse na ciência e na religião.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GORMAN, M.J. **Lendo Apocalipse com Responsabilidade: testemunho e adoração incivil: seguindo o cordeiro rumo à nova criação/** Michael, J. Gorman; tradução James Reis. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022.

GOSSNER, J. E. **Das Herz des Menschen: ein der Tempel Gottes oder eine Werkstatt des Satans in zehn Figuren sinnbildlich dargestellt.** 2. ed. Augsburg: Nicolaus Doll, 1813.

GOSSNER, J. E. **O coração do homem.** Pretória [África do Sul]: All Nations Gospel Publishers (ANGP), s/a.

GOSSNER, J. E. Um folheto célebre ou o Livrinho do Coração: o coração humano templo de Deus ou de Satanás, representado por dez geniais ilustrações para edificação e despertar da cristandade. Trad. André Jensen. São Paulo: Vanorden, 1914. Disponível em: [http://archive.org/details/livrinho\\_01](http://archive.org/details/livrinho_01). Acesso em: 08/04/2020.

GRACINO JÚNIOR, P. “A visão aérea e a do nadador”: reflexões sobre católicos e pentecostais no censo de 2010. Dossiê: Religião e o Censo IBGE 2010. PUC Minas. **Horizonte**, v. 10, n. 28, p. 1154-1183, 2012.

HIGUET, E.A. Contribuição dos estudos de cultura visual para as ciências da religião. In: SILVEIRA, Emerson Sena da (Org.). **Como estudar as religiões: metodologias e estratégias.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2018, p.126-160.

HIGUET, E.A. Imagens e imaginário: subsídios teórico-metodológicos para a interpretação das imagens simbólicas e religiosas. In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (Org.). **Religião e linguagem: abordagens teóricas interdisciplinares.** São Paulo: Paulus, 2015, p. 15-62.

HIGUET, E.A. Interpretação das imagens na teologia e nas ciências da religião. In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (Org.); **Linguagens da religião: desafios, métodos e conceitos centrais.** São Paulo: Paulinas, 2013, p. 69-106.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo 2000. **Características Gerais da População:** Resultados da Amostra, p. 1-178. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/83/cd\\_2000\\_caracteristicas\\_populacao\\_amostra.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/83/cd_2000_caracteristicas_populacao_amostra.pdf). Acesso em: 01/12/2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Brasileiro de 2010. **Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência:** Resultados da Amostra, p.1-215. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd\\_2010\\_religiao\\_deficiencia.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf). Acesso em: 01/12/2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 1991. **Características Gerais da População e Instrução:** Resultados da Amostra, p.1-228. Rio de Janeiro: IBGE, 1991. Disponível em:

[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/77/cd\\_1991\\_n1\\_populacao\\_instrucao\\_br.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/77/cd_1991_n1_populacao_instrucao_br.pdf). Acesso em: 11/10/2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010**: características da população e dos domicílios: resultados do universo. In: IBGE. Sidra: sistema IBGE de recuperação automática. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=793>. Acesso em: 05/03/2012.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html>. Acesso em: 03/11/2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html>. Acesso em: 03/11/2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html>. Acesso em: 03/11/2022.

IMBROISI, M; MARTINS, S. A Última Ceia, Leonardo da Vinci. História das Artes, 2017. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/a-ultima-ceia-leonardo-da-vinci/>. Acesso em 21/03/2022.

IDEME. Instituto de Desenvolvimento Municipal e Estadual da Paraíba - IDEME. Características do Crescimento Populacional nas Regiões Geoadministrativas do Estado da Paraíba, 2000-2010. João Pessoa: IDEME, 2011.

JAPIASSU, H; MARCONDES, D. Dicionário Básico de Filosofia. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

JENSEN, A. **O Livrinho do Coração**. São Paulo: Casa Vanorden, 1914.

JESUS, J.M. Teologia e História da Escatologia e da Apocalíptica. **Revista Eletrônica Espaço Teológico – REVELETEO**, v. 10, n. 18, p. 100-111, 2016.

KNAUSS, P. O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual. **Artcultura – Revista do Instituto de História da UFU**, v. 8, n. 12, p.97-115, 2006.

KOSSOY, B. **Fotografia e história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KOSSOY, B. **Os tempos da fotografia: O Efêmero e o Perpétuo**. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

KURY, M.G. **Dicionário de mitologia grega e romana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

LE GOFF, J. 1924 História e memória / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão [et al.] Campinas: Ed UNICAMP, 1990.

LE GOFF, J. História e memória. 2 ed., Campinas: EdUNICAMP, 1992.

LE GOFF, J. *Escatologia*. In: DOMANO, Ruggiero (editor). **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984. Disponível em: <http://flanelografo.com.br/impermanencia/biblioteca/Pomian%20%281984b%29.pdf>. Acesso em: 03/11/2019.

LISSOVSKY, M. A vida póstuma de Aby Warburg: por que seu pensamento seduz os pesquisadores contemporâneos da imagem? Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. **Ciências Humanas**, v. 9, n. 2, p. 305-322, 2014.

MAFRA, C. **Os Evangélicos**: Descobrimos o Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

MARIANO, R. Antônio Flávio Pierucci: sociólogo materialista da religião. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28, n. 81, p. 7-16, 2013.

MARIANO, R. Efeitos da secularização do Estado, do pluralismo e do mercado religiosos sobre as igrejas pentecostais. **Civitas**, v. 3, n. 1, p. 111-125, 2003.

MARIANO, R. **Neopentecostais**: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARTINS, A.C.R. A religião do cristianismo primitivo: arte, símbolo e ressignificações nas catacumbas romanas. **Revista Último Andar**, n. 25, p. 87, 2015.

MARTINS, E.O; RENDERS, H. Cultura visual pentecostal: história visual e papel eclesial do cartaz dispensacionalista “O plano divino através dos séculos” de 1943. **Reflexus**, v. 22, n. 13, p. 421-482, 2019.

MARY'S BLOG. **Escrituras Sagradas, Vida Cristã**: os dois caminhos. Os Dois Caminhos. Disponível em: <https://legadoperpetuo.org/2022/11/17/os-dois-caminhos/>. Acesso em: 17/11/2022.

MCEWAN, D. **Fritz Saxl**: Eine Biografie. Aby Warburgs Bibliothekar und erster Direktor des Londoner Warburg Institutes. Wien: Boehlau Verlag, 2012.

MEISTERDRUCKE. **Busto do filósofo grego Platão (428-348 AC) Escultura em mármore, Roma, musei capitolini**. Disponível em: <https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Greek-or-Roman/996267/Busto-do-fil%C3%B3sofo-grego-Plat%C3%A3o-%28428-348-AC%29-Escultura-em-m%C3%A1rmore%2C-Roma%2C-musei-capitolini.html>. Acesso em: 13 dez. 2023.

MELO, E.C. **Escatologia Pentecostal**: A revelação sistematizada na Teologia Pentecostal. Casa Publicadora da Assembleia de Deus – CPAD. Rio de Janeiro, CPAD, 2021.

MENDONÇA, A.G. **Evangélicos e pentecostais**: um campo em ebulição. In: TEIXEIRA,

Fautino; MENEZES, Renata (Orgs.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006.

MENDONÇA, A.G. **Protestantes, pentecostais & ecumênicos**: o campo religioso e seus personagens. In: CAMPOS, Leonildo Silveira (Orgs.). 2ª ed. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008.

MENESES, P.D. Warburg, a História da Arte e o Quattrocento italiano. **Figura: Studies on the Classical Tradition**, [S. l.], vol. 5, nº 1, p. 135–149, 2017. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/figura/article/view/10001>. Acesso em: 14/04/2021.

MEUNIER, M. **Nova Mitologia Clássica – A Legenda Dourada**: História dos Deuses e Heróis da Antiguidade. Tradutor: Alcântara Silveira. 8ª ed. São Paulo, IBRASA – Instituição Brasileira de Difusão Cultural LTDA, 2009.

MOLTMANN, J. **A vinda de Deus**: escatologia cristã. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

MORAIS, J.G.V. **Cidade e cultura urbana na primeira república**. São Paulo: Atual, 1994.

NASCIMENTO, M.L.S. O pentecostalismo na história da igreja: de Jerusalém à Azusa. **Teologia em Revista – Revista Acadêmica Da FAESP**, v. 1, n. 02, p.48-50, 2021.

NASCIMENTO, R; MARIANO, W. Sítio Vertente: o início da nossa história! **ADPB em Revista**, ed. 22, 2013. Disponível em: [https://issuu.com/assembleiadedeus/docs/revista\\_-\\_semad\\_-\\_maio\\_2013](https://issuu.com/assembleiadedeus/docs/revista_-_semad_-_maio_2013). Acesso em: 06/11/2020.

NOGUEIRA, P. A. S (Org.). Religião e linguagem: proposta de articulação de um campo complexo. Dossiê: Narrativas Sagradas e Linguagens Religiosas. **Horizonte**, v. 14, n. 42, p. 240-261, 2016.

NOGUEIRA, P. A. S (Org.). Religião e linguagem: proposta de articulação de um campo complexo. Dossiê: Narrativas Sagradas e Linguagens Religiosas. **Horizonte**, v. 14, n. 42, p. 240-261, 2016.

NOGUEIRA, P.A.S (Org.). Profecia e Glossolalia. **Oracula – Revista de estudos do cristianismo primitivo**, v. 4, n. 8, 2008.

NOGUEIRA, S.M. A Glossolalia (falarem línguas) no cristianismo do primeiro século e o fenômeno hoje. Anais do II Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades. **Revista Brasileira de História das Religiões – ANPUH**, v. 1, n. 3, 2009.

NICOLAI, V. F. “Le catacombe Cristiane: origini e sviluppo”. In: ENSOLI, S.; LAROCCA, E. Aurea Roma. Dalla città pagana Allá città Cristiana. Roma: “L’Erma” di Bretschneider, 2000.

OLSON, N.L. **O Plano divino através dos séculos**: estudo das dispensações. 6ª ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1981.

PADEN, W. E. **Interpretando o sagrado**: modos de conceber a religião. São Paulo: Paulinas,

2001.

PANOFSKY, E. **Iconografia e Iconologia**: Uma introdução ao estudo da arte da Renascença. In: Significado nas Artes Visuais. Tradução: Maria Clara F.Kneese e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2009.

PANOFSKY, E. **Significado das Artes Visuais**. 3ª ed., Tradução Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2007.

PARAÍBA. Secretaria de estado de planejamento e gestão – SEPLA. Características do Crescimento Populacional nas Regiões Geoadministrativas do Estado da Paraíba, 2010.

PASSOS, J.D. **Arquitetura Gótica e Escolástica**: sobre a analogia entre arte, filosofia e teologia na Idade Média. Tradução Wolf Hömke. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PASSOS, J.D. **Pentecostais**: origens e começo. Coleção Temas do ensino religioso. São Paulo: Paulinas, 2005.

PEW RESEARCH CENTER. Religião na América Latina: Mudança Generalizada em uma Região Historicamente Católica. 2014. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/wp-content/uploads/sites/7/2014/11/PEW-RESEARCH-CENTER-Religion-in-Latin-America-Portuguese-Overview-for-publication-11-13.pdf>. Acesso em: 10/11/2021.

PICOLOTTO, M.R. O pentecostalismo no Brasil: uma reflexão sobre novas classificações. **Revista Contraponto**, v. 3, n. 1, p. 68-89, 2016.

PIEDADE, A.T.C. A longa tarde de um fauno. **DAPesquisa**, v. 4, n.6, p. 406-412, 2009.

QUADROS, E.G. Um escravo no jogo dos desejos: Visões de Hermas. **Revista Aulas**, n. 4, 2007.

RADIO GOSPEL BRASIL (Brasil). **Notícias**: conheça a história da assembleia de deus na Paraíba. Conheça a história da Assembleia de Deus na Paraíba. 2023. Disponível em: <https://minharadiogospelbrasil.com.br/noticia/1414344/conheca-a-historia-da-assembleia-de-deus-na-paraiba>. Acesso em: 11 nov. 2023.

REDDISH, M. G. Revelation. Smith & Helwys Bible Commentary Macon: Smith & Helwys, 2001.

RENDERS, H. Uma proposta de periodização da cultura visual evangélica brasileira: surgimento, abrasileiramento e metaformização glocal [Dossiê Cultura Visual]. **Revista de Estudos e Pesquisa da Religião**, v. 21, n. 1, p. 10-37, 2018.

RENDERS, H. A tradução do livro católico O coração do ser humano, de J. E. Gossner (1812) pelo presbiteriano A. Jensen (1914): a promoção de um imaginário São Paulo católico ou sua releitura protestante? **Estudos de Religião**, v. 26, n. 43, 77-105.

RENDERS, H. **Artefatos, imagens e logotipos como linguagem da religião**: uma proposta multidisciplinar do estudo da cultura visual religiosa brasileira. In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (Org.). Religião e linguagem: abordagens teóricas interdisciplinares. São

Paulo: Paulus, 2015.

RENDERS, H. As origens do livro emblemático O coração do ser humano (1812) de Johannes Evangelista Gossner: continuidade e releituras da religio cordis nos séculos 16 a 19. **Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo da Faculdade EST**, v. 29, p. 65-78, 2012.

RENDERS, H. A cultura visual religiosa como linguagem religiosa própria: Propostas de leitura. **Horizonte-Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 17, n. 53, p. 702-722, 2019. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/20500/16463>. Acesso em: 4/06/2024.

RENDERS, H. Imaginário religioso católico – protestante – pentecostal – neopentecostal? Implicações da origem e múltiplas reedições do livrinho do coração e em solo brasileiro. **Revista Ciências da Religião - História e Sociedade**, v. 7, n. 2, 2009.

RENDERS, H. Os livros de emblemas da religio cordis: A literatura religiosa que formou o homem cordial? **Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo da Faculdade EST**, v. 29, p. 65-78, 2012.

RENDERS, H. Os livros de emblemas da religio cordis: A literatura religiosa que formou o homem cordial? **PLURA – Revista de Estudos de Religião**, v. 6, n. 2, p. 172-194, 2015.

RENDERS, H. O Caminho estreito e o caminho largo de Hieronymus Wierix do ano 1619: uma leitura panofskiana de uma gravura da Reforma Católica. **HORIZONTE – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 16, n. 50, p. 750-779, 2018. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.21755841.2018v16n50p750>. Acesso em: 4/06/2024.

RENDERS, H. As Bíblias de Família Ilustradas do século 19 e o surgimento da cultura visual no protestantismo estadunidense e de missão. **PLURA – Revista de Estudos de Religião**, v. 9, n. 2, p. 100-127, 2018.

RENDERS, H; MARTINS, E. O. Cultura visual pentecostal: história visual e papel eclesial do cartaz dispensacionalista “O plano divino através dos séculos” de 1943. **REFLEXUS**, Ano XIII, n. 22, p. 461-478, 2019.

REIS, A. **Os Livros Escatológicos: Daniel e Apocalipse: o cenário do porvir**. Campinas, SP: Editora Sã Palavra, 2020.

RENOVATO, E. O Final de Todas as Coisas: Esperança e glória para os salvos. Rio de Janeiro, CPAD, 2016. Revista Lições Bíblicas CPAD Jovens e Adultos. Disponível em: [https://www.estudantesdabiblia.com.br/cpad\\_sumario\\_2016\\_1t.htm](https://www.estudantesdabiblia.com.br/cpad_sumario_2016_1t.htm). Acesso em: 26/10/2023.

RICCA, P. Pentecostalismo. In: FILORAMO, Giovanni (Org.). **Dizionario Delle Religioni**. Editora: Giulio Einaudi, Torino, 1993, p. 562-563. COTRIM, Gilberto. História Global. São Paulo: Ed. Saraiva, 2001.

RODRIGUES, E; NUNES, I. A imagem do Bom Pastor na arte cristã primitiva: uma

abordagem sócio-histórica a partir das interações culturais. **Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião Universidade Federal de Juiz de Fora**, v. 22, n.2, p. 33-42, 2019.

ROSA, C.A.P. **História da ciência**: da antiguidade ao renascimento científico. V. I, 2ª ed. Brasília, FUNAG, 2012. Disponível em: [http://funag.gov.br/loja/download/1019-Historia\\_da\\_Ciencia\\_-\\_Vol.\\_I\\_Da\\_Antiguidade\\_ao\\_Renascimento\\_Cientifico.pdf](http://funag.gov.br/loja/download/1019-Historia_da_Ciencia_-_Vol._I_Da_Antiguidade_ao_Renascimento_Cientifico.pdf). Acesso em: 12/09/2021.

SAGICA, V.S. **A Sobrevivência Do Dispositivo Representativo Na Contemporaneidade: A Pathosformel Bizantina Nas Imagens Da E.M.E.B Faustina Da Luz Patrício**. Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), 2019.

SAMAIN, E. As “Mnemosyne(s)” de Aby Warburg: Entre Antropologia, Imagens e 30. **Revista Poiésis**, n 17, p. 29-51, 2011.

SANTOS, A.B. Analisando a imagem medieval: entre Panofsky e a cultura visual. **Revista Ars Histórica**, n.15, p. 133-153, 2017,

SÃO MIGUEL ARCANJO. **Arcanjo Miguel pesador de almas**. Disponível em: <https://sanmiguelarcangel.net/2017/06/14/el-arcangel-miguel-pesador-de-almas/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

SEVCENKO, N. **O Renascimento**. Discutindo a história, 29ª ed. São Paulo: Atual, 1994.

SHEDD, R.P. A Escatologia e a Influência do Futuro no dia-a-dia do cristão. Tradução: Edmilson F. Bezerra. SHEDD Publicações. São Paulo: Shedd, 2001.

SHERER, D. Panofsky on Architecture: Iconology and the Interpretation of Built Form, 1915–1956. **History of Humanities**, v. 5, n 1, 2020.

SIEREK, K. **Images oiseaux**. Aby Warburg et la théorie des médias. Paris: Klincksieck, 2009.

SILVA, C.N. Movimentos Pentecostais: um tema de investigação para a História das Religiões. **Em Tempo de Histórias** - Publicação do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília - PPG-HIS, n. 15, Brasília, 2009. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/download/3934/3333>. Acesso em: 08/11/2019.

SILVA, H. Os novos atores “evangélicos” e a conquista do espaço público na América Latina. **Reflexão**, v.43, n.2, p. 243-263, 2018.

SIQUEIRA, S.M.A. as efígies femininas em catacumbas romanas: uma análise da figuração paleocristã. **Figurações do masculino e do feminino na Antiguidade**, p. 88, 2011.

SOARES, A.C. **História da Arte**. INTA - Instituto Superior de Teologia Aplicada: Sobral, 2017. Disponível em: [https://md.uninta.edu.br/geral/historia-da-arte/Hist%C3%B3ria\\_da\\_Arte.pdf](https://md.uninta.edu.br/geral/historia-da-arte/Hist%C3%B3ria_da_Arte.pdf). Acesso em: 28/10/2021.

SOARES, L.E. Revoluções no campo religioso. **Novos Estudos**, v. 38, n. 01, p. 85-107, 2019.

SOUZA, E.C.B; MAGALHÃES, M.D.P. Os pentecostais: entre a fé e a política. **Revista Brasileira de História**, v. 22, p. 85-105, 2002.

SOUZA, R.V. **Design e imagem: uma experiência do olhar a partir da perspectiva de Aby Warburg / Rosângela Vieira de Souza.** – Recife, 2020. 283f.: il. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Recife, UFPE, 2020.

SPYER, J. **Povo de Deus: Quem são os Evangélicos e por que eles importam.** 3ª ed. São Paulo: Geração Editorial, 2020.

SUSIGAN, C. **A Arte Contemporânea: contribuições metodológicas segundo Aby Warburg.** VIII World Congress on Communication and Arts. April 19-22, 2015, Salvador, BRAZIL.

SUSIN, L.C. **O tempo e a eternidade: a escatologia da criação.** Petrópolis (RJ). Vozes, 2018.

TAYLOR, C. **Uma era secular.** Tradução de Nélio Schneider e Luiza Araújo. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2010.

THE BRITISH MUSEUM (Londres). **Figura.** 2016. Disponível em: [https://www.britishmuseum.org/collection/object/G\\_1863-0728-276](https://www.britishmuseum.org/collection/object/G_1863-0728-276). Acesso em: 13 dez. 2023.

TONIN, T. “Aby Warburg e o diálogo entre estética, Biologia e fisiologia”, de Vittorio Gallese: tradução e introdução. **Revista Escripturas**, v. 1, n. 2, p. 46-74, 2017.

TRINGALI, D. “**O Orfismo**”. In: CARVALHO, Sílvia M. (org.). Orfeu, Orfismo e Viagens a Mundos Paralelos. São Paulo: Edunesp, 1990.

UNFRIED, R.A.R. O uso da iconografia e da iconologia para a análise de fotografias e recuperação da história de Londrina. **Encontro Nacional de Pesquisa em Comunicação e Imagem–ENCOI. Londrina-PR**, 2014.

UNIVERSAL. **Igreja Universal: templo de salomao.** Templo de Salomão. Disponível em: <https://www.universal.org/endereco/sao-paulo-templo-de-salomao-19491/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

USARSKI, F; TEXEIRA, A; PASSOS, J.D (ORGS.). **Dicionário de Ciência da Religião.** São Paulo: Paulinas; Loyola; Paulus: 2022.

VIEIRA, J.A.C. **Ensaio de espiritualidade nao religiosa: um estudo a partir de indivíduos sem religiao em Belo Horizonte.** 2020. Tese (Doutorado) - Programa de Pósgraduação em Ciências da Religiao, Pontificia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.

WARBURG, A. **A arte do retrato e a burguesia florentina (1902).** In: WARBURG, Aby. A renovação da Antiguidade Pagã: contribuições científico-culturais para a história do Renascimento europeu, p. 121-168. Trad. Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

WARBURG, A. **A renovação da Antiguidade pagã: contribuições científico-culturais para a história do Renascimento europeu.** Trad. Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto,

2013b. Disponível em: Acesso em: 12/09/2021.

WARBURG, A. De Arsenal a Laboratório (1927). In: WARBURG, Aby. **A Presença do Antigo. Escritos inéditos**, vol. 1. (Organização, tradução e notas: Cássio Fernandes). Campinas; São Paulo: Editora da UNICAMP; Editora da UNIFESP, 2018.

WARBURG, A. . De Arsenal a Laboratório. In: WARBURG, A. **A Presença do Antigo. Escritos inéditos**, vol. 1. (Organização, tradução e notas: Cássio Fernandes). Campinas; São Paulo: Editora da UNICAMP; Editora da UNIFESP, 2018.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Edição de Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Editora da Companhia das Letras, 2004.

WHITAKER, G. **A moment in time: from the digital record of a migrating library**. In: KILTON, T. D.; BIRKHEAD, C. *Migrations in Society, Culture and the Library: WESS European Conference*. Paris: Glasgow Eprints Service, 2005.

WULF, C. **Homo Pictor: imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado**. São Paulo: Hedra, 2013.

## ANEXOS

## Anexo I – Censos Pew Research Center e IBGE

**Quadro 8:** População total pertencente a religião Católica, Evangélica e dos Sem Religião da América Latina em %.

Denominações	1910	1950	1970	2014
Católicos	94	94	92	69
Evangélicos	1	3	4	19
Sem Religião	1	3	4	8

**Fonte:** autoria própria, com base nas fontes Consultadas e descritas a partir do Pew Research Center (2014).

**Quadro 9:** Distribuição da população pertencente a religião Católica, Evangélica e dos Sem Religião da sociedade brasileira de 1910-2010 em %.

Denominação	1910	1940	1950	1960	1970	1980	1991	2000	2010
Católica Apostólica Romana	94	95,2	93,7	93,1	91,8	88,95	82,96	73,57	64,62
Evangélica	1,0	2,6	3,4	4,3	5,2	6,6	9,0	15,40	22,20
Sem Religião	---	---	---	---	0,75	1,65	4,7	7,35	8,03

**Fonte:** autoria própria, com base nas fontes consultadas e descritas a partir do IBGE 1910-2010

**Quadro 10 – RELIGIÕES NOS CENSOS DEMOGRÁFICOS BRASILEIRO - 1991**

TOTAL DA POPULAÇÃO	146.815.788
RELIGIÃO	por/ PESSOAS
CRISTÃ TRADICIONAL	122.366.689
CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA	121.812.759
CATÓLICA APOSTÓLICA BRASILEIRA	518.533
CATÓLICA ORTODOXA	35.397
CRISTÃ REFORMADA (EVANGÉLICA)	13.189.282
EVANGÉLICA TRADICIONAL	4.388.310
ADVENTISTA	706.407
BATISTA	1.532.676
LUTERANA	1.029.679
METODISTA	138.885
PRESBITERIANA	498.207
OUTRA	107.807
NÃO DETERMINADA	374.649
EVANGÉLICA PENTECOSTAL	8.179.666
ASSEMBLEIA DE DEUS	2.439.770
CONGREGAÇÃO CRISTÃ DO BRASIL	1.635.984
DEUS É AMOR	169.341
EVANGELHO QUADRANGULAR	303.267
TRADICIONAL RENOVADA	194.021
UNIVERSAL DO REINO DE DEUS	268.956
OUTRAS	558.801
NÃO DETERMINADA	2.609.526
NÃO DETERMINADA	621.306
NEO-CRISTÃ	875.201
MÓRMON	93.193

TESTEMUNHA DE JEOVÁ	752.575
OUTRA	29.433
MEDIÚNICA	2.292.817
ESPÍRITA	1.644.342
CANDOMBLÉ	106.957
UMBANDA	541.518
JUDAICA OU ISRAELITA	86.423
ORIENTAL	368.580
BUDISTA	236.403
MESSIÂNICA	81.347
OUTRA	50.830
OUTRA	94.558
SEM RELIGIÃO	6.946.236
NÃO DETERMINADA, MAL DEFINIDA OU SEM DECLARAÇÃO	596.002

**Fonte:** IBGE, Censo Demográfico. Biblioteca/Catálogo – 1872 a 2010 (2023).

**Quadro 11 – RELIGIÕES NOS CENSOS DEMOGRÁFICOS BRASILEIRO – 2000. Fonte:** IBGE, Censo Demográfico. Autoria própria, com base nas fontes consultadas e descritas a partir do IBGE.

TOTAL DA POPULAÇÃO	169.872.856
RELIGIÃO	por/ PESSOAS
CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA	124.980.132
CATÓLICA APOSTÓLICA BRASILEIRA	500.582
CATÓLICA ORTODOXA	38.060
EVANGÉLICAS	26.184.941
EVANGÉLICAS DE MISSÃO	6.939.765
Adventista	1.209.842
Batista	3.162.691
Congregacional	148.836
Luterana	1.062.145
Metodista	340.963
Presbiteriana	981.064
Outras	34.224
EVANGÉLICAS DE ORIGEM PENTECOSTAL	17.617.307
Assembléia de Deus	8.418.140
Congregacional cristã do Brasil	2.489.113
Brasil para Cristo	175.618
Igreja do Evangelho Quadrangular	1.318.805
Universal do Reino de Deus	2.101.887
Casa da Bênção	128.676
Deus é amor	774.830
Maranata	277.342
Nova vida	92.315
Outras	1.840.581
SEM VÍNCULO INSTITUCIONAL	1.046.487
Evangélicos	710.227
Evangélicos de origem Pentecostal	336.259
OUTROS EVANGÉLICOS	581.383
OUTRAS CRISTÃS	235.532
Cristãs	230.325
Outras Religiosidades cristãs	5.208
IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS	199.645
TESTEMUNHAS DE JEOVÁ	1.104.886
ESPÍRITA	2.262.401
ESPIRITUALISTA	25.889
UMBANDA	397.431
CANDOBLE	127.582

JUDAÍSMO	86.825
HINDUÍSMO	2.905
ISLAMISMO	27.239
BUDISMO	214.873
OUTRAS RELIGIÕES ORIENTAIS	7.832
NOVAS RELIGIÕES ORIENTAIS	151.080
IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL	109.310
OUTRAS NOVAS RELIGIÕES ORIENTAIS	41.770
TRADIÇÕES ESOTÉRICAS	58.445
TRADIÇÕES INDÍGENAS	17.088
OUTRAS RELIGIOSIDADES	15.484
SEM RELIGIÃO	12.492.403
NÃO DETERMINADAS	357.648
SEM DECLARAÇÃO	383.953

Fonte: IBGE, Censo Demográfico. Biblioteca/Catálogo – 1872 a 2010 (2023).

**Quadro 12 – RELIGIÕES NOS CENSOS DEMOGRÁFICOS BRASILEIRO – 2010.**

TOTAL DA POPULAÇÃO	190.755.799
RELIGIÃO	por/ PESSOAS
SEM RELIGIÃO	15.335.510
AGNÓSTICO	124.436
ATEU	615.096
SEM RELIGIÃO	14.595.979
BUDISMO	243.966
CANDOMBLÉ	167.363
CATÓLICA APOSTÓLICA BRASILEIRA	560.781
CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA	123.280.172
CATÓLICA ORTODOXA	131.571
ESPÍRITA	3.848.876
ESPIRITUALISTA	61.739
EVANGÉLICAS	42.275.440
NÃO DETERMINADA	9.218.129
EVANGÉLICAS DE MISSÃO	7.686.827
ADVENTISTA	1.561.071
BATISTA	3.723.853
CONGREGACIONAL	109.591
LUTERANA	999.498
METODISTA	340.938
PRESBITERIANA	921.209
OUTRAS EVANGÉLICAS DE MISSÃO	30.666
EVANGÉLICAS DE ORIGEM PENTECOSTAL	25.370.484
COMUNIDADE EVANGÉLICA	180.130
EVANGÉLICA RENOVADA NÃO DETERMINADA	23.461
ASSEMBLEIA DE DEUS	12.314.410
CASA DA BÊNÇÃO	125.550
CONGREGAÇÃO CRISTÃ DO BRASIL	2.289.634
DEUS É AMOR	845.383
IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR	1.808.389
MARANATA	356.021
NOVA VIDA	90.568
O BRASIL PARA CRISTO	196.665
IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS	1.873.243
OUTRAS IGREJAS EVANGÉLICAS DE ORIGEM PENTECOSTAL	5.267.029
OUTRAS RELIGIOSIDADES CRISTÃS	1.461.495
IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS	226.509
HINDUÍSMO	5.675

ISLAMISMO	35.167
JUDAÍSMO	107.329
TESTEMUNHAS DE JEOVÁ	1.393.208
TRADIÇÕES ESOTÉRICAS	74.013
TRADIÇÕES INDÍGENAS	63.082
UMBANDA	407.331
CANDOMBLÉ	167.363
OUTRAS DECLARAÇÕES DE RELIGIOSIDADES AFROBRASILEIRA	14.103
NOVAS RELIGIÕES ORIENTAIS	155.951
IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL	103.716
OUTRAS NOVAS RELIGIÕES ORIENTAIS	52.235
OUTRAS RELIGIÕES ORIENTAIS	9.675
OUTRAS RELIGIOSIDADES	11.306
SEM RELIGIÃO	15.335.510
NÃO DETERMINADA E MÚLTIPLO PERTENCIMENTO	643.598
DECLARAÇÃO DE MÚLTIPLA RELIGIOSIDADE	15.379
RELIGIOSIDADE NÃO DETERMINADA OU MAL DEFINIDA	628.219

**Fonte:** IBGE, Censo Demográfico. Autoria própria, com base nas fontes consultadas e descritas a partir do Censo 2010 (IBGE)

**Quadro 13 – RELIGIÕES: CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA E EVANGÉLICA NOS CENSOS 1991, 2000 e 2010.**

CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA E EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL						
	1991	%	2000	%	2010	%
POPULAÇÃO TOTAL	146.815.795	—	169.872.856	—	190.755.799	—
CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA	121.812.759	82,96	124.980.132	73,57	123.280.172	64,62
EVANGÉLICAS	13.189.282	8,98	26.184.941	15,41	42.275.440	22,16
TOTAL DE PENTECOSTAIS	8.179.666	5,60	17.617.307	10,40	25.370.484	13,30
COMUNIDADE EVANGÉLICA	—	—	—	—	180.130	0,70
ASSEMBLEIA DE DEUS	2.439.770	1,66	8.418.140	5,73	12.314.410	8,38
CONGREGAÇÃO CRISTÃ DO BRASIL	1.635.984	20,00	2.489.113	14,12	2.289.634	9,02
EVANGELHO QUADRANGULAR	303.267	3,70	1.318.805	7,48	1.808.389	7,12
BRASIL PARA CRISTO	—	—	175.618	0,99	196.665	0,77
DEUS É AMOR	169.341	2,07	774.830	4,39	845.383	3,33
TRADICIONAL RENOVADA	194.021	—	—	—	—	—
UNIVERSAL DO REINO DE DEUS	268.956	3,28	2.101.887	11,93	1.873.243	7,38
CASA DA BÊNÇÃO	—	—	128.676	0,73	125.550	0,49
MARANATA	—	—	277.342	1,57	356.021	1,40
NOVA VIDA	—	—	92.315	0,52	90.568	0,35
OUTRAS IGREJAS EVANGÉLICAS DE ORIGEM	558.801	6,83	1.840.581	10,44	5.267.029	20,76

PENTECOSTAL						
-------------	--	--	--	--	--	--

**Fonte:** IBGE, Censo Demográfico. Biblioteca/Catálogo. Autoria própria, com base nas fontes consultadas e descritas a partir do Censo Demográfico (IBGE, 1991, 2000 e 2010).

**Quadro 14** – Religião no Estado da Paraíba. CENSO AMOSTRA – RELIGIÃO. IBGE, Censo Demográfico 2010.

<b>RELIGIÃO NO ESTADO DA PARAÍBA</b>	
<b>TOTAL DA POPULAÇÃO</b>	<b>3.766.528</b>
<b>RELIGIÃO</b>	<b>POR/ PESSOAS</b>
SEM RELIGIÃO	213.214
AGNÓSTICO	1.721
ATEU	3.981
SEM RELIGIÃO	207.512
BUDISMO	708
CANDOBLÉ	1.311
CATÓLICA APOSTÓLICA BRASILEIRA	8.251
CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA	2.898.656
CATÓLICA ORTODOXA	1.962
ESPÍRITA	23.175
ESPIRITUALISTA	157
EVANGÉLICA	571.015
NÃO DETERMINADA	129.986
MISSIONÁRIA	122.752
ADVENTISTA	12.867
BATISTA	71.831
CONGREGACIONAL	20.956
LUTERANA	1.706
METODISTA	1.639
PRESBITERIANA	12.480
OUTRAS	1.273
PENTECOSTAL	318.278
COMUNIDADE EVANGÉLICA	912
EVANGÉLICA RENOVADA NÃO DETERMINADA	144
ASSEMBLÉIA DE DEUS	200.056
CASA DA BÊNÇÃO	1.103
CONGREGAÇÃO CRISTÃ DO BRASIL	9.828
DEUS É AMOR	4.979
IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR	988
MARANATA	4.427
NOVA VIDA	1.862
O BRASIL PARA CRISTO	1.670
IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS	28.850
OUTRAS	63.459
HINDUÍSMO	60
IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS	4.266
ISLAMISMO	76
JUDAÍSMO	626
NÃO DETERMINADA E MÚLTIPLO PERTENCIMENTO	5.803
DECLARAÇÃO DE MÚLTIPLA RELIGIOSIDADE	14
RELIGIOSIDADE NÃO DETERMINADA OU MAL DEFINIDA	5.789
NOVAS RELIGIÕES ORIENTAIS	514
IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL	336
OUTRAS	179
TESTEMUNHA DE JEOVÁ	17.587
TRADIÇÕES EXOTÉRICAS	883

TRADIÇÕES INDÍGENAS	360
UMBANDA	1.088
UMBANDA CANDOMBLÉ	2.420
OUTRAS DECLARAÇÕES DE RELIGIOSIDADES AFROBRASILEIRAS	21
OUTRAS RELIGIÕES ORIENTAIS	3
OUTRAS RELIGIOSIDADES	4
OUTRAS RELIGIOSIDADES CRISTÃS	10.367
NÃO SABE	5.803

**Fonte:** autoria própria, com base nas fontes consultadas e descritas a partir do quadro Censo Demográfico 2010 (IBGE).

**Quadro 15** – Religião na cidade de João Pessoa. CENSO AMOSTRA – RELIGIÃO. IBGE, Censo Demográfico 2010.

<b>TOTAL DA POPULAÇÃO</b>	723.515
<b>RELIGIÃO</b>	<b>POR/PESSOAS</b>
SEM RELIGIÃO	59.528
BUDISMO	300
CANDOMBLÉ	622
CATÓLICA APOSTÓLICA BRASILEIRA	1.834
CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA	457.793
CATÓLICA ORTODOXA	897
ESPÍRITA	12.471
ESPIRITUALISTA	38
EVANGÉLICA	173.886
NÃO DETERMINADA	54.742
MISSIONÁRIA	39.871
ADVENTISTA	2.711
BATISTA	28.467
CONGREGACIONAL	3.311
LUTERANA	426
METODISTA	305
PRESBITERIANA	3.711
OUTRAS	939
PENTECOSTAL	79.273
COMUNIDADE EVANGÉLICA	327
ASSEMBLEIA DE DEUS	48.396
CONGREGAÇÃO CRISTÃ DO BRASIL	988
DEUS É AMOR	821
IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR	221
MARANATA	694
NOVA VIDA	177
O BRASIL PARA CRISTO	236
IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS	8854
OUTRAS	18.558
HINDUÍSMO	21
IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS	1.928
ISLAMISMO	56
JUDAÍSMO	264
NÃO DETERMINADA E MULTIPLO PERTENCIMENTO	2.120
NOVAS RELIGIÕES ORIENTAIS	102
TESTEMUNHAS DE JEOVÁ	4.015
TRADIÇÕES ESOTÉRICAS	586
UMBANDA	587
UMBANDA E CANDOMBLÉ	1.230
OUTRAS DECLARAÇÕES DE RELIGIOSIDADES AFROBRASILEIRA	21
OUTRAS RELIGIOSIDADES CRISTÃS	4.505
NÃO SABE	1.942

**Fonte:** autoria própria, com base nas fontes consultadas e descritas a partir do quadro Censo Demográfico 2010 (IBGE, 2010).

**Quadro 16:** Comparativo IBGE 2010 e Pew Research Center 2014

IBGE 2010 E PEW RESEARCH CENTER		
Afiliações	IBGE 2010 (%)	Relatório Pew Research Center 2014 (%)
Católica Apostólica Romana	64,6	61
Evangélica/Protestante	22,2	26
Sem Religião/Não Afiliadas	8	8
Outras	0,005	5

**Fonte:** Pew Research Center e Censo 2010 em %. Autoria própria, com base nas fontes consultadas e descritas a partir do Pew Research Center e Censo 2010 (IBGE).



O Plano Divino através dos Séculos CPAD - 1943. Parte II.

# A TRAVEZ DOS SÉCULOS

**OS TEMPOS DOS GENTIOS - Lc 21.24 - Mt 24.27**

**A GRANDE ESTÁTUA** Dn 2

**IMPÉRIO BABILÔNICO**

**IMPÉRIO MEDO-PERSA**

**IMPÉRIO GREGO**

**IMPÉRIO ROMANO**

**ASCENSÃO DE CRISTO**

**PENTECOSTES - Mt 2**

**AS COISAS QUE SÃO**

COISAS VISTAS	AS SETE IGREJAS
1. CRISTO	1. IGREJA DE ANTIOQUIA
2. IGREJA DE EFESO	2. IGREJA DE SARDIS
3. IGREJA DE SMOIRNA	3. IGREJA DE PERGAMO
4. IGREJA DE TIATIRA	4. IGREJA DE FILADELFA
5. IGREJA DE LAODICEIA	5. IGREJA DE LAODICEIA
6. IGREJA DE SMOIRNA	6. IGREJA DE SMOIRNA
7. IGREJA DE EFESO	7. IGREJA DE EFESO

**HADES** invisível, os mortos

**PARAÍSO** Lugar das almas dos mortos salvos, até a ressurreição de Cristo. Agora vazio. Foi transferido para o 3º Céu - Lc 16.22; 23-43; Ef 4.7-11; 2 Co 12.2-4; Hb 2.14,15

**O GRANDE ABISMO** Lc 16.26

**"INFERNO"** HADES, SHEOL, o lugar das almas dos mortos não salvos até a 2ª ressurreição Mt; Ap 20.11-16; Lc 16.19-31

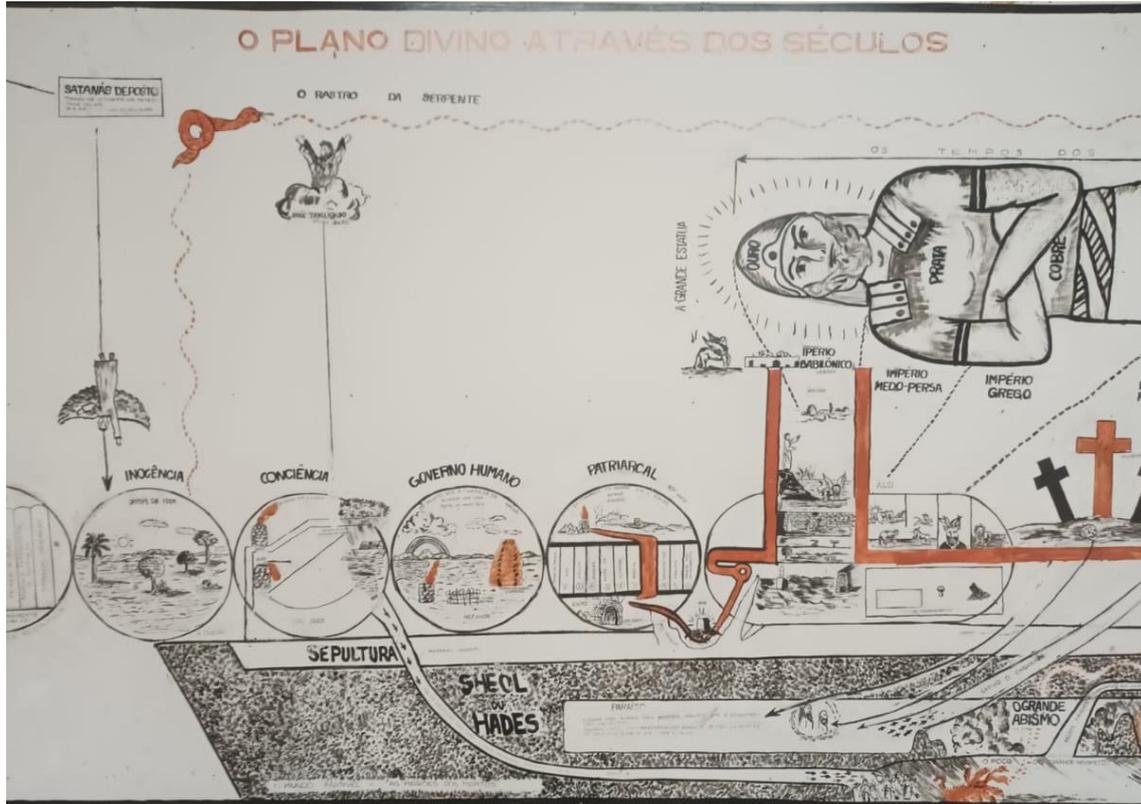
**O POÇO DO ABISMO**

**SEPULTURA Hebraico: "Queber"**

Fonte: Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD).

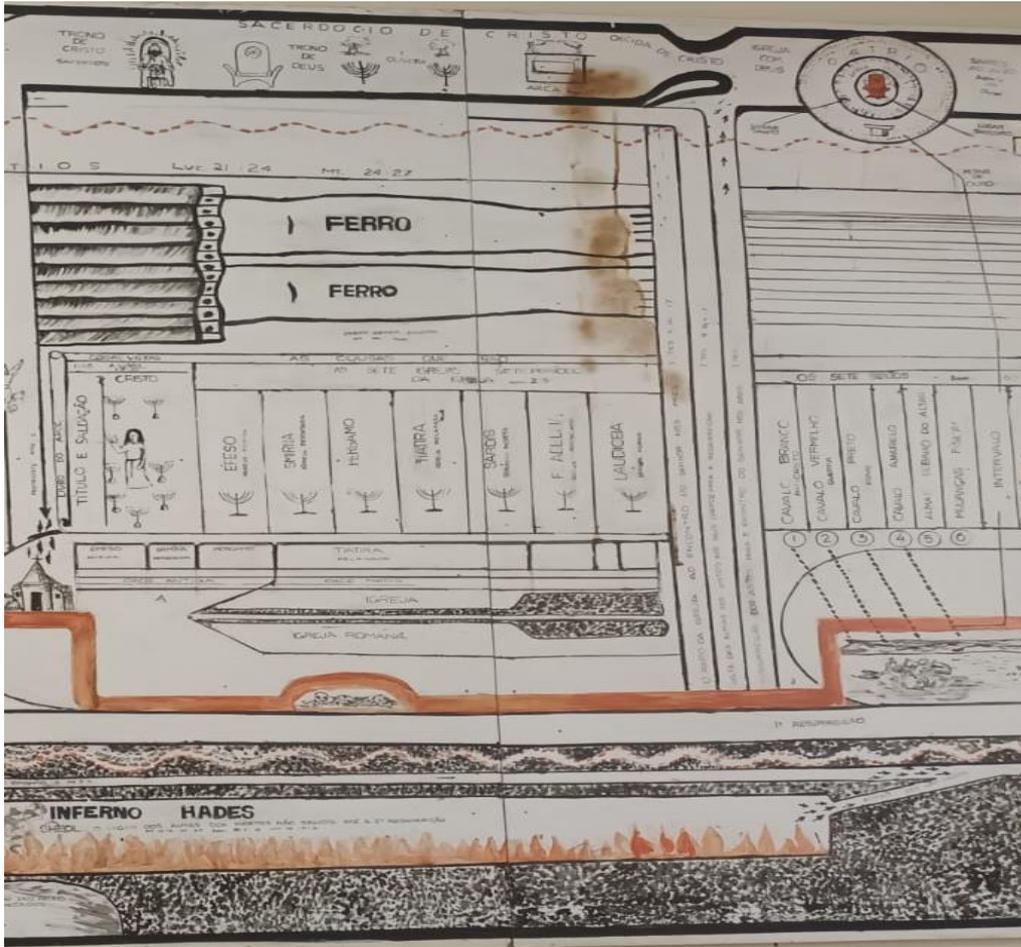


O Plano Divino através dos Séculos CPAD – 1974. Parte I.



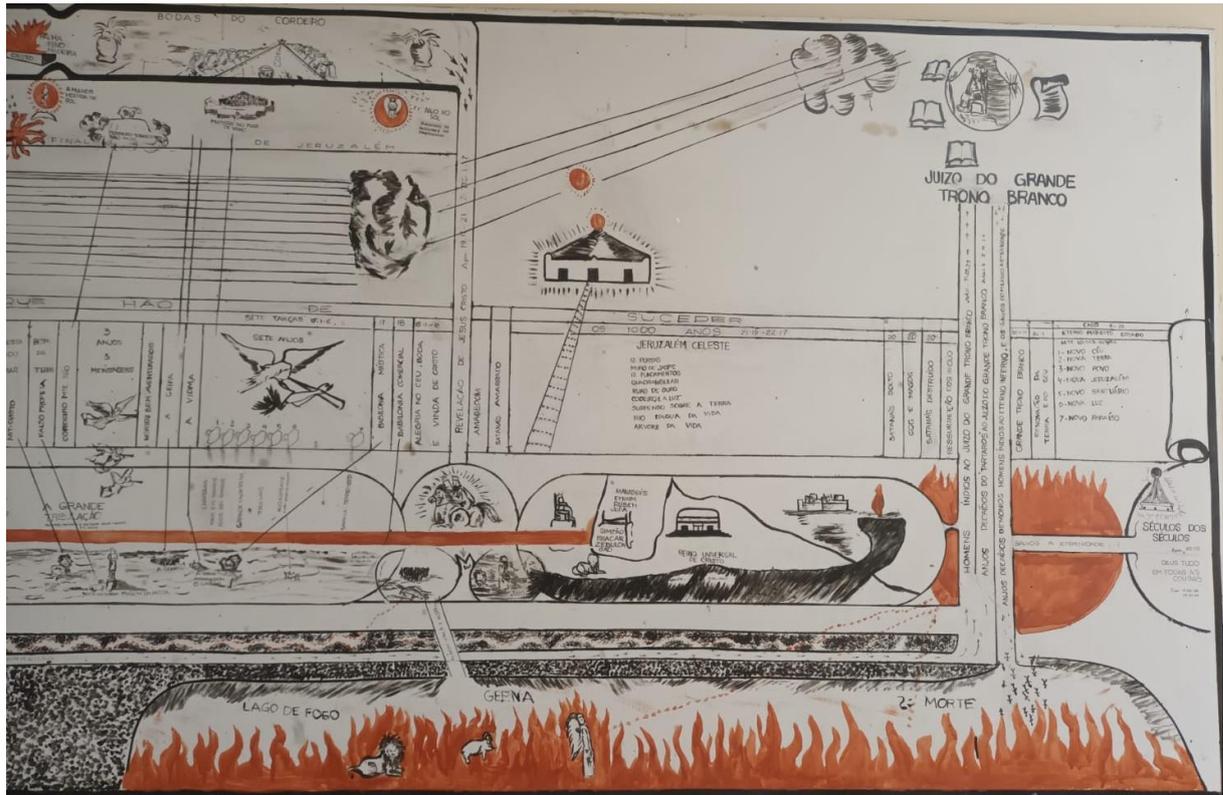
Fonte: Seminário Teológico Pentecostal do Nordeste (1974).

O Plano Divino através dos Séculos Séculos CPAD – 1974. Parte II.



Fonte: Seminário Teológico Pentecostal do Nordeste (1974).

O Plano Divino através dos Séculos CPAD – 1974. Parte III.



Fonte: Seminário Teológico Pentecostal do Nordeste (1974).

